



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ -UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA PODER E PRÁTICAS SOCIAIS

ISABEL GRASSIOLLI

A NOVA DIREITA NO BRASIL (2011-2016):
Uma análise da atuação política no *Facebook*

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ -UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA PODER E PRÁTICAS SOCIAIS

ISABEL GRASSIOLLI

A NOVA DIREITA NO BRASIL (2011-2016):

Uma análise da atuação política no *Facebook*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *strictu sensu* em História, área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais, nível de doutorado do *campus* Marechal Cândido Rondon da UNIOESTE à Linha de Pesquisa Estado e Poder, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Palavras chave: Nova Direita; Facebook; Ciberativismo; História Imediata.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Grassiolli, Isabel

A Nova Direita no Brasil (2011-2016) : uma análise da atuação política no Facebook / Isabel Grassiolli; orientador(a), Gilberto Grassi Calil, 2019.
263 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Graduação em HistóriaPrograma de Pós-Graduação em História, 2019.

1. Nova Direita. 2. Facebook. 3. Ciberativismo. 4. História Imediata. I. Grassi Calil, Gilberto. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ISABEL GRASSIOLI, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Claudia Monteiro

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Flávio Henrique Calheiros Casimiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais

Dinaldo Sepúlveda Almendra Filho

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Isabel Grassioli

Aluno(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.

PTG
24315/19



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ISABEL GRASSIOLLI, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 5 dia(s) do mês de dezembro de 2019 às 8h00min, no(a) Sala 60 - PPGH, realizou-se a sessão pública da Defesa de Tese do(a) candidato(a) Isabel Grassioli, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Doutorado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Gilberto Grassi Calil, Carla Luciana Souza da Silva, Claudia Monteiro, Flávio Henrique Calheiros Casimiro, Dinaldo Sepúlveda Almendra Filho. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Gilberto Grassi Calil, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de TESE DE DOUTORADO, intitulada: "A 'nova direita' no Brasil (2011-2016): Uma análise da atuação política via redes sociais". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Tese. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Carla Luciana Souza da Silva, Claudia Monteiro, Flávio Henrique Calheiros Casimiro, Dinaldo Sepúlveda Almendra Filho. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Tese. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

Orientador(a) - Gilberto Grassi Calil

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Carla Luciana Souza da Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO - UNIOESTE

PARECER DESCRITIVO

Título da Tese: **"A 'nova direita' no Brasil (2011-2016): Uma análise da atuação política via redes sociais"**.

Nome do concluinte: **ISABEL GRASSIOLLI**

DATA: 05/12/2019

HORÁRIO: 08h

Integrantes da Banca: Prof. Dr. **Gilberto Grassi Calil** (orientador); Prof^ª. Dr^ª. **Carla Luciana Souza da Silva** (UNIOESTE); Prof^ª. Dr^ª. **Claudia Monteiro** (UNIOESTE); Prof. Dr. **Flávio Henrique Calheiros Casimiro** (IFSULDEMINAS); Prof. Dr. **Dinaldo Sepúlveda Almendra Filho** (UNILA).

Parecer:

A pesquisa trata de temática de alta relevância social, realiza uma análise transdisciplinar e abre caminhos de pesquisa relevantes a serem seguidos. A banca considera que o trabalho atinge os resultados esperados de uma tese de doutoramento, atendidas as indicações e recomendações feitas pela banca, e indica que o título definitivo seja "A Nova Direita no Brasil (2011-2016): uma análise da atuação política no facebook".

Marechal Cândido Rondon, 5 de dezembro de 2019.

RESUMO

A presente pesquisa visou realizar um estudo a respeito do *processo de fascistização* vivido no Brasil no período de 2011 a 2016. Para isso, propomos analisar um conjunto de páginas do *Facebook* na internet, caracterizada por um *perfil político* de grupos que se autointitulam de direita, liberais, defensores da propriedade privada, defensores da livre iniciativa e em alguns casos, denominam-se reacionários. Os agrupamentos que investigamos aqui ficaram amplamente conhecidos nas redes sociais na internet por uma suposta militância apartidária que aglutinou em torno de si um movimento anticorrupção, movido por um componente ideológico comum: o antipetismo e a necessidade de impedir a implementação do comunismo no Brasil e na América Latina que, segundo os canais online da Nova Direita brasileira, vinha sendo promovido, de maneira especial, por Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) e o Partido dos Trabalhadores (PT). O critério de escolha das páginas está relacionado, primeiramente, ao seu conteúdo programático. Procuramos apresentar aqui um conjunto de páginas no *Facebook* ultraconservadores e anticomunistas. Fazem parte das bandeiras desses agrupamentos a defesa do Estado mínimo, a redução da maioria penal, pena de morte, porte de armas, impedir o que chamam de “gaysismo” (que, segundo seus promotores, seria a imposição do “modo de vida homossexual” sobre a sociedade) e combater políticas públicas como Bolsa Família e cotas para negros, por acreditarem que essas medidas deixam as pessoas demasiado “acomodadas”. Nossa hipótese de trabalho sugere que o fenômeno social reacionário que estamos experimentando no Brasil está diretamente imbricado com a massificação das redes sociais na internet, da qual, destacamos o papel hegemônico do *Facebook* neste processo. Consideramos que essa atuação, via rede mundial de computadores, conforma uma nova possibilidade organizativa, onde a internet aparece como sendo um “instrumento” que potencializa a ação partidária desses agrupamentos na contemporaneidade. Ao pensar a influência que as redes sociais na internet exercem na realidade, buscamos refletir a respeito do papel desempenhado pela ideologia e pela atitude emocional das massas como fator histórico. Para isso buscamos fundamentar nossas análises através da psicologia de massas e tentar perceber os modos da subjetividade correspondente a certas configurações sociais e políticas de nosso tempo.

Palavras chave: Nova Direita; Facebook; Ciberativismo; História Imediata.

ABSTRACT

This research carried out a study about *the fascistization process* experienced in Brazil in the period from 2011 to 2016. For this, we propose to analyze a set of Facebook pages on the internet, characterized by a *political profile* of groups that call themselves right-wing, liberals, defenders of private property, defenders of free enterprise, and, in some cases, they call themselves reactionaries. The groupings investigated here were widely known on social networks on the internet for an alleged non-partisan militancy that brought together an anti-corruption movement, driven by a common ideological component: *antipetismo*, a term used to describe an ideology against the Brazilian Workers' Party (PT), and the need to prevent the implementation of communism in Brazil and Latin America, which, according to the online channels of the Brazilian New Right, was being promoted, in a particular way, by Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) and PT. The criteria for choosing the pages are related first to their programmatic content. We try to present here a set of ultra-conservative and anti-communist Facebook pages. Part of their agenda defends the minimal state, the reduction of the age of criminal responsibility, the death penalty, the possession of weapons, the prevention of what they call "gayism" (which, according to its promoters, would be the imposition of the "homosexual way of life on society"), and the fight against public policies such as the financial aid called Bolsa Família and the quotas for black people, as they believe that these measures make people too "laid-back." Our working hypothesis suggests that the reactionary social phenomenon experienced in Brazil at the moment directly intertwines with the massification of social networks on the internet, of which we highlight the hegemonic role of Facebook in this process. We believe that this performance, via the World Wide Web, constitutes a new organizational possibility, where the Internet appears as being an "instrument" that enhances the partisan action of these groups in contemporary times. When thinking about the influence that social networks on the Internet have on reality, we seek to reflect on the role played by the ideology and the emotional attitude of the masses as a historical factor. For that, we seek to base our analyses through mass psychology and try to understand the modes of subjectivity corresponding to specific social and political configurations of our time.

Keywords: New Right; Facebook; Cyberactivism; Immediate History.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses quatro anos de pesquisa diferentes fatores concorreram para o desenvolvimento deste estudo. Diferentemente dos resultados finais possíveis apresentados neste trabalho, os percursos e as motivações que me levaram a chegar até aqui são bem mais amplos do que hoje é possível traduzir em palavras. O que posso dizer com o pequeno senso que adquiri ao longo desses trinta anos de vida é que os fatores que influenciam uma pesquisa são tão múltiplos e profundos que mesmo nas mãos do melhor dos escritores seria impossível apresentar dignamente todos eles. Aprendi em minha caminhada acadêmica a lidar com os limites, com as insuficiências, e o mais importante, a tolerar o não saber.

Neste sentido, sabendo que há coisas neste mundo que ainda estão além de minhas capacidades de compreensão quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais, Pedro Angêlo Grassioli, que enquanto esteve encarnado foi um exemplo de homem, de amigo e de trabalhador, que mostrou que mesmo com todas as dificuldades do caminho, com os tropeços que um ser humano está sujeito a dar nesta vida é possível e preciso ser gentil, ser otimista, levantar quantas vezes for necessário e que acima de tudo que é possível dividir o pouco que se tem todas as inúmeras vezes que se fizer necessário, agradeço ao Pai amigo que ele foi (e é), as conversas sem cesura, daquelas que percebo hoje, poucos tem com seus pais, a relação sincera que tivemos em casa, a criação sem “tabus” a liberdade que meu Pai sempre nos deu para ser o que quiséssemos. Em um mundo marcado pelo patriarcado posso afirmar que meu Pai foi um dos maiores incentivadores para que eu seguisse assumindo meus desejos. Agradeço a minha mãe, Maria Rosalia Zaroni, de longe uma das mulheres mais fortes que conheço, agradeço pela força e coragem, por ter exigido de todos nós postura e comprometimento diante da vida, por ter nos incentivado a seguir, por ter estado em casa todos os dias para que nós pudéssemos seguir em frente, para que nós pudéssemos estudar. Agradeço ao lar que você nos proporciona, as roupas lavadas, a melhor comida do mundo, aos dias de festa, as risadas que só com você eu poderia ter dado, ao senso de vida crítico, que as vezes machuca, mas que tira da ignorância inocente aqueles que vivem passivamente as injustiças da vida. Ao meu Pai e minha Mãe meus primeiros deuses na vida, minha eterna gratidão. Aos meus irmãos, Sabrina Grassioli pela impecabilidade que é sua caminhada e seu exemplo de vida, com certeza sem tua amizade, tuas palavras, sempre bem colocadas, eu não teria conseguido. Ao meu irmão, Alberto Grassioli, fortaleza, exemplo de vida, pelas conversas sinceras e carinhosas nos momentos de crise, por ser quem você é e por você

nunca desistir de nada, nem de você, nem de mim e nem da nossa família. Agradeço a Serena Grassioli Pavan por ser a Luz que renova nossas esperanças todos os dias, ao meu cunhado Marcelo Pavan por estar sempre presente e me salvando das encrencas da vida, por sua disponibilidade e amizade. Não poderia deixar de mencionar nossos animais de estimação Valentin, Pipoca e Serenata. Certamente os dias com vocês foram mais leves.

Ao longo de toda minha vida eu e meus irmãos fomos constantemente incentivados a estudar. A compreensão do meu pai e da minha mãe sempre foi que através do estudo nós poderíamos encontrar meios de melhorar nossas condições materiais de vida. O estudo que eles não tiveram oportunidade de seguir porque era preciso trabalhar. Foi o que fizemos. Todos nós estudamos!

Então, concluir um doutorado em uma instituição de ensino público como a UNIOESTE para mim é uma honra. O que posso dizer a respeito do ensino público é que ele salva vidas, que ele traz oportunidades reais para as pessoas, que ele abre caminhos, amplia a consciência a respeito do mundo e da própria vida. Neste sentido, eu sou grata a todos os professores do curso de História que me conduziram até aqui, por terem sido o farol que iluminou meus passos na árdua jornada acadêmica.

Agradeço em especial ao amigo e orientador, desde os tempos da graduação, Gilberto Grassi Calil, pelas conversas sinceras e a clareza intelectual que me guiaram nos momentos de dificuldade. A Professora e também amiga, Carla Luciana Silva, pelo senso crítico e o rigor intelectual inspirador que me auxiliou ao longo dessa caminhada. A todos os demais professores que compõem a Linha de Pesquisa Estado e Poder. Agradeço ainda em especial aos Professores: Cláudia Monteiro, Flávio Henrique Calheiros Casimiro, Dinaldo Sepúlveda Almendra Filho por terem aceitado participar da minha banca de qualificação e defesa e por terem contribuído significativamente com meu amadurecimento intelectual.

Ao longo desses quatro anos de pesquisa, tive ainda a oportunidade de realizar 11 meses de pesquisa em Portugal na Universidade do Porto sob a coorientação do Professor Manoel Loff, pessoa fantástica e cativante que todas as vezes que eu precisei se mostrou disponível para me atender. A oportunidade de realizar parte de meu doutorado em Portugal se fez possível através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior e quero deixar aqui registrado meus sinceros agradecimentos a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por ter me concedido uma bolsa de estudo fundamental para viabilização material desta pesquisa, sem a qual eu certamente não teria condições de ter realizado este percurso.

Por último e não menos importante, quero agradecer aos amigos de caminhada ao longo dessa jornada: em especial a Irene, pelas caronas e conversar entre Cascavel e Marechal Cândido do Rondon, Marquinhos, Fábio Pontarolo, Ricardo, Abigail, Odirlei, Jael, Bruna, Calegari. Fomos a primeira turma de doutorado do curso de História. Trilhar esse percurso ao lado de vocês foi uma honra. Aos amigos de sempre: Kamy, Paulinha, Julius, Rodrigo, Bruna, Matheus, Gabi, Telma (minha psicanalista) e aos novos amigos que o Porto me deu: Danielly, minha eterna e amada roommate, Camila, Grazy, Anna, Elza, Carolina, Bruno, Jaques, Renato, Michelle, Dona Olinda (rainha), Kalequinho, Robertinho, Thais, Flávio, Natalia, Gean, Adenir, Alex, Artalio, Douglas, Marco e Guss (os holandeses), Çagri, Polina, Bryce, Soraya, Davi e Uriel (os mexicanos). A todos os demais amigos da Residência Universitária Alberto Amaral – Universidade do Porto. A vida ao lado de vocês foi maravilhosa. Vocês viveram eternamente no meu coração. E aos amigos portugueses, não vinculados estritamente aos círculos da universidade Thiago, Ismael, Ima e Fábio Lagoa (amigo e companheiro de vida). Agradeço a cada um de vocês pela feliz oportunidade de tê-los conhecido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A CRISE POLÍTICA E DISPUTAS IDEOLÓGICAS NO BRASIL DO SÉCULO XXI.....	26
1.1 Política, Cultura e Hegemonia.....	34
1.2 A importância histórica do Partido dos Trabalhadores para formação da identidade política da classe trabalhadora brasileira	47
1.3 Elementos para a análise da situação de crise vivida no Brasil.....	59
1.4 Primeira fase do Governo Lula (2003-2010): “Brasil um país de todos”.....	69
1.5 Alívio da pobreza, apassivamento, dominação e conciliação de classe	74
1.6 O <i>Lulismo</i> e o medo dos pobres.....	78
1.7 A esquerda do capital.....	84
1.8 Segunda fase – Governo Dilma (2011-2016): o neodesenvolvimentismo petista, a crise de legitimidade do governo Dilma e as frações de classe burguesa em crise	94
CAPÍTULO 2: A PSICOLOGIA DE MASSAS DA NOVA DIREITA	103
2.1 Pressuposto em conexão com o primeiro capítulo	103
A REAÇÃO ALTERADA:	113
2.2 A escuta ativa da Nova Direita.....	121
2.3 Psicologia de massas e as redes sociais na internet.	126
Fundamentos Teóricos	126
2.4 O que o uso massivo das redes sociais nos revela sobre o caráter das massas sociais hoje?	139
Facebook.....	141
2.5. O Facebook: a escrita, a representação, e a elaboração do cotidiano nas redes sociais na internet	144
2.6. Facebook: Como as mídias sociais influenciam na formação do indivíduo na contemporaneidade?	148

CAPÍTULO 3: POR QUE NOVA DIREITA?	152
3.1 A massificação das redes sociais na internet.....	157
3.2 Mobilização social político afetiva nas ruas e nas redes	166
3.3 A reação antissistêmica da Nova Direita	177
3.4 A atuação partidária da nova direita via redes sociais	181
CAPÍTULO 4. AS REDES SOCIAIS DA NOVA DIREITA.....	191
4.1 Por que escolhemos o Facebook?.....	193
4.2 Os condutos da nova direita no <i>Facebook</i>	205
4.2.1 Dezumaniza Redes	205
4.2.2 Liberalismo da zoeira	226
4.2.3 Socialista de Iphone.....	241
CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	252
Fontes primárias:	255
ANEXOS.....	257
Anexo 1 – REDES DE INFLUÊNCIA DA NOVA DIREITA NO FACEBOOK ...	257
Anexo 2 - PERFIL POLÍTICO INFORMADO PELOS PRÓPRIOS	
ADMINISTRADORES	262

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa realizar um estudo a respeito das reações conservadoras vividas no Brasil no período de 2011 a 2016. Para isso, propomos analisar um conjunto de páginas do *Facebook* na internet, caracterizada por um *perfil político* de grupos que se autointitulam de direita, liberais, defensores da propriedade privada, defensores da livre iniciativa e, em alguns casos, denominam-se reacionários. Estes agrupamentos ficaram amplamente conhecidos nas chamadas redes sociais na internet por uma suposta militância apartidária que teria aglutinado em torno de si um movimento anticorrupção, movido principalmente por um componente ideológico comum: o antipetismo e a necessidade de impedir a implementação do comunismo no Brasil e na América Latina que, segundo os canais online da Nova Direita brasileira, vinha sendo promovido, de maneira especial, por Lula (Luiz Inácio Lula da Silva) e o Partido dos Trabalhadores (PT).

O critério de escolha das páginas está relacionado, primeiramente, ao seu conteúdo programático. Procuramos apresentar aqui um conjunto de páginas no *Facebook* ultraconservadores e anticomunistas. Fazem parte das bandeiras desses agrupamentos a defesa do Estado mínimo, a redução da maioria penal, pena de morte, porte de armas, impedir o que chamam de “gaysismo” (que, segundo seus promotores, seria a imposição do “modo de vida homossexual” sobre a sociedade) e combater políticas como Bolsa Família e cotas para negros, por acreditarem que essas medidas deixam as pessoas demasiado “acomodadas”.

Outro importante critério de escolha deriva de um fenômeno contemporâneo, ligado diretamente à influência que as redes sociais na internet têm obtido na atuação e organização de grupos políticos na atualidade. Consideramos que essa atuação, via rede mundial de computadores, conforma uma nova possibilidade organizativa, onde a internet aparece como sendo um “instrumento” que potencializa a ação partidária desses agrupamentos na contemporaneidade. Os agrupamentos da Nova Direita brasileira nas redes sociais na internet, têm apostado em um discurso agressivo e generalizado contra as mídias tradicionais, como canais de televisão, revistas e jornais de grande circulação, cuja a cobertura consideram tendenciosa por estar fortemente influenciada por supostos ideais comunistas. Devido a isso, esses sujeitos passaram a investir intensamente no ativismo digital como forma de propagar seus interesses, fazendo da internet um campo

de batalha contra o que consideram ser a velha ordem repressora e uma alternativa para acessar a juventude e romper o bloqueio imposto pela grande mídia.

Desse modo, estamos sugerindo ler as páginas do *Facebook* como “aparelhos privados de hegemonia”, os quais se propõem a organização de uma vontade coletiva propagando seus interesses como sendo interesses comuns de todos os brasileiros. Nesse sentido, é fundamental para os objetivos dessa pesquisa compreender a visão estratégica de classe propagada por estes grupos, conforme seus prováveis interesses políticos e sociais. Propomos, então, examinar a especificidade de sua atuação em rede (internet), de que maneira estes se apresentam ao público, como propagam suas visões culturais, políticas e “individuais”, criando dessa forma uma rede de apoio em torno de suas bandeiras e interesses.

Ao expandir sua manifestação política via rede mundial de computadores, esses agrupamentos realizam um “pacto social” com outros coletivos em rede, pacto esse que se confirma, em um primeiro momento, via likes em suas páginas no *Facebook*, atraindo e incorporando para dentro de seu universo de percepção indivíduos que compartilham, em algum grau, do conjunto de valores propagados nessas páginas.

O botão like no *Facebook* é uma forma de indicar esse grau de aceitação em relação aos conteúdos publicados por essas páginas. Isso faz a diferença para quem navega na internet, pois as páginas adquirem maior destaque na medida em que os usuários da rede clicam no botão like gerando assim uma notificação para todos os seus contatos online no *Facebook*. Dessa forma, o número de likes se tornou um indicador da quantidade de pessoas que possuem certo grau de afinidade com o conteúdo produzido por aqueles agrupamentos, ao mesmo tempo, o botão like é uma das formas possíveis na plataforma do *Facebook* para impulsionar conteúdos na rede online com o objetivo de atingir cada vez mais pessoas.

É importante chamar atenção para o fato de que o botão like, embora tenha sido desenvolvido pelos programadores do *Facebook* para uso na própria plataforma, pode também ser encontrado em outros websites, o que permite que conteúdos produzidos em outros sites fora do *Facebook* também sejam avaliados e recomendados através do recurso do botão like. Recurso este que ficou amplamente conhecido como sendo “marca registrada” do site *Facebook*. Essa é uma das estratégias desenvolvidas pelos programadores do *Facebook* para fazer com que conteúdos produzidos em outros espaços da internet possam também ser incorporado para dentro de sua plataforma, criando a falsa

impressão de que tudo que é produzido na internet está também no *Facebook*. Essa estratégia visa atrelar a navegação na internet, de maneira cada vez mais exclusiva ao site do *Facebook*, de modo que os usuários não precisem “sair” desse site para buscar informações em outros lugares, criando, entre outras coisas, o problema das chamadas “bolhas ideológicas”, que buscam reforçar informações que se alinham com ideias já preconcebidas, dificultando o acesso a quem pensa de modo diferente, situação que tem sido potencialmente agravada em função do crescente uso de robôs (*bots*), perfis falsos e da fabricação indiscriminada de boatos e dos chamados “*fake news*”, utilizados como estratégia artificial para impulsionar a popularidade e a influência desses agrupamentos nas redes sociais na internet.

Por outro lado, importa destacar que as páginas que estamos pesquisando, embora todas se encaixem nos critérios mencionados acima, cada uma delas busca desenvolver estratégias particulares para a propagação de seus interesses, de modo que, mesmo havendo características semelhantes entre si que nos permitem agrupá-las em determinada classificação, não é possível afirmar que exista um acordo programático e sistematizado entre esses agrupamentos, fato esse que explica as diferentes frentes de atuação construídas e utilizadas por cada página como estratégia de propagação política e ideológica. Sublinhamos esta questão para dizer que, embora estejamos diante da ascensão de uma Nova Direita no Brasil, esses grupos não constituem um bloco todo orgânico e compacto, havendo importantes divergências e diferenças de interesses no interior desses movimentos. Nesse sentido, com a presente pesquisa propomos investigar as peculiaridades discursivas com que seus administradores (responsáveis por gerenciar as páginas em rede no *Facebook*) procuram atuar e propagandear seus interesses, a quais grupos sociais se dirigem e como procuram formar e cooptar simpatizantes e ativistas em prol de sua causa.

Muito tem se escrito sobre a importância das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), tanto em relação ao desenvolvimento econômico e social proporcionado, quanto à compreensão dos fenômenos contemporâneos na sociedade. Em vista disso, nos propomos na presente pesquisa chamar atenção para o fato de as redes sociais na internet terem se configurado como nova possibilidade organizativa, através das quais diferentes agrupamentos sociais têm possibilidade de se conectar, construindo entre si uma rede de apoio e/ou de aversão a diferentes projetos e ações na sociedade civil, em uma velocidade nunca experimentada antes na história da humanidade.

A presença massiva da internet, para um número significativo de pessoas no mundo, tem alterado o próprio processo social da vida, emergindo desse fenômeno novas experiências cotidianas, as quais se manifestam através de novas culturas, novos saberes, linguagens próprias e da conseqüente criação de outros significados e sentidos para “velhas” relações sociais: a produção e reprodução da vida real. Conforme sugere Sakamoto:

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social¹.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias de informação e comunicação tem se apresentado como capazes de recriar e transformar as formas de sentir, também tem sido pensadas e configuradas como dinamizador econômico ao atuar ativamente no processo de reestruturação produtiva do capital, alterando profundamente as relações de trabalho, através da constante substituição de mão de obra de homens e mulheres por novas tecnologias – fenômeno sistematicamente discutido por Marx em seu livro *O capital: A crítica da economia política*.

Se a História, como disse Febvre, é ao mesmo tempo a ciência do passado e a ciência do presente, é a forma pela qual o historiador atua na sua época e em sua sociedade e deve ajudar a explicar as relações do social no presente, entendemos que a pesquisa a respeito das redes sociais na internet configura-se como importante e necessário objeto de análise contemporâneo. Todavia, mais do que “observar o passado” e “compreender o presente”, é preciso questionar, como sugeriu Jean Chesneaux: “*Em que campo se situa o saber histórico, em que sentido funciona a relação ativa com o passado?*”². Dessa forma, ressaltamos a relevância e a necessidade do estudo sobre a ascensão da Nova Direita no Brasil (2011-2016), a partir de suas formas de atuação através da internet, entendendo que é dever e papel do historiador problematizar o presente e suas práticas. Como nos sugeriu Marx, “não apenas compreender o mundo, mas transformá-lo”. Diante disso,

¹SAKAMOTO. L. “Em São Paulo o Facebook e Twitter foram às ruas” In: **Cidades rebeldes**: Passe libre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p.93.

²CHESNEAUX, J. **Devemos fazer tábula rasa do passado**. Ática, 1995. p.24.

Se o presente tem primazia sobre o passado é porque apenas o presente impõe e permite mudar o mundo. Retorna-se à originalidade fundamental de Marx: é o adulto que permite compreender a criança; e o homem, o macaco – porque são o adulto e o homem que possuem controle sobre o futuro. A finalidade do saber histórico está na prática ativa, na luta³.

A proposta de estudo sobre a ascensão de grupos conservadores no Brasil no período entre 2011 e 2016 tem, assim, importância fundamental na medida em que este estudo diz respeito a questões que incidem diretamente nas condições de nossa existência. Nesse sentido, estudar a forma pela qual os grupos da Nova Direita brasileira estão buscando se organizar e expandir sua visão de mundo, significa buscar compreender quais as implicações reais de suas propostas para nós, homens e mulheres, implicados neste tempo histórico.

A crescente atuação de agrupamentos de caráter conservador no Brasil e no mundo, tem feito crescer casos de violência e crimes motivado por racismo, machismo e homofobia. Não por acaso, o que temos acompanhado em nossos estudos é que a ofensiva ideológica promovida pela Nova Direita tem sido propositadamente dirigida contra esses setores.

O fato de os agrupamentos da Nova Direita estarem em alguma medida se especializando em promover ataques contra os setores historicamente oprimidos de nossa sociedade, como negros, mulheres, gays e índios, é bastante sintomático do caráter de classe burguês implicado em suas atuações. Essa estratégia de atuação nos revela a existência de uma preocupação em atualizar os modos de como são realizados o exercício de poder em relação a estes agrupamentos e conseqüentemente em relação ao todos os demais setores da nossa sociedade, os quais necessariamente convivem direta ou indiretamente com eles.

Uma das razões centrais que encontramos ao longo dessa investigação para explicar este fenômeno está intimamente relacionado com a crescente influência que estes segmentos adquiriram ao longo dos últimos 25 anos em nossa sociabilidade através de suas organizações, promovendo um alargamento afetivo das relações humanas em vários sentidos e promovendo através do ativismo orgânico a ampliação do Estado através da conquista de novos direitos, como a Lei Maria da Penha e a política de cotas raciais por exemplo.

³Idem. p.62.

Neste sentido, buscamos revelar em nossos estudos como as concepções e formas de pensar sistematizada pelos agrupamentos da Nova Direita tem atuado no sentido de querer fazer retroceder as conquistas realizadas por estes setores, além de estarem empenhados em querer ganhar apoio popular para uma série de reformas trabalhistas que implicam na retirada de direitos dos trabalhadores brasileiros.

Isso porque, uma das atividades estratégicas assumidas por estes agrupamentos, tem como propósito de existir, justamente, realizar as disputas em torno da construção e organização do consenso ativo entre as massas com o objetivo de promover as reformas necessárias para ampliação e manutenção do capitalismo enquanto modelo de organização social. Neste sentido, podemos dizer que os agrupamentos da Nova Direita estudados por nós no *Facebook*, se apresentam e efetivamente atuam como sendo os porta-vozes das classes dominantes de nosso país. Portanto, o que estamos buscando desvelar neste estudo é justamente o caráter de classe burguês implicado na atuação política e ideológica da Nova Direita brasileira.

É preciso considerar, então, que a atuação desses agrupamentos via redes sociais na internet não está descolada de implicações reais e concretas, ou seja, a tecnologia não se coloca acima das disputas de classes sociais, do mesmo modo que as disputas ideológicas empreendidas por estes agrupamentos não se fazem dissociadas de sua base social. Desta forma, buscamos assinalar que a internet potencializa e dá forma para a atuação orgânica e partidária desses agrupamentos, servindo como base para uma série de novos tipos de ações conjuntas entre os indivíduos na contemporaneidade, sendo de fundamental importância pensar desde já estas implicações no presente e para o futuro. A principal questão que norteia nossa pesquisa é compreender a atuação partidária desses agrupamentos via redes sociais na internet levando em conta os seguintes objetivos:

- Investigar a ascensão da Nova Direita no Brasil (2011-2016) e a importância das novas tecnologias de informação e comunicação para a organização de agrupamentos políticos na contemporaneidade;

- Compreender como emergiram (e estão emergindo) a Nova Direita no quadro político social brasileiro e suas inspirações fascistas;

- A utilização das páginas no *Facebook* para organização e propaganda dos agrupamentos da Nova Direita;

- O *Facebook* como instrumento privilegiado para buscar construir consenso entre as massas;

- Identificar quando possível, quem são, as pessoas responsáveis (intelectuais orgânicos) por administrar as páginas por nós investigada (tabela em anexo);
- Analisar os grupos sociais aos quais as páginas do *Facebook* investigadas por nós se dirigem (tabela em anexo);
- Identificar as bases teóricas que dão sustentação e estimulam a atividade desses agrupamentos nas redes sociais na internet e fora dela;
- Discutir as novas bases em que se configura o anticomunismo brasileiro na atualidade;

O objetivo do primeiro capítulo foi apresentar o quadro de crise político-social sob o qual se deu a ascensão da Nova Direita no Brasil. Para isso, buscamos fazer uma espécie de síntese histórico-social a respeito do conjunto de disputas político-ideológicas que se desenvolveram ao longo dos 13 anos de governo dirigido pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

O caminho que procuramos percorrer foi, em um primeiro momento, de apresentar o que acreditamos constituir o quadro de crise político-social vivido no Brasil, destacando o fato de que, para nós, a atual crise que estamos atravessando está diretamente ligada aos limites do capitalismo enquanto modelo de organização social.

Posteriormente, procuramos pontuar a importância histórica do Partido dos Trabalhadores e sua respeitável influência na a formação da identidade de classe dos trabalhadores brasileiros, buscando, simultaneamente, pontuar o que consideramos ser os principais limites e possibilidades que se abriram a partir de 2003 com a chegada de Lula à presidência da república. Nesse sentido, procuramos responder à pergunta: qual o legado dos governos petistas e as implicações da sua política de conciliação de classes?

Em um terceiro momento, buscamos apresentar quais foram as principais disputas ideológicas vividas ao longo da era Lula/Dilma e procuramos destacar a questão do alívio imediato da pobreza como eixo central de articulação e atuação político-ideológica dos governos petistas que se deu principalmente, porém não exclusivamente, através do Programa Bolsa Família (P.B.F). Programa este que ficou mundialmente reconhecido como sendo o programa que tirou mais de 12 milhões de brasileiros da fome e de uma condição de miséria extrema. Uma política que embora tenha conquistado resultados importantes no combate a fome, também foi alvo de importantes críticas em relação aos limites no combate efetivo as causas da pobreza. Neste sentido, buscamos pontuar que o

projeto de sociedade que orienta as políticas petistas parte de uma leitura de colaboração de classes e de uma tentativa de harmonizar os interesses dos setores oprimidos e das classes trabalhadoras com o interesse das classes dominantes de nosso país, servindo assim como uma “esquerda do capital”.

Para nós está questão é central para os propósitos do nosso trabalho pois ela nos abre a lacuna mais delicada de ser respondida: Se o PT assumiu e efetivamente realizou um governo de colaboração de classes, quais são as motivações reais das recentes reações extremadas dirigidas contra o PT? Portanto, para além de revelar e reafirmar o compromisso de Lula e do PT com o grande capital, nossa proposta foi a de contribuir com o desvelamento das razões socioculturais das recentes reações extremadas dirigidas contra o PT e a tudo que ele passou representar.

Certamente, as análises que desvelam os interesses de classe do PT, enquanto partido integrado à ordem do capital, são fundamentais para compreender o papel que o Partido cumpre para a atualização da dominação de classe no Brasil. No entanto, o que queremos pontuar neste estudo é que esse tipo de crítica, embora fundamental, parece não ser suficiente para capturar os reais motivos da adesão e apoio aos governos petistas, tampouco, parece ser suficiente para compreender as reações extremas dos agrupamentos conservadores contra seus governos e sua principal liderança, Lula.

Nesse sentido, entendemos que na desqualificação dos governos petistas, estão também imbricados o desprezo para com os milhões de eleitores de Lula, já que as razões de sua adesão são também desconsideradas como fenômeno social merecedores de análise.

Por último, procuramos pontuar que, mesmo diante de um quadro político-social favorável para o desenvolvimento do capitalismo, em termos de um crescente e sistemático apassivamento dos movimentos sociais, o fortalecimento do “lulismo” foi entendido como uma ameaça para as classes dominantes do país que, diante da crise econômica e da queda nas taxas de lucro, passou a culpabilizar o PT e suas políticas sociais compensatórias como as principais causas pela crise vivenciada no país.

No segundo capítulo desta tese buscamos discutir de que forma a massificação das redes sociais na internet contribuiu para o desenvolvimento dos agrupamentos políticos da Nova Direita. Nossa proposta neste capítulo foi de apresentar o percurso, teórico e prático, por nós percorrido, que nos levou a afirmar que a emergência da Nova Direita brasileira é um movimento de caráter fascista.

Sugerimos neste capítulo que com a massificação das redes sociais na internet, e a forma com que elas estão propositalmente estruturadas, desenvolveu-se um processo de apagamento das diversidades naturais e reais que nos compõem como seres humanos. Ao promover uma espécie de padronização das reações e formas de comportamento no universo do *Facebook*, limitando as ações e reações aquele campo de possibilidades, as redes sociais na internet acabam por inviabilizar em muitos aspectos as possibilidades de autodiferenciação subjetiva dos seres humanos, transformando-os progressivamente em “massa”.

Nossa hipótese de trabalho neste capítulo sugere que com o advento das redes sociais na internet estamos vivenciando um estado constante de “massa” que tem concorrido intensamente para uniformização dos atos psíquicos dos indivíduos em sociedade. Para buscar demonstrar como chegamos nesta hipótese, nosso objetivo neste capítulo foi um esforço em apresentar quais os caminhos percorridos por nós para chegar a esta compreensão. Para isso buscamos apresentar como foi que começamos a perceber através do *Facebook* as alterações qualitativas vivenciadas na conjuntura política brasileira que propiciaram a ascensão da Nova Direita no Brasil.

Neste sentido, destacamos que a formação de agrupamentos políticos de caráter fascista foram se desenvolvendo gradativamente, ou seja, antes de haver fascismo houve o processo de fascistização – para nós esse processo de fascistização está intimamente atrelado a massificação das redes sociais na internet – para isso, nosso ponto de partida para pensar a constituição dessas novas formações políticas foi investigar as comunidades conservadoras que se desenvolviam no interior do site *Facebook* por entender que essas redes estão implicadas em modificações antropológicas nos indivíduos em sociedade. Neste sentido, o *Facebook* se apresentou como sendo um espaço privilegiado para realizar a coleta de dados e identificar a manifestação de tendências, pensamentos, desejos, anseios entre seus usuários em rede.

Em nosso terceiro capítulo buscamos então responder a pergunta “Por que Nova Direita?”. O objetivo deste capítulo foi o de apresentar quais as motivações que nos levam a afirmar que estamos diante de uma *nova* direita no Brasil e como ela se diferencia da direita tradicional. Para isso, procuramos demonstrar que a emergência de agrupamentos de caráter fascista, como os que estamos investigando nessa pesquisa, são também expressão de uma nova dinâmica social marcadamente influenciada pelo fenômeno das redes sociais na internet.

Neste capítulo buscamos discutir quais são as características e particularidades desses agrupamentos e no que eles se diferenciam de outros agrupamentos também conservadores. Nessa empreitada, assinalamos que, a principal diferença dos agrupamentos que estamos investigando e que estamos caracterizando como sendo uma Nova Direita, é a capacidade que esses setores tiveram de mobilizar as massas sociais e de dar um sentido e uma direção para os anseios e demandas populares em meio a uma crise de proporções generalizadas. Desse modo, buscamos demonstrar como as questões do cotidiano, os preconceitos, receios, medos, ódios ganharam uma elaboração particular em meio aos coletivos de caráter reacionário e como esses coletivos através da sua atuação ativa nas redes sociais na internet foram efetivamente capazes de alterar a conjuntura política brasileira provocando um aumento dos segmentos sociais que passaram a se identificar com os valores e sentidos partilhados por estes agrupamentos.

Sugerimos então, ler a atuação via redes sociais na internet, promovidas por esses agrupamentos, como sendo uma *ação partidária*, no sentido político proposto por Gramsci, dessa forma, quando falamos de ação partidária, não estamos tratando exclusivamente da ação partidária de tipo tradicional, entendida restritivamente como partido político, ao contrário, entendemos como ação partidária, toda ação no sentido de organizar estrategicamente uma visão de mundo.

No propósito de identificar quem são e como atuam os setores da Nova Direita brasileira, optamos por mapear sua atuação via redes sociais na internet e escolhemos para isso a plataforma de dados do site *Facebook*, onde as ações, as formas de pensar, de arquitetar e “amar” o mundo desses agrupamentos podem ser facilmente acompanhadas pela exposição pública a que estes se submetem. Porém, visto que o *Facebook* é uma plataforma interativa com outros sites, lançaremos mão também de outras plataformas de comunicação e divulgação na internet como Instagram, Youtube e demais sites e blogs relacionados diretamente as páginas investigadas por nós, sempre que isso nos ajudar a tornar mais claro quem é a Nova Direita brasileira, seus representantes, como ela se comporta e se apresenta publicamente ao mundo.

Por último em nosso quarto capítulo buscamos realizar um inventário das páginas por nós investigada, informando a respeito dos propósitos de cada uma delas. Neste inventário, buscamos adotar um modelo padronizado para apresentar cada um dos agrupamentos por nós investigado, onde constam as seguintes referências: 1) Nome da Página; 2) Administrador; 3) Descrição do perfil informado pelos próprios

administradores da página; 4) Número de likes de cada página; 5) Imagem de perfil; 6) Imagem de capa; 7) Origem e Difusão da página; 8) Sites parceiros 9) Chave interpretativa.

Nosso objetivo neste capítulo foi apresentar quais as estratégias utilizadas por parte desses agrupamentos para buscar atrair em torno de si seguidores e simpatizantes. Para isso, buscamos descortinar os condutos utilizados pelas “micro-lideranças” dessas páginas para influenciar as redes sociais na internet buscando assinalar quais os métodos de sua atuação, a linguagem adotada, os recursos aos quais recorrem para fazer emergir seus valores e formas de pensamento no cenário político atual.

CAPÍTULO 1: A CRISE POLÍTICA E DISPUTAS IDEOLÓGICAS NO BRASIL DO SÉCULO XXI

As reflexões sugeridas neste capítulo foram construídas com a pretensão de colaborar com o debate mais geral sobre a atual conjuntura política no Brasil, com perspectivas de compreender a natureza das mudanças em curso na primeira década do século XXI. Para isso, propomos analisar as tensões e conflitos que se estabeleceram no campo ideológico após a chegada de Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT) à Presidência da República.

Nesse sentido, nosso esforço foi elaborar uma espécie de síntese histórico-social do que significou para sociedade brasileira os 13 anos de governos petistas, buscando entender as implicações em meio às quais se desenvolveu a política econômica e social do governo, da primeira à segunda fase – de Lula (2003-2010) a Dilma (2011-2016).

A pretensão e o esforço em construir uma síntese histórico social da experiência governamental Lula-Dilma tem para nós um objetivo bastante específico, que é o de compreender, além da atual conjuntura de crise política vivida no Brasil, um de seus desdobramentos mais recentes: a emergência das reações conservadoras de fortes feições fascistas dos últimos anos. Estamos tratando aqui da ascensão de movimentos de caráter “moralista”, que ganharam força no último período e saíram às ruas com pedidos relacionados à expectativa de volta da ditadura militar e à defesa da a tortura. No Brasil, esses grupos ficaram popularmente conhecidos como a nova direita.

O termo “nova direita” se refere à emergência de movimentos contemporâneos ditos “conservadores” do século XXI no Brasil, cuja característica principal é o rechaço da esquerda acompanhada pela sua culpabilização. Para esses grupos, o problema econômico e social vivenciado atualmente encontra-se, entre outras coisas, ligado a uma espécie de “crise moral”, que atinge a todos os partidos. São opositores do governo petista e investem sistematicamente na desqualificação dos políticos e da política, apontando para a corrupção como a grande responsável pelas mazelas do país. Uma das características mais marcantes da chamada nova direita brasileira se deve ao seu papel militante somado a uma forte influência de massa que busca movimentar a opinião pública através de diferentes iniciativas. A principal justificativa, no discurso dos sujeitos envolvidos, encontra-se diretamente ligada à pretensa urgência em combater a

implementação do comunismo no Brasil, promovido, segundo estes agrupamentos, principalmente pelo Partido dos Trabalhadores e seus governos subsequentes.

Nas palavras de Gilberto Calil,

(...) é imperativo reconhecer que há um elemento novo na conjuntura política brasileira: organizações e agrupamentos claramente reacionários lograram êxito em realizar manifestações massivas, convocadas em defesa do afastamento supostamente constitucional da presidenta da República, nas quais se destacavam faixas e cartazes pedindo “intervenção militar constitucional”, uma reivindicação explicitamente inconstitucional e golpista. As manifestações realizadas em 15 de março de 2015 teriam reunido mais de dois milhões de pessoas de acordo com as sempre suspeitas contagens realizadas pela Polícia Militar. Nos termos nada isentos da revista *Época*, os “protestos de 15 de março levaram às ruas a maior multidão em um único dia na história das manifestações políticas no Brasil”. Superdimensionamento midiático à parte, é inegável que foram manifestações massivas e que explicitaram uma capacidade de mobilização que dois anos antes a direita não tinha, constituindo-se nas maiores manifestações de perfil conservador/reacionário desde as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, realizadas em 1964⁴.

Tratamos aqui de grupos que se posicionaram a favor da redução da maioria penal, que são contra o casamento gay, que acham que mulher não é dona de seu próprio corpo, que têm nojo de imigrantes pobres da América do Sul, do Haiti e da África, que apoiam o genocídio de jovens negros e pobres nas periferias das grandes cidades, que acreditam que só é pobre quem quer (meritocracia), que são a favor da pena de morte, do porte de arma, que atuam contra a esquerda e contra tudo o que ela representa, organizando suas ações em busca de reestabelecer uma suposta “ordem” e a “moral social” através de intervenções violentas sobre a sociedade civil.

Nossa hipótese é que a manifestação da crise política brasileira e a emergência da chamada nova direita coincidiu com um momento de *crise civilizacional*⁵, ou seja, uma crise humana sobre seus próprios valores e significados. Para nós, parte significativa da explicação dessa crise pode e deve ser compreendida como sendo expressão de mais uma crise do capitalismo enquanto modelo de organização social que, diante das ligeiras transformações vividas no campo dos costumes e valores humanos, experimentadas no

⁴CALIL, Gilberto. **Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente**. Estudo sobre Poder, hegemonia e regimes políticos (1945-2014). Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

⁵Desenvolveremos melhor a explicação a respeito do que estamos chamando aqui de crise civilizacional no segundo capítulo deste trabalho, ao tratar diretamente da emergência da Nova Direita no Brasil como expressão de esgotamento do capitalismo enquanto alternativa de desenvolvimento humano e social.

início deste século, tem se mostrado incapaz de absorver, integrar e reorganizar a própria diversidade humana na mesma velocidade em que essas transformações vêm ocorrendo. Na melhor das hipóteses, o que as classes dominantes têm feito é uma tentativa de acompanhar retrogradamente essas transformações e reinseri-las (ou mantê-las forçosamente) sob velhas dinâmicas de exploração, explicitando os limites de nosso modelo de produção e organização social em termos de desenvolvimento humano⁶. Trata-se de uma crise que excede o campo da política tradicional, entendida em sentido estrito, de esgotamento dos partidos formais e suas instituições representativas (“Estado Democrático de Direito”) e que incide abertamente sobre o conjunto de valores que organizam a vida em sociedade.

Este quadro explica, por exemplo, as novas investidas em ressignificar as relações sociais e humanas também a partir de leituras esotéricas, místicas e mesmo psicológicas de cunho “moralizante” que tendem a culpabilizar exclusivamente o indivíduo pela situação em que se encontra, tanto em termos materiais, ou seja, por sua situação econômica, quanto pela sua condição psicopatológica (como depressão, ansiedade, entre outros transtornos)⁷. Interpretações como essas, que pretendem separar arbitrariamente o indivíduo dos processos sociais de formação da sua psique, ou, de maneira mais ampla, dissociar a subjetividade humana das influências a que estão submetidos os vários indivíduos em seus contextos histórico-sociais, haviam caído em desuso, principalmente

⁶Aqui nos referimos a uma das hipóteses desse trabalho, àquilo que passamos a chamar de crise civilizacional. A questão do mal-estar social contemporâneo foi também tema das conhecidas teses do sociólogo polonês Zygmunt Bauman: “Modernidade Líquida” (2000), “Amor Líquido” (2003) e “Medo Líquido” (2006), onde o autor buscou de algum modo responder as inquietações advindas de nosso atual estágio de desenvolvimento humano sob o capitalismo.

⁷Cabe destacar o caso da multiplicação de *coachings* e dos cursos motivacionais: pessoas que se tornaram popularmente conhecidas pela capacidade de conduzir outros a atingir seus “próprios” objetivos. Trata-se de uma espécie de “tutor particular”, aquele que “carrega”, “conduz” e “prepara” o outro em suas buscas. Atualmente, muitas empresas contratam *coaching* com o objetivo de melhorar a produtividade e até mesmo as relações interpessoais no ambiente de trabalho. O *coaching* se tornou uma espécie de profissão em nossa sociedade, profissão que, embora não seja formalmente reconhecida como tal, tem sido bastante consumida por diferentes categorias de pessoas e empresas, seja para perder peso, para melhorar a autoestima, para melhorar a aparência, para conquistar o emprego dos sonhos. Enfim, o que determina o sucesso de um *coaching*, para além da capacidade de liderança e organização, é a capacidade de *atribuir sentido* à atividade que o outro pretende desenvolver, ou seja, *criar motivações* para seguir em frente em um mundo “vazio” de sentido e motivos reais. Para esses profissionais, o que importa é preparar a mente do outro, induzindo formas de pensamento para superar todo e qualquer obstáculo do caminho em busca de conquistar o “grande objetivo”. Em outras palavras, significa reforçar a ideia de que não se trata do mundo, da sociedade e das formas como nossa vida é estruturada na sociedade, mas de nosso “preparo para vencer”. A primeira contradição flagrante é que contratar um profissional como este requer um alto investimento em dinheiro e só quem tem poder aquisitivo suficiente pode “se preparar” para enfrentar o mundo dessa forma.

no que tange a temas mais amplos, como: política, economia e formas de organização da vida em sociedade.

A relação entre discurso “moral” e político não é nova. A justificação da miséria dos trabalhadores pela “preguiça” e “falta de vontade”, por exemplo, esteve presente também na literatura e nos jornais ao longo dos séculos XVIII e XIX, como bem demonstrou F. Engels em seu livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Em linhas gerais, é possível afirmar que essa forma de pensar sempre foi utilizada pelas classes dominantes para explicar as desigualdades sociais e, em alguma medida, para justificar seu lugar de dominação. No entanto, essa forma de explicar as mazelas sociais passou a não ser mais possível de afirmar com a mesma tranquilidade. Com a complexificação dos Estados-nacionais e da sociedade civil, o que vimos ocorrer foi um processo de instrumentalização do discurso moral por finalidades propriamente políticas, de modo que as classes dominantes foram obrigadas a revitalizar e reestruturar seu discurso em busca de manter sua condição social de classe dominante.

Atualmente, com a ascensão da nova direita, parece que retrocedemos frente a esse tipo de discurso, sobretudo, quando o tema discutido é corrupção e falta de ética na política. A título de exemplo, reproduzimos uma parte de um pequeno artigo de Pablo Ortellado a respeito do tema:

Há apenas dez anos, comentaristas conservadores como Olavo de Carvalho ainda eram figuras folclóricas no jornalismo brasileiro. Nos últimos anos, porém, os meios de comunicação de massa incorporaram tantos conservadores que eles passaram a dar o tom geral do jornalismo de opinião. Dentro e fora da imprensa, todo debate político hoje é dominado por um discurso de ódio que coloca temas morais como o combate ao homossexualismo e o endurecimento penal em primeiro plano e subordina as questões econômicas e sociais a essa visão de mundo punitiva⁸.

Destacamos este elemento no processo de análise na medida em que entendemos que a investida a partir desse tipo de abordagem parece indicar uma importante dificuldade por parte das classes dominantes na manutenção de sua posição social e na construção do consenso, exigindo, dessa forma, empreender um enfrentamento direto em diferentes frentes centradas em temas polêmicos, com o objetivo de buscar disputar sentidos e construir uma base de consenso que alicerce sua visão de mundo. Para nós, o

⁸ORTELLADO. Pablo. A ascensão conservadora. Guerras culturais no Brasil. Edição 89 dezembro de 2014. Acessado dia 30/10 em <http://diplomatie.org.br/guerras-culturais-no-brasil/>.

fortalecimento de forças políticas de caráter conservador, como as que estamos presenciando no Brasil, é expressão de uma *reação* diante de pequenas, porém, significativas mudanças nas formas de compreender a dinâmica social. Esse processo de “abertura social”, imbricado com as reações de diferentes setores para conter o que é realmente novo, compõe o quadro de crise vivenciado no Brasil.

Um sintoma importante de nossa época, que reforça e ilustra bem o atual estágio social, foi a escolha da palavra “pós-verdade” pelo dicionário Oxford como a palavra do ano em 2016. Segundo a entidade, o termo se refere um “adjetivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. Para pensarmos outro aspecto dessa mesma realidade, como observado por Carla L. Silva, um elemento que ganhou destaque no contexto atual foi a atuação das “novas igrejas empurradas pela ideologia da prosperidade e que colocam a riqueza como meta. Justificam no plano transcendente a exploração e tudo que ela envolve.”

Nesse sentido veremos a expansão de literaturas de autoajuda que tem servido para ampliação do campo de ação das ideias que reproduzem o capitalismo, uma espécie de religião sem sacralidade, leitura possível através de Walter Benjamin (2013). O certo é que a burguesia sempre contou com um vasto leque de intelectuais para formular uma forma pública de posicionamento no mundo diante das necessidades criadas no sistema capitalista⁹.

No entanto, essa ofensiva ideológica, que tem o propósito de atuar no campo da reprodução do capital e pretende justificar medidas restritivas (planos de austeridade, novas regras para conseguir o seguro desemprego, redução das pensões por morte, entre outros) encontrou resistência por parte das classes trabalhadoras organizadas e por parte dos grupos diretamente atingidos por esses discursos “moralizantes”, fazendo transparecer as contradições reais desses discursos e dos interesses em jogo.

Após um período de relativa estabilidade econômica vivida no Brasil, durante os primeiros anos dos governos petistas (2003-2011), e de uma melhora significativa nos padrões de consumo de uma parcela relevante da população de baixa renda, vimos como os diferentes agrupamentos sociais, que conquistaram novos espaços na dinâmica de consumo, buscaram também enfrentar e combater os ataques e discursos “moralizantes”,

⁹SILVA, Carla L. Mídia e ascensão conservadora. **Argumentum**, Vitória, v.9, n.2, p.172-182 mai/ago 2017. p.175.

isto é, a reação dos setores que pretenderam deslegitimar suas conquistas. Neste sentido, reproduzimos abaixo a caracterização desenvolvida por Alvaro Bianchi e Ruy Braga ao tratar da atuação situação de crise no Brasil,

A eclosão da crise é, assim, definida pelas lutas que opõem as classes umas às outras, lutas nas quais os diferentes projetos alternativos vão se desenhando e aglutinando defensores. É firmada pela ruptura da passividade de certos grupos sociais e pela sua entrada ativa no cenário político, desequilibrando arranjos de poder que tendiam a excluir esses grupos. Na situação presente a crise foi agravada pela ativação simultânea de uma parte ainda minoritária das classes subalternas, com especial participação do precariado urbano, e das camadas médias que entraram em cena com um programa político de reestabelecimento de seus privilégios sociais.

Não há nenhuma surpresa aí. Afinal, nos últimos 12 anos, tendo em vista um modesto, porém, real processo de desconcentração de renda entre aqueles que vivem dos rendimentos do trabalho, a base da pirâmide ocupacional progrediu em um ritmo mais acelerado do que os setores médios. Ou seja, houve uma diminuição da distância entre as classes sociais cuja expressão mais visível pode ser encontrada na “invasão” dos espaços outrora exclusivos das camadas médias tradicionais por uma massa plebeia, como aeroportos e shopping centers. Não devemos subestimar o impacto que um mercado de trabalho aquecido tem sobre a disposição social dos trabalhadores subalternos, notoriamente as empregadas domésticas, em resistir a situações aviltantes de trabalho. O “desassossego na cozinha” é um fenômeno que inquieta os setores médios tradicionais, afetando o dia-a-dia dos privilégios de classe que marcam de maneira tão acentuada a realidade brasileira¹⁰.

O que dito de outro modo, significa que as formas habituais que até então vinham sendo utilizadas para justificar as relações de exploração sob o capitalismo em nosso tempo parecem se encontrar diante de uma dificuldade concreta em assegurar sua reprodução. A construção do consenso, indispensável para a manutenção das relações de dominação de uma classe sobre a outra, diante da resistência de setores historicamente superexplorados (como mulheres, negros e homossexuais) está sendo levada a retroceder e, conseqüentemente, reatualizar suas formas de organizar a dominação. As pequenas mudanças na forma de pensar e estruturar a vida fazem com que esses sujeitos não aceitem mais se ver sob a ótica da inferioridade de raça ou de gênero, perspectiva que busca justificar, as desigualdades salariais que incidem especialmente sobre esses setores. Essas pequenas mudanças incidem diretamente nas formas de arquitetar a dominação e justificar a exploração. Desse modo, as disputas ideológicas e os enfrentamentos travados

¹⁰BIANCHI, Alvaro & BRAGA, Ruy. **Hegemonia e crise: noções básicas para entender a situação brasileira.** Disponível em: <<http://blogjunho.com.br>> Acessado 20.04.15.

por esses setores incidem diretamente nas exigências de exploração do capital, que se pretende sempre restritiva em busca de maiores lucros, caminhando na contramão da lógica capitalista ao exigir a ampliação e o reconhecimento efetivo de direitos de igualdade também para esses setores.¹¹.

A partir dessas considerações, nossa hipótese de trabalho sugere que a vitória eleitoral de Lula para presidente da República ao longo desses 13 anos foi expressão de um tipo de consciência política crítica de rejeição ao modelo privatista neoliberal, representado até então por Fernando Henrique Cardoso (FHC) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), enquanto modelo de desenvolvimento econômico e social. Uma insatisfação que foi canalizada pelos ideólogos dos governos petistas e traduzida em promoção de políticas públicas de cunho social, entre as quais gostaríamos de destacar a forte influência política-ideológica do Programa Bolsa Família (PBF), na conformação da ideia de que os governos do PT foram governos populares por “privilegiar” o social. Somaram-se a esse quadro, as propagandas político-ideológicas do governo que, em consonância às mudanças que vinham ocorrendo subterraneamente nas formas de ver o mundo, ocuparam-se em dar maior visibilidade para os setores sociais historicamente mais explorados e oprimidos, como as mulheres, os negros e as milhares de famílias que se encontravam (e se encontram) em condição de miséria. Foi nesse sentido que Mario Maéstri, ao tratar da análise das disputas eleitorais de 2014, afirmou que a vitória do PT e de Dilma significou “a difusa consciência plebeia e anticapitalista” de milhares de brasileiros assalariados, ou ainda, nos termos de Edmundo Dias,

Sob a égide da palavra de ordem “A esperança venceu o medo” uma maré vermelha tomou as ruas e as praças. Nunca se vira coisa igual. Manifestações como essa, talvez, só no clima da Copa do Mundo. O desafio agora era outro: o de governar este país. Cada um parecia ser um governante.

¹¹Em tese recentemente defendida, Flávio Casimiro se propõe a estudar a atualização das estratégias de dominação burguesa no Brasil através do que ele chama de “aparelhos de ação política-ideológica”, dando destaque às estratégias que vem sendo utilizadas pela nova direita brasileira. Segundo o autor, trata-se de uma representação política não partidária dos segmentos da direita liberal-conservadora, atualizada, militante e muitas vezes truculenta na defesa de seus pressupostos e de sua atuação política. Mais especificamente, trata-se da organização de APH que atuam tanto no sentido doutrinário, de difusão de diferentes matrizes do pensamento liberal e de recrutamento de intelectuais orgânicos, quanto na ação considerada mais programática de elaboração de diretrizes, intervenção e proposição de políticas públicas, assim como de ação estrutural alicerçadas em um projeto de poder, desenvolvendo estratégias no interior das instituições do Estado. CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita no Brasil: aparelhos de atuação política ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980/2014)**. Niterói: Tese de Doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, 2016.

A posse foi apoteótica. Os trabalhadores romperam o protocolo e, simbolicamente, tomaram posse também¹².

Com esta passagem queremos sublinhar, neste primeiro momento, um aspecto que para nós é fundamental: a importância que o PT assumiu historicamente no quadro político brasileiro para o conjunto das classes trabalhadoras organizadas. Essa característica é central para nos ajudar entender a emergência da nova direita no Brasil. Isso porque entendemos que a vitória de Lula e do PT para a Presidência da República em 2003 foi, ao mesmo tempo, expressão da luta dos setores populares por melhores condições de vida e de uma grande aposta por parte das burguesias brasileiras em torno da necessidade de recuperar o apoio popular aos seus projetos políticos e econômicos, o que explica os compromissos assumidos pelo PT diante do empresariado e da grande mídia para conquistar seu apoio e poder se eleger.

Neste sentido, é central lembrar que, ainda que o PT tenha ganho as eleições em nome da esperança de muitos trabalhadores, o projeto de governabilidade assumido não foi o da classe trabalhadora em si, já que o partido foi a grande aposta de parcelas significativas das próprias burguesias brasileiras, que entenderam a necessidade de “mudança dentro da ordem” (“é preciso que tudo mude para que tudo continue como está”). Por outro lado, o caráter popular de Lula e de seus governos criou um impasse para as classes trabalhadoras por estarem atreladas a um projeto de desenvolvimento ao lado das burguesias nacionais, projeto mediado por uma política de “colaboração de classes” situação essa que levou a desmobilização desses setores, dando espaço para que a nova direita se projetasse enquanto alternativa diante da crise econômica e social.

Ao propor esses questionamentos não temos a pretensão de reforçar as ideias defendidas pelos ideólogos do próprio PT, que dizem que a *reação conservadora* vivida no Brasil hoje é o resultado de um governo que priorizou atender uma agenda popular em nome dos mais pobres contra o interesse dos mais ricos. Esse é um aspecto da propaganda política e ideológica petista que nos importa, na medida em que entendemos que a *reação conservadora* diz respeito à necessidade de atacar direitos adquiridos e de impor o retrocesso às políticas públicas de caráter social que foram conformadas a partir de 2003 no Brasil e que, de alguma forma, conectam-se às expectativas depositadas por parte significativa da classe trabalhadora no projeto de governo defendido pelo PT.

¹²DIAS. Edmundo Fernandes. **Política brasileira: embates de projetos hegemônicos**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006. P.144.

Dessa forma, o que nos importa é compreender de que maneira o antipetismo manifestado pelos agrupamentos da nova direita se constitui como uma variante do “anticomunismo brasileiro” e qual seu papel no estágio atual da luta de classes.

1.1 Política, Cultura e Hegemonia

Para responder esses questionamentos, buscaremos trabalhar a importância das ideologias políticas para a construção e disputa da hegemonia. Para isso, buscamos superar as leituras estratificadas e hierarquizadas da sociedade, que tendem a separar arbitrariamente a atividade política e ideológica dos processos de produção material da vida social, em sentido estrito, da esfera da economia. Para tratar das interconexões presentes a esfera da ideologia e a esfera da economia, partiremos, neste primeiro momento, da sugestão metodológica proposta por Raymond Willians, segundo o qual é preciso superar, na teoria marxista, a proposição de “infraestrutura determinante”, vulgarmente entendida como toda base “real e material” onde as relações sociais se estabelecem, e “superestrutura determinada”, concebida como todo o conjunto de representações que, derivadas diretamente dessa infraestrutura dariam lugar para o que chamamos de leis, política, religião, cultura entre outros. Tendo em vista que o resultado dessa proposição significa a redução mecânica de toda a construção da realidade social a uma relação linear de “causa e efeito.”

De acordo com R. Willians, o que Marx buscou compreender nas formações sociais modernas foi como e por que a categoria econômica se tornou, sobremaneira, determinante nas relações sociais no mundo capitalista mais do que em qualquer outra sociedade. Ou seja, quando Marx trata das transformações advindas da ascensão da burguesia e, simultaneamente, do dismantelamento das sociedades feudais, uma de suas finalidades é observar como os diferentes valores e significados que antes faziam parte das estruturas orgânicas da sociedade começam a ser subtraídos frente às relações monetárias e de troca, em meio a esse processo, ele procura sublinhar como se desenvolveram também as transformações vividas no conjunto dos valores sociais e morais que dão organicidade para as novas formações sociais sob o capitalismo.

Ainda em relação aos problemas derivados de uma leitura economicista das reflexões de Marx, Willians reproduz a carta de Engels a Bloch em 1890, onde este escreve:

Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. Mais do que isso, nem Marx nem eu jamais afirmamos. Portanto, se alguém torce o que dissemos para afirmar que o elemento econômico é o único elemento determinante, transforma essa proposição numa frase sem sentido, abstrata, absurda. A situação econômica é a base, mas os vários elementos da superestrutura – formas políticas de luta de classe e seus resultados, ou seja, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa depois de uma batalha bem-sucedida, etc., formas jurídicas, e até mesmo os reflexos de todas essas lutas práticas nos cérebros dos participantes, teorias políticas, jurídicas, filosóficas, opiniões religiosas e seu desenvolvimento em sistemas e dogmas – também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, são preponderantes na determinação de sua forma. Há uma interação de todos esses elementos na qual, em meio à interminável sequência de acidentes (isto é, de coisas e eventos cuja interligação íntima é tão remota, ou impossível de demonstrar que a podemos considerar como inexistente, desprezível), o movimento econômico finalmente se firma como necessário. De outro modo, a aplicação da teoria a qualquer período da história seria mais fácil do que a solução de uma equação simples de primeiro grau¹³.

Dessa forma, Willians está chamando atenção para o fato de que, ao contrário da proposição original de Marx e Engels, as categorias de superestrutura e infraestrutura nunca foram utilizadas como conceitos abstratos que se sobrepõem à necessidade de realização do processo social dinâmico. Pensar na “infraestrutura e a superestrutura como se fossem entidades concretas separáveis é perder de vista os próprios processos – não relações abstratas, mas processos constitutivos – que o materialismo histórico deveria ter, como sua função especial, ressaltado”¹⁴. Neste sentido,

Só quando compreendermos que ‘a base’, com a qual é comum relacionar as variações, é em si mesma um processo dinâmico e internamente contraditório – as atividades específicas e os modos de atividades, que vão de associação a antagonismos, dos homens reais e de classe de homens – que podemos começar a nos libertarmos da noção de uma ‘área’ ou ‘categoria’ dotada de certas propriedades fixas para dedução dos processos variáveis de ‘superestrutura’. A rigidez física dos termos exerce uma pressão constante contra essa compreensão¹⁵.

Dessa maneira, é preciso compreender que o que deve ser estudado não é “a base” e/ou “a superestrutura” separadamente, mas os processos reais específicos e indissolúveis dentro de uma sociedade. Para isso, é necessário procurar entender a ideia complexa de

¹³WILLIANS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. RJ. 1979. p.83-84.

¹⁴Idem.p.85.

¹⁵Ibidem.p.86.

determinação que, segundo R. Willians, constitui-se como um dos problemas mais difíceis da teoria cultural marxista:

Segundo seus adversários, o marxismo é uma teoria necessariamente redutiva e determinista: nenhuma atividade cultural tem realidade e significação em si mesma, mas é sempre reduzida a uma expressão direta ou indireta de um fator econômico que a precede e controla, ou de um conteúdo político determinado por uma posição ou situação econômica¹⁶.

Seguindo essa lógica, devemos saber distinguir entre uma ideia abstrata de determinismo e o determinismo proposto pela leitura de Marx e Engels. No determinismo abstrato se pressupõe a impotência dos participantes na ação, ou seja, é o mesmo que, dizer que independentemente da vontade dos homens e mulheres, temos relações fixas e imutáveis e, não importa o que fazemos, essas relações não vão mudar. Na concepção de Marx, evidencia-se a ideia de determinismo sob um ponto de vista dinâmico mutável e em constante transformação, ou seja, os sujeitos sociais históricos são quem constroem suas relações sociais. No entanto, como assinalado por Marx, não a constroem necessariamente de acordo com seus desejos e vontades, mas a constroem dentro de relações determinadas. Isso quer dizer que existem limites de diferentes ordens (políticos, sociais, culturais, morais e econômicos) que estruturam as formas de organização da vida em sociedade, entre a vontade e as condições de realizá-las. De acordo com R. Willians, Marx nos lembra que:

“Nós mesmos fazemos a história, mas, em primeiro lugar, sob pressupostos e condições muito definidas”. Isso reestabelece, em contraposição à evolução alternativa, a ideia da agência direta: “nós mesmos fazemos a história”. Os pressupostos e condições “definidas” e “objetivas” são, portanto, os termos condicionadores dessa agência: de fato, “determinação” é vista como “fixação de limites”.

A diferença radical entre “determinação”, nesse sentido, e “determinação” no sentido das “leis” de todo um processo, sujeito a desenvolvimento inerente e previsível, não é difícil de perceber, mas pode passar despercebida nos variáveis sentidos de “determinar”. A questão chave é a proporção em que as condições “objetivas” são consideradas como externas. Já que, por definição no marxismo, as condições objetivas são, e só podem ser resultados de ações humanas no mundo material, a distinção real só se pode fazer entre objetividade histórica – as condições em que, num

¹⁶Ibidem. p.86.

momento particular do tempo os homens nascem, portanto condições “acessíveis” nas quais ingressam – e a objetividade abstrata, na qual o processo “determinante” é “independente de sua vontade”, não no sentido histórico que herdamos, mas no sentido absoluto de que não podem controlar: só podem procurar compreendê-la e orientar suas ações de acordo com essa compreensão.¹⁷

Dessa forma, é importante salientar que, a devida compreensão da proposição da análise materialista, desenvolvida por Marx e Engels, é essencial para reestabelecer o debate que se desenvolve no campo das ideologias políticas, conjunto que aparece separado dos processos sociais reais de produção e reprodução do capital. Ao transformar as disputas político-ideológicas em uma questão de “opinião”, cria-se a impressão de que o conjunto de valores políticos, sociais, morais ou mesmo os sentimentos de amor e ódio que emergem em meio a estas disputas sejam considerados elementos independentes dos processos reais de produção material da vida.

Em outras palavras, procura-se passar a impressão de que estamos diante de simples disputas de narrativas, com vistas a condicionar o embate ideológico, travado em torno de diferentes projetos sociais, a insignificantes disputas de “opinião pessoal”, de “certos” e “errados”, de “bons” contra “maus”, sem o estabelecimento da devida explicação de como esses valores se manifestam e interferem na estruturação da vida real, influenciando sua produção e sendo, ao mesmo tempo, expressão desta.

Segundo Williams, é preciso compreender que a ideia original de “produção material” não significa apenas o momento da produção de mercadorias, como se costumou entender as relações sociais sob o capitalismo, onde a produção *do* e *para* o mercado criam a impressão de haver uma atividade própria e independente da vontade e ação diretiva dos homens na realidade. A questão da “produção material” está ligada, portanto, tanto às necessidades vitais de cada sociedade como às condições de sua reprodução. Nesse sentido, consiste em produção material também a política e toda a ordem social que dela deriva.

(...) qualquer classe dominante, de várias maneiras, mas sempre materialmente, produz uma ordem social e política. Tais atividades não são nunca superestruturais. São a produção material necessária dentro da qual só um modo aparentemente auto-subsistente de produção pode ser realizado¹⁸.

¹⁷ Ibidem.p.89.

¹⁸ Idem.p.96.

Nesse sentido, queremos pontuar aqui que entendemos a emergência das novas direitas no Brasil como sendo parte das disputas ideológicas promovidas por diferentes frações de classe, que buscam incessantemente a afirmação de sua alternativa como a mais capacitada para promover o desenvolvimento humano, político e social diante de um momento de crise. Entendemos que reduzir o debate político a um mero jogo de “opiniões individuais” é uma forma de alienar os sujeitos sociais coletivos da participação consciente na construção da vida pública e retirar o poder que a política propicia enquanto instrumento privilegiado de intervenção no real. O desgaste e a descrença na política, na democracia, bem como nos espaços históricos de organização da luta popular se constituem também como parte da estratégia das classes dominantes para deslegitimar a ação dos subalternos e reduzir sua força política a questões corporativas. Essa forma de manobra política vem de encontro àquilo que Gramsci denominou de “pequena política”: distanciando e deslegitimando a ação promovida pelas classes subalternas de sua real capacidade de transformação social, as burguesias garantem sua posição de classe dominante. Em suma, é devido a isso que esse intelectual também dizia que ‘fazer pequena política é fazer grande política’, pois até mesmo essas pequenas ações fazem parte, ou melhor, adquirem sentido sob o ponto de vista de uma “política total” e estratégica, na qual se visa sempre uma atuação tática de classe”.

Acreditamos, dessa forma, que é necessário retomar e reestabelecer as diretrizes desse debate e, para tal, buscamos compreender a profundidade da crise vivida no Brasil no início do século XXI, assim como o processo da ascensão de movimentos conservadores, com destaque à chamada nova direita brasileira, conjunto de organizações com fortes características e inspirações fascistas, influências ideológicas que pareciam ter sido superadas e com pouca probabilidade de reaparecer após as experiências catastróficas vividas na Alemanha nazista e no fascismo italiano, os dois exemplos mais clássicos da história.

Para isso, entendemos que é preciso repensar de maneira crítica a respeito do conjunto de questões político-sociais. Em nosso século, há uma insatisfação e um verdadeiro mal-estar que se alastra por todos os poros da vida em sociedade, algo que vem sendo demonstrado pelos mais diferentes agrupamentos sociais. Nosso objetivo, diante desse quadro, é buscar apreender as interconexões existentes entre as transformações que vêm ocorrendo no campo dos costumes e os embates de projetos

hegemônicos que têm se desenhado em nosso tempo, ou seja, algumas maneiras pelas quais se manifesta a luta de classes no capitalismo contemporâneo.

Um exemplo bastante palpável desse mal-estar social contemporâneo pode ser percebido através da proliferação de coletivos que se autodenominam “alternativos” nas redes sociais na internet. Esses coletivos têm posto em discussão um conjunto de pautas que emergiram, em um primeiro momento, como pautas de ordem “subjetiva/individual”, construindo espaços (ciberespaços) que permitem a manifestação tanto de protestos quanto de “novos costumes”, através da manifestação de novas formas desejadas de manifestar *o Ser*. Costumes que aparecem como isolados, ou melhor, “independentes” de questões mais amplas e gerais, isto é, alheios às dinâmicas coletivas e estruturais da sociedade.

Tudo isso se faz presente em espaços de apoio mútuo, nos quais se procura responder e enfrentar de maneira “alternativa” e “positiva” as pressões sociais experimentadas (pela criação de padrões de beleza, questões de gênero e de raça, por exemplo), construindo *microalternativas* para enfrentar essas imposições históricas, como é o caso da busca de uma alimentação saudável e “natural” frente à indústria alimentícia, atuação sustentada por grupos veganos e até por ambientalistas que procuram desenvolver projetos mais sustentáveis de desenvolvimento humano. A variedade desses agrupamentos é enorme, de modo que cada um deles merece atenção e estudo especial para a compreensão de sua diversidade real, do emaranhado de formas de ser que compõe a cultura das novas gerações. Estamos mencionando aqui apenas os agrupamentos que estão orbitando o mais próximo possível de nosso objeto de estudo, a “nova direita”, e que, de alguma forma, mantêm relações com ela, seja para reprovar suas alternativas ou para endossá-las, como veremos adiante.

O que importa destacar é que esses coletivos têm trabalhado uma infinidade de questões pontuais e imediatas que incidem diretamente na conformação de novos modos de vida, novas culturas e novos padrões de consumo. No entanto, o que pretendemos sublinhar é o fato de que esses coletivos, que em sua grande maioria se apresentam e se pretendem autônomos e independentes, acabam, mesmo nas redes sociais na internet chocando-se com as contradições e os limites existentes de nossa estrutura social (modelo de produção capitalista) para pôr em prática uma proposta “alternativa” de vida. Dito de outro modo, a forma com que organizamos a vida em sociedade é também reproduzida,

em alguma medida, nesses ciberespaços: a internet é um lugar vasto e amplo de possibilidades mas é também demarcada e delimitada por complexas relações de poder¹⁹.

Muitos desses coletivos, ao enfrentarem as dificuldades concretas de viver uma/sua “livre escolha” passam a desenvolver importantes críticas ao modelo de produção dominante. Um número significativo entre eles tem desempenhado importantes papéis nas denúncias das limitações humanas que nascem da atual forma de organização social sob o capitalismo. Se não é possível dizer que esses coletivos sejam todos declaradamente anticapitalistas, é possível afirmar que grande parcela deles desenvolvem importantes críticas antissistêmica. Estando diretamente ligados a um conjunto de *desejos imediatos*, esses coletivos têm demonstrado um importante potencial orgânico na conformação de modos de pensar e estilos de vida, a partir das redes sociais na internet.

Porém, ao se chocarem com as contradições de um sistema capitalista totalitário e aparentemente invencível (“só o capitalismo é possível”), as iniciativas mais criativas e espontâneas acabam por se confrontar com um conjunto de pressões e limites que impedem a realização de sua “livre escolha”, ou seja, da forma que escolheram se manifestar e viver sua realidade. De qualquer maneira, afrontando um dos principais pilares ideológicos que sustentam a produção e reprodução do capitalismo (a ideia abstrata de “liberdade de escolha”), ocorre um processo de questionamento profundo da ordem estabelecida.

Compreender como o conjunto de valores particulares que compõem nossa personalidade (opiniões, gostos, alimentação, em suma, nosso modo de vida) estão diretamente imbricados com diferentes interesses (políticos, econômicos e de classes) é essencial para entendermos a formação de um exército de seres humanos frustrados e castrados em seus desejos, que se encontram diretamente condicionados às imposições e necessidades do capital e à realização dos desejos de *outro* (das classes dominantes). A leitura dessa dinâmica é também fundamental para compreendermos a ascensão dos grupos da nova direita no Brasil que, ao apresentarem projetos de sociedade sistematizados e, segundo eles, os únicos “possíveis”, buscam se apresentar como os agentes capazes de dar respostas concretas a esse mal-estar sentido em nossa sociedade. Para isso, esses agrupamentos buscam capitanear e organizar os setores sociais que

¹⁹Pretendemos discutir melhor sobre a questão do ciberespaço e as formas de privatização e comercialização da internet no **Capítulo 3** deste trabalho. Defendemos a ideia de que existe um processo de “cercamento” de espaços também na “galáxia da internet”, para usar uma expressão de Pierre Lévy.

desordenadamente protestam contra o sistema e procuram apresentar uma visão “radicalizada”, principalmente contra a corrupção e a política vigente, criando a impressão de que essa nova direita é também antissistêmica.

Seguindo essa argumentação, entendemos que é preciso compreender os agrupamentos humanos em suas múltiplas formas de manifestar *o Ser* para que possamos perceber os elementos novos que compõem, de fato, uma cultura e um pensamento e que fazem também se tornar explícitas as crises sociais de seus contextos. Pensando *o Ser* nesses espaços “alternativos”, lugar em que a educação das novas gerações tem, em alguma medida, sido forjada, espaços que frustrações de todo o gênero têm alguma condição de serem “liberadas”, de modo que os sujeitos se sintam desbloqueados de muitos de seus receios ao encontrarem vazão, ou seja, ao se conectarem com outras pessoas que compartilham de sentimentos e impressões parecidas, procura-se trabalhar essas demandas coletivamente. Essa experiência coletiva em rede, porém, tem se chocado diretamente com as estruturas rígidas de nossa forma de organização social, como já mencionamos.

Expressivo desse quadro é a multiplicação de páginas no *Facebook* com características de entretenimento que são constantemente divulgadas e criadas como simples formas de passar o tempo e de se distrair. Porém, se analisarmos e investigarmos o conteúdo compartilhado nessas páginas, é possível perceber que grande parte das publicações (*posts*) compartilhadas nessas páginas, não trata de puro entretenimento. Seu conteúdo, muitas vezes cômico e irônico, funciona como espécie de “protesto”, muitas vezes inconsciente, na medida em que não são necessariamente pensados e sistematizados em toda as suas imbricações.

A multiplicação de memes²⁰ nas redes sociais, misturando e distorcendo imagens clássicas, como a de antigos filósofos gregos, com mensagens engraçadas e uma linguagem comum, porém bastante inteligente, tornou-se popular e, importa notar, não se trata apenas de puro entretenimento. Cada meme produzido na internet revela um

²⁰ Pretendemos desenvolver esse debate mais profundamente no terceiro capítulo: “O conceito de meme foi introduzido na literatura por Richard Dawkins, em sua obra ‘O gene Egoísta’, de 1967 O autor compara a “evolução cultural” com a “evolução genética”, definindo o meme como o “gene da cultura”, conjunto de hábitos que se perpetua através de seus replicadores: os seres humanos. BARRETO. Kricia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet: uma interface entre práticas rituais e estudos de face.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração em linguagem e sociedade. 2015.

importante conteúdo. Muitas vezes, despontam as insatisfações e o mal-estar vivido em nosso tempo, indicando angústias, dramas familiares, pressões sociais enfrentadas no trabalho, na universidade, no estágio, assim como a falta de estabilidade econômica vivida por essa nova geração, que enfrenta altos índices de desemprego combinado com o desmantelamento dos direitos sociais trabalhistas. Tudo isso destitui os jovens de nosso tempo de praticamente qualquer garantia de estabilidade futura e de segurança.

Em outros termos, existe uma infinidade desses memes que descortinam a carência afetiva em que parcelas significativas da sociedade se encontram mergulhadas, e algo que ajuda a explicar, por exemplo, a produção de milhares de mensagens motivacionais que são proliferadas nas redes sociais, expressas como alternativas e soluções para os problemas do dia a dia. Enfim, essa insatisfação cotidiana, que produz em torno de si milhares de avaliações e reflexões atomizadas, está em constante disputa na sociedade civil.

Mas por que é importante buscar esses elementos? Nossa sugestão é a de que, eles dizem respeito a um conjunto de sentimentos e frustrações que expressam um mal-estar social contemporâneo e, por conseguinte, uma crise no campo dos valores humanos. Essa compreensão é de suma importância para refletirmos também a respeito da emergência das novas direitas no cenário nacional e a respeito de como seus agrupamentos também buscam dar respostas e organizar esse quadro de insatisfação geral que se manifesta principalmente na juventude, materializando-se nas redes sociais, ou seja, a proposta é investigar de que maneira se desenrolam as disputas ideológicas e de projetos de sociedade em torno dessas questões.

Historicamente, o projeto de sociedade socialista não teve capacidade de capturar a emergência dessas sempre “novas” demandas cotidianas em sua imediaticidade e de construir respostas satisfatórias para os problemas imediatos mais subjetivos, em termos gramscianos, não conseguiu construir a nova hegemonia. O conjunto de reflexões críticas que nascem no seio desses agrupamentos, que se pretendem alternativos e independentes, está em constante disputa e monitoramento, basta pensarmos o potencial de coleta e armazenamento de dados de uma rede como o *Facebook*. Quando algum desses grupos se destaca e começa a ganhar força, exercendo grande influência, a tendência é que pouco a pouco essas páginas “independentes” sejam incorporadas e (re)significadas nos marcos do capitalismo empresarial que, na melhor das hipóteses, tende a reduzir seu alcance a um nicho cultural bastante restrito ou a uma estante de autoajuda.

No mesmo sentido, outro elemento que revela esse mal-estar social e a falta de perspectiva vivida no início do século XXI é a crescente procura por rituais de cura e terapias holísticas de diferentes matrizes culturais e até religiosas, que vão desde o uso de plantas milenares, tradicionalmente entendidas como “plantas sagradas”, até a proliferação de institutos “especializados” em psicodramas, constelações familiares, entre outras atividades que até pouco tempo atrás se encontravam mais ou menos restritas ao domínio de pessoas especializadas, que adquiriam esse conhecimento de seus antepassados ou da vivência em comunidades locais. A crescente procura por essas *atividades de cura*, por um lado, tem revelado um importante movimento de busca por autoconhecimento, ação que se revela questionadora da realidade, mas que, por outro lado, tem reduzido essa busca a esferas de relações comerciais, descaracterizando completamente a “proposta original” do uso desses recursos, que se definem prioritariamente pela necessidade de (re)integração entre o Homem e a Natureza.

Há nisso pelo menos dois elementos de importância fundamental a serem considerados:

1) A racionalidade dominante até aqui constituída, que garantiu as formas de produção e reprodução do capital, de algum modo, está sendo obrigada a enfrentar seus próprios limites, fazendo com que os sujeitos repensem e reatualizem também suas formas de lidar com seus problemas mais íntimos (interiores), processo que constitui a formação do *Ser social* em nosso tempo.

Essa situação tem sido detectada de maneira mais recorrente pelos profissionais da área das Ciências da Saúde, aqueles que têm se ocupado em traduzir essa questão em estratégias da saúde pública. No dia 12 de março deste ano, o Ministério da Saúde anunciou a inclusão de dez novas práticas alternativas ao Sistema Único de Saúde (SUS), como florais, aromoterapia, bioenergética, constelação familiar e cromoterapia. O anúncio foi feito na abertura do Primeiro Congresso Internacional de Práticas Integrativas e Saúde Pública no Rio de Janeiro. O fato é que essas formas de tratamento, que já vinham sendo oferecidas desde 2006, longe de serem consenso entre os profissionais da Medicina, vêm ganhando cada dia mais espaço²¹. As formas de enfrentamento a essas *epidemias sociais* são também essenciais ao pleno funcionamento da sociedade, pois

²¹ VALADARES, C. *Ministério da Saúde inclui 10 novas práticas integrativas no SUS*. 2018. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42737-ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus>> Acesso em: 10 de junho de 18.

dizem respeito à manutenção da qualidade de vida das pessoas e, em grande medida, à “resolução” dos problemas decorrentes da organização social em que vivemos.

De maneira distinta, há pelo menos 20 anos, os tratamentos disponíveis e majoritariamente aceitos no Sistema Público de Saúde eram todos fundamentalmente baseados na “medicina tradicional ocidental”, comumente chamada de “medicina moderna”, mais precisamente através da intervenção medicamentosa (alopatia) e/ou cirúrgica. Em linhas gerais, esse método de cura é baseado na crença de que as doenças têm origem em “defeitos” do organismo ou, então, que a doença é causada por um processo destrutivo que tem origem em algum agente patogênico específico (vírus, bactéria, fungos, entre outros), de modo que o tratamento é direcionado a curar os sintomas dessas doenças através de algum tipo de intervenção medicamentosa e/ou externa que procura corrigir esse problema ou com vistas a reestabelecer o funcionamento normal do corpo.

Dessa forma, essa perspectiva médica respondeu satisfatoriamente às exigências de nossa sociedade e, em muitos aspectos, é resultado dela. Trata-se do que é necessário tratar com o objetivo de oferecer as condições básicas (e mínimas) para que os indivíduos permaneçam ativos ou, em outros termos, para que eles permaneçam “produtivos”. Esse campo científico tornou-se bastante estratificado, dividido diversos especialistas para cada uma das diversas áreas do corpo humano. Assim é também nosso processo produtivo: estratificado, especializado e alienante de uma compreensão do todo. Nossa opinião é que existe, em nosso século, uma gama de doenças ligadas diretamente ao emocional, difíceis de serem detectadas e classificadas, com destaque para os quadros de depressão, ansiedade, síndrome do pânico e outras doenças psicopatológicas, que parecem não poder serem resolvidas e tratadas a partir dessa metodologia, já limitada para os complexos problemas humanos do século XXI.

O aumento dos casos de depressão no final século XX e início do XXI, entre sujeitos das mais variadas idades, é sintomático desse quadro e, infelizmente, não é nenhuma novidade como os gigantes da indústria farmacêutica se aproveitam da situação para vender cada vez mais medicamentos com soluções “fáceis” e imediatas. Medicamentos como fluoxetina, clonazepam e metilfenidato, tornaram-se populares para o controle da ansiedade e da depressão. O Brasil, segundo a Organização Mundial de Saúde, é tem a população mais deprimida da América Latina e aumentou o consumo de antidepressivos em 74% nos seis últimos anos - as vendas do conhecido Rivotril chegaram

a crescer 775 na última década²². De qualquer modo, o que nos parece um dado relevante nisso tudo é que estamos diante de um esgotamento de certos modelos explicativos e que os seres humanos estão chegando ao limite da sua condição física e psicológica: vivemos em uma sociedade visivelmente doente.

2) O “reconhecimento” dessas limitações tem sido utilizado, por parte das classes dominantes, em suas diretrizes morais e intelectuais, dentro de uma relação pró-capital, ou seja, para potencializar e ampliar a atual estrutura de exploração sobre os trabalhadores, de modo a amenizar e eliminar os problemas que, potencialmente, são questionadores e transformadores da sociedade. Diante da necessidade de reconfigurar e ressignificar os tratamentos de saúde, por exemplo, incorporam-se as “novas técnicas” e antigos saberes populares a uma dinâmica de mercado, subtraindo as possibilidades reais de *cura*, o que faz com que a realização desses tratamentos passem a depender principalmente do poder aquisitivo do paciente, reduzindo a relação a critérios de compra e venda da “felicidade”, intermediada por “clínicas especializadas” que buscam oferecer esses tratamentos a preços exorbitantes, expropriando um conhecimento tradicional dos povos e restringindo esses saberes a “agentes especiais capacitados”.

Todavia, nosso atual contexto não se trata de nenhuma crise inédita e tampouco de um estágio terminal do capitalismo e do conjunto de valores que sustentam as atuais formas de organização da vida em sociedade. Historicamente, as burguesias, enquanto classe dominante, foram capazes de reatualizar suas formas de dominação, de modo que os paradigmas que sustentam e organizam o mundo do capital foram inúmeras vezes questionados, repensados, reestruturados e transformados pelos mais diferentes agrupamentos humanos e sociais, em diferentes tempos e espaços, não sem perdas humanas significativas, para restabelecer a “ordem”. De maneira geral, as mudanças históricas das sociedades, seus valores morais, políticos, religiosos e culturais foram desde tempos remotos objeto de estudo das ciências e da filosofia.

²²Ver: CAMBRICOLI, F. *Brasil registra aumento de 775% no consumo de ritalina em dez anos*. 2014. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-aumento-de-775-no-consumo-de-ritalina-em-dez-anos,1541952>>. Acesso em 05 de julho de 2019.

MORAES, A. L. *Consumo de antidepressivos cresce 74% em seis anos no Brasil*. 2017. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/consumo-de-antidepressivos-cresce-74-em-seis-anos-no-brasil/>>. Acesso em: 05 de julho de 2019.

BELLIENY, N. *Rivotril e seus semelhantes matam mais do que cocaína e heroína*. 2017. Disponível em: <http://www.folha1.com.br/_conteudo/2017/07/blogs/blogninobellienny/1222431-rivotril-e-seus-semelhantes-matam-mais-do-que-cocaina-e-heroina.html>. Acesso em: 05 de julho de 2019.

No entanto, o fato de os atuais problemas da política brasileira não constituírem um fenômeno inédito não deve diminuir sua importância sob o pretexto de que crises de características semelhantes já ocorreram antes em outras partes do mundo²³. Ao contrário disso, entendemos que é justamente pelo fato de crises políticas conjunturais de características semelhantes estarem ocorrendo em nosso século, muitas vezes simultaneamente, incluindo elementos comuns entre elas (como a ascensão de grupos de extrema direita) e pondo em questão convenções sociais básicas como a conquista dos direitos humanos, é que precisamos redobrar a atenção para os “sintomas” desse processo histórico. Nesse sentido, entendemos a emergência de forças conservadoras e de tendências fascistas como sendo também um sinal do esgotamento das possibilidades de desenvolvimento humano sob o capitalismo.

Estamos diante da necessidade de compreensão da natureza desta crise, uma crise que não é só político-ideológica como pode parecer (esquerda x direita), nem é só econômica (crescimentos x refluxos), como pretendem nos fazer crer. Estamos diante da necessidade de investigar e entender como ela se manifesta em nosso dia a dia, em todo o tecido social. Que problemas de nossa atual estrutura social tudo isso revela? Para podermos compreender de fato as interconexões existentes entre a atual crise política brasileira e as formas de organização geral da vida em sociedade, é preciso superar “leituras viciadas” que tendem a olhar para as crises políticas e naturalizar seus sintomas sociais. Várias dessas leituras têm reforçado uma percepção conformista e mecanicista a respeito dos problemas enfrentados no Brasil hoje. Existe uma tentativa de naturalização, de modo que as polarizações políticas entre esquerda e direita são apresentadas como meros reflexos do desenvolvimento do sistema econômico. Por este viés, as relações sociais sob o capitalismo passam a ser vistas como as únicas possíveis, o que acaba por ocultar a dinâmica orgânica da luta de classes.

²³Recentemente os países Europeus como Portugal, Espanha, Grécia, passaram por crises políticas importantes decorrentes da crise capitalista mundial, reestruturando e flexibilizando as relações de trabalho e pressionando para baixo a qualidade de vida dos trabalhadores, com a implementação de planos de austeridade e cortes no orçamento público. Essa situação foi enfrentada diretamente pelos setores populares, o que gerou profundos desgastes político-institucionais e consequente destituição de governantes. Nesses cenários de enfrentamento, observou-se também um crescimento de grupos extremistas de direita. Nos EUA também temos o registro do crescimento de partidos da extrema direita, surgidos em função de situações semelhantes: aprofundamento da crise com os planos de “recomposição econômica” que tendem a espremer a classe trabalhadora e que têm influenciado a polarização das forças políticas que disputam os rumos da sociedade.

Nesse sentido, simplesmente afirmar que a crise política e social que vivenciamos no Brasil hoje é o sintoma de determinado modelo econômico (capitalismo) não resolve em nada a questão. No campo da pesquisa histórica é preciso entender que identificar a “origem” de algo não é explicação suficiente. Marc Bloch, ao tratar do ofício do historiador, fez importante observação a respeito do “ídolo das origens” ou aquilo que ele chama de “a obsessão das origens” nas pesquisas históricas, propondo o seguinte questionamento: “Por origens entenderemos, pelo contrário as causas? (...) no vocabulário corrente, as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar. Eis aí a ambiguidade, o perigo²⁴”. Em resumo, se a origem serve para explicar, ela dispensa um estudo mais aprofundado dos fenômenos que dela se desdobram, como ocorrem e porque ocorrem de certa forma e não de outra. Subentende-se, então, que, através da compreensão desse ponto onde se originam os fatos, encontra-se as causas de todas as consequências que aparecem como decorrência daquele “fato primeiro”, considerado determinante sobre todos os outros elementos.

Para finalizar a explicação desses pressupostos, entendemos que, em função da profundidade, dimensão e velocidade em que esta crise se desenvolve e se desdobra, devemos assumir o compromisso de compreendê-la profundamente em suas diferentes manifestações. Com este trabalho, é visamos contribuir particularmente na esfera da história das ideologias, com a pretensão de construir algumas chaves interpretativas que possam auxiliar na compreensão da complexidade de determinados processos políticos.

1.2 A importância histórica do Partido dos Trabalhadores para formação da identidade política da classe trabalhadora brasileira

Estudar as experiências de governo vividas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) implica, entre outras coisas, ter ciência da importância histórica deste Partido para a formação, enquanto sujeito político e social, do conjunto da classe trabalhadora brasileira. Pensando nisso, desenvolvemos esta seção com o objetivo de analisar de que maneira o Partido dos Trabalhadores se tornou um dos maiores e mais importantes instrumentos de luta, construídos pela e para classe trabalhadora brasileira, entre a segunda metade do

²⁴BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da história ou ofício do historiador**. Publicações Europa-América. 1993, 1997. p. 91.

século XX e o início dos anos de 2000. Compreender esse fenômeno é central para percebermos as influências deste partido no cenário político nacional, na conformação de um certo “senso comum” sobre o que é ser “de esquerda” no Brasil. Para nós, apreender o que se entende por “esquerda” no Brasil hoje é central para entendermos também a polarização política atual, que consiste basicamente na ascensão da nova direita, centrada no antipetismo.

Não há como falar a respeito do Partido dos Trabalhadores sem ao menos uma rápida menção ao contexto histórico em que a organização foi forjada. Fundado oficialmente no dia 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion, em São Paulo, o PT nasceu da emergência das lutas e greves da classe trabalhadora brasileira nos finais da década de 70, em um contexto de violenta repressão, promovido durante anos pela Ditadura civil-militar (1964-1985). O momento político foi de censura para todo grupo de oposição que questionasse o governo²⁵: não havia espaços para divergências com o regime, não havia espaços para reuniões abertas, para atos públicos, não existia liberdade de imprensa nem liberdade de expressão. Em suma, não havia democracia! Foi um momento em que muitas lideranças políticas foram perseguidas, exiladas, torturadas e literalmente eliminadas.

Cabe lembrar que, ao falar de regime militar, estamos tratando de uma rede de sustentação muito mais ampla do que o aparato institucional do Estado e seus governantes. O regime militar brasileiro teve também o apoio de importantes setores do empresariado nacional e internacional, sem os quais teria se tornado insustentável, como bem demonstrou Dreiffus em sua pesquisa sobre o Golpe de 1964, cunhando a expressão “ditadura civil e militar”²⁶, na qual demonstra, conforme as palavras de Calil, a existência de uma “ampla articulação, envolvendo grupos civis e militares, associações da sociedade civil e entidades de classe representativas dos diferentes setores da burguesia brasileira” que deram o suporte necessário a esse regime, beneficiando-se diretamente de “uma nova fase de desenvolvimento do capitalismo brasileiro”²⁷.

²⁵É importante chamar atenção para o fato de que, mesmo durante esse período e com toda a censura imposta aos grupos políticos de oposição, muitos foram os grupos que resistiram e atuaram clandestinamente construindo alternativas importantes contra o regime, como é o caso do PCB (Partido Comunista Brasileiro). O cenário político, naquele momento, foi dominado pelos políticos partidários da ARENA (Aliança Renovadora Nacional, composta pelos militares) e do MDB (Movimento Democrático Brasileiro, partido que abrigava legalmente a oposição ao regime).

²⁶Consultar DREIFUSS, René Armand. 1964: **A conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

²⁷CALIL, Gilberto. **O sentido histórico do Golpe de 1964 e da ditadura e suas interpretações**. p.01.

Compreender que a ditadura militar no Brasil não foi um fenômeno restrito aos poderes do Estado faz toda a diferença para a compreensão da natureza das lutas vividas pelos trabalhadores daquele período, assim como da dimensão dos desdobramentos que se deram a partir de uma pauta que, a princípio, tratava-se apenas de uma reivindicação por reajuste salarial. Será no processo de enfrentamento com o patronato que os trabalhadores começaram a tomar consciência da verdadeira relação existente entre setores da sociedade civil e dos poderes do Estado na sustentação do regime militar. O Estado, nesse momento, atuava abertamente a favor do empresariado, declarando as greves ilegais, usando as Forças Armadas para reprimir a luta dos trabalhadores e executar a prisão de lideranças sindicais. Todo o “aparato legal” do Estado era posto em função e a favor das elites empresariais em nome de uma suposta “ordem social”.

A proposta de um partido *dos* trabalhadores e *para os* trabalhadores foi fruto do entendimento construído em meio a esses amplos e complexos processos de enfrentamento com as classes dominantes e o Estado, de modo que, havia se compreendido a necessidade de construção de um partido que fosse capaz de representar seus interesses enquanto classe. O enfrentamento direto dos trabalhadores através de greves, assembleias e atos públicos, naquele contexto, significou um ato de resistência e rebeldia que rompeu com o silêncio imposto durante anos pelo regime civil e militar. Tratava-se de um ato de enfrentamento contra o governo e contra a política de arrocho salarial que afetava a vida dos trabalhadores e de suas famílias.

Sobre o processo de formação do PT e esse contexto de profunda repressão em que ele foi fundado, E. Coelho estudioso do tema escreve:

O mero fato de haver greves, o seu simples ser, era um acontecimento político relevante num contexto em que o poder ditatorial trabalhava para interditar todas as expressões de conflitos sociais. Ora, precisamente esta interdição – cuja forma jurídica era a legislação antigreve – era frontalmente desafiada pelos trabalhadores mobilizados. E a rebeldia dos trabalhadores não arranhou somente a proibição de greves. Na medida em que lutavam contra o arrocho, os grevistas questionavam simultaneamente a política salarial e a própria política econômica dos governos militares. Que este desafio não tenha sido subestimado pela ditadura fica evidenciado pelas medidas tomadas contra os grevistas – intervenção em sindicatos, prisão de lideranças, apreensão de material de propaganda, censura, interdição de espaços e reuniões e assembleias. No caso das greves dos metalúrgicos do ABC fica evidente que a repressão endureceu a cada nova investida dos trabalhadores, chegando ao ápice na greve de 1980, quando houve vários confrontos de rua entre grevistas e a polícia e quando quase toda

diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo e Diadema, que liderava a mobilização, estava na cadeia²⁸.

Foi assim que, o movimento grevista daqueles anos surpreendeu a ditadura e foi determinante para alterar os rumos da chamada “abertura democrática”. As greves que se iniciaram no ABCD foram de fundamental importância para impulsionar a luta de outras categorias de trabalhadores e também para consolidar as bases do chamado “novo sindicalismo brasileiro”, um sindicalismo que idealizava a independência em relação ao Estado e aos patrões.

Nesse sentido, a formação do PT, enquanto ferramenta política, representou um avanço qualitativo na história da organização política dos trabalhadores brasileiros. Expressão das lutas populares, o partido se propunha a ser um instrumento de organização independente e autônomo das classes trabalhadoras, um *partido de novo tipo*. Tinha o mérito de anunciar, em sua carta de princípios, que seria um partido só de trabalhadores por compreender que, em uma sociedade de classes, “os explorados e oprimidos têm sempre a necessidade de se manter organizados à parte” e em seu Manifesto de fundação, que “a mais importante lição que o trabalhador brasileiro aprendeu em suas lutas é que a democracia é uma conquista, que finalmente, ou se constrói pelas suas próprias mãos ou não virá:

A ideia da formação de **um partido só dos trabalhadores** é tão antiga quanto a própria classe trabalhadora. Numa sociedade como a nossa, baseada na exploração e na desigualdade entre as classes, os explorados e oprimidos têm permanente necessidade de se manter organizados à parte, para que lhes seja possível oferecer resistência séria à desenfreada sede de opressão e de privilégios das classes dominantes. (...)

Mas sempre que as lideranças dos trabalhadores e oprimidos se lançam à tarefa de construir essa organização independente de sua classe, toda sorte de obstáculos se contrapõe a seus esforços. (...). Os trabalhadores entenderam ao longo desse ano de lutas que suas reivindicações mais sentidas esbarravam em obstáculos cada vez maiores, e é por isso dialeticamente que vão sendo obrigados a construir organizações cada vez mais bem articuladas e eficazes.

Diante da força do ABCD, **os patrões e o governo precisaram dar-se as mãos** para impedir o fim da política do arrocho salarial e o fim das estruturas semifascistas que tangem nossos sindicatos. Os patrões usam de todos os meios a seu alcance para quebrar a unidade dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que se recusam a reconhecer os acordos obtidos no período das greves fabris. O governo desencadeia

²⁸COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o Capital**: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998). Tese (Doutorado de História)- Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói 2005.p.36-37.

sua repressão: os sindicatos são invadidos e suas direções destituídas oficialmente, enquanto nas ruas a polícia persegue os piquetes e tenta impedir, pela violência, que os trabalhadores consigam local para se reunirem²⁹.

A reprodução dos documentos de fundação do partido tem o mérito de nos pôr em contato direto com as aspirações dos trabalhadores naquele momento, com seus sonhos, utopias e seus desejos. Nesse sentido, os documentos oficiais são uma espécie de síntese dos momentos de enfrentamentos *externos* e *internos* vividos pelo partido que, embora não nos permitam ter uma dimensão exata das disputas vividas por suas correntes internas³⁰, expressam a forma como o partido foi idealizado em termos de uma visão classe, sendo isso o que nos interessa para os propósitos deste trabalho. Está configurado ali, de maneira clara e precisa, o entendimento construído pelos próprios trabalhadores de como e do porquê da necessidade de um partido dos trabalhadores. Em outros termos, esses documentos nos põem em contato com um registro do sentimento de classe que unificava os trabalhadores naquele momento em oposição a seus patrões e ao regime ditatorial. O PT era um partido que auxiliava nesse processo de identificação dos trabalhadores enquanto classe, apresentando-se como sujeito coletivo, fundamentalmente viabilizado pela compreensão do papel produtivo que esses sujeitos desempenham na sociedade.

Essa compreensão sobre a importância do papel que desempenhavam no processo produtivo foi o que criou as condições para que os trabalhadores se sentissem capazes de enfrentar o regime de censura imposto pelo governo e os patrões. Ao se perceberem coletivamente, esses sujeitos encontravam a força necessária para desafiar a ordem capitalista e sustentar suas reivindicações por melhores condições de vida. Não se tratava mais de indivíduos isolados e atomizados, mas de uma classe atuando coletivamente em um partido. Estava ali formulado o entendimento de uma consciência de classe dos trabalhadores. Uma consciência histórica, que expressa o entendimento particular sobre uma dada configuração social e sobre a dinâmica dos conflitos de classe vividos naquele momento.

O partido era, assim, a forma como essa consciência era manifestada e organizada por seus pares. Um partido que sabia de seus propósitos e dos empecilhos a serem

²⁹Carta de princípios “Anterior ao Manifesto de fundação do Partido dos Trabalhadores, a carta de princípios foi lançada dia 1º de maio de 1979.”

³⁰ Como bem lembrado por E. Coelho em sua Tese de Doutorado acima citada.

enfrentados, que soube identificar seus opositores (patrões e Estado) e que, em função dessa compreensão, não podia mais aceitar alianças com outras classes, porque tinha clareza da incompatibilidade entre seus interesses. O PT, dessa forma, teve o mérito de ser um partido classista.

O Partido dos Trabalhadores nasce da vontade de independência política dos trabalhadores, já cansados de servir de massa de manobra para os políticos e os partidos comprometidos com a manutenção da atual ordem econômica, social e política. Nasce, portanto, da vontade de emancipação das massas populares. Os trabalhadores já sabem que a liberdade nunca foi nem será dada de presente, mas será obra de seu próprio esforço coletivo. Por isso protestam quando, uma vez mais na história brasileira, vêm os partidos sendo formados de cima para baixo, do Estado para a sociedade, dos exploradores para os explorados. Os trabalhadores querem se organizar como força política autônoma. O PT pretende ser uma real expressão política de todos os explorados pelo sistema capitalista. Somos um Partido dos Trabalhadores, não um partido para iludir os trabalhadores. Queremos a política como atividade própria das massas que desejam participar, legal e legitimamente, de todas as decisões da sociedade. O PT quer atuar não apenas nos momentos das eleições, mas, principalmente, no dia-a-dia de todos os trabalhadores, pois só assim será possível construir uma nova forma de democracia, cujas raízes estejam nas organizações de base da sociedade e cujas decisões sejam tomadas pelas maiorias. Queremos, por isso mesmo, um partido amplo e aberto a todos aqueles comprometidos com a causa dos trabalhadores e com o seu programa. Em consequência, queremos construir uma estrutura interna democrática, apoiada em decisões coletivas e cuja direção e programa sejam decididos em sua base³¹.

Como já mencionado anteriormente, o que nos importa é destacar a importância e a influência da presença histórica do PT para formação da identidade da classe trabalhadora no Brasil. Retomar essa discussão, mesmo que brevemente, funciona quase que como um exercício de memória, quando procuramos olhar para trás, para melhor compreender os elementos do presente. Com isso em mente, é preciso esclarecer também nossa opção ao “recuperar” a trajetória do partido e de reivindicar sua memória através da reprodução de partes dos seus principais documentos de fundação.

Embora os documentos em questão sejam significativamente conhecidos pelos estudiosos dos movimentos sociais no Brasil, a intenção aqui é invocar a memória da classe trabalhadora a partir do que ela escreveu sobre si mesmo, construindo seus próprios símbolos e atribuindo a eles seus significados históricos. Cabe destacar que os

³¹Manifesto de Fundação do Partido dos Trabalhadores: “Aprovado pelo Movimento Pró-PT, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion (SP). p.2.

pesquisadores da área são unânimes em reconhecer a influência do PT para formação da identidade de classe dos trabalhadores brasileiros, formação que foi também marcada pelo apoio mútuo de organizações como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a União Nacional dos Estudantes (UNE), movimentos que historicamente foram centrais no enfrentamento às desigualdades sociais vividas no Brasil e particularmente importantes no processo de luta contra o regime ditatorial.

É verdade que o partido não é apenas sua sigla e que seus documentos oficiais não dão conta de expressar detalhadamente a dinâmica de suas disputas *internas* e *externas* como bem colocou E. Coelho em sua tese de doutoramento “Uma esquerda para o capital”. No entanto, a recuperação dessa memória através dos documentos de fundação do partido tem exatamente a intenção de enfatizar esse momento de síntese, em que se produziu coletivamente uma dada consciência de classe³². O que importa aqui é sublinhar a formação de uma identidade de classe que nasceu em meio à ascensão das greves operárias e que passou a movimentar diferentes categorias:

As greves e a intensificação das lutas sociais não apenas trouxeram novos sujeitos para cena pública: de fato, como momentos de rica *experiência*, estes eventos forjaram novos sujeitos coletivos, isto é, provocaram a reelaboração de laços de identidade de classe. Se a história da classe trabalhadora é, como ensinou Thompson, a própria história do seu fazer-se, através da experiência, aquele contexto abriu enormes espaços para as experiências de classe. De modo semelhante ao campesinato francês do século XIX analisado por Marx, também os trabalhadores são e não são uma classe – o que é um modo de dizer que a classe está, em cada momento histórico, tensionada por fatores que pressionam pela sua construção e, simultaneamente, por outros que, sendo também decorrentes das condições de classe, dificultam sua emergência como sujeito coletivo ativo. Na medida em que estão submetidos à exploração do trabalho pelo capital e compartilham coletivamente as dimensões da vida social decorrentes desta determinação, são uma classe. Mas na medida em que, sob certas

³² “A história de um partido, porém, não é apenas a ‘narração da vida interna de uma organização política, de como ela nasce, dos primeiros grupos que a constituem, das polêmicas ideológicas através das quais se forma o seu programa e sua concepção do mundo e da vida’. A ‘moldura do quadro’ tem que ser mais abrangente, se o objetivo não é apenas o de escrever uma crônica histórica, mas o de interpretar a história do partido. A ‘história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social’. Mas, uma vez que os grupos ou classes sociais não existem fora do ‘quadro global de todo o conjunto social e estatal (e, frequentemente, também com interferências internacionais)’, pode-se dizer que ‘escrever a história de um país a partir de um ponto de vista monográfico, pondo em destaque um de seus aspectos característicos’ GRAMSCI, A. apud COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o Capital: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998)**. Tese (Doutorado de História)- Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói 2005.p.26.

circunstâncias, permanecem atomizados, sem estabelecer vínculos de unificação das suas lutas e sem constituírem um sujeito coletivo, nesta medida não são uma classe. Aquele foi um contexto em que, na classe trabalhadora, iniciou-se um movimento de unificação e organização política nacional, isto é, uma trajetória na qual ela tornava-se classe, neste segundo critério de Marx. As grandes lutas sociais desencadearam processos que permitiram a formação de sujeitos através de dois dos seus efeitos principais: a demarcação do campo de posições do adversário (e a visualização de quais sujeitos ocupavam aquelas posições) e, simultaneamente, o estabelecer de vínculos de solidariedade e cumplicidade. Uma das dimensões cruciais da experiência é o processo de construção de sentido por parte dos sujeitos. Ora, o sentido maior atribuído pelos movimentos à sua própria prática era o de que aquelas eram *lutas da classe trabalhadora*. O novo sujeito, que emergia da experiência das lutas, reconhecia a si mesmo como classe trabalhadora e sublinhava esta identidade ao apresentar-se na cena pública. A percepção dos conflitos em que estavam inseridos era orientada por este princípio demarcatório: adversários e aliados eram distribuídos ao longo da linha que demarca a luta dos trabalhadores contra patrões, ou contra o governo dos patrões³³.

Queremos, sobretudo, chamar atenção para o *poder* que a compreensão sobre essa consciência de classe proporcionou ao longo da trajetória dessas lutas e como, ainda hoje, a memória produzida pelos trabalhadores sobre si mesmos tem capacidade de influenciar a realidade. Estamos propondo isso porque entendemos que essa rememoração é de fundamental importância para pensarmos nossa atual condição enquanto sujeitos históricos e sociais e também para percebermos o quanto essa compreensão se modificou ao longo da história do Partido, passando por um longo processo de “transformismo” que, pouco a pouco, foi reconfigurando essa consciência que o partido tinha sobre si mesmo, bem como sua atuação no cenário político nacional. Fruto de um conjunto de disputas *internas e externas*, os integrantes do PT foram abandonando a prática combativa em nome do interesse dos trabalhadores e minando as bases de sustentação de sua própria identidade de classe, para se “transformarem” em uma “esquerda para o capital”, como denominou E. Coelho, na obra acima citada, ao tratar da prática de um partido que nasce no seio da classe trabalhadora e se utiliza dessa identidade para implementar um programa que vai na contramão dos interesses dessa mesma classe.

Dessa forma, importa chamar especial atenção para o momento histórico e social em que escrevemos essas linhas e que reivindicamos essa memória: estamos atualmente

³³COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o Capital**: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998). Tese (Doutorado de História)- Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói 2005. P.47.

enfrentando um avanço de forças políticas sociais conservadoras que têm se ocupado sistematicamente em minar e destruir tudo que diz respeito à histórica luta das classes trabalhadoras brasileiras, incluindo seus espaços de memória. O fato desses espaços de memória e dos sentidos a eles atribuídos estarem sendo sistematicamente alvos de ataques por parte de grupos conservadores, com destaque especial para os agrupamentos da chamada “nova direita” brasileira (principalmente por meio do antipetismo), por um lado, diz respeito à importância histórica que esse partido teve na formação da identidade de classe dos trabalhadores brasileiros e, por outro, tem a ver com o poder que emerge da classe trabalhadora enquanto sujeito coletivo quando consciente de si. Isso, de certa forma, explica o fato da classe trabalhadora organizada ser constantemente apresentada como uma ameaça à ordem social vigente. Porque, de fato, os trabalhadores organizados em função de seus próprios interesses de classe são capazes de pôr em risco a estrutura orgânica de dominação burguesa tal como ela se apresenta.

Não obstante, é imprescindível distinguir entre as *críticas progressistas* e anticapitalistas, que apontam para os limites concretos existentes na proposta de transformação anunciada pelos governos petistas e que, sobretudo, consistem em denunciar o projeto de colaboração de classe promovido pelo PT, da propaganda antipetista agitada pelas forças políticas conservadoras da nova direita, que representam, basicamente, uma tentativa sistematizada de deslegitimar toda e qualquer alternativa “à esquerda”, de construção de um projeto popular para além do capitalismo. O conjunto de argumentos mobilizados nos últimos tempos por essa nova direita para combater o petismo tem o objetivo claro de impedir qualquer possibilidade de construção de um projeto futuro independente da classe trabalhadora e grande parte dos seus esforços está sendo dedicado a demonstrar a “natureza corrupta da esquerda”, de maneira geral.

O que chamamos aqui de *crítica progressista*, conjunto de argumentos que têm o sentido de apresentar os limites existentes no projeto de transformação social anunciado pelo PT, é uma avaliação ampla e complexa que busca levar em consideração todo processo histórico de “transformismo” vivido pelo Partido ao longo de sua trajetória, perspectiva em que se visa compreender o longo, porém já (previamente) anunciado, processo de abandono de um projeto de sociedade autônomo e independente da classe trabalhadora. A esse respeito, E. Coelho é implacável ao demonstrar que as bases desse processo de transformação já vinham sendo longamente anunciadas na trajetória do

partido. Segundo o autor, esse conceito de “transformismo” pode ser definido sinteticamente da seguinte forma:

1) absorção, em caráter individual ou ‘de grupo’ e obtida por diferentes ‘métodos’, de intelectuais (‘elementos ativos’) das classes subalternas pelas classes dominantes. Nele estão implicados: 2) a modificação ‘molecular’ dos grupos dirigentes, sua ampliação e 3) a produção da desorganização política das classes subalternas. A concepção do transformismo como mecanismo de atração de intelectuais exige, por fim, que se considere 4) poder de atração de cada classe, que varia principalmente em função da sua ‘condensação ou concentração orgânica’.

O aspecto determinante do transformismo das duas tendências petistas foi a *dissolução dos vínculos orgânicos com a classe trabalhadora*. (...) organizar a classe como sujeito político independente deixou de ser um objetivo dos seus projetos políticos. Não se pode mais atribuir à esquerda a condição de intelectual orgânico da classe trabalhadora se a tarefa essencial de realizar a organização política desta classe através do ‘espírito de cisão’ foi recusada por ela. Por outro lado, com seu novo projeto político, a esquerda se colocou no terreno da concepção burguesa de mundo, isto é, passou a atuar, na prática, como intelectual ou elemento ativo, da classe dominante³⁴.

Sem deixar de levar em consideração o processo de transformismo vivido pelo PT, recuperar aqui a importância de sua trajetória de luta é, em alguma medida, reafirmar o *sentido histórico progressista* que as lutas da classe trabalhadora e dos movimentos populares tiveram naquele contexto para a construção e ampliação da democracia no Brasil, tal como a entendemos hoje, fruto do enfrentamento travado contra o patronato e o Estado.

Muito nos importa sublinhar essa questão por entendermos que estamos diante de uma ofensiva ideológica sistematizada e poderosa, instrumentalizada de diferentes formas por uma nova direita que se propõe ser atuante e “combativa” em nome de seus interesses e que, ao revisitar os espaços de memória produzidos pela classe trabalhadora, procura disputar os sentidos históricos construídos pelos trabalhadores em meio aos processos aqui referidos. Essa *luta pelo passado* se dá de diferentes formas, uma delas, que diz respeito diretamente aos propósitos de nosso trabalho, é a constante investida, por parte dos intelectuais dessa nova direita, em reforçar e legitimar suas próprias visões se valendo de autores revisionistas a respeito do período da Ditadura civil e militar vivida no Brasil, com base em interpretações que buscam minimizar os efeitos desse regime, apresentando-

³⁴COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o Capital**: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998). Tese (Doutorado de História)- Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói 2005. p.445-466.

o como sendo um período positivo em termos de “estabilidade” e crescimento econômico, em uma construção discursiva que busca o apagamento dos conflitos sociais da história brasileira, expressa pela categoria “Ditabranda”. Como demonstrou C. Silva, em seu estudo *Imprensa e construção social da “Ditabranda”*³⁵, emergiu nos últimos anos uma historiografia que busca a “responsabilização da esquerda pelo Golpe de 1964”, a qual apresenta uma “visão positiva em relação a uma fração dos golpistas identificados como ‘moderados’, e na desqualificação da resistência armada à ditadura e na visão acrítica acerca do processo de transição conservadora conduzido por integrantes do governo ditatorial”, como bem demonstrado também por G. Calil em sua pesquisa acerca desse revisionismo na obra de Elio Gaspari³⁶.

Tratam-se de diferentes maneiras de deslegitimar a trajetória de luta da classe trabalhadora brasileira e, pouco a pouco, impor uma derrota a qualquer possibilidade de construção de um projeto autônomo dos trabalhadores que, embora não estejam reduzidos à história do PT, encontram-se diretamente ligados a ela, como buscamos demonstrar anteriormente, de modo que é preciso disputar o sentido histórico desse enfrentamento que se produz em cada época em diferentes frentes. Tomando mais uma vez os estudos de E. Coelho como referência, é preciso levar em consideração que o abandono do projeto classista vivido pelo PT sofreu influência também do processo de desmantelamento do socialismo na antiga União Soviética e o chamado fim do “socialismo real”, que ficou marcado emblematicamente pela queda do Muro de Berlim em 1989, repercutindo diretamente nas formas de pensar a política por parte das classes trabalhadoras em todos os lugares em que havia horizontes para a construção de um novo modelo de sociedade. A partir disso, a queda do Muro de Berlim foi anunciada por muitos como a derrota do socialismo e a vitória do capitalismo como única possibilidade de desenvolvimento humano e social, atingindo diretamente os intelectuais compromissados com a construção do socialismo também no Brasil.

Nas palavras de E. Coelho, tudo isso resultou ~~de~~ em uma “reviravolta teórica e programática” global:

³⁵SILVA, Carla L. *Imprensa e construção social da “Ditabranda”*. In: **A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Demian Bezerra de Melo (org.). Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

³⁶CALIL, Gilberto. *O revisionismo sobre a ditadura brasileira: a obra de Elio Gaspari*. In: **A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Demian Bezerra de Melo (org.). Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p.99.

Não foram apenas as pressões geradas pela expansão burocrática, que facilitaram a atração dos intelectuais de esquerda para a órbita da classe dominante. Há um conjunto de fatores de ordem intelectual e moral cuja importância não pode ser desprezada, pois muitos intelectuais de esquerda viveram a reviravolta teórica e programática como uma experiência subjetiva genuína de convencimento e conversão. Para estes intelectuais, a crise do marxismo se afigura como uma crise de paradigma, no plano epistemológico, e como uma crise de valores, no plano moral. Compreender esta experiência subjetiva é crucial para desvelar uma das dimensões essenciais do deslocamento que posicionou essa esquerda num campo sob a direção intelectual e moral da burguesia³⁷.

Trata-se de uma disputa ideológica que tem tomado proporções desastrosas com a massificação da internet e o uso das redes sociais. O mais importante a se notar, em meio a essa disputa de projetos políticos e sociais, é como grande parte do arcabouço político-intelectual utilizado para desmoralizar a esquerda e tudo que ela representa está baseado em crenças de cunho social e em ódios de classe, fundamentalmente no *medo* e no *ódio* que as elites brasileiras têm em relação às classes subalternas no Brasil.

Retomar a trajetória do PT não significa alimentar novas esperanças neste Partido e/ou em seu atual projeto de sociedade. Significa salvaguardar, tomando as devidas proporções com o devido rigor historiográfico, os espaços de memória da classe trabalhadora e seu passado de lutas. Neste momento, a memória dos trabalhadores está sendo ameaçada e distorcida e umas das formas encontradas para esse movimento de *falsificação* tem sido, no plano mais imediato e propagandístico, a desmoralização de Lula e do PT, alicerçada por um conjunto de “aparelhos privados de hegemonia” que se disseminam de inúmeras formas na sociedade civil e que, quando necessário, justificam uma determinada visão de mundo e a defesa dos interesses da classe dominante, valendo-se da palavra de especialistas, sejam eles sociólogos, historiadores ou economistas que coadunem com esse posicionamento. Essa forma vulgarizada e, em muitos aspectos, *falsificada* de apresentar a trajetória política da classe trabalhadora e dos movimentos sociais populares no Brasil tem por objetivo desmoralizar não apenas o PT e seus dirigentes, mas também qualquer iniciativa independente dos setores sociais subalternos que tenham alguma afinidade com a ideia de esquerda de maneira geral, buscando antecipar sua derrota e prevenir qualquer iniciativa antissistêmica e/ou anticapitalista.

³⁷COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o Capital**: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998). Tese (Doutorado de História)- Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói 2005. p.481.

Em síntese, é preciso compreender o PT em todos seus aspectos, suas potencialidades e limites. O que de modo algum pode significar reduzir a trajetória do Partido aos seus governos, ou seja, às experiências de mandato de Lula e Dilma. Essa é uma operação em que incorremos em muitos riscos, como de reducionismo ou mesmo de compreensões equivocadas. Todavia, trata-se de uma reflexão necessária e a grande aposta aqui é compreender as disputas político-sociais pela memória e pela história em sua totalidade, desde as experiências mais subjetivas de construção de um sentimento de pertencimento a uma classe (identidade coletiva) até os processos de que estruturam e delimitam as formas de construção desse sentimento. Enfim, nossa preocupação particular diz respeito à ofensiva ideológica promovida pela nova direita, disfarçada anticorrupção, maneira pela qual esses sujeitos se propõem a inviabilizar a construção de todo e qualquer sentimento de coletividade entre as classes subalternas.

1.3 Elementos para a análise da situação de crise vivida no Brasil

Partiremos de um conjunto específico de estudos já realizados acerca da natureza da crise política e econômica vivida no Brasil e utilizaremos estes estudos como ponto de partida para a fundamentação da proposta que desenvolvemos acima. Tudo isso pode ser dividido em, basicamente, de três principais eixos: a) tentativa de compreensão das interconexões existentes entre a crise política e econômica brasileira e a crise de paradigmas sobre os valores que orientam a vida humana em sociedade; b) a importância das disputas ideológicas em torno da memória dos trabalhadores para construção da hegemonia - o caso do PT e sua importância histórica para a formação da identidade de classe dos trabalhadores brasileiros; e por último c) o antipetismo como expressão de um ódio de classe burguês contra as classes subalternas, sentimento visivelmente demonstrado pelo medo que as classes dominantes tem dos setores subalternos (organizados ou não), elementos característicos daquilo que Gramsci denomina “subversivismo esporádico”.

Partimos do entendimento de que a crise capitalista mundial desencadeada em 2001³⁸ inaugurou uma crise global de legitimidade e governabilidade, que repercutiu no Brasil, principalmente, através do desgaste do modelo econômico neoliberal, conduzido durante oito anos por Fernando Henrique Cardoso (FHC) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), entre os anos de 1995 e 2002. As consequências desse processo repercutiram de diferentes formas na economia brasileira e seu desdobramento mais sentido se deu nos cortes orçamentários dos setores públicos através de privatizações, demissões (“reestruturação produtiva”), achatamento salarial e da crescente insatisfação popular.

Diante da necessidade de enfrentar a crise capitalista mundial aberta em 2001, a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para Presidente da República apareceu no cenário político nacional como uma alternativa de governabilidade capaz de recompor as bases da hegemonia burguesa no Brasil, o que se explica pela trajetória histórica de Lula ao lado das classes trabalhadoras organizadas. Segundo David Maciel,

Em oito anos, o governo Lula foi capaz de repor e consolidar o neoliberalismo como programa político do bloco no poder; atraindo para hegemonia do capital financeiro o apoio ativo das principais organizações do mundo do trabalho, e o apoio passivo das enormes massas de trabalhadores desorganizados, por meio do *lulismo* e das políticas sociais compensatórias³⁹.

A hipótese que queremos sugerir como desdobramento dessa leitura é que a alternativa petista de governabilidade, que foi capaz de recompor e consolidar as bases da hegemonia burguesa no Brasil por um determinado período de tempo (2003-2011), ao propor um governo dito “neodesenvolvimentista”⁴⁰, fez emergir uma importante disputa política ideológica sobre aspectos centrais que estruturam a organização da vida social sob o capitalismo, sobretudo no que diz respeito às causas da pobreza. Em função da

³⁸Não é nosso objetivo discutir pontualmente cada um dos fatores econômicos que concorreram para o desenvolvimento dessa crise capitalista mundial. No entanto, queremos pontuar que entendemos as tensões de 2001 como sendo expressão de uma crise cíclica do capitalismo, marcadamente influenciada pelo capital financeiro e pela internacionalização da economia.

³⁹MACIEL, David. **A crise atual no Brasil**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>>. Acessado 20.04.15.

⁴⁰As experiências petistas de governos foram propositalmente divulgadas por seus ideólogos como sendo experiências de governos “pós-neoliberais”. Este termo é bastante interessante para pensarmos a dinâmica de mercado e gestão de Estado proposta pelo PT, desde o ponto de vista do interesse dos empresários, até o ponto de vista do interesse popular. Segundo os próprios ideólogos do PT, governos “pós-neoliberais” são aqueles que privilegiam as questões sociais e a microeconomia (pequeno produtor e economia local), criando condições para que esses pequenos empresários se desenvolvam e possam competir no mercado interno, através da criação de “oportunidades” e suporte financeiro destinado a estes setores via bancos estatais e federais.

necessidade estratégica de reestabelecer as bases do consenso em torno de um projeto capitalista, assistimos a uma mudança fundamental na orientação política brasileira durante os anos de governo petista, que teve por objetivo destacar no cenário nacional os setores populares que, historicamente, foram e são os mais explorados e oprimidos, como os índios, os agricultores pobres, os jovens da periferia, os nordestinos, a população de rua, entre outros grupos, dos quais destacamos as mulheres e os negros.

Ao colocar no centro do debate político os setores populares e trabalhadores pobres, todo um conjunto histórico de símbolos das classes trabalhadoras emergiu com força no debate público nacional, abrindo um campo de batalhas em torno de seus significados, tanto *à esquerda* quanto *à direita*. A narrativa assumida pelo governo, em busca da construção de consenso e de apoio ao seu projeto de governo, foi-nos apresentada da seguinte forma:

Temos uma dívida social muito pesada. Acumulada por mais de 500 anos, por conta dela estivemos impedidos de cumprir e compartilhar um destino marcado pelo desenvolvimento e justiça social. Todos nós sofremos com essa exclusão, mas não há dúvidas que alguns sofreram mais. E não há dúvidas que, dentre os que mais sofreram, junto com os povos indígenas, foram nossos irmãos vindos da África, feitos escravos em nossos passados colonial e imperial. Temos uma dívida com todos os brasileiros que sofreram exclusão, mas temos uma dívida particular com eles. Mas sabemos também que começamos, de maneira vigorosa, o resgate de nossa dívida no país, por meio de articulação de políticas voltadas para o atendimento dos mais pobres, dos desassistidos. São políticas elaboradas para corrigir as imperdoáveis distorções da desigualdade. Ainda não temos prontas todas as respostas que devemos para saldar a dívida inteira. Mas a realidade começa a mudar. E as políticas que estão mudando essa realidade incorporam o olhar para as nuances da desigualdade, como a questão do negro⁴¹.

A abertura dessa nova etapa na vida política brasileira, marcada pela eleição de Lula da Silva (PT) em 2003 para presidente da República, foi lida de diferentes maneiras pelos estudiosos da questão. O desafio estava (e ainda está) em conseguir capturar e traduzir as rupturas e permanências relativas aos anos desse governo e de seu antecessor (FHC/PSDB). Está claro, entretanto, que não se pode simplesmente reduzir o governo subsequente a uma mera versão atualizada do projeto neoliberal conduzido por FHC.

De todo modo, muitos foram os esforços despendidos para buscar compreender essa nova etapa. O momento de *hegemonia lulista* que o Brasil vivenciou durante os 13

⁴¹ Revista Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Desenvolvimento Social. Edição 2. Ano 2. 2010. *A palavra do ministro: a comunidade, a história e a cultura*. Patrus Ananias. p. 6.

anos de governo petista, foi caracterizado por Ruy Braga e Alvaro Bianchi como sendo um momento de “revolução passiva à brasileira”. Esses autores assinalam a ênfase dada pelos governos petistas às políticas de distribuição de renda, com destaque para o Bolsa Família e as políticas de valorização do salário mínimo que, no intuito de constituir certas margens de consentimento popular, deveria responder a determinadas demandas repressadas dos movimentos sociais. Para tentar traduzir essa particularidade e, ao mesmo tempo, demarcar os limites existentes na proposta petista de transformação social, Braga e Bianchi definem o projeto desses governos com a expressão “liberalismo social”.

De forma semelhante, David Maciel, em artigo intitulado *De Lula a Dilma Rousseff: crise econômica, hegemonia neoliberal e regressão política*, buscou categorizar na era PT empregando a noção de “neoliberalismo moderado”, para tratar da ênfase nas políticas sociais, e “neoliberalismo extremado”, para se referir às medidas restritivas e privatizantes vividas durante os anos de governo FHC. Ainda nessa perspectiva, temos o célebre estudo de Chico de Oliveira, que busca capturar as contradições existentes após ascensão de Lula à República. Segundo o estudioso, Lula se elegeu como “direção moral e intelectual das massas”, dando a impressão de fortalecer as classes subalternas, dirigindo o aparato do Estado através de uma burocracia sindical oriunda do “novo sindicalismo”, mas que, ao invés de fortalecer o campo popular (os “de baixo”), acabou por reforçar e fortalecer dialeticamente as relações sociais de exploração sob o capitalismo, dando “nova” autoridade à ordem burguesa. Chico Oliveira chama esse fenômeno de “hegemonia às avessas”.

O que importa destacar em meio a esse processo é que parece existir um consenso em torno do fato de que o governo Lula/PT inaugurou um período de mudanças importantes, embora não seja possível afirmar com a mesma tranquilidade que o conjunto dessas transformações tenha se constituído em *mudanças positivas (progressistas)*, isto é, em ampliação real dos direitos sociais em sentido universal. Esse é um debate em aberto, mesmo entre aqueles que têm como horizonte o compromisso e a defesa dos direitos sociais. Trata-se de um processo difícil de ser capturado porque se constitui, por um lado, de mudanças que atenderam parcialmente as demandas dos setores populares, com destaque para setores sociais em condição de miséria e vulnerabilidade social, ao mesmo tempo em que impôs um conjunto de retrocessos a direitos sociais já adquiridos aos trabalhadores com carteira de trabalho assinada sob vigência da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho - 1943), vide os ataques dirigidos contra o funcionalismo público

que, na maioria das vezes, foi apresentado como sendo um destacamento social privilegiado em relação aos demais trabalhadores do setor privado.

O caso mais emblemático desse retrocesso é, sem dúvida, o da Reforma da Previdência imposta logo no início do primeiro governo Lula⁴². A disparidade real das condições de trabalho de diferentes categorias é, muitas vezes, utilizada pelos dirigentes do Estado como forma de deslegitimar a luta dos servidores apresentando o funcionalismo público como o grande responsável pelos déficits nos orçamentos do Estado⁴³. O resultado dessa propaganda ideológica é a criação de uma atmosfera de rivalidade entre os próprios trabalhadores. Ao construir a falsa ideia de que os servidores públicos possuem privilégios sociais, os governos petistas buscaram justificar e implementar cortes nos direitos trabalhistas desses setores, implicando em uma piora tanto nas condições de trabalho desses trabalhadores como nos serviços ofertados para população em geral. Enfim, tentando nivelar as condições de trabalho dos servidores públicos com maioria dos trabalhadores do setor privado, o governo acabou por aprofundar as relações de exploração e inseriu os serviços públicos em uma dinâmica de mercado, na qual o principal propósito é justamente a busca por lucros e não a oferta de serviço público de qualidade que possa colaborar verdadeiramente com o desenvolvimento da pessoa humana. Há, dessa forma, uma tentativa de justificar a retirada de direitos trabalhistas ao mesmo tempo em que se busca nivelar por baixo as condições de trabalho.

Segundo A. Bianchi e R. Braga, em artigo já mencionado:

A presente situação política no Brasil pode ser caracterizada como uma crise da forma restrita que a hegemonia das classes dominantes adquiriu no Brasil. (...) caracterizamos a forma presente da hegemonia como uma “revolução passiva à brasileira”, ou seja, um processo de atualização gradual do capitalismo por meio de reformas promovidas diretamente pelo Estado, o qual parecia se destacar de suas bases sociais para melhor realizar sua função. Sem a participação ativa das classes subalternas essa revolução passiva representava uma hegemonia de uma fração da classe dos capitalistas sobre todas as demais frações, por intermédio do Estado.

A variante lulista dessa revolução passiva incorporou a esse bloco hegemônico os setores da burocracia sindical que haviam se convertido em gestores dos fundos de pensão. O arranjo se mostrou muito mais abrangente e ao mesmo tempo mais resistente do que aquele que havia sido construído sob a direção de Fernando Henrique Cardoso. Os vínculos dessa burocracia social com os movimentos sociais davam

⁴²DIAS, Edmundo Fernandes. “As tarefas face ao Governo ‘Democrático-Popular’: Que fazer?” In: **Política Brasileira: Embates de Projetos Hegemônicos**. São Paulo: Editora José Luiz e Rosa Sundermann, 2006. p.156.

⁴³ A respeito das reais causas de endividamento dos Estados ver: FATORELLI, Maria Lucia. **Auditoria Cidadã da Dívida dos Estados**. Inove Editora, 2013.

uma capacidade de mobilização maior ao governo, uma oportunidade para promover reformas, como a da previdência, que iam além das possibilidades presentes nos anos de 1990. A contrapartida estava na realização de políticas sociais compensatórias que permitiriam, por um lado, atender certas aspirações das classes subalternas e, por outro, ampliar a base social do Estado por meio da incorporação passiva destas ao arranjo político⁴⁴.

Para nós, essa nova configuração no debate público, somada à crise mundial do capitalismo, consiste no elemento central para explicar a emergência das reações conservadoras do período abordado nesta investigação. Isso porque a reação dessa nova direita passou a centrar atenção justamente nos aspectos mais populares do governo para justificar a crise que o Brasil vivencia, ou seja, passou a reagir justamente contra a implementação de políticas sociais promovidas pelos governos petistas e contra os efeitos das medidas de distribuição de renda. Na medida em que certas aspirações parciais das classes subalternas passaram a ser reconhecidas e incorporadas ao Estado, foi aberto um campo de batalha em torno dos significados dessas políticas pelas diferentes forças sociais em conflito.

Ainda de acordo com R. Braga e A. Bianchi, essa situação pode ser explicada da seguinte forma:

A eclosão da crise é, assim, definida pelas lutas que opõem as classes umas às outras, lutas nas quais os diferentes projetos alternativos vão se desenhando e aglutinando defensores. É afirmada pela ruptura da passividade de certos grupos sociais e pela sua entrada ativa no cenário político, desequilibrando arranjos de poder que tendiam a excluir esses grupos. Na situação presente a crise foi agravada pela ativação simultânea de uma parte ainda minoritária das classes subalternas, com especial participação do precariado urbano, e das camadas médias que entraram em cena com um programa político de reestabelecimento de seus privilégios sociais.

Não há nenhuma surpresa aí. Afinal, nos últimos 12 anos, tendo em vista um modesto, porém, real processo de desconcentração de renda entre aqueles que vivem dos rendimentos do trabalho, a base da pirâmide ocupacional progrediu em um ritmo mais acelerado do que os setores médios. Ou seja, houve uma distância entre as classes sociais cuja expressão mais visível pode ser encontrada na “invasão” dos espaços outrora exclusivos das camadas médias tradicionais por uma massa plebeia, como aeroportos e shoppings centers. Não devemos subestimar o impacto que um mercado de trabalho aquecido tem sobre a disposição social dos trabalhadores subalternos, notoriamente, as empregadas domésticas, em resistir a situações alvitantes de trabalho. O “desassossego na cozinha” é um fenômeno que inquieta os setores

⁴⁴BIANCHI, Alvaro & BRAGA, Ruy. **Hegemonia e crise**: noções básicas para entender a situação brasileira. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br>> Acessado 20.04.15. Não paginado.

médios tradicionais, afetando o dia-a-dia dos privilégios de classe que marcam de maneira tão acentuada a realidade brasileira.

Além disso, na última década, a inflação dos serviços foi de 35% superior à inflação da cesta básica. Obviamente, os setores médios foram mais atingidos, pois têm acesso a mais opções e oportunidades de desfrutar de atividades de lazer, etc. Finalmente, vale destacar que a própria perspectiva de reprodução futura das camadas médias vê-se transtornada tanto pelo aprofundamento do processo de crise econômica quanto pelo aumento da concorrência por empregos que pagam mais do que cinco salários mínimos. Afinal, com as políticas afirmativas no sistema universitário federal somadas ao aumento de matrículas no sistema privado de ensino superior proporcionado pelo FIES, os filhos da classe média tradicional tendem a encontrar mais competição no mercado de trabalho do que no passado. A situação se torna ainda mais crítica com o aprofundamento da crise econômica⁴⁵.

Tendo tudo isso em vista, é preciso reconhecer que a luta desses setores se inscreve em um ciclo de conflitos pelo reconhecimento de direitos sociais, ao lado das classes trabalhadoras organizadas. O que importa destacar é que o elemento característico e comum, no campo das disputas ideológicas, que tem a ver tanto com a consciência de sua condição de opressão e superexploração, como com a luta pela regulamentação de direitos políticos, ganharam uma ampla dimensão na sociedade contemporânea e, atualmente, compõem o quadro global de crise do capitalismo. Na medida em que a demanda desses setores é “apagada” e/ou negligenciada historicamente, passou-se a exigir que os poderes públicos (Estado) criassem estratégias de reconhecimento sobre suas demandas.

Seguindo esse viés interpretativo, optamos por desenvolver uma análise sobre como se deram as diversas reações em termos de pensamentos e sentimentos ao longo dos governos petistas, buscando apreender de que forma a emergência de determinados comportamentos expressa a luta de classes contemporânea no Brasil. Raymond Willians, na introdução de seu livro *Marxismo e Literatura*, sugere que: “Dificilmente alguém se torna marxista por motivos principalmente culturais ou literários, mas por prementes razões políticas”. A referência a esta afirmação tem pretensão de nos fazer lembrar que o conjunto de símbolos da classe trabalhadora é expressão da luta própria dos trabalhadores, de suas demandas reais e imediatas e que, na medida em que esses setores específicos dos trabalhadores se enfrentam com o patronato e com as elites dominantes, é que eles vão desenvolvendo maior discernimento da dimensão da oposição política e histórica que os separam enquanto classes sociais. É em meio a estes processos de enfrentamento que

⁴⁵Idem. Não paginado.

constantemente se conforma a consciência de classe. Essa consciência que não é fixa e imutável, mas tão dinâmica quanto as próprias relações humanas.

Nas palavras de Edmundo Dias, trata-se de compreender como essa disputa se estabelece no fazer da classe em seu cotidiano:

*O cotidiano é o local de choque dos projetos classistas que buscam impor sua visão e controle sobre os demais, é o espaço da luta de classes. Por isso Gramsci fala das necessidades das classes subalternas de construir e praticar a crítica dos discursos tendencialmente hegemônicos dos dominantes. Isto não é, contudo, suficiente. Faz-se necessário destruir as condições sociais que tornam possíveis aqueles projetos. A crítica rigorosa, o embate de projetos hegemônicos, não é um debate abstrato, mas determinação objetiva do real, necessidade histórica. Não é um filigrana de idealistas ou sectários, mas é fundamental na constituição das classes e forças em presença. **Esse debate seja percebido ou não pelos subalternos, é vivido na imediatez como administração e não como política.** É um prolongamento normal da Ordem do Capital. E atua no sentido de reproduzir e ampliar as diferenças classistas, de realizar um poder de classe que é superior e externo às classes subalternas.*

*Compreender a totalidade como concepção epistemológica central e as ideologias como formas fundamentais da *contradição em processo*, analisar o real e construir os conceitos que o explicam, e não simplesmente o descrevem e legitimam, é garantir a possibilidade de uma intervenção rigorosa na totalidade social a partir da qual a transformação da sociedade é uma possibilidade real. Libertar-se dos projetos antagônicos, **construir o projeto da nova subjetividade** é em si mesmo *condição de liberdade*. A constituição do saber e da subjetividade das classes trabalhadoras é vital. Os processos de destruição do velho e de criação do novo são contemporâneos, caminham lado a lado. Nada mais absurdo que a velha teoria de que *primeiro* “tomamos o poder” e *depois* “construímos a nova sociedade”⁴⁶.*

O que se propõe aqui é uma chave interpretativa que pretende partir do que está presente no “senso comum” como campo ideológico e faz parte do debate público do período de 2003 a 2016. O principal objetivo é aprofundar esse debate e buscar compreender onde estão presas suas raízes, ou seja, quais interesses podem ser percebidos a partir desse campo de disputas políticas, ideológicas e culturais.

Em outras palavras, queremos tentar responder a algumas perguntas como: Que contradições criamos e que possibilidades de transformação desenvolvemos na sociedade brasileira de nossa época? O que nossa geração está produzindo enquanto sentido

⁴⁶DIAS. Edmundo Fernandes. **Política brasileira**: embates de projetos hegemônicos. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006. p.58-59. (Negritos nossos, itálico no original).

histórico e social sobre a dinâmica da política institucional? Existe mesmo um sentido pensado *a priori* para todo esse processo? Seria ele *fabricado racionalmente* ou é um elemento espontâneo que emerge da sociedade sem intenção consciente? Qual é o peso das ideologias em jogo nesse processo? A partir dessas questões, defendemos a ideia de que a vivência nas sociedades capitalistas imprime determinada dinâmica e exige determinadas racionalizações das relações sociais para que se desenvolvam e consolidem novas formações sociais. Deste ponto de vista, a dinâmica impressa à vida social é, em muitos aspectos, pensada/fabricada ainda que seja o desdobramento de um impulso não sistematizado *a priori*. Como veremos ao longo deste texto, isso se dá em diferentes níveis da vida em sociedade.

Em meio a essa disputa de sentidos, o que significa o conjunto de ataques desenfreados de setores da nova direita a políticas sociais públicas, como o Programa Bolsa Família? O que significa o rechaço a políticas sociais compensatórias como cotas para negros nas universidades? O que explica o crescimento de grupos misóginos em nossa sociedade? E mais complexo que isso: o que explica a adesão de mulheres a estes grupos misóginos? O que significa o apoio de negros ao fim das cotas raciais? O que significa o apoio de mulheres, homossexuais e negros a figuras como o ex-deputado e atual presidente da República Jair Bolsonaro que, publicamente ficou conhecido por posicionamentos homofóbicos, racistas e por fazer apologia ao estupro e à tortura? O que significa, em nossa época, que parcelas significativas dos setores de baixa renda, que dependem da assistência do Estado, apoiem projetos de privatização de serviços públicos essenciais, como saúde e educação?

É importante destacar que, ao tratar dos interesses envolvidos nesses embates, estamos lidando com um conjunto de fenômenos morais, sociais, culturais e materiais. De qualquer maneira, a divisão dessas esferas da vida humana se trata de uma distinção metodológica, pela qual objetivamos melhor apreender os amplos e possíveis sentidos da categoria “interesse”, sobretudo, para que possamos ampliar nossa noção para além da corriqueira relação que se estabelece única e exclusivamente com as condições materiais, algo que recai em explicações restritas à ordem econômica. Dessa leitura derivam também algumas variações que tendem a uma ideia de interesse como a intenção consciente de uma busca por vantagem pessoal ou de grupo, em um sentido pejorativo do que seria o “maquiavélico”. Geralmente, a interpretação dessa palavra vem carregada de todo um

sentido social que se desenvolve junto com as relações sob capitalismo, atribuindo a ela o sentido de lucro e/ou proveito.⁴⁷

É importante notar, acima de tudo, que a variação no peso atribuído à questão econômica na interpretação da palavra em questão é a mais clara expressão da importância que as relações de mercado assumem na vida humana em nossos dias. A primazia do econômico em detrimento das relações demais sociais e humanas se constitui, dessa forma, em uma das mais claras expressões da degeneração moral e intelectual imposta pela dinâmica do capital.

Quando Gramsci fala da necessidade de construir um novo projeto nacional e popular e de transformar a “velha vontade coletiva”, ele chama especial atenção ao fato de que “para realizar essa crítica se coloca claramente a necessidade de conhecer e trabalhar o senso comum que é o ‘resumo’ ideológico dessa cultura” e, sendo assim, “desagregar esse senso comum é vital para romper a unidade ideológica vigente; é separar os ‘simples’, que consentem, dos intelectuais que organizam esse consentimento. Criar, em suma, as bases da ruptura entre as superestruturas vigentes e sua base material”⁴⁸.

Desse modo, o que nos interessa diante do debate público é examinar os sentidos históricos e sociais que vêm sendo produzidos em função da disputa em torno de temas como o Programa Bolsa Família, a cota para negros nas universidades públicas, a discussão de gênero, o direito dos homossexuais, a fim de observarmos as interconexões existentes entre o campo das ideologias com os diferentes projetos de sociedade⁴⁹. O ângulo escolhido tem a ver com a cultura, com a moral, com a política, com sentimentos e a intelectualidade e, conseqüentemente, com as formas de amar e interpretar o mundo. É a isto que chamamos de campo das ideologias. Entendendo, dessa forma, que as

⁴⁷Tanto é assim que, se fizermos uma busca rápida no dicionário, podemos encontrar o significado da palavra “interesse” nos seguintes termos: “1. Lucro material ou pecuniário; ganho. 2. Parte ou participação que alguém tem em alguma coisa. 3. Vantagem, proveito; benefício. 4. Aquilo que convém, que importa, seja em que domínio for. 5. Sentimento de cobiça; avidez. 7. Procura de vantagem pessoal, de proveito”. E, só em segundo plano, algumas de suas variações não dizem respeito diretamente a uma relação econômica: 8. Sentimento de zelo, simpatia, preocupação ou curiosidade por alguém ou alguma coisa. 9. Empenho. 10. Qualidade de interesse. 11. Relação de reciprocidade entre um indivíduo e um objeto que corresponde a uma determinada necessidade daquele. 12. Pretensão que se baseia ou pode se basear em direito. **Novo Aurélio** Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

⁴⁸ A reflexão é de Edmundo Dias a partir das interpretações de Gramsci em DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: **O outro Gramsci**, Xamã, 3ª edição. p.17.

⁴⁹As polêmicas em torno dessas questões podem ser facilmente encontradas em qualquer busca rápida nas páginas da internet (*Google, Facebook, Twitter, GI*, etc.), ou mesmo em revistas e jornais de grande circulação nacional (*Veja, Isto é, O Estadão, Globo*, entre outros).

emoções humanas, (“pulsões primárias” em Freud), como amor, ódio, tristeza, alegria, euforia, são também social e historicamente construídas.

1.4 Primeira fase do Governo Lula (2003-2010): “Brasil um país de todos”

Lewis Carol, ao escrever as aventuras de Alice, estava longe de imaginar o quanto a política de um país, como o nosso, poderia copiar o seu texto. Alice e *Humpty Dumpty* – o ovo que se equilibrava no muro – travam um ilustrativo debate: ‘quando uso uma palavra ela significa exatamente aquilo que eu quero que ela signifique... nem mais nem menos’. Alice não se conforma e, segura de sua lógica, retruca: ‘a questão é saber se o senhor *pode* fazer as palavras dizerem coisas diferentes’. *Humpty* invariavelmente sentencia: ‘a questão é saber quem é que manda. É só isso.’ Sob a aparência do paradoxo, esse curto diálogo fala do poder das palavras e das palavras do poder, vale dizer, das concepções de mundo, dos projetos, enfim, da materialidade da vida social⁵⁰.

Desde o início da campanha em 2002, Lula representou o sentimento de que o Brasil precisava romper com o modelo econômico de exclusão e pobreza social. Sua candidatura recebeu a adesão de lideranças populares, empresariais, sindicais, artísticas, intelectuais e religiosas. Personalidades importantes no cenário político nacional, em nome de suas respectivas organizações, manifestaram-se publicamente e anunciaram a expectativa de “mudança”, como Leonardo Boff, Frei Betto, João Pedro Stédile, MST, CUT, UNE, UBES, entre outros. Não podemos deixar de chamar atenção para o fato de que, mesmo diante das ressalvas e do chamado “apoio crítico à candidatura Lula”, que denunciavam os limites concretos em sua proposta de transformação social, o mundo voltou os olhos para o Brasil e especialistas de toda parte não puderam ficar indiferentes à trajetória de um homem cuja história se confundiu com a de milhares de brasileiros.

Os governos do PT no Brasil se constituíram como peças decisivas para o enfrentamento da crise econômica mundial do capitalismo (2001-2002) e o desgaste do

⁵⁰DIAS. Edmundo Fernandes. **Política brasileira: embates de projetos hegemônicos**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006. p.141.

modelo econômico neoliberal conduzido por FHC, que a esta altura já havia realizado as contrarreformas exigidas pelo grande capital: Plano Real, privatizações, Reforma da Previdência, Lei de Responsabilidade Fiscal, criação das Agências Reguladoras, abertura financeira e comercial às multinacionais, autonomia prática do Banco Central, desmonte dos serviços públicos, entre outras medidas que marcaram negativamente seus governos como sendo mandatos de entrega nacional. Todo esse quadro político-social fomentou grande insatisfação popular e o crescimento do número de greves ao longo daquele período⁵¹.

Diante desse quadro, a propaganda político-ideológica promovida pelo Governo Lula se destacou no cenário mundial principalmente por ter colocado no centro do debate o combate à fome e a erradicação da extrema pobreza no Brasil, através da implementação do Programa Bolsa Família (2003)⁵². É principalmente a partir da implementação deste Programa que se acende um conjunto de discussões a respeito da natureza das desigualdades sociais vividas no Brasil, desencadeando uma série de disputas na sociedade política (Estado) e civil (privada) em torno do tema. A fome e a pobreza aparecem constantemente como elementos centrais dos projetos dos governos petistas, servindo de plataforma ideológica na sustentação do PT enquanto principal partido representativo dos anseios populares.

É preciso notar que, ao colocar o tema da fome e da pobreza no centro do debate político, um conjunto importante de questionamentos (que antes se encontravam submersos da vida pública) emergem com força no quadro nacional: quais são as causas da fome e da pobreza no Brasil? Quais as raízes da nossa desigualdade social? Por que enquanto poucos têm muito, muitos têm quase nada para viver? Apresentar questionamentos como esses em um país onde as desigualdades sociais, culturais e regionais são flagrantes, onde o distanciamento entre ricos e pobres é um dos maiores do mundo, por si só abre portas para que *problemas profundos* da estrutura social do país subam até a *superfície* e tenham que ser encarados de frente.

Que a pobreza e a fome são uma constante em nosso país e que a desigualdade social evidente em todas as regiões é uma coisa, outra coisa é colocar a questão da pobreza

⁵¹ Sobre o tema consultar a obra Aloysio Biondi “**O Brasil privatizado**: um balanço do desmonte do Estado”. Editora Fundação Perseu Abramo. 1ª ed. 1999. São Paulo.

⁵²Já durante o processo eleitoral, o compromisso assumido pelo PT em suas campanhas e no seu programa era o combate contra a fome. A princípio, o programa original que deveria ser implementado era o Fome Zero [Compromisso com a Mudança – discurso de posse de Lula em 2003].

no centro do debate político. Isso implica abrir campo para que se discutam temas centrais como: concentração e distribuição de renda, o papel do Estado e da sociedade civil, a cidadania, os direitos humanos e sociais. Em síntese, implica discutir as formas de produção sob o capitalismo e suas contradições. É justamente o desdobramento dessas críticas que ganha repercussão no cenário nacional e projeta internacionalmente os governos petistas como referência na erradicação da pobreza extrema.

Desse ponto de vista, é preciso reconhecer que existe uma diferença substancial dos governos petistas em relação a outras organizações de destaque, que é o de apresentar e reconhecer que o problema da fome se constitui como sendo um problema de ordem política e social e não de ordem moral⁵³. Dos partidos com possibilidades reais de eleger um candidato para presidente da República, o PT foi o único a colocar esta questão como eixo articulador principal de seu projeto de governo. O tema, entretanto, ganhou amplitude e profundidade para além dos objetivos propostos pelo partido e suas direções, ao estimular (direta e indiretamente) a entrada de novas camadas sociais, que antes se encontravam desarticuladas das disputas político-institucionais, na estrutura orgânica do Estado.

Entretanto, conforme análise de Virgínia Fontes, é preciso pensar esse processo, de consideração das demandas sociais dos setores subalternos, também a partir de uma necessidade de expansão do capital que, sem cessar, precisa expandir suas formas de acumulação e de exploração do trabalho e que, para isso, precisa constantemente atualizar suas formas de dominação e convencimento. Estamos falando de um movimento histórico do capital que constantemente altera as condições da vida social, tornando as classes

⁵³O tema da fome e da miséria no Brasil foi, por muito tempo, prioritariamente tratado sob a perspectiva da caridade e da mediação da pobreza. Para citar apenas um exemplo, atual e amplamente conhecido, podemos falar do programa de televisão apresentado por Luciano Huck, no qual há quadros como “Conte sua história” e “Lar doce lar”. No programa, organiza-se um “mutirão” para ajudar famílias pobres que se destaquem pelo árduo trabalho que desenvolvem em sua região, mesmo em condições degradantes de trabalho. Assim, o programa trata de reformar as instalações de trabalho ou mesmo a casa dessas pessoas, dando um novo *design* e melhor funcionalidade a esses locais. A ideia é motivar as pessoas a continuar desempenhando seu trabalho, reforçando a crença na ideia de que, para quem trabalha, a recompensa vem com o tempo. O que acontece, na realidade, é uma mediação das condições de pobreza, que transforma o esforço pelo trabalho e o sofrimento de famílias pobres em uma espécie de “caridade” e “reconhecimento” dos poderosos para aqueles que “merecem”. Mas as condições de vida e de trabalho dessas famílias não mudam de fato. O que muda é que elas têm pela primeira vez na vida a oportunidade de ter uma casa melhor que antes - o que, evidentemente, faz diferença para esses sujeitos. Essa mediação da pobreza movimenta milhões de reais em marketing e propaganda através do patrocínio de grandes marcas e empresas envolvidas nesse processo. O objetivo aqui é sublinhar que o tema fome sempre se fez presente em nossa sociedade, sendo de conhecimento geral e em vários aspectos, tratado publicamente. Porém, sob uma outra lógica, na maior parte das vezes foi (e é) diretamente associado à ideia de “meritocracia” e de suposta “filantropia”.

trabalhadoras cada dia mais vulneráveis e dependentes da venda de sua força de trabalho para sobreviver, fenômeno caracterizado pela violência clássica do capitalismo (as expropriações) combinada com a ação de “entidades cosmopolitas” voltadas para o convencimento e o apassivamento desses sujeitos.

Ainda segundo a autora, esse modelo de ampliação e expansão do capitalismo, que busca se desenvolver através da articulação com “entidades cosmopolitas” voltadas para o convencimento (entidades filantrópicas, ONG’s, institutos de pesquisa e organizações da classe empresarial), faz parte de um complexo arranjo de classe que busca promover ações diretivas, intelectuais e morais na sociedade civil, apresentando-se como entidades autônomas e independentes do aparato do Estado, como prestadoras de serviços de diferentes naturezas (educação, trabalho, saúde, entre outros), e se propõem a suprir uma ineficiência ou ausência de serviços públicos nessas áreas. Ao se apresentarem como tendo essas “funções universalizantes”, essas entidades procuram, via de regra, obscurecer seus interesses de classes.

No entanto, ao contrário do que dizem sobre si mesmas, essas associações se encontram direta e indiretamente imbricadas no seio do Estado, disputando recursos sociais públicos em troca da construção de estratégias “mais eficientes” para o enfrentamento dos problemas sociais. Ao gestar os recursos públicos de maneira privada, essas associações colaboram para uma *ampliação seletiva* da sociedade civil, de acordo com seus interesses de classe. Posto dessa forma, o papel dessas entidades, entre outras coisas, colabora com o apagamento dos conflitos de classe, fazendo-nos acreditar, através da repetição, que esse é o único modo possível de existência humana. Com isso, pretende-se conquistar o apassivamento das classes trabalhadoras, reduzindo “a enorme riqueza dos movimentos populares a formas de consciência social de tipo corporativa e limitada”⁵⁴.

Para Virgínia Fontes, esse formato teve seu início com a eleição de Collor de Melo, sendo aprofundado durante o período FHC (1995-2002) e permanecendo como principal forma de dominação de classe também durante os anos dos governos petistas, não obstante as importantes alterações na lógica de gestão do Estado e da maneira de lidar com os conflitos sociais decorrentes do degaste vivido diante do modelo neoliberal e

⁵⁴ FONTES, Virgínia. **O Brasil capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010. p.15.

privatista. Em suma, essas mudanças se mostraram fundamentais para reestabelecer o consenso entre as classes sociais sob o capitalismo.

O período FHC (1995-2002) caracterizou-se, portanto, pelo ataque concertado (o eufemismo *concertação social* o designava) aos direitos sociais e, sobretudo, às organizações mais combativas dos trabalhadores, seja de maneira abertamente violenta contra entidades de trabalhadores que resistiam (caso, por exemplo, do sindicato dos petroleiros), pela permanência e aprofundamento da truculência policial, seja pela violência indireta – privatizações a toque de caixa e estímulos a demissões. À violência somava-se uma nova “pedagogia da hegemonia” difundida pelas atividades empresariais e governamentais, abrangendo o universo sindical, escolar (em todos os níveis, do elementar ao ensino superior), igrejas, entidades associativas e culturais e praticamente toda a mídia, agindo intensamente para espriar a dinâmica do capital em todos os espaços organizativos. (...) A realização de uma extensa e profunda remodelação do Estado tornava claro o que estava em jogo na campanha antiestado, ao fomentar uma expansão seletiva da sociedade civil voltada para desmontar, pelo interior, as organizações populares, assegurar novos setores de atividade capitalista que precisavam gerenciar força de trabalho desprovida de direitos e expandir a direção dessa burguesia altamente concentrada sobre o conjunto das atividades sociais (inclusive e sobretudo aquelas voltadas para a cultura)⁵⁵.

Configurava-se, dessa forma, um novo arranjo da dominação burguesa no Brasil que não estava acabado e que dependia dos conflitos existentes, mas que tinha posto em curso uma importante redefinição e *deformação* da classe trabalhadora e do terreno no qual se travavam as lutas de classes:

O eixo unificador da burguesia residia – e segue residindo – no binômio *defesa da propriedade (segurança)*, assegurando o movimento de gigantescas massas monetárias em busca de expansão e *controle permanente, através da persuasão e do apassivamento dos setores populares (alívio à pobreza)* sem, no entanto, abrandar a violência repressiva. A grande novidade brasileira era sua efetivação sob o formato representativo eleitoral⁵⁶.

Diante desse quadro, o que importa assinalar aqui é o papel assumido pelo Partido dos Trabalhadores, que foi um partido de *atuação contra-hegemônica*, que buscava organizar a classe trabalhadora no sentido de transformar as condições sociais de exploração, mas passou a agir “para ocupar o espaço de um polo moralizante do pêndulo político (o fiel da balança), aderindo integralmente à espiral rebaixadora”. A nova

⁵⁵Idem p.264.

⁵⁶Ibidem p.265.

estratégia assumida pelo PT era gestar o Estado burguês de maneira mais eficiente e democrática, daí a nomenclatura utilizada por E. Coelho para se referir ao PT como sendo uma “esquerda para o capital”. Em outras palavras, “tratava[-se] simultaneamente de uma modificação da condição social ocupada por muitos dos dirigentes do partido e de sua adesão a um programa capitalista renovado, no qual se ofereciam como uma ‘esquerda para o capital’”⁵⁷.

Por fim, a direção intelectual e moral do Estado burguês pelo Partido dos Trabalhadores, ao lado de uma rede de “entidades cosmopolitas” em pleno funcionamento, inaugurou uma nova fase no processo de complexificação das formas de dominação das elites empresariais brasileiras, que tiveram (e têm) como principal objetivo o aprofundamento do processo de desarticulação da luta das classes trabalhadoras organizadas, ao mesmo tempo em que buscam organizar os trabalhadores a partir de seus próprios interesses. O PT, dessa forma, cumpria o papel fundamental e hegemônico da conciliação de classes.

1.5 Alívio da pobreza, apassivamento, dominação e conciliação de classe

A ascensão do PT enquanto partido necessário para manutenção da ordem nos dá importantes subsídios para pensar a realidade brasileira a partir do movimento de *fluxo* e *refluxo* das classes sociais em conflito. Se é verdade que importantes entidades históricas dos trabalhadores passaram por um processo de “transformismo” (com destaque à CUT e ao PT), abandonando o enfrentamento direto contra as elites empresariais do país, é também de suma importância observar que a gestão do Estado burguês, dirigida por importantes setores oriundos das classes trabalhadoras, expressa, em grande medida, a força desses sujeitos e a necessidade do Estado em atender, ainda que parcialmente, a demandas dos setores subalternos sob o risco de um acirramento da luta de classes. A dominação de classe burguesa não é algo pronto e acabado: existe uma necessidade constante de afirmar e reafirmar sob quais condições se dão os vínculos dessa dominação,

⁵⁷Ibidem p.256.

de modo que esse processo de “manutenção” se desenvolve sempre sob a pressão de diversas possibilidades e riscos.

Existem importantes elementos da realidade que nos autorizam a pensar nesse sentido, especialmente, se observarmos que a necessidade de incorporação de novos setores sociais na estrutura do Estado e nos círculos dinâmicos de desenvolvimento do capitalismo não resulta de um movimento natural do crescimento econômico, como vulgarmente aprendemos a entender as melhoras nas condições sociais de um dado país ou região. A incorporação e o reconhecimento de demandas sociais sob os Governos Lula é expressão, ainda que indireta, da luta e das conquistas sociais desses setores e não um benefício concedido pelo Estado.

Mais precisamente, trata-se de um movimento duplo. Por um lado, existe a consciência dos riscos advindos da condição de pobreza, que faz com que as classes dominantes e suas direções se movimentem no sentido de traçar estratégias de prevenção de riscos (de garantia de sua segurança e propriedade privada), sendo essa uma condição necessária para que se ampliem as relações sociais de exploração sob o capitalismo - algo como uma antecipação diante da emergência de possíveis conflitos sociais que se encontram latentes em função das desigualdades sociais. Por outro lado, é preciso reconhecer que a conformação de políticas públicas se constitui também como expressão da luta dos setores populares organizados e mesmo do potencial explosivo das *massas inorgânicas*.

Muito embora seja preciso ter a clareza de que a ampliação do Estado, no sentido de reconhecer demandas específicas dos setores populares, não significa que as classes trabalhadoras em seu conjunto estejam em uma situação de fortalecimento de suas organizações, e/ou que as condições de trabalho não tenham sofrido importantes perdas no conjunto dos direitos trabalhistas nos últimos 20 anos, precarização em muito decorrente de uma política de conciliação de classe, dirigida majoritariamente pelo Partido dos Trabalhadores, visto como principal representante das classes trabalhadoras no Brasil.

No entanto, também é preciso reconhecer que uma importante parcela dos setores populares subalternos em condições informais de trabalho, desprovida de qualquer proteção, em termos de direitos trabalhistas, passa durante os anos dos governos Lula a ter importantes demandas reconhecidas e organizadas pelo Estado. Compreender que essa forma de organização dos setores subalternos promovida pelo Estado seja parte de uma

estratégia de manutenção da ordem e da necessidade de apassivamento desses setores é essencial para entender as múltiplas e complexas formas da dominação de classe e como ela ocorre. O que não pode acontecer é o apagamento da dinâmica existente entre as classes, que determinam as formas sob as quais se constituem a dominação burguesa e sua hegemonia, sob pena de paralisar a história, apagar os setores sociais subalternos e transformar a dinâmica da vida real na história idealizada de uma única classe, que sequer é uma classe homogênea.

Insistimos aqui na importância de focalizar nos processos decorrentes da luta entre classes e na forma que a pobreza e as desigualdades sociais foram historicamente tratadas no Brasil:

Ao longo dos anos 90 a pobreza seria alçada à grande urgência genérica no Brasil, essencializada e reificada – quantificavam-se os pobres, mas esquecia-se da produção social dos expropriados, disponíveis para qualquer atividade remunerada mercantilmente. A própria atuação governamental – em estreita relação com os aparelhos privados de hegemonia de base empresarial – enfatizaria abertamente o tema da pobreza, através de uma série de pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicadas (Ipea).

Longas discussões ocupavam os jornais sobre a definição de uma “linha de pobreza” e sobre a quantificação dos pobres no país, tendo chegado a alterar, inclusive, a construção de indicadores sociais em órgãos relevantes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relegado a um segundo plano pela associação direta entre o Ipea (órgão ligado à Presidência da República) e ONGs.(...)

Os novos indicadores reduziam e nivelavam as noções de “questão social” e “pobreza”, implantavam uma poderosa ferramenta de naturalização da pobreza, apagando o fenômeno do seu caráter de classe e anulando as reais causas da pauperização⁵⁸.

O fenômeno da pobreza, visto sob essa ótica, tende a tratar à definição das desigualdades sociais como sendo “um *fato*, e não um *processo*, como um *estado* e não como produto de uma *relação social*, produtora de *desigualdades*, com a *pobreza* e a *desigualdade* sendo tratadas como *categorias distintas* contribuindo para o apagamento desta última”⁵⁹, de modo que o objetivo é buscar construir estratégias de “alívio à pobreza”, ou seja, minimizar os problemas decorrentes da ausência de condições materiais, buscando “incluir” esses sujeitos nos círculos dinâmicos de consumo do capital.

⁵⁸ Ibidem. p.277.

⁵⁹ Ibidem.p.277.

Essa “inclusão”, então, significa uma tentativa de melhorar as possibilidades de consumo desses setores, inserindo-os nos círculos dinâmicos do capital, transformando a *pobreza passiva* (vista como um problema social) em uma *pobreza ativa* (para o capital), porém, sem alterar e/ou questionar as condições sociais de sua produção. Esse é o limite concreto da erradicação da pobreza proposta pelos Governos Lula através do PBF que, com um repasse mensal em dinheiro para as famílias consideradas pobres, tem o objetivo de “incluir” os “excluídos”. *Pedagogicamente*, o consumo é apresentado como liberdade de escolha⁶⁰.

O plano de enfrentamento da pobreza apresentado pelos Governos Lula foi desenhando ao longo dos anos 90 e aprimorado durante os anos de governo do PT, que retomou o papel de agente protagonista nesse embate por meio do Estado. Em contrapartida, ao trabalhar a partir de uma concepção que buscou atender os *mais pobres* dentre os pobres, o governo procurou minimizar os efeitos negativos do desmantelamento de direitos sociais já adquiridos ao justificar a urgência da miséria. Ao tratar a questão da pobreza sob essa ótica, os governos petistas contribuíram com o crescimento de visões reacionárias que viam (e veem) a legislação trabalhista no Brasil como sendo um privilégio social que atrapalha as iniciativas empresariais no país.

Entretanto, em termos da retomada do enfrentamento da pobreza a partir do entendimento da responsabilidade do Estado na conformação de políticas públicas, é preciso reconhecer que vivenciamos um fenômeno histórico de ampliação do Estado que expressa, ainda que de forma limitada, a luta histórica dos setores populares organizados pelo reconhecimento público de suas demandas. Esta nova configuração no cenário político nacional incitou a entrada de novas camadas sociais no seio do Estado, que passaram a disputar institucionalmente esse espaço. Se, na década de 90, havia-se conseguido impor a ideia de um “Estado mínimo” voltado ao gerenciamento dos conflitos sociais e à garantia das condições para o desenvolvimento das relações de mercado, no início do século XXI, reabriu-se a discussão a respeito do papel do Estado e dos direitos sociais, apontando para os limites vividos durante os anos de FHC e sua estratégia privatista, com a proposta de gestar um Estado de maneira mais eficiente e democrática.

⁶⁰ GRASSIOLLI, Isabel. **Programa Bolsa Família: Concepção e limites da proposta de erradicação da pobreza no Governo Lula (2003-2010)**. Dissertação de Mestrado em História – Programa de pós-graduação em História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) 2011.

Dessa forma, estamos sugerindo que o *embate hegemônico* entre as classes sociais, que se desenvolve em diferentes e novas frentes de atuação sob o Governo Lula, além de se constituir como expressão de uma crise do projeto neoliberal, expressa também um relativo avanço das forças políticas dos setores subalternos, na medida em que a burguesia brasileira é pressionada a mudar o enfoque de suas principais políticas e atender, ainda que parcialmente, as demandas desses setores.

1.6 O *Lulismo* e o medo dos pobres

A emergência e o medo do “lulismo”, ao propor um governo de caráter popular, motivou o acirramento das posições políticas e sociais entre as diferentes frações de classe existentes no Brasil, movimentando e deslocando diferentes forças políticas em torno do papel que o Estado deve cumprir, especialmente no que toca o enfrentamento da pobreza e das desigualdades sociais. Em um contexto como o nosso, frases como “é preciso ensinar a pescar e não dar o peixe” nos dizem muito sobre a atual situação de crise política e humana que enfrentamos em nosso país. Frases como essa marcam posições e interesses de classe, de sujeitos que buscam estabelecer limites à atuação do Estado e restringir seu alcance.

Muitas lições podem e devem ser tiradas dessa pequena frase, porque é a forma popularizada e condensada que as classes dominantes em conflito encontram de se contrapor ao “novo”, em uma tentativa de fazer *pedagogicamente* aparecer e prevalecer sua concepção de mundo sobre os demais. É a forma que as classes dominantes buscam para forjar o consenso entre elas e os setores subalternos, num duplo movimento: o que desautoriza as conquistas históricas desses setores e o que se propõe a construção de uma “nova racionalidade” sobre as demandas dos setores subalternos, “incorporando-as” sob a lógica de seus interesses privados, a fim de impor/propor um acordo/retrocesso no campo da consciência das massas (consenso + coerção).

Importa observar que existe uma sutileza que emerge dessa frase e que possibilita condensar posições distintas sobre uma “mesma” visão de mundo, criando, dessa forma, uma espécie de campo comum, onde aparentemente todos estariam de acordo. Mas as sutilezas fazem emergir a parcialidade dessa verdade, sendo ela fruto de um suposto

consenso entre as diferentes classes sociais sob o capitalismo. Podemos chamar esses “consensos” de *verdades ilusórias*.

É a partir dessas *verdades ilusórias* que se produz a hegemonia das classes dominantes, porque partem fundamentalmente da constituição de um valor humano (trabalho) para *deformar* seu real sentido e apresentá-lo a partir de interesses privados. A sentença “é preciso aprender a pescar” faz menção direta à importância do trabalho, de aprender um ofício, desenvolver uma habilidade, uma profissão, sendo o trabalho visto como um elemento humanizador da vida: o trabalho é constitutivo da formação humana e moral do Homem. No entanto, por trás dessa premissa, encontram-se interesses circunscritos às classes dominantes (“e não dar o peixe”), é sendo essa uma *verdade* mobilizada em função de interesses restritos e não de interesses universais como parece ser.

O trabalho de inverter essa lógica e fazer transparecer os interesses restritos dos setores dominantes implícitos nessa sentença não é nada simples, porque não se trata simplesmente de dizer que a expressão não corresponde à realidade, porque, sendo ela histórica, tem inevitável conexão com o mundo real e corresponde a ele em algum grau. No entanto, o que não corresponde à realidade é o conjunto de valores que se escondem nessa sentença e que implicam diretamente na necessidade de manutenção da pobreza, como pressuposto da manutenção das relações de exploração do trabalho sob o capitalismo, ou seja, é preciso se perguntar: com que propósito essa ideia nos é repetida várias e várias vezes e das mais diferentes formas? Para compreender isso é preciso observar essas *verdades ilusórias* à luz do momento presente e de como ela é trabalhada e utilizada seletivamente.

Dessa pequena frase é possível extrair um conjunto de valores políticos e humanos que vêm à superfície e mobilizam sentimentos e vontades coletivas. A partir disso, seria possível, genericamente, dividir o Brasil em dois grandes grupos: os que apoiam as políticas públicas e sociais, como o Programa Bolsa Família, entendendo que é dever do Estado promover o bem-estar de todos; e os que buscam criminalizar a pobreza e deslegitimar as ações do Estado nesse sentido. Os defensores da segunda concepção de mundo acreditam que só é pobre quem quer e partem do pressuposto de que, ao dar suporte a esses setores, estaríamos sustentando uma camada de pessoas “supérfluas” e

“improdutivas”, que não reconhecem o valor do trabalho, estimulando a “vagabundagem”⁶¹.

A respeito dessa questão, vale a pena acompanhar o conjunto de argumentos mobilizados pela Ministra do Desenvolvimento Social de Combate à Fome (MDS), Tereza Capello⁶², na tentativa de defender o PBF dos ataques “moralistas” que foram direcionados ao Programa, principalmente pelos setores mais conservadores da sociedade. A fala é reveladora do quadro político que enfrentamos e do conjunto de discussões que ainda se fazem presentes na atual conjuntura política brasileira. Questionada sobre o Programa gerar “dependência”, ela replica:

Essa é uma premissa errada, achar que as pessoas se tornariam dependentes e deixariam de procurar trabalho com o Bolsa Família. Não aconteceu. Hoje temos como provar que as pessoas não mudaram de atitude e procuram melhor vida. 48% das pessoas do BF têm menos de 17 anos, não trabalham. E nós não queremos que elas trabalhem. Tirar-lhes o BF seria tirar esse ganho, que é ensinar a pescar, porque só tem um jeito de superar a situação histórica de exclusão que essas pessoas viveram – educação. Para metade do Bolsa Família está sendo dada a cana, está-se ensinando a pescar, está sendo construída uma estratégia. O nosso objetivo é que as pessoas saiam da pobreza. Metade das crianças estão saindo da pobreza por causa do Bolsa Família, para nós isso é indiscutível.

Os adultos trabalham. Não é verdade que não trabalham. As pessoas diziam: eles vão receber o BF e não vão querer trabalhar. Nós não estamos discutindo em tese, estamos discutindo dados da realidade: 75% dos adultos em idade ativa no Brasil trabalham, sabe quantas pessoas do BF trabalham? 75%. **Não é verdade que o BF induziu essas pessoas a trabalhar mais ou menos – trabalham tanto como os demais.** A nossa avaliação é que eles trabalham mais, porque trabalham em atividades mais árduas, em atividades mais difíceis, muitas vezes trabalham de sol a sol; tem gente que trabalha com carta assinada [contrato], trabalho formal, mas mesmo assim não recebe o suficiente para sustentar a sua família.

Mesmo trabalhando com o salário mínimo, e dividindo o salário pelo número de pessoas da sua família, ele recebe menos de 70 reais, menos de 1,25 dólares por dia. **A teoria é de que essa pessoa é pobre porque**

⁶¹Após várias polêmicas em torno do PBF, grande parte delas motivadas por argumentos de ordem “moralizante”, diferentes estudos demonstraram que, ao contrário do que se imaginava, a transferência direta de renda via PBF atuou como sendo um dinamizador econômico, aumentando e impulsionando o consumo massificado e melhorando a renda dos comércios locais. Ao assumir um caráter produtivo na esfera das relações capitalistas, o PBF *ativou a pobreza passiva*, que era vista como problema social para o capital. Essa foi a forma pela qual o PT enfrentou as críticas da oposição direcionadas ao Programa. O processo de disputa política em torno da defesa do PBF resultou na conquista de significativo apoio em âmbito nacional e internacional, ao mesmo tempo em que se conseguiu “neutralizar”, em grande medida, as críticas mais reacionárias contra o Programa. Diante desse demonstrativo, o PSDB que, desde a implementação do PBF, caracterizou-se por ser um dos principais opositores e críticos ferrenhos do Programa, passou a reivindicar a autoria e originalidade do mesmo em suas campanhas eleitorais em 2010.

⁶² Foi ministra durante os Governos Dilma, de 1 de janeiro de 2011 até 12 de maio de 2016.

não trabalha. Só que isso não é verdade. Essa pessoa é pobre mesmo trabalhando. Porque é que essa pessoa é pobre mesmo trabalhando? Por vários motivos. Principalmente, porque a gente tem um passivo no Brasil de falta de oportunidades. Tem o exemplo da pessoa pobre que vem de um histórico de família sem acesso à educação. E ele trabalha no pior emprego que sobrou, é o último a ser contratado.

(...) No Brasil a gente tem preconceitos contra os pobres: tivemos preconceitos contra os indígenas, contra os escravos, e contra os negros, e continuamos herdando dessa cultura escravocrata. **O BF tem ajudado a que a gente possa trazer para a sociedade esse dado (de que os pobres trabalham).** Há vários estudos em todas as áreas, independentes do governo, que provam que o Bolsa Família não leva à preguiça; e não faz com que as pessoas busquem a informalidade – não assinar contrato para esconder do BF – porque ela já trabalhava na informalidade.

Se forem a Salvador, vão ver centenas de pessoas aproveitando esse período com muitos turistas vendendo coisas na praia – bronzeadores, pastéis, biquínis, chapéus. As pessoas não têm contrato, mas vão ver como esse trabalho é duro. Elas estão aproveitando esse período para ajudar a família. São pequenos empreendedores informais: é o que usa a cozinha de sua casa, é a costureira que usa a sua máquina (...) ⁶³.

As disputas em torno da concepção e do papel do Estado refletem em grande medida o conjunto de valores morais que sustentam a organização da vida em todos níveis da sociedade. Os ataques direcionados à população pobre por conta do Bolsa Família saíram da esfera privada da vida social e emergiram no cenário nacional, exacerbando posicionamentos políticos extremados. O que antes estava mais ou menos restrito à esfera privada dos indivíduos, aparentemente vinculado a uma questão de mera “opinião pessoal”, tomou outra proporção na realidade, ao passar para a esfera pública social, revelando as interconexões existentes entre os valores pessoais e as formas de organização social da vida.

Nesse processo, observamos a proliferação nas redes sociais de declarações como: “ao invés de dar Bolsa Família, o governo deveria dar bolsa ‘parem de parir’”, em uma alusão direta à suposição de que as mulheres que recebem o Bolsa Família seriam estimuladas a terem cada vez mais filhos, já que o Programa funciona com um repasse mensal em dinheiro por número de filhos. Nas redes sociais, com destaque para o *Facebook*, sátiras ridicularizando os beneficiários do Programa e a pobreza se tonaram banais ⁶⁴. Mensagens como “Vai transar? O governo dá camisinha. Já transou? O governo

⁶³ Vale a pena ler a reportagem na íntegra. <https://www.publico.pt/2014/03/05/mundo/entrevista/estamos-dando-o-peixe-ensinando-a-pescar-e-vamos-dar-o-que-tiver-que-ser-para-mudar-o-brasil-1626914>. Acessado em 09.10.17.

⁶⁴ Com algumas variações na forma de reproduzir o conteúdo, a mensagem acima pode ser encontrada em páginas do Facebook vinculadas a organizações da nova direita brasileira, como MBL, Revoltados Online,

dá pílula do dia seguinte. Teve filho? O governo dá Bolsa Família. Resolveu virar bandido e foi preso? O governo dá auxílio reclusão. Todo presidiário com filhos tem direito a uma bolsa de R\$915,05 ‘por filho’. Agora experimenta estudar e andar na linha para ver o que acontece! Salário mínimo R\$622,00. Se você é brasileiro passe adiante”⁶⁵. Para os que pensam assim, contraditoriamente, o pobre deveria sentir na pele a necessidade de procurar um trabalho para sobreviver, de modo que diante de sua condição de pobreza, deveria se dedicar de corpo e alma ao trabalho que lhe “oferecem”.

Em uma sociedade estruturada a partir da exploração do trabalho de uma classe social sobre as demais, essa forma de pensamento é bastante reveladora dos valores sociais que movem e mantêm o sistema capitalista. A ideologia do trabalho (“comerás o pão com o suor do seu rosto”) é a forma clássica de manutenção da ordem burguesa, como bem demonstrou K. Marx em sua *Crítica da economia política*. Sendo assim, é indispensável que as massas sejam constantemente educadas, moral e eticamente, para um dado tipo de trabalho, em um processo impositivo de construção do consenso, que busca *pedagogicamente* aperfeiçoar a conduta de homens e mulheres para que estejam aptos a atender as exigências do capital em seu tempo, consoante ao que Gramsci chama de “americanismo” e “fordismo”, de formação de um tipo psicofísico especial de humanidade, por meio de um consenso que se forja através violentos processos de expropriações.

Por se considerarem indispensáveis e as únicas classes produtivas do país, as classes médias e o empresariado se sentem lesados ao ver o Estado investindo recursos públicos em políticas de assistência social, pois acreditam que são eles quem, verdadeiramente, sustentam o Estado, os serviços públicos, por meio dos impostos e da promoção de postos de trabalho. De todo modo, o medo de que os pobres se tornem improdutivos, que políticas públicas se consolidem como um incentivo para a “vagabundagem” e a “preguiça” em geral, não é nenhuma novidade. Pelo menos desde o século XVIII, a estrutura desse pensamento se constituiu enquanto elemento central e necessário na formação moral das sociedades burguesas. Na obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, F. Engels diz que

Orgulho de ser hetero, Bolsonaro Zuero 3.0. Páginas que atuam sistematicamente proferindo ataques aos setores sociais em condição de miséria e disputando a consciência social das massas em torno de uma dada concepção de Estado.

⁶⁵O conjunto de informações anunciado nessa mensagem merece ser pontuado e discutido minuciosamente, como poderemos observar nos capítulos seguintes deste trabalho.

(...) a mais brutal declaração de guerra da burguesia ao proletariado é a Teoria Malthusiana da população e a nova lei sobre os pobres, que se inspira diretamente nela. Já deparamos várias vezes com a teoria de Malthus. Resumamos, mais uma vez, a sua conclusão essencial: a terra está constantemente superpovoada, e por consequência é fatal que reinem a miséria, a angústia, a pobreza e a imoralidade; é o destino da humanidade, e seu destino eterno, ser demasiado numerosa e por isso estar dividida em diferentes classes, segundo ele umas mais ou menos ricas, cultas, morais e as outras mais ou menos pobres, miseráveis, ignorantes e imorais. Daqui se infere, do ponto de vista prático – e estas conclusões são tiradas pelo próprio Malthus – que a beneficência e as caixas de socorros não têm sentido, pois só servem para manter em vida e para multiplicar a população excessiva, cuja concorrência pesa nos salários da outra fração da população, que é também absurdo por parte da administração da assistência dar trabalho aos pobres, pois, dado que apenas uma determinada quantidade de produtos fabricados pode ser consumida, cada operário desempregado a quem se dá trabalho vai desempregar um até agora ocupado e assim a indústria privada é prejudicada pela indústria da assistência pública. Por outras palavras, o problema não é portanto alimentar a população excedente, mas limitá-la o mais possível, de uma maneira ou doutra. Com algumas fórmulas secas, Malthus declara que direito a existência, até aí reconhecido a qualquer homem do mundo, não tem qualquer sentido. Cita as palavras de um poeta: o pobre vem à mesa da Natureza preparado para o festim e não encontra posto o prato para ele; e acrescenta – ‘e a Natureza diz-lhe para desaparecer, pois ele, antes de nascer, não perguntou à sociedade se ela o queria’⁶⁶.

E mais adiante, na nota de rodapé de número 7, complementa:

Um homem que nasceu num mundo já ocupado, se não se pode obter dos progenitores a subsistência que justamente lhes pode pedir, e se a sociedade não precisa de seu trabalho, não tem nenhum direito à mais pequena quantidade de alimentos e, na realidade, está a mais. No grande banquete da Natureza não há talheres para ele. Ela ordena-lhe que se vá embora e ela própria velará pela execução destas ordens, se ele não puder recorrer à compaixão de algum dos convivas do festim. O boato de que há alimentos para todos os que chegam enche a sala de numerosos pedinchões. A ordem e a harmonia do festim são perturbadas, a abundância que reinava anteriormente transforma-se em penúria e a alegria dos convivas é destruída pelo espetáculo da miséria e constrangimento que reinam em todas as partes da sala e pelos clamores importunos daqueles que justamente estão furiosos por não encontrarem os alimentos que lhes tinham prometido. Os convivas reconhecem tarde demais o erro que cometeram ao infringir as ordens estritas, no tocante a intrusos, dadas pela grande anfitriã do banquete, que desejava que todos os hóspedes fossem abundantemente alimentados e, sentindo que não podia alimentar um número ilimitado

⁶⁶ ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Edição Afrontamento, maio de 1975.p.346.

de convivas, recusava por preocupação humanitária a admissão de novos convivas quando a mesa já estava cheia⁶⁷.

A visão malthusiana é um clássico da leitura evolucionista da sociedade, segundo a qual só os mais fortes sobrevivem e os mais frágeis tendem a ser naturalmente eliminados, de modo que a presente concepção trata a miséria e a fome como uma disfunção da natureza, produto de uma superpopulação indesejada. Em outros termos, a não adaptação dos pobres às condições sociais existentes (leia-se: a sujeição ao trabalho de qualquer natureza em troca do direito à sobrevivência) os levaria espontaneamente à morte. E, deste ponto de vista, a morte pela fome representaria o retorno dos equilíbrios, quando a natureza, perfeita em sua dinâmica de produção e reprodução, acaba com esses indesejáveis.

Essa visão de mundo está intimamente ligada à leitura contemporânea das classes dominantes. Expressa, sobremaneira, a base de pensamento da burguesia liberal e conservadora, a qual nos é transmitida *didaticamente* como lógica “racional” e “funcional”. Introduce, dessa forma, um sentimento moral de positividade do trabalho, de disciplina e responsabilidade com o labor, fazendo-nos crer na ideia de que todos os trabalhadores recebem o montante justo e referente ao produto de seu trabalho. Por conseguinte, a tendência é que políticas assistenciais causem certo estranhamento, porque estariam indo contra a “ordem natural das coisas”. Afinal, “ninguém merece ganhar nada de graça”, segundo a lógica do capital e das classes dominantes. Existe, então, um processo de culpabilização dos pobres pela sua miséria e um apagamento das condições sociais que a produzem.

1.7 A esquerda do capital

Apesar das esperanças e do sentimento de vitória que Lula e o PT suscitaram após sua eleição, é preciso lembrar que a alternativa petista de governabilidade, ao contrário do que a maioria de seus leitores esperavam, priorizou atender às exigências do grande capital e a manutenção dos interesses das burguesias nacionais, através da aplicação do receituário neoliberal, compromisso que foi assumido publicamente através da *Carta ao*

⁶⁷ Idem.p.347.

Povo Brasileiro, na qual Lula reconhece a necessidade de acalmar os investidores nacionais e internacionais em nome da “estabilidade econômica”, em um gesto de clara demonstração de que este não seria um governo para os trabalhadores, mas, na melhor das hipóteses, um governo em colaboração com os trabalhadores, o que por si só frustrou as expectativas dos setores populares que apoiaram sua candidatura e mesmo dos setores mais combativos no interior do próprio partido. As avaliações de Aloizio Mercadante⁶⁸ são esclarecedoras do projeto de governo proposto pelo PT:

O Novo Desenvolvimentismo consistiria na elevação do social à condição de eixo estruturante do crescimento econômico, por meio da ampliação do mercado de consumo de massa, com políticas de renda e inclusão social. Esse fortalecimento do consumo popular e do mercado interno seria capaz de gerar um novo dinamismo econômico, bem como escala e produtividade para a disputa do comércio globalizado, impulsionando as exportações e consolidando a trajetória de crescimento acelerado e sustentado.

Essa foi a base do programa de governo apresentado por Lula, em 2002. No entanto, a fragilidade macroeconômica do país, agravada pela estratégia do medo impulsionada pela candidatura PSDB/Serra, e as incertezas geradas pela eventual vitória de um candidato de perfil popular, como Lula, impulsionaram um poderoso ataque especulativo financeiro contra o Real, crescente durante toda a campanha eleitoral. A fuga de capitais aumentava diariamente, o câmbio se desvalorizava de forma acelerada, praticamente não tínhamos mais reservas cambiais e a pressão inflacionária ameaçava o que restava da precária estabilidade econômica. Foi nesse ambiente e no calor da campanha que lançamos mão a “Carta ao Povo Brasileiro”.

Na “Carta ao Povo Brasileiro”, divulgada em julho de 2002, **abdicamos publicamente de uma estratégia de ruptura e assumimos o compromisso com uma transição progressiva** e pactuada para um novo modelo de desenvolvimento. O compromisso com a estabilidade econômica era apresentado como inegociável e o regime de metas inflacionárias, o câmbio flutuante, o superávit primário e o respeito aos contratos foram claramente incorporados ao Programa de Governo. Essa opção por uma transição progressiva revelou-se acertada e fundamental para assegurar a governabilidade democrática, administrar politicamente a condição de minoria no parlamento, especialmente no Senado Federal, e acumular forças para que pudéssemos avançar em direção ao novo modelo de desenvolvimento⁶⁹.

⁶⁸Aloizio Mercadante é economista e professor licenciado da Unicamp e da PUC-SP. Como militante, atuou nos movimentos estudantis e sindicais e participou da fundação do PT. Coordenou a elaboração de vários programas de governo e foi membro da coordenação das campanhas presidenciais de 1989, 1994, 1998 e 2002. Em 1990, foi eleito deputado federal e reeleito em 1999, quando ocupou a liderança do PT na Câmara dos Deputados, até 2000. Em 2002, elegeu-se senador e passou a presidir a Comissão de Assuntos Econômicos e Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul. Foi líder da bancada do PT e do bloco de apoio ao governo, assim como vice-presidente do Parlamento do Mercosul em 2010. Informações extraídas do livro MERCADANTE, Aloizio. **O governo e a construção de um Brasil mais justo**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2010. Coleção: Brasil em debate; V. 4 p.111.

⁶⁹MERCADANTE, Aloizio. **O governo e a construção de um Brasil mais justo**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2010. Coleção: Brasil em debate; V. 4 p.31-32.

O compromisso assumido com as elites empresariais por um dos maiores líderes sindicais do país era sintomático da confusão ideológica que se estabeleceria em torno da natureza desse governo. Um governo que, eleito em nome da esperança de milhares de trabalhadores com o objetivo de frear as reformas neoliberais, assumia publicamente seu compromisso com as elites empresariais do país, em um ato de submissão às práticas e discursos neoliberais, isso por si só causou enormes polêmicas em torno do caráter de classe desse governo.

A cautela prometida por Lula e pelo PT, e realizada em suas ações enquanto governo, acalmou os investidores e resultou no apoio de frações importantes das classes dominantes brasileiras. Da mesma forma, os movimentos sociais, que historicamente estiveram ligados ao PT (como é o caso da CUT e do MST), defendiam a necessidade de uma transição progressiva e sem rupturas, já que, segundo essas organizações, propostas que previam transformações radicais foram historicamente inviabilizadas. Visto dessa perspectiva, o PT parecia finalmente ter alcançado a maturidade necessária para governar e essa foi a opinião que prevaleceu e se massificou através da grande mídia (“Lulinha paz e amor”). Por outro lado, multiplicaram-se também as denúncias a respeito dos limites do projeto de transformação anunciado pelo PT e as contradições insolúveis na colaboração de classes proposta pelo partido.

Reunimos aqui, para os fins desta investigação, as principais avaliações a respeito do governo Lula. Podemos dividi-las em pelo menos três grupos, de vieses distintos: 1- avaliações produzidas pelos intelectuais e apoiadores do projeto petista, que se caracterizam especialmente pela defesa de um conjunto de *ideias progressistas* em relação ao quadro socio-político passado (FHC); 2- avaliações produzidas por intelectuais de *tradição revolucionária*, que se caracterizam pela defesa da necessidade de construção de uma nova hegemonia das classes subalternas, de um governo que pudesse superar o quadro social vigente; e, por último, 3) a emergência de *avaliações reacionárias e conservadoras*, que se caracterizam, sobretudo, pelo antipetismo.

Após esse panorama geral sobre o combate à fome, mote principal dos governos referidos, que para nós se constitui em peça determinante para o entendimento do quadro social vigente, além de levar em consideração o papel histórico do PT ao lado das classes trabalhadoras organizadas, é de suma importância recuperar algumas avaliações consensuais (de diferentes matizes ideológicos) que se produziram a respeito dos

Governos Lula. Entre elas, o reconhecimento de que durante os anos de 2003 e 2007, quando Luiz Inácio da Silva foi presidente, o Brasil passou por um período de grande estabilidade econômica e social, marcada pelo crescimento de importantes índices econômicos e pela promoção de políticas públicas de amplo apoio popular, elementos que marcaram positivamente seu governo e foram traduzidos no cenário político-eleitoral pelos altos índices de apoio popular.

Como já mencionado anteriormente, desde 2003, a alternativa petista de governabilidade atendeu as exigências do grande capital e a manutenção dos interesses das burguesias nacionais, ao mesmo tempo em que serviu aos interesses dos setores populares e das classes trabalhadoras por meio da ampliação do Estado e da implementação de políticas sociais compensatórias. Esse modelo de gestão obteve sucesso enquanto pôde garantir as altas taxas de lucro e de crescimento econômico das elites empresariais do Brasil.

O estudioso André Singer levantou uma instigante hipótese de trabalho acerca da caracterização do governo Lula, em artigo intitulado *Raízes sociais e ideológicas do lulismo*⁷⁰. Segundo o autor, o conjunto de ações governamentais promovidas pelos Governos Lula constituiu uma plataforma política para os anseios de certa fração da classe trabalhadora (“subproletariado”) que, embora majoritária, até então não havia conseguido construir “desde baixo” suas próprias formas de organização. Para A. Singer, os “subproletários” são aqueles que “oferecem a sua força de trabalho no mercado sem encontrar quem esteja disposto a adquirí-la por um preço que assegure sua reprodução em condições normais”. Estão incluídos nesta categoria “empregados domésticos, assalariados de pequenos produtores diretos e trabalhadores destituídos das condições mínimas de participação na luta de classes”.

Ao conquistar a confiança e o apoio desses setores, o PT teria se tornado então o partido dos pobres:

Examinadas em seu conjunto, as ações governamentais do primeiro mandato vão muito além de simples ‘ajuda’ aos pobres. Sem falar nos programas específicos, o aumento do salário mínimo, a expansão do crédito popular com aumento da formalização do trabalho (o desemprego caiu de 10,5% em dezembro de 2002 para 8,3% em dezembro de 2005) e a transferência de renda, aliados à contenção de

⁷⁰SINGER, André. **Raízes ideológicas e sociais do lulismo**. Novos estudos, novembro de 2009. p. 98. Essa hipótese que posteriormente foi retomada em artigo intitulado, “A segunda alma do PT” onde o autor procura demonstra o realinhamento eleitoral ocorrido em 2006 através da análise das intenções de votos.

preços, sobretudo da cesta básica (e em alguns casos deflação, como decorrência da desoneração fiscal), constituem uma plataforma no sentido de traçar uma direção política para os anseios de certa fração da classe. Não apenas porque objetivamente foram capazes de aumentar a capacidade de consumo de milhões de pessoas de baixíssima renda, como atesta o acesso em geral a ‘classe C’, mas também porque sugerem um caminho a seguir: manutenção da estabilidade com expansão do mercado interno, sobretudo para os setores de baixa renda⁷¹.

Para nós, essa avaliação é importante na medida em que nos fornece subsídios concretos para dar sustentação ao conjunto de nossa hipótese de trabalho, que consiste em buscar compreender a ascensão da nova direita brasileira a partir de uma reação conservadora aos pequenos avanços conquistados pelos setores populares ao longo dos governos petistas. Entendemos que esse *conservadorismo*, protagonizado pela nova direita brasileira, não decorre de um *vazio existencial*, mas é expressão concreta dessas pequenas mudanças. Mudanças que, embora tenham seu alcance limitado, possibilitaram importantes transformações nas formas de pensar e organizar a vida social, processo que, em muitos aspectos, revolucionou o fazer-se das classes subalternas em seu cotidiano. Assim, é perceptível que os constantes ataques direcionados a Lula e ao PT constituem-se como um ódio de classe organicamente sistematizado, baseado no antipetismo. Trata-se da forma atual que a luta de classes se manifesta na contemporaneidade brasileira.

Quando Singer diz que

(...) depois de 2006, o partido ficou muito mais próximo do Brasil do que era até meados dos anos 1990, mostrando que estava certa a intuição de Juarez Guimarães ao escrever que o ‘o PT tornou-se nos últimos anos mais nacional, mais brasileiro, mais sertão, mais samba, mais negro, mais nordestino e mais amazônico, mais agrário’. O PT tem hoje cerca de dez vezes mais simpatizantes que vivem no piso da pirâmide econômica brasileira do que entre os que estão no topo, diferença que não existia em meados da década de 1990. É por ter entrado no coração do subproletariado que o PT adquiriu a feição de ‘partido dos pobres’, lugar vago na política brasileira desde 1989, quando o PMDB perdeu essa condição⁷².

Essa argumentação, embora, seja constituída da plataforma política e da propaganda ideológica desenvolvida em defesa do partido, ganha outra dimensão e outro sentido se pensada no quadro político geral, onde diferentes forças políticas estão em

⁷¹Idem. p.94.

⁷²Ibidem.p.100.

disputa e devem, de fato, ser levadas em consideração para o entendimento do movimento contraditório das massas e o conseqüente crescimento de uma nova direita, pois ele evidencia sob quais aspectos se dá o acirramento entre as classes no Brasil.

A reação contra a implementação de políticas sociais compensatórias como o PBF e as políticas de acesso à educação institucionalizadas com o PROUNI e o FIES, ainda que tenham uma clara intenção de salvar os setores privados da educação com financiamento público, objetivamente abriram caminhos para que setores de baixa renda tivessem acesso ao ensino superior. Medidas como essas, embora não correspondam ao projeto idealizado pelos profissionais da educação, no sentido de promover a ampliação do ensino público, causaram um importante impacto na vida de milhares de jovens de baixa renda. Existe uma diferença substancial na vida das pessoas que passaram (e ainda passam) a ter acesso a essas políticas, de modo que é preciso observar o acirramento dos conflitos de classe no Brasil a partir da proposição dessa tentativa de uma nova configuração social.

Como evidenciado pelos ideólogos do próprio governo petista:

(...) essas mudanças revelam também algo sabido e frequentemente esquecido – que as restrições à implementação de medidas e programas em favor dos trabalhadores e dos segmentos carentes da sociedade, em um país como o nosso, não são primordialmente econômicas, como se costuma alegar, mas sim essencialmente políticas, como o ocorrido com a eleição de Lula, mesmo sem rupturas radicais ou sem grau de liberdade que uma situação de hegemonia da coligação vitoriosa poderia propiciar, abrem espaço para uma representação mais democrática dos interesses dos trabalhadores. E, conseqüentemente, viabilizam o redirecionamento de parte dos recursos e das políticas públicas com critérios de justiça social, pavimentando o caminho para a consolidação de nossa democracia e a plena cidadania para todos os brasileiros⁷³.

Trata-se de uma proposta de governo, produzida em meio a uma correlação de forças entre a luta dos setores subalternos, que organizados reivindicam suas demandas, e as diferentes frações das classes dominantes do país, que disputam organicamente os rumos do Estado e da sociedade como um todo. Dessa forma, importa observar que o próprio exercício da hegemonia requer que se faça presente a representação de todos os setores sociais sob a direção moral e intelectual de uma classe.

⁷³MERCADANTE, Aloizio. **O governo e a construção de um Brasil mais justo**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2010. Coleção: Brasil em debate; V. 4 p.44.

Dito de outra forma, o fenômeno do “lulismo” é expressão de como ocorre a luta de classes na contemporaneidade brasileira. Expressa, ao mesmo tempo, a emergência das classes subalternas e sua força política e social, assim como a necessidade das classes dominantes de recompor as bases da hegemonia neoliberal e, para isso, faz-se necessário atender, mesmo que parcialmente, a demanda das classes subalternas.

No entanto, segundo Edmundo Dias, é preciso ter a clareza de que “ser governo” e “ter poder” não é a mesma coisa:

O poder é uma relação social e não uma entidade abstrata. Ele, expressa, portanto, a relação estrutural e contraditória das forças sociais em presença. Os projetos sociais e econômicos – manifestados por esta ou por aquela forma de poder – não são neutros, sabemos todos. As formas institucionais também não. A contra-revolução preventiva, eufemisticamente chamada de reforma do Estado, moldou um conjunto de relações de poder, redesenhando a vida social, redefiniu e deu maior eficácia ao Estado, ainda que em essência essa alteração não tenha mudado sua natureza, e, portanto, devem ser alteradas e não ‘ganhas’, como afirma uma certa mitologia política⁷⁴.

Essa reflexão retoma um importante debate estratégico sobre o papel do Estado que, diante das necessidades mais imediatas sentidas pelos setores subalternos, esteve reduzido a um segundo plano. Quando E. Dias nos diz que “o poder é uma relação social e não uma entidade abstrata”, ele está nos dizendo que o poder não está localizado apenas no Estado, entendido como um “lugar externo” a ser ocupado.

O papel de regulação social do Estado se dá a partir dos interesses dos setores dominantes (burguesias), ao passo que não devemos alimentar esperanças na ideia de que, “ganhando” o governo, nossos problemas sociais serão solucionados, porque fundamentalmente não se trata de quem está no governo (ainda que isso possa resultar em mudanças consideráveis), mas se trata de pensar um projeto autônomo e independente de sociedade apoiado nas classes trabalhadoras.

Quando a burguesia, no processo da sua revolução, construiu seu Estado, criou, ao mesmo tempo, uma nova concepção de Direito, uma nova ética e tratou de obter ativamente, do conjunto da sociedade, um conformismo de novo tipo. Criou solidariamente uma concepção de Economia, Política, de Saúde, de Educação, de Ciência, de suas práticas e aparelhos. O Estado nacional-popular não se apresentou, como um Estado de classe. Ele ‘é manifestação particular da totalidade mercantil orgânica do capitalismo’. Foi essa nova ética estatal que permitiu a possibilidade de ‘elaborar uma passagem orgânica das outras classes à

⁷⁴ Idem p.129-130.

sua, isto é, *ampliar a sua esfera de classe 'técnica' e ideologicamente (...). A classe burguesa se coloca a si mesma como um organismo em continuo movimento, capaz de absorver toda a sociedade, assimilando-a ao seu nível cultural e econômico; toda a função do Estado é transformada: (...) se torna 'educador'*⁷⁵.

Com isso, E. Dias nos possibilita uma análise sobre a natureza de classe do governo Lula por meio de suas ações concretas e do conjunto de compromissos assumidos nos marcos de seu governo, através da composição de seus ministérios, das reformas propostas e implementadas, e não apenas do ponto de vista do discurso de propaganda política que movimentou a militância em nome de um projeto de transformação para o Brasil.

Trata-se de ter clareza da correlação de forças, das tendências objetivas da sociedade, em suma, de como transformar a subjetividade dos partícipes da sociedade (classes, partidos, sindicatos, grupos) em objetividade, isto é, de como ela pode vir a ser realidade⁷⁶.

Desse modo, o autor destaca que, desde a conjuntura pós-eleição, a composição dos ministérios do novo governo revelava suas contradições, frustrando a militância e inviabilizando a realização de um projeto popular para o Brasil:

O ministério contemplou posições políticas muito diversificadas. A agricultura e o desenvolvimento diretamente sob o controle dos empresários. A Fazenda reafirmou e radicalizou o acordo com o FMI. O Banco Central, ao qual o novo governo pretende conceder autonomia, era entregue a um ex-dirigente máximo do *Bank of Boston*, segundo maior banco credor do Brasil e deputado eleito pelo PSDB. Sobre ele, os conhecedores da área financeira dizem que, comparado a Armínio Fraga, se trata de personagem menor. O projeto de autonomia do Banco Central, que o governo das mudanças colocou no seu programa, concederá a esta instituição poderes decisivos na determinação das nossas políticas macroeconômicas. Livre, é bom que se diga, de toda e qualquer pressão política das classes trabalhadoras. Sobre isso Chico Oliveira na sua aula “Em busca do consenso perdido” expressa, com toda a clareza, os limites sociais da proposta. Para ele a ‘autonomia é a anulação da política’ e mais adiante: ‘elege-se o presidente para não governar’. O governo Lula se autolimita em um dos locais essenciais, não apenas para vitória ou derrota do seu projeto, mas mais do que isso, vitais para a população brasileira. O ‘mercado ficou bem contemplado. Em grande medida, o segundo time, desse e de outros ministérios mantêm boa parte da equipe de Cardoso⁷⁷.

⁷⁵DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: **O outro Gramsci**, Xamã, 3ª edição. p.34.

⁷⁶Ibidem p.133.

⁷⁷DIAS, Edmundo Fernandes. **Política brasileira**: embates de projetos hegemônicos. São Paulo: Editora Instituto José Luiz e Rosa Sudermann, 2006. p.144.

E. Dias ainda chamou todo esse processo contraditório, de *fluxo* e *refluxo* da luta entre as diferentes frações de classe, onde um governo de amplo apoio popular administra o Estado em nome dos interesses majoritários do capital, de “contrarrevolução preventiva”. Para isso, na contramão dos que viam a eleição de Lula como sendo uma possibilidade de transformação da realidade em nome dos trabalhadores, Dias desenvolveu dura e consistente crítica a respeito dos retrocessos que o governo Lula, ao propor um governo de colaboração de classes, impôs aos trabalhadores e aos movimentos populares organizados que, ao alimentarem as esperanças neste governo, perderam de vista seu projeto estratégico de classe.

Examinando as crises capitalistas vemos que elas necessitam e exigem para a sua resolução que se redesenhem as formas produtivas, as classes sociais e, conseqüentemente, a institucionalidade. A crise do capital supõe a refundação do Estado, a reconstrução das relações sociais como um todo, o redesenho das classes. No fundamental essa alteração implica em suprimir o antagonismo, seja no plano das lutas de classe na sociedade, seja nas lutas travadas “na produção”. Hoje esse processo de refundação do Estado é ainda mais amplo. A tentativa é de construir uma classe trabalhadora *do* capital e não apenas *para* o capital. Tudo e todos têm que ser reduzidos às formas mais totalitárias do capital⁷⁸.

Seguindo essa lógica, a emergência de um governo dito dos trabalhadores teve a pretensão de prevenir uma possível ascensão das massas e de retomar o apoio popular ao projeto de desenvolvimento social sob o capitalismo: o que estava em jogo era a necessidade de um redesenho das classes trabalhadoras (“reestruturação produtiva”) e de suas direções, algo que resultou em um conjunto de reformas do Estado que começaram a ser implementadas nos governos petistas, como a Reforma da Previdência, a Reforma Universitária e a Reforma Trabalhista, todas inscritas e apontadas como necessidades do capital e das classes dominantes brasileiras, como condição necessária para a maximização de seus lucros e de garantia de seus interesses de classe. Tudo isso com um enorme agravante: reformas restritivas realizadas por um governo de amplo apoio popular.

O exemplo mais claro disso foi incorporação das principais lideranças políticas da Central Única dos Trabalhadores (CUT) à estrutura estatal. Ao negar o antagonismo entre as classes sociais no capitalismo, essa central se ausentou da luta das classes trabalhadoras e passou a trabalhar como gerenciadora dos conflitos entre capital e trabalho. Postura que

⁷⁸Idem p.200.

ficou clara diante das discussões a respeito das reformas mencionadas seguindo mais um passo com a ideia de um grande pacto social, que resultou em uma profunda desorganização das classes trabalhadores que se viram desamparadas diante do acirramento dos conflitos sociais e dos ataques orquestrados pelo Estado contra seus direitos. O novo papel assumido pelas direções políticas dos trabalhadores reforçou e deu respaldo ao processo de reestruturação produtiva imposto pelas classes dominantes do país⁷⁹.

Ultrapassa-se de longe a possibilidade da revolução passiva. Não se trata apenas de capturar as subjetividades antagonistas, mas de incorporá-las ativamente ao bloco no poder. O processo supõe a passagem da ‘integração passiva à ordem’ para uma ‘integração ativa’ onde os antagonistas de outrora parecem agora ter o poder de conduzir a totalidade social quando são apenas ‘administradores subalternos’ do bloco no poder. Óbvio que tem responsabilidade real não sendo nem ‘vítimas das astúcias do poder’, nem meramente ‘inocentes inúteis’. Em uma situação como a vivida no Brasil, é necessário que todos, ou quase todos os movimentos sociais sejam incorporados enquanto vontade e ação ao jogo governamental. A lógica determinante é a do capitalismo e nessa eles não tem poder de “corretivo” algum⁸⁰.

O resultado dessa tentativa do governo petista, de equilibrar a direita tradicional e as massas, foi uma profunda desmobilização das classes trabalhadoras organizadas que, ao acreditarem ter um governo que representava os seus interesses, ficaram paralisadas. Uma “crise da subjetividade operária” que “se transformou em objetividade da dominação capitalista”, na medida em que “muitos dos dirigentes que fizeram esse tour de force ideológico estão no governo objetiva ou subjetivamente. Como funcionários ou como membros de conselhos de administração das estatais”⁸¹.

As aparências são normalmente associadas às ilusões. Elas, contudo, são necessárias. É através delas que se percebe o real, atuando assim no sentido de conformar *os modos de ver, de pensar*, constituindo-os. Toda ação social se move em um campo estruturado pelas ideologias, pelos projetos das classes. As aparências são a cara visível das ideologias. Ainda que demonstradas empiricamente falsas, marcam o horizonte das possibilidades. A análise do *modus operandi* do governo PT demonstra a afirmação acima. Ao mesmo tempo em que se destroem as condições

⁷⁹ Sobre processo de transformismo vivido pela CUT e o novo papel na gerencia de conflitos sociais ao longo dos governos petistas ver Capítulo 7: “Reformas ou contra-revolução? O governo Lula” In: DIAS, Edmundo Fernandes. **Política brasileira: embates de projetos hegemônicos**. São Paulo: Editora Instituto José Luiz e Rosa Sudermman, 2006. (p.199 a 219.)

⁸⁰ Idem. p.200.

⁸¹ Ibidem. p.171.

básicas de vida das classes populares se proclama, como virtude governamental, justo o oposto.

(...) Lula pensara governar representado as grandes massas, mas acaba por implementar o programa da contrarrevolução, patrocinado pelo processo de financeirização. E o faz mais rapidamente possível todas as ‘reformas’ enquanto ainda tem popularidade⁸².

1.8 Segunda fase – Governo Dilma (2011-2016): o neodesenvolvimentismo petista, a crise de legitimidade do governo Dilma e as frações de classe burguesa em crise

O período entre 2010 e 2016, na história do Brasil recente, abarca a eleição de Dilma Rousseff à Presidência da República em 31 de outubro de 2010, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e também a sua recente reeleição em 26 outubro de 2014, com mandato previsto até 2018, mas interrompido pelo Golpe de Estado⁸³, jurídico e parlamentar que a depôs e instituiu em seu lugar o governo ilegítimo de Michel Temer (PMDB) em agosto de 2016. Com a eleição de Dilma à Presidência da República em 2014, o PT completaria dezesseis anos no comando do governo federal, fato que repercutiu de maneira incisiva sobre a conjuntura política brasileira.

O ensaio desenvolvimentista proposto por Dilma e sua equipe econômica (representada por Guido Mantega), teve como objetivo construir uma política econômica e social capaz de garantir os avanços distributivistas da Era Lula e manter o patamar de crescimento econômico vivido desde 2003. Dessa forma, a proposta de Dilma em seu governo era promover uma mudança estrutural na economia através da disponibilização de mais empréstimos a juros baixos, ou seja, de crédito barato fornecido por bancos estatais, além de uma política fiscal expansionista, desvalorização do câmbio monetário, incentivo à industrialização por meio de investimentos públicos, concessões de serviços públicos e aumento das tarifas de importação para estimular a indústria nacional.

⁸² Ibidem. p.196.

⁸³ Um Golpe organizado por diferentes agrupamentos sociais, como o PSDB e a chamada “bancada evangélica”, ambos sustentados e financiados por importantes setores do empresariado brasileiro, do qual destacamos a presença ativa da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e do Movimento Brasil Livre (MBL), como grandes articuladores nas ruas. A presença da nova direita como movimento orgânico e de massa foi determinante para tentar imprimir ares de legitimidade a esse processo, chamado e endossado pela grande mídia como um impeachment. A mídia tradicional teve importante papel nesse esquema, ao sustentar a ideia de que estava em curso no Brasil uma luta democrática contra a corrupção, luta protagonizada pelo povo brasileiro.

Apoiados nas teses de A. Singer sobre a ofensiva desenvolvimentista de Dilma, muitos foram os estudiosos que buscaram justificar o acirramento da crise econômica e política ao longo de seus governos como sendo resultado de uma “greve de investimentos”, por parte das elites empresariais do país, em oposição ao modelo distributivista inaugurado pelo PT. Esta é a hipótese de trabalho defendida, por exemplo, por Fernando Marcelino, segundo o qual, diante da crise econômica de 2008,

Dilma resolveu agir fortemente, com uma série de medidas de grande impacto. Seu objetivo era crescer 5% por ano, para não acirrar os conflitos distributivos. A perda de velocidade eliminaria a margem necessária para combater a pobreza. Assim Dilma tomou uma série de medidas no segundo semestre de 2011, visando reduzir juros, desvalorizar a moeda, melhorar saldos comerciais, controlar a inflação, dar aumentos salariais, fazer as obras de infraestrutura, políticas de transferência de renda e adotar medidas industrializantes. Numa ação coordenada, inexistente no período de Lula, o Planalto realizou alterações que visavam estimular a elevação da taxa de investimento da economia brasileira, por meio da elevação do custo do capital (via redução da taxa de juros) e do aumento da competitividade da produção nacional nos mercados estrangeiros (via desvalorização do câmbio). Supunha-se também que a redução do retorno das aplicações financeiras pela redução das taxas juros, estimularia a transferência de recursos para atividades produtivas. O resultado seria suplantando o tripé econômico para dar um salto quantitativo na economia por meio da industrialização e da distribuição de renda, conforme a síntese de Singer, na “nova matriz econômica” adotada em 2011 e 2012 destacam-se as seguintes ações:

1. Redução dos juros. Apresentada como mudança “estrutural” e “fundamental” por Mantega, “a colocação das taxas de juros em níveis normais para uma economia sólida e com “baixos riscos” foi a principal batalha da nova matriz.(...)”
2. Desvalorização do Real. O câmbio desvalorizado foi o segundo objeto principal da nova matriz.
3. Uso intensivo de BNDES. O BNDES estabeleceu robusta linha de créditos subsidiado para o investimento das empresas por meio de repasses recebidos do Tesouro. (...)
4. Aposta na reindustrialização. Em agosto de 2011, Dilma lança mão o Plano Brasil Maior, política industrial para “sustentar o crescimento econômico inclusivo num contexto econômico adverso”. São medidas que vão da redução do IPI sobre bens de investimento à ampliação do MEI (microempreendedor individual). A proposta era que o BNDES investisse quase 600 bilhões de reais na indústria até 2015.
5. Desoneração. Em abril de 2012, é anunciada a desoneração da folha de pagamento para quinze setores intensivos em mão de obra. No seu auge em 2014, a desoneração atingiria 42 setores e pouparia cerca de 25 bilhões de reais anuais aos empresários. (...)
6. Plano para infraestrutura. Em agosto de 2012, é lançado o Programa de Investimento em Logística (PIL), pacote de concessões para estimular a inversão em rodovias e ferrovias. A primeira fase do PIL previa a aplicação de 133 bilhões de reais.

7. A reforma do setor elétrico. Em setembro de 2012, é editada a Medida Provisória 579, com o objetivo de baratear em 20% o preço da eletricidade, reivindicação da indústria para reduzir os custos e ganhar competitividade em relação aos importados. (...)
8. Controle de capitais. Com o objetivo de impedir que a entrada de dólares valorizasse o real, prejudicando a competitividade dos produtos brasileiros (...)
9. Proteção ao produto nacional. De modo a favorecer a produção interna, em setembro de 2011 elevou em 30 pontos percentuais o IPI sobre os veículos importados ou que tivessem menos de 65% de conteúdo local. Em fevereiro de 2012, a Petrobras fechou acordo para alugar 26 navios-sondas a serem construídos no Brasil, com 55% a 65% de conteúdo nacional. Em junho de 2012, foram aumentados os impostos de importação de cem produtos, entre eles pneus, móveis e vidros⁸⁴.

No entanto, a partir de 2011, a alternativa petista de desenvolvimento do capitalismo brasileiro veio dando sinais cada vez mais evidentes de seus limites. A piora nas condições externas da crise econômica mundial levou o governo do PT a combinar cada vez mais seu programa de “neoliberalismo moderado” com medidas próprias do “neoliberalismo extremado”⁸⁵, como corte de gastos e aumento de juros, o que tornou a manutenção de medidas populares e medidas sociais compensatórias cada vez mais difíceis. O então chamado modelo desenvolvimentista brasileiro, que previa uma proposta de crescimento econômico a partir da intervenção do Estado e da ampliação de políticas de promoção social, passou, a partir de 2012 e meados de 2013, a sofrer importantes alterações em sua proposta original e, conseqüentemente, nas promessas de campanha e de governabilidade anunciadas para a população brasileira⁸⁶.

O descontentamento com as medidas do governo, somados à recessão econômica, repercutiu por diferentes vias na conjuntura política brasileira e, em 2013, tornou-se explícito nas ruas. As manifestações de junho e julho de 2013, que começaram contra o aumento das tarifas do transporte, conectaram-se com outras demandas e lutas sociais, desde a luta contra a corrupção até propostas de transformação profunda da realidade

⁸⁴MARCELINO, Fernando. “Os sentidos do Dilmismo: um debate com André Singer”In: **Revista História e Luta de Classes**. Dossiê Governos de Esquerda na América Latina, Nº22, setembro de 2016.p.72-73.

⁸⁵ A classificação de “neoliberalismo moderado” e “neoliberalismo extremado” usada no texto tem o objetivo de capturar as medidas sociais compensatórias promovidas ao longo dos governos petistas, é nomenclatura é utilizada por MACIEL, David. “**Melhor impossível**”: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o governo Lula. Revista Universidade e Sociedade. DF, ano XX, nº 46 de junho de 2010. (acessado 20.04.15).

⁸⁶A inviabilidade de manutenção e de alterações na gestão do governo são observadas e “denunciadas” até mesmo pelo ex-secretário de Imprensa do Palácio do Planalto e ex-porta-voz da Presidência da República, André Singer (cargos exercidos durante o Primeiro Governo Lula).

<<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2015/03/para-andre-singer-governo-precisa-ativar-economia-e-mudar-de-rumo-para-sair-da-crise-9763.html>> (Acessado dia 26.05.2012).

social⁸⁷. A reunião de milhares que ocuparam as ruas por melhores condições de vida e pelo fim da desigualdade social foi emblemática e expressiva do que o governo iria enfrentar:

Podemos pensar essas manifestações como um terremoto (...) que perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem benfazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos. Mas, sobretudo – e isso é o mais importante – fez renascer entre nós a utopia...⁸⁸

Em 2014, as contradições se acirraram e a insatisfação tomou conta do cenário político-eleitoral: a polarização das candidaturas (PT *versus* PSDB), expressou-se abertamente nos meios de comunicação: canais de televisão, rádios, jornais, revistas e, principalmente, revelou-se de maneira extrema nas redes sociais. As postagens nos perfis pessoais de *Facebook*, *Twitter* e blogs diversos de milhares de brasileiros foram uma forma de demonstração clara do acirramento político e ideológico travado em torno das candidaturas Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), durante as eleições.

A onda de descontentamento popular e de manifestações de impacto nacional em 2013 levou a uma disputa eleitoral apertada entre os candidatos à presidência e obrigou a presidente Dilma, assessorada ativamente pela figura de Lula nas campanhas, a mobilizar eleitoralmente a população com um discurso “radicalizado” e mais “à esquerda”.

Obtida contra a diuturna militância oposicionista da grande mídia, a vitória petista registrou a difusa consciência plebeia e anticapitalista de multidão de trabalhadores, populares e assalariados brasileiros. Entretanto Dilma Rousseff e o PT não pensaram por um segundo em governar com a população que lhes elegera. Ao contrário, tentaram sem detença, servis, reconquistar a perdida confiança dos grandes patrões. Na manhã seguinte à vitória, sem qualquer pudor, mudaram de discurso e de cara, expropriando o programa de Aécio e do PSDB⁸⁹.

O discurso da presidente girou em torno da necessidade de preservar o direito dos trabalhadores, de evitar o caminho das privatizações, de manter baixo o nível de

⁸⁷Para uma discussão mais apurada sobre o caráter das manifestações que se iniciaram em junho de 2013, ver o livro MARICATO, Erminia ... [et al.] **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

⁸⁸ MARICATO ... [er.al.]. **Cidades rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p.13.

⁸⁹MAESTRI. Mario. **Gritam impeachment e querem a renúncia**. Maio de 2015<<http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2015/05/Conjuntura-Mario-Maestri1.pdf>> (Acessado dia 21.05.2015).

desemprego, e tudo isso através de políticas de estímulo à produção e à manutenção de um suposto “programa social liberal”, que teria se iniciado em 2003 com Lula.

Seja como for, o que ocorreu foi uma tentativa de reeditar a chantagem do “mal menor” sobre os movimentos sociais e partidos de esquerda com vistas a enfrentar o avanço eleitoral das forças políticas de direita. Para tanto, a candidatura do governo petista criticou duramente o projeto neoliberal e se comprometeu com uma perspectiva neodesenvolvimentista como alternativa ao agravamento da crise econômica no segundo mandato de Dilma Rousseff⁹⁰.

No entanto, logo após o segundo turno e a vitória de Dilma (PT), novamente prevaleceu a perspectiva de composição política com o grande capital, buscando assegurar todas as medidas necessárias para se reestabelecerem as bases de confiança do empresariado e minimizar os impactos decorrentes da queda nas taxas de lucro da burguesia nacional e internacional ligadas a economia brasileira. Para isso, foram postas em andamento medidas de ajuste fiscal: confiscaram direitos trabalhistas e previdenciários; aumentaram o preço dos combustíveis; concederam aumento na energia elétrica; desvalorizaram o real relançando a inflação; inviabilizaram qualquer aumento real de salário mínimo; anunciaram corte nos gastos sociais, comprometendo direitos adquiridos pela população; asseguraram a centralização federal de recursos; prometeram seguir com as privatizações e vender parcialmente a Caixa Econômica Federal que, há um século e meio, era propriedade pública da população brasileira.

Com o fim do ciclo de crescimento econômico vivido no Brasil, entre 2003 e 2010, o governo não tinha mais as margens de manobra necessárias para atender as exigências do grande capital e as articular com as demandas populares. Em 2008, a crise econômica internacional, que atingiu o Brasil e as altas taxas de crescimento econômico do Governo Lula, que vinham desde 2003 atingindo a média 5% ao ano, foram enfrentadas pelo governo petista com um “receituário novo”. Propuseram, ao invés de contenção de gastos, acelerar o crescimento econômico e incentivar o consumo. Segue o apelo histórico de Lula em rede nacional de TV foi para que os brasileiros continuassem consumindo:

Você, meu amigo e minha amiga, não tenha medo de consumir com responsabilidade. Se você está com dívidas, procure antes equilibrar seu orçamento. Mas, se tem um dinheirinho no bolso ou recebeu o décimo

⁹⁰MACIEL, David. “Melhor impossível”: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o governo Lula. Revista Universidade e Sociedade. DF, ano XX, nº 46 de junho de 2010. (acessado 20.04.15).

terceiro, e está querendo comprar uma geladeira, um fogão ou trocar de carro, não frustrar seu sonho, com medo do futuro. Porque se você não comprar, o comércio não vende. E se a loja não vender, não fará novas encomendas à fábrica. E aí a fábrica produzirá menos e, a médio prazo, o seu emprego poderá estar em risco⁹¹.

Em seu segundo mandato (2014-2016), Dilma não mediu esforços e agarrou-se à ortodoxia neoliberal, jogando a conta nas costas dos trabalhadores e negando, na prática, suas promessas de campanha. Medidas como a isenção de impostos para grandes empresas, investimentos em obras públicas (Minha Casa Minha Vida, Programa de Aceleração do Crescimento - PAC), concessão de financiamento a juros baixos, ampliação do Programa Bolsa Família, etc., foram eficientes até 2010 e deram conta de minimizar os efeitos da crise econômica internacional no Brasil, mas, em 2011, estas medidas começaram a dar sinais de insuficiência e incapacidade de reversão da estagnação econômica. A saída adotada pela presidente, então, foi implementar medidas de ajuste fiscal: o chamado “programa de austeridades”⁹².

(...) após as polarizadas eleições presidenciais, ficou cada vez mais evidente que as eventuais promessas da campanha Dilma de preservar direitos dos trabalhadores, evitar o caminho das privatizações e manter baixo o nível de desemprego através de políticas de estímulo à produção eram apenas o que eram: promessas de campanha. A manifestação mais acentuada dos efeitos da crise econômica internacional sobre o país gerou uma resposta pós-eleitoral conservadora e ortodoxa do governo reeleito, com a adoção das, internacionalmente conhecidas, medidas de “austeridade”. Os cortes do orçamento público nas áreas sociais – especialmente na educação – e a retirada de direitos relativos ao seguro desemprego e pensões de viúvas foram as primeiras indicações de que mais uma vez a conta da crise deveria ser paga pelos trabalhadores. Se há algo que se pode dizer sem maiores polêmicas é que as respostas até aqui formuladas, por governo e classes dominantes, são profundamente nocivas aos interesses dos trabalhadores. Assim, não haveria porque esperar que a classe trabalhadora fosse às ruas defender o “seu” governo contra as ameaças da direita golpista⁹³.

Diante desse quadro, é importante sublinhar a assertiva de Edmundo Dias, quando afirma que estamos diante de uma “contrarrevolução preventiva” do capital, onde é

⁹¹<<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL932658-5601,00-LULA+PEDE+QUE+BRASILEIROS+CONTINUEM+CONSUMINDO+COM+RESPONSABILIDADE.html>> Acessado dia 22.05.2015.

⁹²<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/01/medidas-de-austeridade-fiscal-tem-apoio-de-quase-70-da-nova-camara.html> (Acessado dia 22.04.2015).

⁹³BADARÓ. Marcelo. **Que crise?** Elementos para análise da conjuntura brasileira. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

possível observar claramente a desorganização programada das classes trabalhadoras e de suas direções, “tornando supérfluas as classes trabalhadoras, [e] impondo uma fascistização geral da nossa sociedade”, na qual “os dominantes podem manter aberto o Parlamento, a Imprensa, o Judiciário. Como o *Big Brother orweliano* tudo e todos são vigiados, a história permanentemente escrita, a memória apagada”⁹⁴.

Toda essa situação, somada à contradição entre discurso político e prática de governo, tornou a legitimidade da presidente Dilma e do PT profundamente questionável, gerando uma crise em sua base de apoio e servindo de combustível para a oposição de direita. Além disso, é fato que a situação do governo no Congresso Nacional havia se tornado bastante frágil com as tensões vividas entre o PT e PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e as denúncias de corrupção envolvendo o governo e as coligações aliadas, como amplamente divulgado com a Operação Lava Jato⁹⁵.

A crescente incapacidade do governo em manter o ritmo de crescimento econômico, atingindo diretamente frações importante das classes burguesas, somada à “má gestão” das insatisfações populares, que resultou no aumento significativo de greves e manifestações nos últimos tempos. Elemento fundamental na administração do Estado, que levou as elites dominantes do país a apostar no PT como melhor opção para gerir a crise de desenvolvimento neoliberal vivida no período de Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

O momento de crise vivido pelo Brasil reforçou, então, essa reação conservadora contra o governo. A forte reorientação de importantes estratos da sociedade brasileira ficou registrada também no perfil do novo Congresso Nacional⁹⁶, pelo número de parlamentares eleitos ligados a segmentos militares, policiais, religiosos e ruralistas, o que reforçou e aprofundou a oposição de direita. A ação dessa direita radical também teve seu registro nas manifestações do dia 15 de março de 2015, quando milhares de manifestantes foram às ruas pedir pela interrupção do mandato da presidente Dilma (PT)⁹⁷.

⁹⁴DIAS, Edmundo Fernandes. **Política brasileira**: embates de projetos hegemônicos. São Paulo: Editora Instituto José Luiz e Rosa Sudermann, 2006. p.217.

⁹⁵<http://www.cartacapital.com.br/politica/perguntas-e-resposta-da-operacao-lava-jato-5981.html> (Acessado 21.05.15).

⁹⁶ <http://www.valor.com.br/politica/3843910/nova-composicao-do-congresso-e-mais-conservadora-desde-196> & <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528> (Acessado dia 20.04.2015)

⁹⁷ <http://www.cartacapital.com.br/os-protestos-de-15-de-marco-pelo-brasil> (Acessado dia 18.04.15).

Apesar da maneira que esse tema foi tornado público, na grande mídia, motivado principalmente pela disputa eleitoral, é importante chamar atenção para o fato de que eles ultrapassam em muito a polarização vivida nas eleições entre uma suposta “esquerda petista” e “direita psdbista”. Esse conflitos suscitados em meio a uma conjuntura de crise no Brasil, que coincidiram com as eleições presidenciais de 2014, ainda estão latentes na sociedade brasileira e ainda precisam ser seriamente debatidos. Segundo G. Calil é preciso:

Ter clareza de que não há no Brasil um governo de ‘esquerda’ ou mesmo de ‘centro-esquerda’ é condição necessária para compreender o sentido geral do processo em curso, ainda que isto crie uma dificuldade evidente: como explicar a constituição de um conjunto de mobilizações estritamente conservadoras e golpistas e que identifica seu adversário como um governo de esquerda (muitas vezes inclusive tratado como ‘comunista’), se este governo objetivamente coloca em prática medidas conservadoras? A questão é espinhosa e carece de uma reflexão cuidadosa⁹⁸.

A respeito da situação de crise aberta e das disputas políticas travadas a partir de diferentes projetos políticos no interior das classes dominantes, é possível dizer que se constituiu no Brasil uma crise de hegemonia:

A crise de hegemonia é uma crise do Estado e das formas de organização política, ideológica e cultural da classe dirigentes. Seus aspectos mais visíveis são a dificuldade de criar uma maioria parlamentar duradoura; a perda de capacidade dirigente dos partidos tradicionais; e a conseqüente crise dos partidos e multiplicação destes. (...) A divisão dos partidos tradicionais – PT, PSDB, PMDB e PSD – e as crises internas que os atravessam são, assim, manifestações dessa crise. O mesmo ocorre em escala microscópica nos pequenos partidos de oposição de esquerda⁹⁹.

Trata-se de uma crise que aparece em todos os níveis da estrutura social, “uma crise do Estado em seu conjunto, ou seja, processa-se também no nível da sociedade civil, onde as classes dirigentes tradicionais passam a manifestar sua crescente incapacidade de dirigir toda a nação”¹⁰⁰. No entanto, ao contrário do discurso petista, não se trata de uma crise motivada por disputas entre “direita golpista” na oposição e “esquerda possível” no governo.

⁹⁸CALIL, Gilberto. **Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente**. Estudo sobre Poder, hegemonia e regimes políticos (1945-2014) Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

⁹⁹BIANCHI, Alvaro & BRAGA. Ruy. **Hegemonia e crise**: noções básicas para entender a situação brasileira. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br>> Acessado 20.04.15. Não paginado.

¹⁰⁰ Idem.

Para nós segue sendo fundamental compreender de que maneira estão dispostas as forças políticas no quadro social vigente e responder à seguinte pergunta: por que, mesmo atendendo todas as exigências do grande capital, o modelo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro dirigido pelo PT, ao longo de 13 anos, entrou em colapso? Para além das importantes questões já levantadas acerca do papel histórico do PT e da desorganização promovida no interior das classes trabalhadoras, devido à promoção da citada política de conciliação de classes, seguimos na investigação das implicações concretas do fortalecimento dos movimentos de ódio vividos no Brasil no início de nosso século, capitaneados e sistematizados por organizações da “nova direita” brasileira.

CAPÍTULO 2: A PSICOLOGIA DE MASSAS DA NOVA DIREITA

“o fascismo é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida. É o caráter mecanicista e místico do homem moderno que cria os partidos fascistas e não o contrário.” (Reich)

Neste capítulo, temos como objetivo apresentar os fundamentos que nos levam a afirmar que estamos diante de uma Nova Direita no Brasil, mais do que isso, que as forças propulsoras que movem essa nova direita são de caráter fascista. Para isso, investigamos um conjunto de páginas no *Facebook* que se auto intitulam de direita, reacionárias, liberais, anticomunistas e até mesmo que se auto intitulam fascistas.

Nossa proposta neste capítulo é apresentar quais foram os principais caminhos percorridos por nós durante o processo investigativo com o propósito de auxiliar na compreensão da hipótese formulada. Sendo assim, seguem os pontos que consideramos terem sido centrais para formular nossa hipótese: a) A alteração: os primeiros contatos com a emergência das novas forças políticas conservadoras brasileiras; b) O processo de elaboração de nossa hipótese: nossas primeiras impressões, nossos referenciais teóricos, construindo possibilidades interpretativas e delimitando espaços; c) Objeto e fonte de pesquisa – O Facebook: a massificação das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) no mundo hoje.

2.1 Pressuposto em conexão com o primeiro capítulo

Nossa hipótese de trabalho, parte da compreensão de que os fatores que explicam a adesão crescente de pessoas a agrupamentos de caráter assumidamente racistas, homofóbicos, xenofóbicos e misóginos, como os agrupamentos que estamos caracterizando aqui como pertencentes a chamada Nova Direita brasileira, estão diretamente ligados a um movimento profundo de quebra nos padrões que arquitetam as estruturas representativas de poder no Brasil como procuramos demonstrar em nosso primeiro capítulo.

Sendo assim, neste capítulo, nosso questionamento, passa pela necessidade de refletir mais profundamente quais as condições que permitiram que opiniões dessa

natureza se deslocassem de um lugar reservado a vida íntima e privada das pessoas, para ocupar um lugar público e direto no seio da sociedade brasileira.

Se antes, atitudes e opiniões de caráter assumidamente racistas, machista, e homofóbica, tinham possibilidade de existir sem maiores atritos no interior da cultura brasileira, como se compusessem “normalmente” formas de pensar a vida humana em sociedade, com a massificação das redes sociais na internet vimos emergir uma multiplicidade de coletivos e movimentos que ousaram contestar a suposta naturalidade desse tipo de pensamentos.

Os coletivos e movimentos de negros, mulheres e LGBTQ’s ganharam importância capital nos últimos 25 anos no Brasil alterando significativamente os padrões de sociabilidade existentes. Impulsionadores direto das transformações moleculares vividas nos últimos anos no Brasil, esses setores foram decisivos para que os poderes públicos se movimentassem no sentido de pensar iniciativas para instrumentalizar políticas públicas que os assistissem, ainda que de maneira pontual e parcial. São os casos de políticas como Lei Maria da Penha, cota para negros nas universidades, SISU, institucionalização e formalização da obrigatoriedade do Ensino Afro nas escolas e universidades, Programa Bolsa Família, entre outros, para citar apenas algumas das políticas promovidas com intuito de atender setores que foram historicamente oprimidos.

Nesse sentido, é possível afirmar que entre, 2003 à 2016, período referente aos governos petistas, diferentes iniciativas por parte dos poderes públicos foram desenvolvidas com o objetivo de acompanhar essas transformações moleculares que ocorriam silenciosamente no cotidiano da vida popular e que progressivamente foram se utilizando das redes sociais na internet para divulgar suas percepções de mundo.

Entendemos que este conjunto de transformações fez florescer uma compreensão de mundo mais ampla e que as redes sociais na internet foram determinantes neste processo. *“Pois, sem dúvida, estamos imersos e atravessados por uma nova ‘bios’, uma miosfera constituída de redes, dispositivos, dados, processos de interação humano/não humano, que curto-circuitaram a separação entre as redes e a rua.¹⁰¹”*

Assim, é importante sublinhar que, nosso ponto de partida, para pensar a constituição dessas novas forças políticas no cenário brasileiro são as redes sociais

¹⁰¹ANTOUN; MALINI. **A internet e a rua**: ciberespaço e mobilização nas redes sociais. Porto Alebre: Sulinas, 2013.p.10.

constituídas na internet, em especial, nesta investigação, o site, Facebook. Entendemos que a “chave” para compreender as novas dinâmicas sociais constituídas em nosso presente está diretamente ligada ao processo de massificação das redes sociais na internet. Portanto, nosso desafio é também pensar de que maneira as redes sociais na internet estão implicadas em modificações antropológicas nos indivíduos em sociedade. Atualmente,

nos movimentamos em ambientes híbridos, reais/virtuais, em que o “*dowlonad* do ciberespaço” projetado por Willian Gibson em *Neuromancer* é experimentado no cotidiano, e o que chamamos de “ciberespaço” não pode mais ser concebido como um espaço social separado. Não “entramos” mais na Internet, ela nos atravessa de diferentes formas em conexão a céu aberto que lutamos para democratizar e acessar. “Nós somos a rede social”. Como disseram os manifestantes brasileiros nas ruas.¹⁰²

Atentos a essa realidade, nosso esforço nesse capítulo está empenhado em realizar uma descrição quase etnográfica de como fomos percebendo essas alterações em nosso dia a dia, ancorados em nossas percepções da realidade e também atentos as primeiras formulações que foram produzidas e buscavam capturar essas alterações.

Nessa empreitada, estamos considerando que as primeiras matérias produzidas pela mídia jornalística (revistas, sites, blogs), os primeiros artigos sobre a questão, bem como os primeiros livros publicados que buscavam capturar as mutações vividas com o advento da massificação das redes sociais na internet devam ser lidos também como fontes primárias.

Construímos nossa hipótese de trabalho confrontando nossas percepções das reações alteradas na conjuntura brasileira também através da leitura e percepções de outros estudiosos que gradativamente buscavam racionalizar e significar este fenômeno, por este motivo, e em função de estarmos lidando com um aspecto da História imediata, sentimos a necessidade de apresentar como foi se desenhando essa percepção em nós.

Apresentar as coisas dessa forma, no desenrolar de nossas próprias interpretações, de como vínhamos percebendo as alterações no cenário político brasileiro, tem a finalidade de destacar a questão do fazer histórico – de observar a História em seus processos constitutivos – ou seja, em seus embates, nas disputas de narrativas que foram se processando em meio as alterações observadas. Pontuamos isso para dizer que a

¹⁰² Idem.p.10.

História nunca está pronta e acabada, ela é um campo de múltiplas possibilidades, nada do que apresentamos aqui estava dado a priori.

Nossa hipótese de trabalho, formulada em 2015, se propunha a investigar o surgimento de uma nova direita através das redes sociais, naquela altura dizíamos que estávamos diante de uma nova formação política e que esta nova formação apresentava fortes feições fascistas, sobretudo, perceptível pelo desejo de eliminar o *Outro*. O desejo de fazer o *Outro* retroceder a um lugar de submissão.

Os outros, entendidos aqui como tudo aquilo que está fora do *Eu* e do meu campo de percepção narcísico, que não se enquadra na minha compreensão de mundo e de sociedade. Todo aquele que não se enquadra em uma compreensão de mundo dominante, aqueles movimentos que ousaram questionar a ordem. Esse *Outro* que subverteu a ordem que estava posta como perspectiva de desenvolvimento humano e social causa incômodo e desconforto na visão estanque de vida daqueles que se sentem ameaçado por este deslocamento. Assustados aqueles agrupamentos que se sentiram ameaçado elegem esses agrupamentos como *inimigo*. Eleito o inimigo comum, é ele que dá sentido ao meu próprio mundo. Ele que sustenta quem “Eu sou”. Nessa configuração, *Eu* busco ser tudo aquilo que este *Outro* não é.

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é a via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.¹⁰³

Quando falamos desse *Outro*, temos em mente os movimentos de caráter revolucionário e progressista como os movimentos emergentes do século XXI que alteraram significativamente as representações e visões de mundo dominante em nossa época. Movimento negro, movimento de mulheres, movimento LGBTQ's, os movimentos anticapitalistas que buscam novas significações para si na estrutura social vivida. Tudo aquilo que em conjunto e indiscriminadamente, foi caracterizado, pelos setores das Novas Direitas como sendo “comunismo”. Os “comunistas”, os “petistas”, os “esquerdistas” são aqueles que foram eleitos como o *Outro*, o inimigo a ser combatido.

¹⁰³ FREUD, Sigmund. **Psicologia de massas e análise do eu e outros textos**: (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.p.14.

Então, como suportar que este *Outro* saia do lugar que sempre esteve na estrutura social? Como suportar que estes outros saiam do lugar de submissão em que estavam? Se este *Outro* ousa sair do lugar a ele “reservado”, isso gera “desordem” e “caos” para a forma como *Eu* concebo a vida. Ou seja, se o *Outro* se altera, altera-se obrigatoriamente minha percepção de “*Eu*”. Altera-se obrigatoriamente minha percepção sobre o mundo. Emergem, simultaneamente, um sentimento de “desordem psíquica” (crise moral) e necessidade de autopreservação (reação). O desconforto diante da situação alterada parece ser tão dilacerante que a ideia de eliminar o *Outro* aparece como solução plausível, como em um instinto de autopreservação.

Para nós, a Nova Direita é este movimento que reage às diversidades da vida, pois não sabe lidar com este *Outro* que não aceitou ficar em um lugar de submissão, de modo que, estes *Outros* aparecem em seu campo de representações/compreensões como ameaça a sua própria constituição.

Utilizamos aqui os termos e conceitos de análise vindos da psicanálise (“*Eu*” “*Outro*”) por entender que eles se encaixam adequadamente em nosso objeto de estudo, o Facebook: um site de relacionamento interpessoal, que tem por princípio e base de funcionamento a criação de um Perfil pessoal, portanto, uma representação do *Eu* – uma representação em muitos aspectos idealizada do *Eu*, em outros termos “O super *Eu*”. Nesse sentido, a criação de um Perfil no Facebook só faz sentido em relação a outro perfil (o *Outro*). Um site de relacionamento interpessoal só tem motivo de existir porque ele tem a capacidade de pôr o indivíduo em conexão com os demais.

Dessa forma, encontramos na psicanálise um apoio científico para pensar os processos de alteração vividos em nossa sociedade. Isso porque entendemos que as alterações sociais vividas no início deste século estão intimamente ligadas ao que Freud denominou de mal-estar na civilização.

A massificação das redes sociais na internet e o constante contato com “outros mundos”, outras formas de pensamento que antes não faziam parte do campo de percepções da realidade de muitos, alteraram significativamente a compreensão que estamos tendo de nós mesmos e do mundo. Essa realidade que nos atravessa constantemente, exige de nós, que saibamos também construir novos significados a respeito de nós mesmos sem que isso implique o desejo de subtrair os outros de nossa realidade, do desejo de eliminá-lo.

Optamos por esse tipo de abordagem por estarmos tratando de um processo social que ocorre no tempo presente e que tem exigido de nós mais do que compreender os agrupamentos humanos e as formações políticas já dadas, mas nos exige compreender porque é que agrupamentos humanos se afeiçoam e optam por se constituírem como agrupamentos “desta forma” e não de outra. Neste sentido, a psicanálise como arte de interpretação nos fornece algumas diretrizes que tem nos auxiliado a interpretar também o presente momento.

A psicanálise não é como um sistema filosófico, que parte de conceitos fundamentais claramente definidos, procura com eles apreender o mundo como um todo e depois, quanto completado, não tem mais lugar para novos achados e melhores percepções. Ela se atém aos fatos do seu âmbito de trabalho, busca solucionar os problemas imediatos trazidos pela observação, segue tateando com base na experiência, está sempre incompleta, sempre disposta a ajustar ou modificar suas teorias. Tal como a física e química, ela tolera muito bem que seus principais conceitos sejam vagos e seus pressupostos sejam provisórios, e espera uma maior precisão deles como resultado do trabalho futuro.¹⁰⁴

A proposta do Facebook de criar uma plataforma interativa através de um Perfil virtual na internet reforça ainda mais as ilusões individualistas a respeito da formação dos indivíduos. O Facebook hipertrofia a noção de *Eu* fazendo acreditar que cada Perfil no Facebook é “especial,” único e intransferível, quando na realidade o Facebook ao focar na ideia de “Perfil” deu início a um processo de massificação de personalidades, opiniões, comportamentos, alterando a própria subjetividade daqueles que se colocam em rede. Isso acontece porque ao contrário do que os promotores do Facebook querem fazer aparecer, o Perfil de cada usuário em sua plataforma já é pré-moldado e não fruto de escolhas livres que expressão a subjetividade de cada indivíduo.

Os elementos de constituição desse “Perfil” são sempre os mesmos para todos os usuários em rede, ainda que as formas de apropriação dos recursos disponíveis pelo Facebook variem significativamente entre seus usuários, dependendo da forma com que cada pessoa concebe a própria realidade em si, mas ainda assim, estamos diante de uma plataforma limitada em suas formas de expressão, trata-se de um programa automatizado e por mais que existam múltiplas funções inteligentes nesse programa, são limitados por

¹⁰⁴Idem. p.301.

sua própria programação. Não podem se reinventar por si só. No Facebook, cada usuário, concorda em “ser” um conjunto de informações pré-definidas.

Outro fator de sedução promovido pela plataforma do Facebook é a ideia de que ao aderir a plataforma todos os usuários estão em pé de igualdade na rede, ou seja, que todos os usuários utilizam da plataforma através das mesmas condições, tendo a oportunidade e o direito de utilizar dos recursos disponíveis pelo Facebook de maneira igual. Uma falsa impressão que pode facilmente ser desmontada, se nós pensarmos por exemplo, que outros milhares de fatores concorrem para a qualidade da forma com que os usuários se apropriam dessas ferramentas. Enquanto alguns usuários acessam o Facebook através de um aparelho celular antigo com baixa resolução, outros usuários tem a oportunidade de acessar o Facebook através dos aparelhos celulares mais avançados do mundo. Aqui a velocidade em que se processam as informações e a velocidade e qualidade da Internet são também determinantes para pensarmos sob quais condições materiais ocorrem essa utilização. Condições essas que influenciam diretamente no tipo de apropriação que cada usuário vai ter da plataforma Facebook.

Em um contexto social como o nosso, onde a disputa pelo domínio da Internet e das telecomunicações se tornou estratégico em todos os âmbitos da vida, segundos de precisão e velocidade a frente podem ser decisivos nas disputas que se pretendem travar.

Entretanto, ainda assim, é preciso destacar que a similaridade das condições experimentadas no Facebook, promovida pela massificação das redes sociais via celular, concorrem para uniformidade dos atos psíquicos entre os indivíduos, que face à impossibilidade de se singularizar, converte-se em “massa”.¹⁰⁵

Nesse sentido e dentro da proposição apresentada estará presente nesta reflexão a questão da ambivalência dos sentidos, entre o *Eu* e o *Outro*, o amor e o ódio, ou para usar outros termos, buscaremos em nossa análise uma construção que priorize uma abordagem dialética do fazer histórico.

O fato da massificação das redes sociais na internet ter sido viabilizada principalmente via celular também nos diz muito a respeito do tipo de experimentação que nós enquanto sociedade estamos tendo com a internet. Os aparelhos telefônicos celulares, simplificaram demasiadamente a experiência na internet e tornam a vivência

¹⁰⁵Para aprofundar essa questão ver Capítulo II “A psicanálise as avessas” de Mônica Amaral no livro “O espectro do Narciso na modernidade: de Freud a Adorno” (1997).

nos ambientes digitais ainda mais presentes em nossas vidas. O aparelho celular se tornou quase uma extensão de nossos corpos físicos, funcionando quase sempre como “memória auxiliar” para validar nossas ações e pensamentos. Sempre que precisamos e não conseguimos reter em nosso próprio cérebro, o aparelho está ali a nosso alcance para consultar o que precisamos: os números que esquecemos a música que gostamos, uma ideia que gostaríamos de compartilhar, está tudo ali registrado.

A experimentação das redes sociais e a própria experiência virtual na internet, está para ampla maioria da população brasileira, ligada ao aparelho telefônico móvel (celular), apenas uma pequena minoria da população tem acesso e realiza essa experiência via computadores. Essa questão, que à primeira vista aparece como um detalhe faz a diferença na qualidade e no tipo de relação que as pessoas estabelecem com a internet.

A experiência na internet via celular é potencialmente simplificada e intuitiva. Os usuários apenas precisam clicar nos aplicativos desejados e pronto. Para um número significativo de pessoas essa é a única experiência real com a internet: via celular e via aplicativos pré-instalados na compra do aparelho. Portanto, uma experiência dominada pelos gigantes da informática, Google, Facebook, Instagram, Whats App, Youtube, Twitter. A experiência dos brasileiros com a internet é altamente marcada por essa via. Aqui a internet, os aplicativos e o aparelho se confundem em um só.

Não há um conhecimento adequado da interface do site por exemplo, do exercício de abrir uma aba no computador, escrever o nome do site que se quer entrar e daí sim acessar e “navegar” na Internet a partir daquele site. O efeito desse tipo de experiência é uma falsa impressão de que a internet se reduz ao Facebook, ao Google, ao Youtube, e assim por diante, isso reduz em muito a percepção das pessoas sobre a complexidade da internet e da própria realidade em si.

Desse modo, entendemos que o fenômeno da massificação das redes sociais na internet permitiu que grandes corporações adentrassem nas esferas mais íntimas da vida cotidiana das massas fazendo com que a política, a cultura e a economia aparecessem fundidas em um sistema único e onipresente através desses aplicativos, conforme buscou assinalar Mônica Amaral a respeito dos fenômenos ideológicos vividos nas sociedades industriais avançadas:

Essa nova expressão do fenômeno ideológico das sociedades contemporâneas deixa de se caracterizar pela “simulação de uma pretensa autonomia”, dando lugar a um verdadeiro “deslocamento geológico” entre as

dimensões da superestrutura e da infra-estrutura, o que permite a sua penetração nas esferas mais íntimas da consciência e da produção cultural. O sistema de dominação faz com que a cultura, a política e a economia se fundam num único sistema onipresente, paralisando, assim, as forças que a ele possam se opor. Processa-se um verdadeiro empobrecimento do mundo do espírito, adquirindo este um “caráter efêmero, pálido, e impotente” (...). Ou seja, se havia anteriormente elementos contraditórios em uma cultura superior, transcendentais e alienados em relação a totalidade social, verifica-se, na sociedade contemporânea, uma verdadeira integração dos campos cultural e político no interior da esfera econômica. Trata-se de domínios que acabaram fundindo-se em um único sistema onipresente de dominação, resultando na repressão do conteúdo crítico da cultura, exatamente por ter desalienado aquilo que antes encontrava-se alienado.¹⁰⁶

Nesse sentido, a questão da sublimação vivida pelas redes sociais na internet e a questão do Facebook como modelo hegemônico dessa experiência constituem-se o centro mais dinâmico para perceber como as ideologias adquirem força material na vida das pessoas.

Estudar os efeitos do modelo dominante constituídos pelo *Facebook* e perceber como a questão do avanço tecnológico, aparelho celular, internet, mais as inovações e aperfeiçoamentos constante do aplicativo *Facebook* se fundiram ao ponto de se confundir entre si é essencial para compreender a realidade que estamos imersos.

Todos esses fenômenos articuladamente se confundem com a própria realidade, para rememorar celebre frase vista nas ruas, e já citada anteriormente, “Somos a Rede Social”. Aqui parece não haver mais distinção entre todos esses aspectos. Todos se tornaram um, a representação que os indivíduos fazem de si em perfis virtuais se confunde com a própria realidade:

A ideologia passa a ser entendida como a totalidade dos produtos culturais, cuja manifestação se faz presente por meio do conjunto das mercadorias ‘confeccionadas para atrair as massas em sua condição de consumidores’ (Adorno e Horkheimer, 1973, p.200). Tudo é forjado para conduzir os indivíduos heteronomamente a uma adaptação à sociedade. A indústria cultural garante essa adaptação por meio de uma direção orgânica, convertendo o todo em sistema coeso.

Uma dominação que pode ser considerada como psicológica, não em função do apelo a convicções racionais, mas pela imposição autoritária de objetivos irracionais, que são alcançados despertando nas massas uma porção de “herança arcaicas”.¹⁰⁷

¹⁰⁶ AMARAL, Mônica. **O espectro de Narciso na modernidade: de Adorno a Freud**. São Paulo: Estação Liberdade, 1977.p.23.

¹⁰⁷ Idem. p.24.

Considerando a reflexão proposta, avaliamos que a massificação das redes sociais na internet, com destaque para o *Facebook*, além de ter conformado novas possibilidades organizativas, desenvolveu uma nova cultura social advinda dos diferentes modos de apropriação dessas ferramentas no ciberespaço.

De 2015 até o presente nossa hipótese de pesquisa tem se confirmado: a) As redes sociais na internet estão no centro da explicação para emergência da Nova Direita – confirmado pelo potencial orgânico promovido através das novas tecnologias de informação e comunicação; b) A Nova Direita, atua movimentando e reivindicando para si sentimentos e impulsos fascistas – promovendo o pânico moral através da propagação de percepções mentirosas e místicas a respeito da realidade. Para isso, promovem a perseguição aos agrupamentos considerados e eleitos por si como inimigos: aqueles que desvelam a realidade da diversidade tal qual ela é, aqueles que fazem emergir na realidade a diversidade existente e que não aceitam as representações padronizadas da vida. O inimigo, como era de se esperar, são sempre os Outros – o petismo, o feminismo, o gayzismo, o comunismo – considerados pelos setores da Nova Direita como os responsáveis por promover o “caos”.

Lembrando que essa ambivalência de sentidos, está dada também para o “outro lado da moeda”. Também parcelas significativas dos setores progressistas, democráticos, anticapitalistas, entre outros, veem se enviesado por análises simplistas e dicotômicas, onde prevalece uma abordagem de que o “Outro” – as direitas fascistas e reacionárias – são o problema. Mencionamos essa questão para fazer referência ao fato de que, o processo de massificação das redes sociais na internet atinge a todos os agrupamentos sociais que experienciam a plataforma cotidianamente, independente do posicionamento político e ideológico de cada um. A tendência é que cada indivíduo em rede fique preso a uma (“sua”) bolha ideológica recebendo cada vez mais novos reforços sobre suas próprias percepções da realidade. O que, na prática, impede de perceber o todo.

Perceber o todo nas redes sociais na internet exige sobretudo uma vontade de conhecer o diferente, um esforço de querer ver o “Outro”, o que ele diz, e porque ele diz o que diz. Este é um processo de confronto pessoal e estrutural, porque quem pesquisa precisa estar inclinado a pesquisar o diferente, não simplesmente para reafirmar suas próprias impressões, mas sobretudo, para se abrir a novas possibilidades interpretativas

que não sejam viciadas. É apenas este “Outro” a medida do “Eu”. Aqui importa ressaltar que mesmo no pior cenário, é preciso saber construir interpretações para além do que está dado. Estando imersos em uma mídiõesfera comum, vários aspectos comuns, podem também ser percebidos em agrupamentos de diferentes posicionamentos políticos e ideológicos. Portanto, temos por objetivo investir em perceber os pontos conexão comum que nos associam à rede para além de pontuar apenas diferenças. Os pontos comuns são mais promissores para compreendermos os motivos que levam os indivíduos a fazerem certas escolhas.

Por muitos momentos, como historiadora, foi preciso se distanciar dos acontecimentos conjunturais, deixar de se envolver com eles no dia a dia, dar espaço para que eles se processassem sem querer construir análises e significados. Até o presente, (infelizmente) nossa hipótese tem se sustentado.

A forma que buscamos apresentar nossa investigação tem a pretensão de enfatizar o processo gradativo de fascistização vivido entre 2011-2016 – ou seja, antes de se apresentar como tal: a constituição de uma nova formação política que conseguiu organizar partidariamente os sentimentos de “desordem psíquica” vivido por um processo de desestruturação do que já era dado como “certo”. Um processo que conta com uma infinidade de fatores para serem detalhados e investigados, indo, desde a crise econômica mundial do capitalismo, até o crescente *mal-estar na civilização*, apresentando sinais da incapacidade desse modelo de organização social em gerir a diversidade da vida. Nos limitaremos a investigar como esse *mal-estar* crescente foi sentido através das redes sociais na internet e como a partir do engajamento nas redes, e a apropriação de ferramentas como o *Facebook* foi possível organizar agrupamentos em tendências políticas de caráter reacionário. Faremos isso através da investigação da constituição de páginas especializadas no *Facebook*.

A REAÇÃO ALTERADA:

O primeiro esclarecimento que temos a fazer, diz respeito às intenções e motivações de nossa pesquisa. A motivação primeira que nos levou querer pesquisar as redes sociais na internet, nasce de um estranhamento que se fez sentir para nós, primeiro, no ambiente digital, posteriormente, com maior força nas ruas. Tratamos aqui do notável crescimento de pronunciamentos de caráter profundamente reacionários e conservadores

nas redes sociais na internet que destoavam drasticamente das avaliações otimistas em relação ao momento histórico social no qual o Brasil havia se inscrito a partir de 2003 com a eleição Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Não se trata de dizer que ao longo de 13 anos, os governos petistas não tenham enfrentado resistência e oposição, porém, o que estamos trabalhando nesta pesquisa é a emergência de um novo tipo de enfrentamento que até então não havia se colocado na disputa política brasileira.

A natureza do enfrentamento e da oposição contra o governo do Partido dos Trabalhadores havia se alterado profundamente, não estávamos mais diante de uma oposição clássica, seja a oposição promovida pelos setores da chamada direita tradicional, liderada pelos partidos da oposição, como PSDB e outros, ou mesmo, oposições de caráter anticapitalista – as quais buscavam denunciar aos limites do projeto de transformação proposto pelos governos petistas –, estávamos (e estamos) diante da emergência de forças políticas e sociais que se colocavam na contramão de todo um movimento de ampliação na concepção sociedade civil e do Estado. Estávamos (e estamos) diante da formação de movimentos de caráter restritivos e antissociais.

Um tipo de oposição que buscou fazer retroceder as compreensões do papel da mulher na sociedade e no seio da estrutura familiar, que buscou deslegitimar e desautorizar os avanços no combate ao racismo conquistados pelo movimento negro. Um tipo de oposição que reafirma categoricamente que relações homoafetivas são relações imorais e anormais. Vejamos como essas reações alteradas foram sendo percebidas no cenário político brasileiro.

Em 2014, após as eleições presidenciais, Guilherme Boulos, um dos líderes do Movimento dos Trabalhadores sem Teto, registrou a alteração vivida no cenário político brasileiro em um artigo publicado no jornal Folha de São Paulo. Artigo intitulado “A onda conservadora.”:

O último domingo revelou eleitoralmente um fenômeno que já se observava ao menos desde 2013 na política brasileira: a ascensão de uma onda conservadora. Conservadora não no sentido de manter o que está aí, mas no pior viés do conservadorismo político, econômico e moral. Uma virada à direita. (...)

O deputado mais votado no Rio Grande do Sul foi Luis Carlos Heinze, que recentemente defendeu a formação de milícias rurais para exterminar indígenas. No Pará, foi o delegado Eder Mauro. Em Goiás, o delegado

Waldir, com um pitoresco mote de campanha que associava seu número (4500) com “45 do calibre e 00 da algema”. No Ceará foi Moroni Torgan, ex-delegado e direitista contumaz. No Rio de Janeiro, ninguém menos que Jair Bolsonaro, que há muito deveria estar preso e cassado por apologia ao crime de tortura¹⁰⁸.

A alteração no cenário político social do Brasil deixava assim seus primeiros rastros. A necessidade de demonstrar força para reestabelecer a ordem parecia ser a regra. O apelo a repressão e o desejo de eliminar o outro se faziam presentes. Os discursos violentos buscavam aplacar as diferenças e reduzir tudo a um duelo entre o “bem” e o “mal”. Aqueles que foram eleitos como inimigos deviam ser eliminados. Como já mencionamos anteriormente, os inimigos são todos aqueles que não se encaixavam bem nas representações até então dominantes, aqueles que se punham como obstáculo para satisfação dos desejos. Desejos de impor maiores taxas de exploração, desejo de maiores lucros, desejo de manutenção de privilégios que em momentos de crise se tornam sagrados.

Novos relatos da alteração sentida se multiplicavam, vejamos ainda, o esforço de um jornalista que busca capturar e descrever minuciosamente o que se passava. Parecia claro que ver as alterações vividas apenas pela ótica das disputas de projetos políticos era insuficiente. Era preciso investigar o que se passava na mente das pessoas, como e ocorreu essa alteração, quais as motivações encontradas por esses indivíduos para adotarem uma postura não esperada. Vejamos mais um dos relatos:

Aos 37 anos, o carapicuibano André Ricardo de Paulo não sabe explicar com precisão qual sua tendência política. “Eu não sei me definir ainda. Posso dizer que sou conservador politicamente e liberal no sentido econômico”, diz. “Não tem como negar que estão ligados à direita.” Mas alguns anos atrás André sabia perfeitamente o que era: “Não tinha consciência política”. Em 2002, na campanha eleitoral que elegeu Luíz Inácio Lula da Silva, votou nulo simplesmente por não conhecer nada sobre o tema. Em 2006, votou pela reeleição do ex-presidente. “Nós achávamos o máximo o Lula no poder. O Lula é um fenômeno, sair de onde ele saiu e chegar aonde chegou.” Hoje em dia, depois de ter buscado se informar, André está seguro de que o Brasil vive uma “ditadura disfarçada” e de que “Lula e Dilma fazem parte do mesmo projeto: espalhar o comunismo na América”, explica ele, na varanda da casa dos sogros, uma coleção de puxadinhos de concreto em Carapicuíba, cidade da grande São

¹⁰⁸ DEMIER; HOEVELER. **A onda conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. p. 29.

Paulo, onde mora com a família da esposa – os pais e os cunhados –, além dos dois filhos. Na rua, crianças empinam pipa, um boteco atende aos moradores, e do outro lado as casas sem reboco enfileiram-se vermelhas. “Não é uma favela, é uma periferia. É a visão do Marrocos”, diz, colocando em seguida em cima da mesa um livro grosso, orgulhoso, “O mínimo que você tem que saber para não ser um idiota”, de Olavo de Carvalho. Explica: “Não tive tempo ainda para ler isso. Precisa de uma dedicação, né?”. Até cerca de sete anos atrás, André nunca tivera tempo de pensar em política. Trabalha desde os 14 anos. Foi office-boy, operador de telemarketing, assistente administrativo. Hoje tem sua pequena empresa que fornece serviços de telefonia. “Trabalhei praticamente todos os fins de semana, desde cedo”, diz. **Tudo mudou quando um primo indicou-lhe a leitura da página do filósofo e polemista Olavo de Carvalho no Facebook.** “Logo nas primeiras coisas que eu vi do Olavo já percebi que eu tava errado. É tão claro.” **Desde então, André visita a página todos os dias, além de seguir outros colunistas como Felipe Moura Brasil e Rodrigo Constantino, da Veja.** Faz eco às bandeiras abraçadas por seus autores preferidos: defende o Estado mínimo, é a favor da redução da maioria penal, ataca o que chama de “gayzismo” – a imposição do modo de vida homossexual sobre a sociedade – e acha que políticas como Bolsa Família e cotas “deixam as pessoas acomodadas”. **Como centenas de milhares de brasileiros, o “despertar” político de André tem tudo a ver com a sua crescente intimidade com a internet.** Hoje ele usa sua página no Facebook para compartilhar notícias de interesse, propagando informação para seu círculo. “Já tive posts de cem comentários, até uns 150 likes. Isso aí vai pra tanto lugar que você não imagina”, orgulha-se. “Não confio em mídia nenhuma a não ser nas alternativas”, explica, citando os sites Mídia sem Máscara, de Olavo de Carvalho, e Folha Política.¹⁰⁹

Da reportagem realizada, que busca empreender algum esforço para entender como se desenvolveu essa nova percepção sobre a vida, queremos destacar alguns elementos para análise:

1) A matéria busca, propositalmente, intercalar a descrição do cenário encontrado, com as falas do entrevistado. É fácil perceber que a reportagem busca, propositalmente, evidenciar uma contradição entre as condições materiais em que o entrevistado vive e seu modo de pensar. Trabalhador, inteiramente dependente do seu próprio trabalho para manutenção de suas condições de vida. Pessoa dedicada e esforçada que busca melhorar suas limitações materiais através do trabalho, incluindo o esforço em trabalhar nos finais de semana. Poderíamos considerar que ao ressaltar isso, o entrevistado procura se

¹⁰⁹ Matéria disponível em <https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>.

apresentar como uma pessoa não conformada e um trabalhador acima da média, já que busca superar as suas condições materiais e não simplesmente aceitar o que é dado. A forma do pensamento se “assemelha” ao discurso do empresariado, sobre a importância de empreender, de buscar o novo, de investir, de assumir riscos e de não se conformar simplesmente. Desse ponto de vista, poderíamos dizer que o entrevistado se reconhece nos discursos movimentados pelo empresariado brasileiro. Temos aqui diante de nós um claro exemplo da identificação com as concepções de meritocracia propagada pelas ideologias liberais. Poderíamos também dizer que um dos fatores que unem “o mundo do empreendedorismo”, das classes dominantes, “ao mundo dos trabalhadores”, é o sentido atribuído ao trabalho e esforço próprio. Que a rotina de trabalho seja completamente diferente para essas duas categorias de pessoas pouco importa nesse momento. Esse é o elo de conexão primeiro que os liga. O reconhecimento, portanto, é verdadeiro em algum grau. Também as classes dominantes desempenham algum tipo de trabalho, querer negar isso seria falsificar a realidade. O que precisamos buscar dimensionar é a natureza desse trabalho, seus fins e seus propósitos. Para os fins de nosso trabalho, nos basta mencionar os elos que fazem com que trabalhadores se identifiquem com os discursos das classes dominantes e tomem para si seus projetos.

2) Para o entrevistado, ressaltar seu lugar de trabalhador/empreendedor é importante. Ao se identificar como trabalhador, ele busca destacar sua trajetória e esforço pessoal para melhorar suas condições econômicas de vida. Esse parece ser um aspecto central em sua narrativa. Vejamos alguns elementos ressaltados pelo mesmo: trabalhou desde os 14 anos e agora ele tem uma empresa. O sentido que ele busca passar é de evolução e superação. Agora ele não é mais um simples trabalhador, agora ele é dono de um empreendimento, agora ele também é um “patrão”, e agora ele pode entender ainda mais o discurso dos empresários sobre a importância do trabalho. Também sua pequena empresa depende de outras mãos, de outros trabalhadores e naturalmente é de se esperar que ele deseje que as pessoas se empenhem em sua empresa da mesma forma que ele se empenhou. De sua atual posição, considera que os problemas pela falta de empenho das pessoas são de ordem moral. Segundo sua compreensão, as pessoas não querem trabalhar, não querem se esforçar como ele fez e o fato de o Estado oferecer Bolsa Família só piora as coisas, pois ao receber dinheiro do Estado, a pessoa não tem necessidade de se engajar verdadeiramente ao seu trabalho e portanto, não reconhece o valor do trabalho. Esse tipo de pensamento parte do princípio de que é apenas em condições de necessidade que as

peças se movimentam. Desse ponto de vista, as políticas assistenciais são entendidas como um atraso. Além disso, o Estado ao invés de ajudar pessoas como ele, trabalhadores que querem fazer a diferença, “empreender,” o Estado, ao contrário, é cheio de impostos que suga seus ganhos.

Essa é a lógica assumida no discurso. É evidente que essa lógica não foi assumida espontaneamente, como ele mesmo assume em sua entrevista, ele formou essa compreensão depois de ter encontrado explicações para a sua realidade ao ler as páginas do *Facebook* de Olavo de Carvalho, lá ele percebeu o quanto estava errado sobre tudo que ele vinha pensando até então.

3) Central: Perceber a importância das novas tecnologias de informação e comunicação. As compreensões a respeito da realidade que vivemos estão em constante disputa. Olavo de Carvalho cumpre papel determinante nesse cenário, aparecendo como interlocutor capaz de dar um sentido para o que vinha ocorrendo na realidade de milhares de pessoas, inclusive na do entrevistado. Olavo de Carvalho, como intelectual orgânico, trouxe uma proposta de sentido histórico, social e moral para os fenômenos do cotidiano. O fato dessa interpretação ser acessada via redes sociais na internet é central, pois ela, provavelmente se conecta a várias outras pessoas que estão em situação semelhante a do entrevistado e os liga exatamente através dos elementos de identificação presentes em suas realidade, “trabalhador/empreendedor”, condição essa que parece fazer ainda mais sentido diante de uma realidade comum de crise econômica e social. A ideia de que o “Estado” é também, em algum grau, o inimigo, soa agradável, de fácil compreensão. A reportagem destaca a centralidade das redes sociais na internet, através dessas redes as pessoas buscam atribuir sentido para suas existências através do outro. Antes não era preciso pensar a respeito porque a crise não havia se alastrado dessa forma pelo país, mas dado que ela se alastrou, as pessoas se tornaram mais suscetíveis a buscar outras compreensões de mundo.

4) Queremos considerar, ainda, que as redes sociais na internet, chegaram em lugares que até então não haviam sido tocados significativamente por ninguém. Através dessas novas tecnologias de informação e comunicação foi possível, mapear e tocar o íntimo das pessoas, e influir através de aspectos de sua psique. Páginas como a de Olavo de Carvalho, ou Páginas como “Orgulho de Ser Hetero” entraram diretamente em contato com os aspectos obscuros e inconscientes da psique humana. Aspectos, que para uma parcela significativa de pessoas, talvez, nunca tinham sido pensados e elaborados

anteriormente de forma espontânea pela própria pessoa, mas que a partir das redes sociais na internet puderam ser acessados e estimulados a partir de pontos de vista já constituídos.

Por exemplo, ao nos depararmos com páginas conservadoras como as de Olavo de Carvalho, questões de relações homoafetivas que são vividas por uma infinidade de pessoas são acessadas de maneira já preconcebida, não existe nessas páginas (comunidades) a oportunidade de pensar as relações homoafetivas de uma maneira natural, através do estranhamento esperado com qualquer relação e situação que se põe como nova. Ao se deparar com o tema em ambientes como esse, altamente formatados, não existe espaço para livre associação e compreensão.

Desse modo, essas páginas visam atribuir significado ao sentimento de estranhamento em relação ao que ainda não se conhece antes mesmo que o indivíduo queira ou precise por algum motivo elaborar esse conhecimento para si. Essas páginas dão “nomes” ao que até então poderia ser considerado apenas “estranho”, no sentido, de ainda não se conhecer. Ao nominar as essas relações como “gayzismo” atribuem um sentido de pânico moral, atribui-se significação negativa as essas experiências e mesmo para o sentimento de estranhamento que se sente quando estamos diante de algo novo, de algo que pode não ser habitual na vida de muitas pessoas.

Nesse sentido, queremos pontuar que as redes sociais na internet, foram sendo gradativamente utilizadas como instrumentos para empreender as disputas políticas ideológicas diante das transformações vividas na sociedade em fins do século XX e início do século XXI.

Portanto, para nós, mapear os caminhos e canais de comunicação utilizado pelos setores da reação antissocial é fundamental se queremos conhecer verdadeiramente como se desenvolveram os processos de fascistização da sociedade brasileira, antes de conceber o que estamos chamando aqui de Nova Direita.

Em outras palavras, significa dizer que investigar esses agrupamentos e as páginas do *Facebook* onde esses setores se “reúnem” tem sido uma maneira de acompanhar como se formou a base de apoio de massas dos setores que estamos denominando aqui por Nova Direita – a compreensão de mundo desses agrupamentos foram sendo gradativamente formuladas ali nas redes sociais na internet, não estava dada a priori – ao contrário, podemos afirmar que a constituição de redes conservadoras no *Facebook* é o produto

multifacetado da dimensão dos debates travados contra os pequenos avanços conquistados até em então.

Neste sentido, se estamos de acordo que não é possível, reduzir as esquerdas ao PT, da mesma maneira, devemos estar de acordo que não é possível falar de uma direita única. Os agrupamentos, que em conjunto, estamos denominando como pertencentes a Nova Direita são expressão das disputas travadas em torno de questões conjunturais e bastante pontuais.

Dizer que essas disputas têm caráter conjuntural não é um fenômeno de menor importância em uma dinâmica de mundo onde temos a oportunidade de acompanhar a simultaneidade dos acontecimentos históricos em tempo real. A percepção da simultaneidade dos acontecimentos, que é alargada pelas redes sociais na internet, concorre para colocar as questões do dia a dia em uma posição estratégica de como ocorre a luta entre as diferentes frações de classe e não simplesmente uma questão de menor importância. É da valorização das ações do dia a dia que se empreende as disputas, porque é o dia a dia que faz os processos e projetos em disputas ocorrerem com eficiência ou não.

Reconhecer os aspectos mais dinâmicos e orgânicos no processo de formação desses coletivos na internet é determinante se queremos apreender o sentido que existe em caracterizar esses agrupamentos como sendo agrupamentos pertencentes a uma Nova Direita. De outro modo, poder perceber essas novas formações políticas no cenário político brasileiro, não significa subtrair a importância de outras frentes políticas de atuação dos quais essa Nova Direita se encontra ligada. Segundo Gilbert Calil:

(...) o movimento geral segue sendo de avanço conservador, e isto tem razão muito concreta: não se trata de um movimento espontâneo, mas uma ofensiva ideológica alicerçada em vasta rede de aparelhos privados de hegemonia, que incluem desde páginas do facebook até organizações inter-empresariais, envolvendo vultuosos recursos e que conta com sólida estrutura organizativa. São as trincheiras da guerra de posição que fala Gramsci, sistemática e meticulosamente constituídas pelos grupos dominantes, cujo avanço é facilitado pela inexistência no campo das classes trabalhadoras de estruturas organizativas de semelhante dimensão – especialmente porque muitas das trincheiras construídas pelas classes trabalhadoras na década de 1980 (como a Central Única dos Trabalhadores) fragilizaram-se e deixaram de ser instrumento de luta em virtude do processo transformista que atravessou o Partido dos Trabalhadores e incidiu nas estruturas por ele comandadas. (...) (CALIL. p.9)

Ao levar em consideração que a rede de atuação das classes dominantes são multifacetadas e que todas elas tem sua importância estratégica e um propósito de existir em dependendo do lugar em que estamos olhando e que buscamos enfrentar essa ofensivas, para nós é de suma importância ressaltar que entendemos que o campo das emoções e como ele busca ser capturado propositalmente por determinados agrupamentos político é central se queremos entender a questão das reações alteradas das classes trabalhadoras diante de um cenário de crise política e econômica, onde sua posição aprofunda ainda mais sua miséria.

2.2 A escuta ativa da Nova Direita

Diante desse quadro, multiplicaram-se as especulações da mídia brasileira a respeito da questão, em 2014 a Revista Caros Amigos estampou em sua capa a frase “*A direita sai do armário.*” A capa e o título escolhido para aquela edição da revista eram emblemáticos de que estávamos diante de uma alteração no cenário político nacional e que essa alteração se fazia sentir para além das redes sociais na internet.

Porém, ainda não haviam elementos suficientes para compreender o que isso significava concretamente. As matérias a respeito da questão, eram matérias de caráter especulativo, muitas vezes, voltadas a atender a defesa do governo petista e desmoralizar qualquer oposição. O que era certo é que estávamos diante de um elemento novo. Era preciso mapear essa nova formação política que entrava em cena.

Na capa, a Revista trazia estampado a imagem de algumas personalidades públicas, que se tornaram entusiastas das pautas conservadoras, da chamada, “direita radical” ou “extrema direita” como preferem alguns. Figuras como Reinaldo Azevedo, colunista da Veja, Rachel Sheherazade, jornalista do SBT que ficou popular nas mídias sociais pelo jeito hostil com que defende seus posicionamentos, Lobão cantor brasileiro, Marco Feliciano pastor neopentecostal ligado à Assembleia de Deus e naquele ano, deputado pelo Partido Social Cristão - PSC, e a figura que ficou amplamente conhecida no cenário nacional como “mito”, Jair Bolsonaro, pela postura violenta e supostamente “destemida” com que fez oposição ao governo petista, na altura, deputado pelo PSC.

Na matéria principal da Revista o título: “*O samba enredo do direitista maluco*” e as declarações de cada um deles que viralizaram na mídia e nas redes sociais na internet

impulsionadas pelos agrupamentos que simpatizaram com eles. A matéria trouxe ainda um emblemático subtítulo “*Cala Boca Magda*”:

Cala Boca, Magda

O que andam dizendo os representantes da extrema direita que saíram no armário no Brasil:

Rachel Sheherazarde – Em comentário no SBT, sobre o jovem amarrado no poste: ‘O marginalzinho amarrado ao poste era tão inocente que, ao invés de prestar queixa contra seus agressores, preferiu fugir antes que ele mesmo acabasse preso. É que a ficha do sujeito está mais suja que pau de galinheiro.’

Olavo de Carvalho – ‘Esse [o povo brasileiro] é o povo mais covarde, imbecil e subserviente do universo.’

Marco Feliciano – ‘O caso do continente africano é *sui generis*: quase todas as seitas satânicas, de vodu, são oriundas de lá. Essas doenças, como a AIDS, são todas provenientes da África.’

Coronel Telhada – ‘Tem gente que fala que ladrão não tem cara. Ladrão tem cara sim e em geral tem estilo funkeiro, quem duvida?’

Rodrigo Constantino – Sobre a proposta de criar um livre mercado de órgãos humanos: ‘Podemos até considerar a ideia da venda de um rim repulsiva, mas não temos o direito de vetá-la, usando a força estatal, a quem pensa diferente.’

Bolsonaro – ‘Eu não entraria em um avião pilotado por um cotista nem aceitaria ser operado por um médico cotista.’

Reinaldo Azevedo – ‘Não é sintomático que todos os governos tenham tido Juristas como Ministros da Justiça e Lula tenha um Criminalista?’

Lobão – ‘As pessoas não estavam lutando por uma democracia, as pessoas estavam lutando por uma ditadura de proletariado. As pessoas queriam botar uma Cuba no Brasil, ia ser uma merda pra gente. Enquanto os militares foram lá e defenderam nossa soberania’. (p.32 Carta Capital 2014.)

Primeiramente, é importante destacar que mesmo a despeito da flagrante irracionalidade, preconceito e falsidade das declarações proferidas acima, as falas em questão exigem plena atenção, sobretudo, pelo fato de que as proferidas declarações ganharam repercussão e apoio popular. Não se tratam de declarações desprezíveis, ou, de algum tipo de engano. Estamos tratando de declarações feitas em canais abertos de comunicação, por pessoas devidamente esclarecidas de sua função pública e diretiva na vida social, que seus interlocutores tenham se sentido autorizados a proferir tais declarações isso é o mais importante. E por isso, uma importante pergunta se impõe a nós: Como se deu a construção da autorização para o horror? Quem são os setores sociais que se sentem identificados por essas declarações?

Essas perguntas são basilares para compreender o que estava ocorrendo. Neste sentido, o que exige nossa atenção, não é a figura de Bolsonaro, de Rachel Sheherazade, ou de Olavo de Carvalho, tomadas isoladamente, mas a receptividade com que essas declarações foram acolhidas por milhares de pessoas. A tranquilidade com que essas declarações foram proferidas por seus interlocutores nos indica a existência de uma escuta ativa e receptiva por parte das massas sociais.

Dito isso, queremos chamar atenção para alguns pontos sutis de como vemos a questão, pontos quase imperceptíveis, mas que são a teia por de traz da questão anterior. Notem, que a matéria da Revista é bastante sarcástica ao expor os personagens que entusiasmam os setores da extrema-direita brasileira. O subtítulo da matéria, “Cala boca Magda,” parece pressupor, de antemão, que essa, seria uma direita burra. O bordão diz respeito a um antigo programa de comédia da Rede Globo de televisão chamado “Sai de Baixo” (1996- 2002), Magda era a personagem “burra” e ao mesmo tempo “inocente” da história, sempre dizendo coisas absurdas, na maioria das vezes impensáveis por qualquer pessoa considerada minimamente racional, porém, seus absurdos sempre davam um jeitinho de encontrar algum ponto de contato com a realidade. Sua forma absurda de conceber o mundo, quase sempre inviável racionalmente, inexplicavelmente, encontrava pontos de contato com o íntimo e a realidade de cada pessoa.

Magda dizia ao público o que por vezes parecia impensável, ela dizia em alto e bom tom o que em tese não devia ser dito por ninguém, ela dizia, o que até então, parecia indizível. E ao dizer o que parecia inexprimível a personagem levava o público ao êxtase e as gargalhadas. Sempre que o bordão vinha em cena, “Cala boca Magda!”, era óbvio, só podia ter dito alguma coisa estapafúrdia e sem sentido. Mas, cabe a pergunta, se era sem sentido, como as pessoas podiam rir? Algum sentido isso tinha, era preciso captar qual. O humor e a arte têm essa sutileza de conseguir captar o aparentemente inexprimível no *Ser* e encontrar formas de se fazer ouvir e encontrar formas de expressão “fora” de si.

As primeiras caracterizações a respeito das novas forças políticas emergentes no quadro nacional também foram assim. Seus interlocutores foram ligeiramente apresentados como personagens excêntricos, exagerados e burros, sempre dizendo coisas indizíveis, e aparentemente sem qualquer lógica. Porém, como na história da personagem Magda, curiosamente, encontrando ecos no público. E, ironicamente, como no Programa “Sai de baixo”, o humor foi o forte aliado da nova direita para estabelecer as conexões

necessárias com o público entre o que existia escondido no íntimo das pessoas e a princípio parecia ser inexprimível.

Primeiro em tons de brincadeira, depois, progressivamente, avançando entre os valores e formas de pensar, para mais adiante, formalizar propostas políticas e impor normativas restritivas na autonomia profissional e na vida das pessoas. O humor sarcástico e agressivo se tornou o aliado indispensável dos entusiastas da nova direita que instrumentalizados pelo poder de alcance das novas tecnologias de informação e comunicação inundaram as redes sociais na internet.

A questão do humor, aliado a massificação das redes sociais na internet, é um ponto importante para quem quer compreender a especificidade dessa Nova Direita. Está diretamente relacionada a questão das ligações libidinais que caracterizam as massas.¹¹⁰

Todas as páginas do Facebook mapeadas por nós usam, em algum grau, do humor para propor sua visão de mundo e garantem sua “audiência” através desse recurso. Todas elas estão quase sempre “brincando”, distorcendo a realidade, ridicularizando pessoas, desmoralizando a política e os políticos que lhes convém. Elas se comportam como se não quisessem ser levadas a sério. A maioria delas, inclusive, faz questão de dizer que é apenas “zoeira”.

É quase como uma “aposta às cegas”: “Eu” digo algo e espero para ver qual a repercussão que isso tem. Se for bem recepcionado, damos continuidade, se não for, eu tenho uma espécie de “álibi” que garante minha autodefesa, afinal, era apenas uma brincadeira, não era para ser levado a sério. Nossas páginas comprovam essa perspectiva: Bolsonaro Zuero 3.0; Eu era esquerdista mais a zuera me curou 1.0; Liberalismo da zueira; Desumaniza Redes; Comunistas de Rolex; Marx da Depressão; Garotas Direitas; e Bolsonaro Opressor 2.0.

Notem que apesar das páginas se auto intitulem, páginas de humor e de “zoeira”, todas elas, trazem em seu próprio nome as marcas de um posicionamento político e ideológico declarado. As páginas “Bolsonara Zuero 3.0” e “Bolsonaro Opressor 2.0” por exemplo, nos comunicam de imediato que há uma afinidade com figura de Bolsonaro,

¹¹⁰Ligações libidinais que caracterizam as massas sociais – redes sociais na internet – ativa um estado constante de massa nas redes sociais na internet que influencia diretamente a vida em sociedade. Com a massificação das redes sociais na internet caberia a pergunta: estaríamos a maioria de nós vivendo um estado hipnótico e constante de massas? Estaríamos vivenciando um apagamento do indivíduo e suas capacidades?

logo, como desdobramento, nos permite deduzir que existe também, uma identificação com seus posicionamentos políticos. A análise do conteúdo produzido pelas páginas nos dá autorização para dizer concretamente que existe esse vínculo e comprometimento político por parte dos administradores das páginas em questão. (Veremos a questão da análise dos conteúdos das páginas mais à frente.)

Por enquanto, basta mencionar que, ao contrário do que essas páginas pretendem difundir para sua comunidade de seguidores, de que essas seriam páginas apolíticas e apartidárias, uma rápida reflexão a respeito do nome escolhido para formar essas comunidades nos revela seu claro engajamento político. Embora a linguagem adotada por seus administradores não seja uma linguagem política como estamos habituados e que as estratégias utilizadas por esses agrupamentos para difundir seus posicionamentos políticos e ideológicos não aconteçam através de partidos políticos tradicionais ou de agrupamentos que se entendem como organizações de classe, de nada invalida essa constatação.

Outro exemplo, flagrante de como essas comunidades são engajadas politicamente e que tem propósito de disputar a mentalidade política da juventude e das massas sociais, pode ser percebido pelo nome da página “Eu era esquerdista mais a zueira me curou 1.0”. O que a escolha desse nome nos revela? O que ele está nos comunicando? Em nossa percepção três coisas centrais 1) Que ser de esquerda é considerado uma doença por esses agrupamentos e que por tanto precisariam ser “curados” (ou, talvez, “eliminados” ?); 2) Que a “zueira” (humor) tem o poder de “curar”, ou seja, que a estratégia do humor ácido, da brincadeira, do aparente descompromisso é efetiva e tem resultados. 3) Talvez, que nem eles se levem a sério? Que nem eles mesmo acreditam no tipo de projeto que estão engajados.

A questão da linguagem, das estratégias utilizadas, de como essas comunidades se originaram, em que tempo e espaço acontecem é para nós questão de importância capital em nossa investigação. É parte de nossos objetivos buscar compreender e revelar quais são os mecanismos de identificação que reúnem milhares de pessoas em uma mesma comunidade (páginas) e o que faz com que essas pessoas (seguidores) queiram permanecer juntas. Dito em outras palavras, queremos mapear qual o conjunto de emoções e sentimentos que criam identificação nesses agrupamentos.

Para nós, o campo dos sentidos e das emoções, ou, para usar uma expressão freudiana, o campo das pulsões libidinais, são uma importante chave interpretativa para

compreender como se construiu a autorização para os movimentos de ódio e horror no Brasil no último período.

Portanto, nesse sentido, quanto falamos de uma escuta ativa, estamos considerando que o Facebook, e as comunidades que estamos aqui investigando, foram determinantes para acessar e organizar em novos patamares, indivíduos, que antes se encontravam atomizados na estrutura social e reorienta-los politicamente no quadro das disputas conjunturais do país.

2.3 Psicologia de massas e as redes sociais na internet.

Fundamentos Teóricos

Partiremos então da proposta analítica desenvolvida originalmente por Freud em sua obra *“Psicologia de massas e análise do eu”* e também dos estudos desenvolvidos por Wilhem Reich em *“Psicologia de massas do Fascismo”*. É nosso objetivo nessa seção buscar os fundamentos que vão nos ajudar a reconstituir os modos da subjetividade correspondente a certas configurações sociais e políticas do nosso tempo – a) massificação das redes sociais na internet sob capitalismo e b) a formação de agrupamentos de caráter fascista através dessas redes.

Entendemos que as redes sociais na internet hoje (Facebook), do jeito com que elas estão estruturadas, (propositalmente pensadas e organizadas), servem em grande medida para buscar satisfazer aspectos importantes de nosso Eu (ego), criando constantemente formas de “atender” aos desejos de nosso ego em busca de prazer (likes). Essa busca de prazer via likes funciona por meio do reforço “positivo” em torno das ideias que proferimos, das fotos que partilhamos, das conversas que trocamos e assim por diante. Ao mesmo tempo, as redes sociais na internet têm por função estimular constantemente sentimentos de insatisfações através da criação deliberada de necessidades – própria do modelo de consumo sob capitalismo – sendo assim, as relações humanas mediadas pelas redes sociais, estão atravessadas de um processo ininterrupto da monetarização dos afetos. Um processo que embora busque se efetivar e ser totalitário encontra constantemente resistências.

A questão da monetarização dos afetos e como ela acontece em nossos dias hoje é de fundamental importância para compreendermos as questões do esgotamento emocional das massas e a somatização desse esgotamento em doenças de cunho

emocional como a depressão e ansiedade. Com o advento da internet e a massificação das redes sociais na internet no mundo, a exploração de homens e mulheres alçou novos patamares. Se antes, o trabalhador tinha um horário de trabalho regulamentado, normalmente, 8 horas por dia, do qual finalmente podia descansar, agora, com a massificação das redes sociais, existe um processo ininterrupto de atividades ocorrendo dos quais este mesmo trabalhador se encontra implicado 24 horas, mesmo em momentos de lazer onde seus afetos são continuamente expropriados de si, manipulados e monetizado. O controle, e as exigências sobre a vida privada das pessoas passou a acontecer durante 24 horas, de modo que tudo que se inscreve nas redes sociais pode resultar em julgamentos morais, por parte de todos. Um cenário onde todos estão submetidos a todos.

Ter a dimensão dos interesses capitalistas intrínsecos as redes sociais na internet, não significa, pressupor, que essas redes sejam impenetráveis ou mesmo que elas não sofram alterações ocasionadas pelo tipo de apropriação que sua rede de usuários faz dela. A internet por ser um espaço intimamente ligado a realidade social contemporânea faz, também, parte de um tipo de cultura contemporânea:

Por um lado, todas as tecnologias de que dispomos, as de comunicação digital inclusive, são produtos de nossas próprias intenções e propósitos. Por outro, o modo como nos apropriamos delas, o uso que fazemos, reinventam constantemente suas características. Conforme algumas possibilidades são exploradas e outras caem no esquecimento, recriam-se os limites potenciais da comunicação mediada por computador. Assim, não é suficiente falar em “redes sociais na internet” levando em conta apenas os fatores estritamente tecnológicos da questão, ou seja, esquecendo as pessoas que interagem umas com as outras para concentrar-se sobre a mediação tecnológica. Do mesmo modo, entretanto, recusar-se a considerar as especificidades do suporte tecnológico é jogar fora a criança com a água do banho. As peculiaridades da sociabilidade mediada se instituem na intersecção entre aspectos humanos e os tecnológicos, de modo que só podemos enxergá-las se formos capazes de reconhecer o conjunto complexo e múltiplo de fatores que está em jogo.¹¹¹

Portanto, compreender os aspectos mais sutis de como as plataformas de interação interpessoal na internet são pensadas e estruturadas tem sido para nós uma das formas de

¹¹¹ RECUERO. Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.12-13.

buscar captar as influências dessas redes na política, na sociedade, nas formas de manifestar os afetos, nas formas de amar e odiar e também de buscar compreender as influências que o uso dessas plataformas exercem na construção de novas identidades coletivas. Monica Amaral em seu livro “O espectro de Narciso na Modernidade” proporia o seguinte questionamento: “*A que forma da subjetividade corresponderia essa reorganização da ideologia (ela mesma adequada a mutações ‘objetivas do sistema’?*”¹¹²).

Dessa forma, entendemos que os posts que emergem das telas do *Facebook* podem ser lidos também como fragmentos representativos da subjetividade contemporânea os quais estamos buscando descortinar nessa pesquisa com o recurso auxiliar da psicologia de massas, algo como um registro psicossociológico¹¹³ de nosso tempo, onde vamos buscar encadear e articular na medida do possível, nosso conhecimento histórico, localizando as questões emergentes sempre no quadro dos enfrentamentos e disputas políticas conjunturais (o contexto social), com a abordagem psicológica proposta por esses autores. Voltaremos a falar mais detidamente dos efeitos dessas práticas nos relacionamentos humanos no item “C) sobre as implicações das novas tecnologias de informação e comunicação e a importância de nosso objeto de estudo *Facebook*.”

Diante do exposto, entendemos que é preciso avançar em diferentes direções para poder compreender as profundezas que movimentam intenções nos indivíduos em sociedade, mais do que isso, enquanto cientistas sociais, nos sentimos impelidos a movimentar esforços para dialogar também com outras áreas de conhecimento, buscando articular os resultados de nossas pesquisas com outras descobertas para poder fazer florescer novas compreensões sobre a vida humana em sociedade.

Ao buscar compreender as motivações que levaram a formação de agrupamentos de caráter fascista, como os agrupamentos que estamos denominando aqui de Nova Direita, notamos que o eixo principal que buscou dar explicações à ascensão desses agrupamentos ainda é predominantemente socioeconômico, o que significa dizer, que a

¹¹² AMARAL, Monica de. **O espectro de Narciso na modernidade:** de Freud a Adorno. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

¹¹³ Os aspectos da subjetividade humana que permitem a ascensão de movimentos de caráter fascista ou mesmo de regimes autoritários é uma questão multifacetada que deve levar em consideração diferentes abordagens, porém, em função dos propósitos de nossa investigação queremos pontuar uma questão que nos parece central na emergência da Nova Direita no Brasil a questão religiosa que atravessa toda a constituição moral desses agrupamentos e que tem se mostrado um elemento determinante para influenciar nas questões políticas do país. Já em 2012 a Revista de História da Biblioteca Nacional publicou um dossiê sobre “Evangélicos: a fé que seduz o Brasil”, das origens às Igrejas atuais, a ascensão na política, os fiéis e seus inimigos.”

maioria dos estudos até aqui desenvolvidos – muitos dos quais de grande valia para nós – fizeram desvelar as engrenagens materiais e ideológicas do capitalismo contemporâneo, revelando as estratégias de atuação das organizações de classe ligadas as burguesias brasileiras, desvelando seus interesses materiais e a importância de criar bases ideológicas de sustentação para justificar o padrão de exploração e transformações vividas nas relações de trabalho (flexibilização/afrouxamento das leis trabalhistas em benefício do empresariado).

Tomar conhecimento dessas engrenagens foi de fundamental importância para nós, isso porque estes estudos nos revelam as conexões inseparáveis entre a necessidade constante da ofensiva capitalista e as contradições de seu modelo social de desenvolvimento. Entretanto, diante de situações como as que estamos vivenciando no quadro brasileiro, onde não é possível encontrar uma correspondência entre a situação econômica e o campo das ideologias temos que buscar pensar por outras vias:

Um exemplo simples: quando os trabalhadores, passando fome devido aos baixos salários, decidem fazer greve, a sua ação resulta diretamente na situação econômica. O mesmo se pode dizer de um esfomeado que rouba para comer. Não há necessidade de mais explicações psicológicas para o roubo, consequência da fome, ou para a greve, consequência da exploração. Ideologias e ação correspondem, nos dois casos, à pressão econômica. A situação econômica coincide com a ideologia. Nestes casos, a psicologia reacionária costuma explicar o roubo e a greve em termos de motivos supostamente irracionais, explicações essas que, em última análise, são racionalizações reacionárias. Para a psicologia social, a questão é colocada em termos opostos: **o que se pretende explicar não é por que motivo o esfomeado rouba ou o explorado faz greve, mas por que motivo a maioria dos esfomeados não rouba e maioria dos explorados não faz greve.** Assim, a economia social é capaz de explicar completamente um fato social que serve a um fim racional, isto é, quando ele satisfaz uma necessidade imediata e reflete e amplifica a situação econômica. A explicação sócio econômica não se sustenta, por outro lado, quando o pensamento e a ação do homem são incoerentes com a situação econômica, ou seja, são irracionais¹¹⁴.

¹¹⁴ REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988. p.18-19. Grifos meus.

Ao pensar a influência que as redes sociais na internet exercem na realidade, estamos nos propondo a pensar *qual o papel desempenhado pela ideologia e pela atitude emocional dessas massas como fator histórico*”¹¹⁵

Segundo Reich, podemos encontrar explicação para estas e outras questões na estrutura do caráter do homem, segundo o qual é necessário considerar três níveis diferentes de sua estrutura biopsíquica. Estes níveis da estrutura do caráter, segundo Reich, são depósitos de funcionamento próprio do desenvolvimento social. A estrutura apresentada por Reich é a seguinte: 1º) Nível superficial – corresponde ao homem médio, este homem tende a ser atencioso, consciencioso, comedido e responsável; 2º) Nível intermediário – no nível intermediário é onde se encontra os impulsos cruéis, sádicos, lascivos, sanguinários e invejosos dos homens. É a “camada” onde ocorre a inibição das manifestações autênticas. Esse nível corresponde ao “inconsciente” ou “reprimido” em Freud, isto é, o conjunto daquilo que se designa na linguagem da economia sexual, por impulsos secundários – aquilo que é anti-social no homem; e no nível 3º) O cerne biológico – neste terceiro nível podemos encontrar o homem racional, essencialmente honesto, trabalhador, cooperativo, que ama e tendo motivos, odeia. Segundo Reich, é neste terceiro nível que se encontra a natureza originalmente social dos impulsos naturais. Vejamos esse pressuposto de onde o autor parte, ampliado, por uma leitura social, nas palavras de Reich:

Tentemos transportar esta estrutura humana para a esfera social e política (...)

Nos ideais éticos e sociais do liberalismo, vemos representadas as características do nível superficial do caráter: autodomínio e tolerância. O liberalismo enfatiza a sua ética, com o objetivo de reprimir o ‘monstro no homem’, isto é, o nível das ‘pulsões secundárias’, o ‘inconsciente’ freudiano. A sociabilidade natural da camada mais profunda, do cerne, permanece desconhecida para o liberal. Este deplora e combate a perversão do caráter humano por meio de normas éticas, mas as catástrofes sociais do século XX provam que essa tática de nada adianta.

Tudo o que é autenticamente revolucionário, toda a autêntica arte e ciência, provém do cerne biológico natural do homem. Nem o verdadeiro revolucionário, nem o artista nem o cientista foram até agora capazes de conquistar e liderar as massas, ou, se o fizeram, de mantê-las por muito tempo no domínio dos interesses vitais.

Com o fascismo, as coisas se passam de maneira diferente, em oposição ao liberalismo e a verdadeira revolução. O fascismo não representa, na sua essência, nem o nível superficial, nem o nível

¹¹⁵ Idem, p.10.

mais profundo do caráter mas sim o nível intermediário das pulsões secundárias (...).¹¹⁶

A leitura de Reich da estrutura do caráter do homem é importante para nós a medida que Reich, amplia a compreensão do que vem a ser o *fascismo*. Segundo Reich, o fascismo não deve ser considerado apenas como sendo um “partido político” em sentido estrito, “*que a semelhança de outros ‘grupos sociais’, defendia uma ‘ideia política’ organizada. De acordo com esta visão, o ‘partido fascista impunha o fascismo por meio da força ou de manobras políticas’*. Segundo Reich é preciso considerar o fascismo em sua forma ampliada, ou seja, desde a estrutura da formação da psique humana até as diferentes formações sociais encontradas historicamente. Portanto, ao levarmos em consideração os aspectos mais sutis da formação da psique humana, devemos levar em consideração que,

o ‘fascismo’ não é mais do que a expressão política organizada da estrutura do caráter do homem médio, uma estrutura que não é o apanágio de determinadas raças ou nações, ou de determinados partidos, mas que é geral e internacional. Neste sentido, caracterial, o ‘fascismo’ é uma atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida. É o caráter mecanicista e místico do homem moderno que cria os partidos fascistas, e não vice e versa.¹¹⁷

Nesse sentido, e em decorrência dos conteúdos produzidos e disseminados nas redes sociais na internet por parte dos agrupamentos investigados por nós, os quais, em conjunto estamos caracterizando como pertencentes a Nova Direita, nossa hipótese de trabalho sugere que esses agrupamentos podem ser também considerados fenômenos de caráter fascista.

Para isso, precisamos romper com uma visão estanque e mecânica do sentido atribuído convencionalmente ao fascismo, como sendo um elemento exclusivamente político e partidário ocorrido na Itália de Mussolini ou na Alemanha de Hitler. Segundo Reich, “*o fascismo é um fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações.*” Em outras palavras, diferentemente das imagens

¹¹⁶ Idem. p. XIX.

¹¹⁷ Idem. p. XIX.

convencionais, significa dizer que “*não existe um único indivíduo que não seja portador na sua estrutura do pensamento e do sentimento fascista.*”¹¹⁸”

O fascismo como um movimento político distingue-se de outros partidos reacionários pelo fato de ser sustentado por massas humanas.

(...) Como o fascismo é sempre em toda a parte um movimento apoiado nas massas, revela todas as características e contradições da estrutura do caráter das massas humanas: **não é, como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amalgama de sentimentos de revolta e ideias sociais reacionárias.**¹¹⁹

A abordagem proposta por Reich, coaduna-se com a abordagem do fascismo proposta também por outros estudiosos da questão como Robert Paxton em “*A anatomia do fascismo*” onde o autor enfatiza a importância de entendermos os fascismos para além das imagens convencionais que a ele se remetem. Paxton demonstrou em seus estudos que é impossível compreender a emergência de movimentos e regimes de caráter fascista sem compreender também a sua base de sustentação, ou seja, sem compreender a cumplicidade das pessoas comuns para emergência desses fenômenos:

Um outro problema das imagens convencionais do fascismo é que elas enfocam os momentos mais dramáticos do seu itinerário – a Marcha sobre Roma, o incêndio do Reichstag, a *Kristallnacht* [Noites dos Vidros Quebrados] – e **omitem a textura sólida da experiência cotidiana, e também a cumplicidade das pessoas comuns no estabelecimento e no funcionamento dos regimes fascistas.** Eles jamais teriam crescido sem a ajuda das pessoas comuns, mesmo das pessoas convencionalmente boas. Jamais teriam chegado ao poder sem aquiescência, ou mesmo a concordância ativa das elites tradicionais – chefes de Estado, líderes partidários, altos funcionários do governo – muitos dos quais sentiam uma aversão enfastiada pela crueza dos militantes fascistas. Os excessos dos fascistas no poder exigiam também uma ampla cumplicidade entre os membros do *establishment*: magistrados, policiais, oficiais do exército, homens de negócio. **Para entender plenamente como funcionavam esses regimes, temos que descer ao nível das pessoas comuns e examinar as escolhas corriqueiras feitas por elas em sua rotina diária.** Fazer escolhas significava aceitar o que parecia ser um mal menor, ou desviar o olhar de alguns excessos que, a curto prazo, não pareciam tão nocivos, e que, isoladamente, podiam ser vistos

¹¹⁸ Idem. p. XX.

¹¹⁹ Ibidem. p. XX.

até mesmo como aceitáveis, mas que, cumulativamente, acabaram por se somar em monstruosos resultados finais.¹²⁰

Nesse sentido, entendemos que ao trabalhar com as postagens do Facebook promovidas por essas páginas estamos de alguma forma tendo a oportunidade de entrar em contato com as pessoas comuns e de examinar quais as motivações que levaram determinados agrupamentos a fazerem certas escolhas. Através do Facebook podemos acompanhar a emergência de emoções de revolta e como elas foram se desenhando nas redes, ou seja, através do Facebook, foi possível acompanhar o processo gradativo que, não sem disputas e resistências, autorizou uma série de manifestações de ódio e violência no país.

Para isso é importante lembrar que quando estamos falando de Novas Direitas, nós estamos falando de agrupamentos sociais multifacetados e não homogêneos, são agrupamentos de pessoas que se manifestam não exclusivamente através de posições e ideias sociais reacionárias como geralmente se crê. Os agrupamentos que estamos investigando aqui demonstraram também um desejo profundo por mudança, movimentando um sentimento de revolta social, contra a corrupção, contra o roubo, contra a impunidade dos políticos e poderoso, contra o crime e a violência social. O fato de que esse desejo de mudança não coadune com as nossas formas de conceber a transformação em nada altera a importância das críticas sociais agitadas por esses agrupamentos.

Segundo Reich, para entendermos o que está por trás do sucesso das agitações promovidas por esses agrupamentos é preciso reconhecer que os sentimentos de “revolta” agitado por esses agrupamentos se misturam, de maneira irracional, a demandas reacionárias.

Como o fascismo é sempre e em toda a parte um movimento apoiado nas massas, revela todas as características e contradições da estrutura do caráter das massas humanas: não é como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amálgama de revolta e ideias sociais reacionárias.¹²¹

¹²⁰ PAXTON, Robert, O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.34-35.

¹²¹ REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988. p. XX.

Portanto, perceber a questão de como se deu a popularização das pautas conservadoras no cenário brasileiro se tornou central em nossa investigação para buscar compreender como foi que se enraizou nas massas sociais determinados padrões de comportamento político e social.

Entendemos que a popularização das pautas conservadoras do último período (2011-2016) estão estritamente imbricadas com os processos de massificação das redes sociais na internet a partir de 2008, com destaque para a plataforma do Facebook, rede social mais usada no mundo¹²². Levando em consideração que o Facebook incorporou o Instagram (2012) e o Whats App (2015), podemos dizer que, o modelo de relacionamento interpessoal nas redes sociais na internet do Facebook se tornou o modelo hegemônico de relacionamento na Internet.

Em meio as nossas pesquisas e procurando a melhor forma de elaborar e trabalhar com o conceito de fascismo nos deparamos também, com uma obra intitulada, “*Elementos para uma análise do Fascismo*”, o livro é o resultado de uma Seminário organizado na Universidade de Paris, e que reuniu intelectuais com diferentes perspectivas a respeito do movimento fascista no mundo.

Neste livro nos deparamos com um conjunto de questionamentos e preocupações semelhantes a que nós levantamos nesta pesquisa e que concorrem também para que possamos compreender o fenômeno brasileiro dentro da perspectiva de um processo, de um fazer contínuo. O artigo intitulado “Gramsci e a questão do fascismo” de Maria Anonietta Macciochi, diz:

Antes do fascismo, não existirá fasciszação, que prepara e instala? O fascismo nascerá já armado da coxa do Júpiter no dia em que se revela como ditadura total (...)? Ou tudo, ou nada. Ou o fascismo tomou totalmente o Poder, ou então não existe: sobre essa pedra a opinião burguesa edifica, em tempo vulgar, o templo do seu otimismo falsamente cândido e calmo e, em tempo de crise, o seu pânico cúmplice. Ela pretende administrar às massas ora um tranquilizante, ora um paralisante.
O fascismo não nasce de um Golpe de Estado ... Porque o fascismo não nasceu nunca de um Golpe. O mito da interrupção

¹²² “Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, realizada pelo Ibope, a internet é de longe o meio de informação que mais cresce entre os brasileiros. Metade da população já usa internet. Desde o ano anterior, aumentou de 26% para 37% o número daqueles que a utilizam todos os dias. Sessenta e cinco por cento dos jovens na faixa de 16 a 25 anos se conectam todos os dias durante mais de cinco horas, em média. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o WhatsApp (58%) e o YouTube (17%). Apenas 7% leem jornais diariamente. A TV continua sendo o meio mais usado: 73% disseram assistir diariamente.” Matéria disponível em <https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>.

do curso normal da velha democracia parlamentar devido às falhas de uns e à conspiração de outros corresponde perfeitamente à imaginária insurreição proletária, que coroa 50 anos de eleição com três dias de manifestação. **O fascismo é uma guerra civil que mobiliza o aparelho de Estado e as diferentes classes da sociedade**, e seu combate pela tomada de Poder começa desde essa mobilização, sua duração e seu caráter particulares dependem, evidentemente, das partes que se defrontam.¹²³

Destacamos a passagem acima, porque, conforme nos sugere a autora, antes de haver fascismos há o processo de fascistização, da mesma maneira, entendemos que antes de haver a emergência de uma Nova Direita houve também um processo que levou a formação desses agrupamentos. Um processo multifacetado, dos quais, estamos investigando e buscando demonstrar a importância estratégica que assumiu as redes sociais nesse processo.

Neste sentido, queremos, em nossa pesquisa, sublinhar a importância estratégica que as redes sociais na internet ocuparam no processo de fascistização de parcelas significativas da sociedade brasileira. Na prática, estamos sugerindo que a massificação das redes sociais na internet e a forma que essas redes estão estruturadas no capitalismo foram em grande medida determinantes para esse processo. Através desses instrumentos foi possível fomentar nas massas sociais sentimentos, de revolta, ódio, rivalidade e inimizade entre os diferentes agrupamentos humanos existentes.

Nesse sentido, nossa investigação nos leva a afirmar que foi através da instrumentalização das redes sociais na internet por parte de agrupamentos sociais reacionários que concepções conservadoras se popularizaram, dando início então a uma Nova Direita. Mais precisamente, através das *páginas do Facebook*, as quais serviram de plataforma comum e canal de diálogo estratificado com as massas. As páginas em questão atraíram para dentro de si, agrupamentos humanos que se identificavam com algum tema em específico: seja eles, mulheres, homens, gays, anticomunismo, antipetismo e assim por diante.

Importa notar que a conformação da maioria das páginas do *Facebook*¹²⁴ (comunidades) por nós investigadas, foram criadas entre 2011 e 2015, portanto, estamos

¹²³MACCIOCHI, Maria Antoniaetta. **Elementos para uma Análise do Fascismo**. Paris VIII – Vincennes 1974-1975. p.21.

¹²⁴Ao tratar do recurso “Páginas de Facebook” vamos nos referir a essas páginas sempre que se fizer necessário por *comunidades* por elas configurarem espaços coletivos dentro do Facebook. Portanto, toda

falando de eventos bastante recentes para uma pesquisa historiográfica. O período de formação dessas comunidades correspondeu, também, ao segundo governo Dilma Rousseff (PT), momento em que já se desenhavam os elementos de crise de legitimidade desse governo, os quais somados a crise econômica mundial de 2008 fomentou o crescimento de redes antipetistas nas redes sociais.

Por que os governos petistas ensejam o avanço ideológico e o crescimento organizativo da direita e da extrema-direita? A despeito dos incontáveis atos em prol do grande capital e em detrimento dos direitos dos trabalhadores, Lula da Silva, Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores são ainda percebidos pela maior parte da população como expressão da ‘esquerda’. Assim o crescimento da direita é impulsionado pelas inconsistências e contradições do governo Dilma, pela desmoralização da ideia do que é ‘ser de esquerda’ em consequência das barganhas e ataques perpetuados por estes governos e também em virtude de sua opção pela afirmação da ordem através da imposição de uma escalada repressiva, particularmente intensa depois de junho de 2013.¹²⁵

Essa e outras convergência de dados, aos quais serão apresentar pontualmente na análise de cada uma das páginas por nós investigada nos oferece fortes indícios de que os agrupamentos que estamos caracterizando aqui como pertencentes a nova direita são também fruto de disputas políticas em escaladas mais amplas da vida social dos sujeitos, aquelas que pressupõem as disputas de consciência, de valores éticos e morais. Através das redes sociais na internet foi possível preparar essas disputas minuciosamente, trabalhando emocionalmente o estado de espírito das massas. Uma verdadeira guerra de narrativas e concepções de mundo travada no ambiente digital.

Atualmente o fascismo é um componente ativo nas organizações políticas da Nova Direita que disputa junto as massas a falta de perspectiva da juventude, o desemprego, a violência, a miséria, tudo isso através da agitação de políticas que visam o endurecimento das instituições de repressão do Estado, como a polícia e exigência de maior participação das forças armadas para retomada da ordem social. Assim, é possível dizer que a esquerda deixou de ser o único recurso para os ofendidos e para aqueles que alimentavam sonhos de mudanças.

Página do Facebook, tem suas próprias regras internas, das quais os seus membros optam por se sujeitar, decidindo se querem ou não fazer parte dessa comunidade.

¹²⁵ CALIL, Gilberto. Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente. 2015.p.9.

A rendição ideológica da pretensa esquerda é portanto elemento fundamental para compreensão do avanço ideológico da direita, sobretudo porque desqualifica e deslegitima perspectivas e projetos que se proponham a pensar a organização da sociedade em outras bases, ao mesmo tempo em que tornam possível que a direita atribua à ‘esquerda’ os perversos efeitos sociais da crise capitalista, mesmo permanecendo a economia gerida sob perspectiva de total subordinação aos interesses e imposições do capital financeiro transnacionalizado. Assim, ‘a esquerda foi colocada no canto do ringue. Perdeu a iniciativa. Foi (e é) pautada pela direita. (...) A política reduzida a um jogo de emoções favorece sempre o *status quo ante*’.” (CALIL, Gilberto. Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente. 2015. p.12)

Em consonância com a caracterização acima, importa observar que foi exatamente em meados de 2011 que começamos a observar um crescimento de posicionando conservadores nas redes sociais. Posicionamentos contra o aborto, contra a política de cotas para negros nas Universidades, pessoas se colocando na contramão de investimento de caráter público, declarando-se a favor da privatização de serviços essenciais, como escolas, universidades e saúde, pessoas defendendo a diminuição da maioridade penal, o porte de armas e até mesmo a pena de morte.

O levante popular protagonizado pela juventude brasileira em Junho de 2013¹²⁶, veio confirmar as primeiras impressão que tivemos a respeito do crescimento dos agrupamentos de caráter reacionário no Brasil, e, para nossa surpresa, o fenômeno se estendia para muito além das redes sociais na internet.

Nesse sentido, é possível dizer que junho de 2013 foi um marco no cenário político brasileiro por dois motivos. O primeiro, é que junho de 2013¹²⁷ registrou o importante levante popular protagonizado pela juventude anticapitalista que buscou denunciar a política de conciliação de classes dirigida pelo PT ao longo de dez anos. O segundo, foi

¹²⁶ Para melhor compreensão sobre as Jornadas de Julho ver CALIL, Gilberto.

¹²⁷ “Embora tenha raízes nas manifestações de junho de 2013, o novo ativismo digital de direita teve seu papel ampliado e consolidado durante a campanha eleitoral do ano passado [Eleições de 2014] quando diferentes grupos opositoristas se uniram em torno da candidatura opositorista de Aécio Neves. Depois de uma campanha agressiva marcada pelo uso de rôbos, perfis *fakes* e fabricação indiscriminada de boatos por todos os lados, o debate que hoje domina as redes segue o mesmo padrão virulento, chegando até, por vezes, ao discurso de ódio. “O crescimento dessas redes produziu uma crise dentro da internet brasileira. Discursos como o do deputado Jair Bolsona, com grande repercussão, esse discurso de ódio, de apologia à repressão, tem um enorme impacto, por exemplo, sobre a situação das mulheres nas redes” [diz Fábio Malini] coordenador do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura. (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santos. Matéria disponível em <https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>.

que uma parcela, a princípio minoritária, dos manifestantes, que foram as ruas protestar contra o governo petista eram agrupamentos políticos de caráter reacionário, porém, que se mostraram dispostos a disputar a insatisfação popular que emergiam daquelas manifestações. A esse respeito segundo Calil:

Ainda que grupos reacionários buscassem disputar os rumos das mobilizações e também levassem às ruas suas demandas e perspectivas ideológicas, era claro que se impunha como posição majoritária a afirmação de reivindicações por mais direitos sociais e contra a repressão policial. Naquele contexto, grupos claramente identificados com posições à direita fracassaram continuamente em suas tentativas de organizar manifestações com pautas nitidamente reacionárias – é o caso da chamada “greve geral sem sindicatos” convocada para o início de julho de 2013 e que malogrou rotundamente; da “Marcha da Família contra o Comunismo”, convocada por Maycon Freitas (pateticamente designado como “O líder que surgiu das ruas” pela revista *Veja*) e sua obscura União Contra a Corrupção (UCC), que reuniu menos de 100 manifestantes, na maior parte neointegralistas e neonazistas; e da “Operação 7 de Setembro” que pretendia explicitar a força do nacionalismo de direita nos desfiles do “Dia da Pátria”, com resultados igualmente inexpressivos.

Dois anos passados, é imperativo reconhecer que há um elemento novo na conjuntura política brasileira: organizações e agrupamentos claramente reacionários lograram êxito em realizar manifestações massivas, convocadas em defesa do afastamento supostamente constitucional da presidenta da República, nas quais se destacavam faixas e cartazes pedindo “intervenção militar constitucional”, uma reivindicação explicitamente inconstitucional e golpista. As manifestações realizadas em 15 de março de 2015 teriam reunido mais de dois milhões de pessoas de acordo com as sempre suspeitas contagens realizadas pela Polícia Militar. Nos termos nada isentos da revista *Época*, os “protestos de 15 de março levaram às ruas a maior multidão em um único dia na história das manifestações políticas no Brasil”.¹²⁸ Superdimensionamento midiático à parte, é inegável que foram manifestações massivas e que explicitaram uma capacidade de mobilização que dois anos antes a direita não tinha, constituindo-se nas maiores manifestações de perfil conservador/reacionário desde as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, realizadas em 1964.¹²⁹

¹²⁸ “Manifestação Anti-Dilma entra para a história. Protestos de 15 de março levaram às ruas a maior multidão em um único dia na história das manifestações políticas no Brasil”, *Revista Época*, 15/03.2015. <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/03/bmanifestacao-anti-dilmab-entra-para-historia.html>, consultado em 18/08/2015.

¹²⁹ CALIL, Gilberto. Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente. 2015.p.

Estava claro que o crescimento de posicionamentos conservadores que vínhamos acompanhando no *Facebook* não era um fenômeno restrito as redes sociais na internet, ao contrário disso, esses agrupamentos estavam dispostos a influenciar e disputar a opinião das massas sociais, inclusive o caráter das manifestações populares daquele período. E a pergunta que se impôs a nós foi: Quem é essa *Nova Direita*, como ela influencia a rede?

Afinal, se tratavam de agrupamentos políticos da “direita”, aqueles, que tradicionalmente, se opuseram aos governos petistas ou estávamos falando de uma “nova” direita? Estava claro que suas demandas eram conservadoras e reacionárias, mas como explicar uma direita que se sente autorizada a ir as ruas com cartazes de “volta a ditadura” e “deviam ter matado todos em 64”? Como explicar a capacidade de mobilização que se iniciava ali? Como explicar que medidas restritivas, que na prática caminhavam na contramão dos interesses populares ganhassem adesão? E mais, quando foi que a direita estabeleceu um diálogo direto com as massas sociais? Se tratavam de forças políticas permanentes ou passageiras?

2.4 O que o uso massivo das redes sociais nos revela sobre o caráter das massas sociais hoje?

Para nós, a chave para responder a estes questionamentos passa pela necessidade de pensar o poderoso papel que as redes sociais na internet – psicologia de massa – assumiram na contemporaneidade. Fazer este questionamento implica em buscar perceber de que forma nós estamos nos inserindo e nos permitindo ser inseridos nesse processo. Observem que posto dessa forma, o problema requer de nós compreender duas faces da mesma moeda, as formas como estamos sendo inseridos (direcionados) na sociedade através das mídias sociais na internet, mas também, implica perceber, como nós estamos nos inserindo e aderindo espontaneamente esse processo? Freud, proporia o seguinte questionamento: qual a sua responsabilidade na desordem de que você se queixa?

Diante desses questionamentos, nascem também os desafios de tentar responder, como analisar a infinidade de dados produzidos nas redes sociais na internet? De que forma classificar o que é, e o que não é importante para os propósitos de nosso trabalho?

Atualmente, com o grande fluxo de informações produzidas via redes sociais na internet, a tendência da ampla maioria das pessoas tem sido de receber, produzir e

reproduzir, diferentes conteúdos *quase*¹³⁰ que de forma automática. O padrão de associação e atuação nas redes sociais no *Facebook*, se dá, em um primeiro momento, através do uso de contas pessoais, portanto, de perfis de uso particular, onde os indivíduos têm *liberdade* para criar os tipos de conexões que desejam, seja, adicionando amigos, parentes, conhecidos, artistas famosos, músicos, num total de até 5 mil pessoas por perfil, ou, participando de comunidades, fóruns, páginas especializadas com temas específicos e que correspondam a interesses de sua preferência. É importante destacar aqui que a compreensão que temos a respeito de “interesses pessoais” busca abarcar a particularidade do indivíduo que está inserido em um dado contexto histórico e social, por tanto, uma particularidade do sujeito em sua época.

A respeito do que estamos considerando aqui como “liberdade de escolher”, implica levarmos em consideração, a liberdade de se associar ao *Facebook* ou não. Em estando na plataforma a liberdade de se associar com as pessoas que bem entender. Solicitar amizades, aceitar ou não aceitar solicitações de amizade. Uma liberdade limitada a 5 mil amigos em sua rede pessoal e uma liberdade limitada pelos termos de uso do *Facebook*. (E qual liberdade não seria em algum aspecto limitada por regras sociais pré-definidas?) Mas ainda assim, a liberdade de aderir ou não, de escolher fazer parte ou não dessa rede. Uma rede de conexões pessoais que tem possibilidade de te conectar a 5 mil outras pessoas em seu perfil pessoal, fora as comunidades das quais você pode fazer parte, está muito aquém do que uma pessoa imaginaria ter de amigos ao longo de toda sua vida. Portanto, nestes termos, é possível afirmar que as pessoas tem liberdade de escolha, elas não são obrigadas a ter *Facebook*, elas o têm por desejo.

O padrão de conexão utilizado pelos idealizadores do *Facebook* para criar está rede social na internet é o de *sugerir* conexões, “amigos”, “páginas”, “marcas”, “produtos”, “músicas”, “notícias”, por meio de referências mútuas entre seus usuários¹³¹.

1) Uma rede de uso particular, movida por interesses também particulares, tanto dos que optam por entrar na Plataforma, quanto dos seus idealizadores, os quais tem por objetivo, entre outras coisas, buscar através dessa ferramenta, mapear o desejo, os costumes, hábitos e tendências das pessoas; 2) A partir do mapeamento dos desejos, a partir desses levantamento, constrói-se uma das maiores plataforma de dados sobre o

¹³⁰Destacamos em itálico a palavra quase, porque, em nossos estudos pretendemos discutir as estruturas psíquicas e sociais sob as quais operam o inconsciente.

¹³¹ Ver capítulo de descrição do objeto.

comportamento humano no mundo; 3) O *Facebook* é programado automaticamente para que a partir de nossas próprias indicações primárias, ou seja, nossas primeiras interações na internet, nos sugestionar conteúdos que, segundo a interpretação da inteligência artificial da plataforma, se assemelhem aos nossos gostos pessoais. O que significa dizer que, a ideia é ligar as pessoas por referências mútuas. Isso é possível porque o *Facebook*, consegue reunir um conjunto de dados que possibilita saber quem são, onde estão localizados, o que consomem, seus gostos entre outras coisas.

Tratar das redes sociais na internet hoje, é tratar da parte mais dinâmica, de como ocorrem as relações humanas em sociedade. Nesse sentido, a análise histórica e social, que pressupõe o estudo sobre como atuam e se comportam os agrupamentos da Nova Direita brasileira a partir do *Facebook* têm seus próprios desafios. Se por um lado estamos diante de um dos aspectos mais dinâmicos da sociedade, das conexões e informações em tempo real, e isso nos dá certa vantagem em lidar com um conjunto amplo e privilegiado de fontes que correspondem diretamente aos movimentos e posições que esses agrupamentos assumem diante da conjuntura dada, por outro lado, em função dessa mesma dinamicidade, temos de estabelecer critérios e prioridades para que seja viável a coleta das fontes e o processamento dessas informações de acordo com nossos propósitos. Sendo assim, os critérios, a nosso ver, devem ser, ao mesmo tempo, objetivos e claros, porém, suficientemente flexíveis para compreender a plasticidade do nosso tema, a emergência da Nova Direita no Brasil e de nosso objeto de estudo, o *Facebook*.

Facebook

Nosso objetivo neste tópico é buscar perceber o potencial orgânico que nasce de ferramentas como o *Facebook*, e na medida do possível, demonstrar quais os mecanismos de associação utilizados por seus programadores, para organizar pessoas, gostos, posicionamentos políticos e afetos considerados semelhantes.

Através do *Facebook* estamos tendo a oportunidade de lidar com um dos aspectos de como se estruturam a organização da representação das personalidades dos indivíduos no universo das redes sociais e examinar como as escolhas desse indivíduo podem ser lidas no quadro das disputas de diferentes projetos políticos e sociais no tempo presente.

Retomar a dimensão dessas questões em nosso tempo é urgente: é preciso fazer refletir de que maneira as escolhas supostamente individuais que faço, os gostos que

tenho, as coisas que consumo, podem ser lidos também como expressão das disputas por projetos políticos no tempo presente e como estas ações estão implicadas em tantas outras sendo capaz interferir e influenciar no espaço social do qual eu faço parte e pertença.

Neste sentido, quando um usuário do *Facebook* opta por compartilhar algum tipo de conteúdo em sua linha do tempo, seja ele um meme, um vídeo ou uma informação, esse usuário tem a real dimensão do conteúdo que está compartilhando? Tem consciência das possíveis implicações daquele pensamento? Quais estruturas de pensamento está reforçando ou subtraindo?

As redes sociais na internet, nesse sentido, nos permitem acompanhar a pluralidade dos tipos de representação utilizados publicamente e nos ajudam entender de que forma se estruturam determinadas compreensões de mundo.

Podemos acompanhar via redes sociais por exemplo, como escolhas, tidas supostamente como sendo escolhas individuais, estão direta e indiretamente, implicadas e orientadas pela comercialização de modos de vida, de símbolos, de formas de vestir, falar e até mesmo de se relacionar afetivamente.

São “estilos de vida”, que compartilham de certas compreensões de mundo, compreensões de mundo que participam de conjuntos específicos de valores sociais, culturais e políticos e que por sua vez estão implicados e orientados por projetos econômicos de sociedade. Olhar as coisas a partir desse movimento, de refletir a respeito de como realizo minhas escolhas e suas consequências para os que me cercam, nos possibilita, entre outras coisas, entrar em contato com o núcleo de nossas próprias contradições.

Nesse sentido, reiteramos a importância de estudar as redes sociais na internet na medida em que essas ferramentas se constituem por ser uma porta de entrada bastante promissora para pensarmos de que maneira vem se desenvolvendo a formação dos indivíduos na contemporaneidade.

O Perfil pessoal no *Facebook* significa uma forma direta da pessoa se apresentar ao mundo e de coletar informações. É uma relação ativa, voluntária e limitada em vários aspectos, mas que transformou radicalmente o modo de se relacionar com o mundo. Trata-se de um movimento dialético, onde, por um lado, os indivíduos têm em mãos um mecanismo que permite que eles acessem livremente os conteúdos que quiserem, e por outro, a medida que escolhem seus conteúdos de preferência, são sugeridos e

direcionados a conteúdos similares através desse mesmo mecanismo. Importa notar que o sugestionar não é definir, não limita a escolha, e tampouco, obriga a escolha.

Na década de 90 a internet, além de ter um alcance menor, em termos de número de usuários, exigia que a pessoa fosse até um *site*, um portal específico, se quisesse acessar determinado conteúdo. As avaliações mais comuns a respeito desse movimento defendem que antes do fenômeno das redes sociais na internet (perfis), a relação entre usuário e provedor de internet se tratava dessa forma de uma relação passiva, visto que o usuário tinha que ir até um site se quisesse acessar determinado conteúdo, ou seja, era uma relação entre quem detém e produz o conhecimento e quem ainda não tem e precisa adquirir. Com a multiplicação dos perfis de *Facebook* e com as interfaces que ligam um conteúdo a outro o que aconteceu foi uma participação maior e mais dinâmica das pessoas que navegam na internet. A relação adquiriu assim uma característica interativa. Um perfil pessoal no *Facebook* só existe e tem motivo de existir em relação a outro.

Dessa forma, entendemos que o “Perfil” de cada membro do *Facebook* e a forma com que este constrói sua persona, identidade pública, é fortemente influenciada pelo *Outro*. Voltamos dessa forma, mais uma vez, a importância, da reflexão as influências que exercem as redes sociais sobre o desenvolvimento do indivíduo em nossa formação social contemporânea. Estando o *Eu* e o *Outro* em constante interação, ao compartilhar em meu Perfil no *Facebook* o conteúdo de outra pessoa (*outro*), estou assumindo como parte de mim aquele conteúdo, e também, aquela pessoa, com a qual crio uma ligação.

Isso explica, por exemplo, o porquê atualmente na dimensão da esfera privada da vida, os gostos, os afetos, as posturas, as escolhas, ganharam uma importância tão grande e significativa para a vida em sociedade no início do século XXI. Com o advento das redes sociais na internet, as esferas privada da vida passaram a constituir o palco principal sob os quais as escolhas políticas, econômicas e sociais têm sido orquestradas, ou seja, estamos tratando dos aspectos mais subjetivos que constituem o *Ser* social em nosso tempo, aquele conjunto de aspectos que historicamente estiveram submersos na psique humana e que antes não eram tão facilmente perceptíveis atualmente encontrou nas redes sociais um canal possível de expressão pública.

Existem várias formas e abordagens possíveis para pensar as redes sociais na internet hoje. Poderíamos, por exemplo, buscar pensar o *Facebook* a partir de uma visão unilateral como uma corporação que busca capitalizar os afetos, como instrumento de disseminação política utilizado por diferentes agrupamentos sociais, como mecanismo

que funciona também como uma forma de “vigiar e punir”, porém, penso que ao olhar para o *Facebook* apenas como instrumento que potencializa a dominação social tal qual ela é nos levaria a deixar escapar elementos substanciais necessários para compreender de que maneira as nossas sociedade se estrutura e por quê se estrutura principalmente dessa forma e não de outra.

Se queremos compreender o real poder de opressão e exploração sob os quais se alicerçam a exploração que homens e mulheres de diferentes classes sociais estão submetidos em muitos aspectos voluntariamente, é de suma importância que nós possamos também nos debruçar sobre as formas de arquitetar a subjetividade nos indivíduos em sociedade, compreender as negociações internas que os indivíduos fazem para sobreviver, viver e partilhar em sociedade.¹³²

O que de modo algum significa reforçar as perspectivas de leituras sociais que buscam culpabilizar os pobres da pobreza, os negros pelo racismo, ou as mulheres pelo machismo, mas buscar compreender de que forma determinados valores sociais são também incorporados e até mesmo desejados.

2.5. O Facebook: a escrita, a representação, e a elaboração do cotidiano nas redes sociais na internet

Se é possível dizer que as mídias sociais e o *Facebook* nos dão alguma vantagem na coleta de fontes uma delas é exatamente a que nos leva para mais perto das representações desse cotidiano. Os perfis pessoais do *Facebook* possibilitam esse contato com a forma que as pessoas têm de conceber sua própria realidade. Uma realidade permeada de representações, idealizações, mas que ao mesmo tempo revela anseios, desejos, faltas, valores, afetos.

Os Perfis de cada usuário no *Facebook* mostram como as pessoas querem ser vistas e como se deixam ser vistas e, ao contrário, do que muitos dizem, o *Facebook*, não pode ser considerado somente um lugar cheio de futilidades e vaidades. Por muitas vezes o *Facebook* funciona como sendo o único canal de manifestação de milhares de pessoas, sendo uma forma encontrada para dar vazão aos sentimentos e as impressões que colhem em si ao longo da vida, sejam eles, sentimentos de raiva, de ódio de dor, de alegria, de

¹³² Segundo, Martin Luther King, “O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons.”

conquista ou vitórias. Por muitas vezes o *Facebook* funciona como *escuta* para essas milhares de pessoas que não se sentem representadas e pertencentes em nenhuma esfera de suas vidas. Justamente por essa questão que o *Facebook* se tornou um importante canal de diálogo e trocas constantes, e por vezes, de trocas e aprendizados qualificados de sujeitos que se solidarizam uns com os outros e buscam construir saídas comuns para as angustias do dia a dia. É esse o caso das diferentes comunidades (páginas) especializadas que são formadas no *Facebook*.

Página de mulheres, páginas para mães, páginas para os gays, para os negros, para mulheres, mães e negras, para as gays negras e também mães, são comunidades que se formam e que ressoam vozes e desejos, onde sentimentos caóticos ganham corpo e são elaborados intelectualmente (escrita) pelo menos uma vez na vida. É uma experiência organizativa de sistematização das impressões e sensações que esses sujeitos tem da vida.

A elaboração da própria experiência tem o poder de fazer nascer novas possibilidades. Na psicanálise, o ato de elaborar a própria experiência através da fala para um outro (escuta) tem a capacidade de fazer emergir aspectos de nossa inconsciência. Sendo assim, ao buscar elaborar e sistematizar através da fala nossas experiências, estamos simultaneamente nos dando a oportunidade de dar inteligibilidade a aspectos desconhecidos e inconsciente de nós mesmos. Ao elaborar nossas experiências procuramos trazer esses aspectos, conhecidos e desconhecidos, para o plano da racionalidade, da consciência, do lógico.

Conhecer o desconhecido, racionalizar e compartilhar o que parece irracional em nós e em nosso cotidiano é uma forma de organizar a experiência da vida, e na medida que ganhamos compreensões sobre esses aspectos, ganhamos também maiores capacidades de escolher diante da vida. A vida muda qualitativamente. Se sentir autor de sua própria trajetória e se sentir amparado em outros corpos vitaliza a vida humana e ajuda a continuar em pé, porque é da natureza humana viver em comunidade.

A partir dessa compreensão, de como as páginas no *Facebook* se tornam escutas, embora nem sempre qualificadas, mas que viabilizam a elaboração das experiências de pessoas comuns é que ressaltamos a importância de estudar o *Facebook* (bem como outras redes sociais na internet) como fonte histórica de nosso tempo, por entendermos que essa ferramenta se constituiu também como um canal de manifestação da vida comum das pessoas, funcionando como um alicerce que pode ressignificar as experiências pessoais e coletivas de homens e mulheres ao propor soluções práticas para problemas do dia a dia.

Dito em outras palavras, a partir dessas ferramentas de comunicação social é possível também reelaborar a vida em outros patamares. Desse ponto de vista, buscamos destacar a importância dos homens e mulheres que por traz da administração dessas páginas se propõem a organizar as diversas demandas se constituindo como intelectuais orgânicos nesse processo.

Uma importante objeção sobre o uso do *Facebook* como fonte histórica capaz de apreender os aspectos da vida comum é aquele que procura separar os aspectos da vida real social, dos aspectos da vida virtual e de como ela é representada na internet, supondo que se tratam de duas realidades distintas e que uma não corresponde a outra. A principal objeção a respeito do uso do Facebook como fonte histórica busca pontuar, portanto sua fluidez e a distorção de suas representações sobre o real, caracterizando-a como inválida por não se verdadeira.

Essa discussão a respeito do caráter virtual da realidade e a realidade em si é de extrema importância para os propósitos deste trabalho. Porém, ao invés de movimentarmos os principais argumentos em prol de uma ou de outra leitura, propomos uma pergunta que de nosso ponto de vista parece ser bem mais fecunda do que qualquer exercício de argumentação e contra argumentação: As distorções que fazemos da realidade não fazem também parte da realidade que vivemos? Não somos nós também resultado de nossas próprias idealizações, distorções ou ignorâncias? As distorções da realidade não são produzidas por pessoas reais, não são aspectos reais da vida sob os quais nós precisamos trabalhar seja para reelabora-los ou para nega-los? O Facebook não é um aspecto presente em nossa realidade? Se é verdade que nem tudo que se passa no Facebook corresponde ao real, é também verdade que a “mentira” é parte constituinte de nossa realidade, tanto quanto a verdade e que ambas influenciam nas decisões da vida.

Estamos tratando aqui então de aspectos da realidade que são elaborados a partir da vida real das pessoas e de como essas pessoas concebem o real, mesmo que estejam enganadas por seus próprios valores. O que reitera a importância e o estudo da coisa em si é a conexão com real, assim, é também o estudo das ideologias que reproduzem o real. É interessante notar sobretudo que os aspectos do que alguns consideram irrelevante por não corresponder o real condiciona e estrutura também as formas de organizar a vida social.

É neste sentido de extrema importância perceber de que modo os intelectuais orgânicos, os administradores das páginas em questão elaboram intelectualmente a

realidade. A elaboração intelectual da realidade é o que permite que os sujeitos sociais se associem entre si. Por diversas vezes essa associação constitui-se como uma transferência de sentido através do outro, que parece ter melhores condições de elaborar a realidade de uma maneira mais palpável, traduzindo assim sentimentos que emergem dentro de si mas que nem sempre conseguem ser elaborados racionalmente por quem sente.

Desse ponto de vista, as emoções de raiva, o ódio, a inveja, o preconceito, também necessitam e buscam uma elaboração. O confronto com o crescimento de agrupamentos sociais alternativos e contestatório dos padrões de comportamento humano gerou incomodo e insegurança aos sujeitos sociais que se sentiam contemplados nos estereótipos sociais constituídos até aqui.

O crescimento de agrupamentos radicais da chamada nova direita se registra exatamente como sendo um processo reativo aos impulsos contestadores de uma realidade padronizada. Os agrupamentos da chamada nova direita são justamente por conta dessa performance caracterizados como reacionários, justamente porque reagem aos impulsos verdadeiramente autênticos e inovadores da vida.

A reação aqui tem um sentido único de manutenção de seus lugares de representação na sociedade dos quais esses agrupamentos que reagem conscientemente se pondo em guerra com a diversidade da vida sentem-se ameaçados. Eles se veem em guerra, pois pressupõem que o reconhecimento a respeito da diversidade da vida significa seu aniquilamento. Se analisarmos mais a fundo, podemos observar que não se trata simplesmente de reconhecer a diversidade da vida, a existência de gays, de negros, de mulheres, de trans, essas pessoas sempre existiram, o grande problema com a diversidade da vida por parte desses agrupamentos parece consistir na capacidade que esses setores tiveram de elaborar autonomamente suas próprias identidades e demandas, tornando suas demandas também inteligíveis para toda a sociedade, dando, portanto, caráter universal a suas demandas.

Isso implicou progressivamente que outros agrupamentos que antes se sentiam satisfatoriamente contemplados pela realidade e suas representações dominantes, perdessem os espaços simbólicos que os sustentavam em condições privilegiadas.

A direita não tem nenhuma simbologia própria que possa engrandecer seu fazer no dia a dia, os empresários são em grande medida odiados por seus modos de vida que contrasta diretamente com a vida da grande maioria das pessoas. Nesse sentido, a forma

encontrada pelos agrupamentos identificados com a vertente política da nova direita foi a de usurpar as bandeiras dos movimentos progressistas e populares, usurpar as simbologias que já se faziam presente no imaginário de resistência popular como no caso das manifestações das novas direitas pela queda da Presidente Dilma, onde se fez presente as máscaras do V de vingança.

2.6. Facebook: Como as mídias sociais influenciam na formação do indivíduo na contemporaneidade?

Nossa interpretação sugere, que a adesão espontânea, em última instância voluntária, às páginas de caráter claramente racista, misógino e reacionário no *Facebook*, podem ser explicadas, entre outras coisas, pelo fato de que as redes sociais na internet aparecem para nós, num primeiro momento, como sendo um espaço destituído de normas sociais, um espaço onde a figura do *Eu* (indivíduo) aparece como soberana sobre os demais elementos da vida social. Um *Eu* que, entre outras coisas, tem se mostrado, em muitos aspectos egocêntrico e narcisista. As faces desse *Eu* egoíco e narcisista, se tornam cada dia mais evidenciáveis nas redes sociais na internet e são constantemente reforçados pela ideia de “minhas escolhas”, “meus gostos”, “meus afetos”.

No *Facebook*, este *Eu*, aparece representado e projetado no Perfil particular de cada usuário em rede. Ao reforçar um dado tipo de desenvolvimento humano pautado na supremacia do *Eu* egoíco, o *Facebook* tem contribuído decisivamente para reforçar também as estruturas da livre iniciativa privada, através, principalmente, da monetização de nossos gostos e afetos. Ao capitalizar nossos desejos, a plataforma contribui decisivamente para alienação dos sujeitos de sua verdadeira natureza coletiva e social, muitas vezes isentando os indivíduos de suas responsabilidades e consequências.

Quando dizemos que o *Facebook* aparenta estar destituído de regras sociais, estamos falando que ele se apresenta como se fosse um espaço de livre expressão e de livre associação, onde a opinião dos que aderem a plataforma podem ser proferidas indiscriminadamente. Essa aparência de liberdade e de impunidade é o que explica em algum grau o crescimento de posicionamentos de caráter racista por exemplo.

Desse modo, cria-se a impressão de que as redes sociais na internet estão destituídas das regras sociais convencionais, pelo menos, na forma que estamos habituados e submetidos a elas. O que de modo algum, significa a ausência de

regulamentos que visem normatizar e limitar o alcance da ação de cada usuário em rede, caso, alguma dessas ações, venham a ser consideradas, por seus proprietários como prejudiciais. Por tanto, mesmo que as regras do Facebook (termos e condições de uso) não se façam sentir imediatamente, toda vez, que acessamos o Facebook, obedecemos a regras e interesses privados¹³³.

Dessa forma, o *Facebook* se tornou um ambiente onde uma infinidade de coisas antes *não ditas* passaram a ser elaboradas para um público. Pensamentos variados, preconceitos, desejos, compulsões, conscientes e inconscientes, parecem ter encontrado um ambiente fértil para se desenvolver através das redes sociais na internet. O Facebook, é essa arena complexa de interações humanas mediada pelas novas tecnologias de informação e comunicação, uma espécie de relacionamento interpessoal que produz seus próprios padrões de comportamento, seus próprios códigos de conduta, seu próprio linguajar, sem falar, em seus próprios neologismos políticos.

Cabe a nós investigadores sociais perguntar de que maneira isso altera, e se altera a vida humana em sociedade? Como e por quê os *não ditos* passaram agora a ser escandalosamente públicos? Embora, nem sempre, devidamente, compreendidos, o fato é que, atualmente, um conjunto de temas que antes eram considerados *tabus* vêm a público provocar toda a sociedade a encarar seus próprios preconceitos e traumas coletivos. Segundo S. Freud,

O termo tabu, tem para nós, dois significados opostos. Significa, por um lado, sagrado, consagrado, e significa, por outro lado, inquietante, perigoso, proibido, impuro. Em polinésio, o oposto de tabu é expresso pelo termo *noa*, que significa comum, acessível a todos. Há assim, inerente ao tabu, a noção de uma espécie de reserva, e o tabu manifesta-se também, essencialmente, por interdições e por restrições. O sentido da nossa expressão “temor sagrado” poderia, em muitos casos, equivaler ao sentido de tabu.

As restrições impostas pelo tabu são diferentes das interdições religiosas ou morais. Não se reportam a um mandamento divino, antes se impõem, na realidade, por si próprias; diferem das interdições morais na medida em que não se integram num sistema que, de forma geral, considera as abstinências como necessárias e fundamenta mesmo essa necessidade. As interdições do tabu dispensam qualquer tipo de fundamentação, seja ela qual for, e sua origem é desconhecida. Conquanto sejam

¹³³ Ver anexo sobre os termos de “Política de privacidade Facebook 2019.”

para nós incompreensíveis, são aceites como uma absoluta evidência por todos aqueles que a elas estão sujeitos.

Wundt define o tabu como o mais antigo **código de leis não escrito da humanidade**. Considera-se uma forma geral, que o tabu é o mais antigo do que deuses, admite-se mesmo que remonte a época anterior a toda e qualquer religião.¹³⁴

Para os propósitos de nossa pesquisa, cabem os seguintes questionamentos: Os *tabus* sociais aos quais estamos submetidos na contemporaneidade são também responsáveis por nossa coerção moral e social? Qual importância da manutenção de certos *tabus*? A quem importa o sujeito reprimido? Qual o impacto e a importância de termos desmistificado certos *tabus* contemporaneamente? Ainda, segundo Freud,¹³⁵

(...) Os objetivos do tabu são da mais diversa ordem. O tabu direto tem como objetivos: a) a proteção, contra possíveis danos, de pessoas eminentes, tais como chefes e sacerdotes, e de objetos ou coisas semelhantes a que é atribuído especial valor; b) a salvaguarda dos mais fracos – mulheres, crianças, pessoas comuns em geral – perante o poder do mana (a força mágica) dos sacerdotes e dos chefes; c) a proteção contra os perigos ligados ao contato com cadáveres, à ingestão de certos alimentos, etc., d) a segurança perante as perturbações que podem advir de atos importantes da vida, como sejam o nascimento, a iniciação masculina, o casamento, os atos sexuais; e) a proteção dos seres humanos contra o poder ou a ira dos deuses e dos demônios; f) a salvaguarda dos nascituros e das crianças de tenra idade dos variadíssimos perigos que podem ameaçar, devido estarem especialmente ligados aos pais por um íntima dependência, quando estes últimos, por exemplo, cometem determinados atos ou comem determinados alimentos suscetíveis de transmitir aos filhos especiais atributos. O tabu pode, igualmente, ter como objetivo proteger do roubo os bens de uma pessoa, as suas ferramentas, os seus campos, etc.(...)¹³⁶.

É sabido que, primitivamente, a punição, pela violação de um tabu era acionada automaticamente por um dispositivo interno. O tabu violado vingava-se por si próprio. Quando, posteriormente, começaram a tomar forma representações de deuses e demônios associadas ao tabu, passou-se a esperar que o poder da divindade atuasse na forma de um castigo automático. Em outros casos, e provavelmente em consequência de um ulterior desenvolvimento do conceito, passou a sociedade a encarregar-se da punição do transgressor, cujo o procedimento havia posto em perigo seus semelhantes. Os primeiros sistemas penais da humanidade estão assim, ligados, ao tabu.¹³⁷

¹³⁴ FREUD. Sigmund. **Totem e Tabu** 1912-1913. Editora D' Água, Lisboa, 2001. p.38.

¹³⁵ Neste momento, Freud lança mão de um excerto do artigo "Taboo" da Enciclopédia Britânica de autoria do antropólogo, Northcote W. Thomas.

¹³⁶ FREUD. Sigmund. **Totem e Tabu** 1912-1913. Editora D' Água, Lisboa, 2001. p.39.

¹³⁷ FREUD. Sigmund. **Totem e Tabu** 1912-1913. Editora D' Água, Lisboa, 2001. p.40.

Nesse sentido, Freud nos traz a dimensão da profundidade com que os tabus sociais estão enraizados na história da humanidade e como eles participam ativamente nos processos de formações sociais humanas revelando determinados padrões de comportamento e fundamentando da mesma forma as diferentes formações sociais que se desdobram a partir da absorção destes tabus na psique humana.

Ter a dimensão desses enraizamentos no inconsciente das formações sociais e humanas nos importa na medida em que nos ajuda a pensar nossa hipótese de trabalho, segundo a qual dizemos que a emergência da Nova Direita no Brasil é a *reação* direta a um movimento amplo de quebra de padrões e sociais aos quais historicamente estivemos submetidos e que atuavam sobre nós como a força dos tabus. Uma força que nem sempre pode ser capturada de imediato, porém, que se impõem de forma imperial.

CAPÍTULO 3: POR QUE NOVA DIREITA?

As novas conformações políticas e sociais no início do século XXI são profundamente influenciadas e mediadas pelas redes sociais na internet. Não é possível compreender o que vem a ser as Novas Direitas brasileiras se não compreendermos o impacto das transformações vividas pela introdução e massificação das redes sociais na internet no início deste século.

Os novos movimentos sociais e a multiplicação de coletivos que se formaram no último período no Brasil, têm a característica comum de estarem sendo mediados pelos novos meios de comunicação e informação, com destaque especial para os sites de relacionamento interpessoal nomeadamente designados como “redes sociais”.

Essa não é uma característica exclusiva de agrupamentos políticos de caráter reacionário, nem muito menos dos agrupamentos políticos de caráter progressista. Essa é a marca de um novo momento histórico e social que tem constituído parte significativa de suas relações no ciberespaço através da internet e dos aplicativos de comunicação interpessoal.

Se tomarmos como exemplo as manifestações de junho de 2013 no Brasil, momento em que as juventudes protagonizaram um levante de caráter popular nas ruas, perceberemos que a internet e os coletivos formados por intermédio dessas novas tecnologias de comunicação estiveram presentes em todos os níveis de organização dessas manifestações. Isso ocorreu de diferentes formas através do compartilhamento via redes sociais de impressões a respeito da vida cotidiana e seus desafios.

Ao compartilhar as impressões e dificuldades enfrentadas no dia a dia, as pessoas foram, gradativamente, formando uma compreensão coletiva e comum a respeito das realidades vividas pelas juventudes brasileiras. O compartilhamento dessas realidades possibilitou com que essas pessoas constituíssem também horizontes políticos comuns e caminhassem no sentido de ocupar as ruas para fazer transparecer suas compreensões de mundo e reivindicar o que entenderam ser seu direito.

Caberia sublinhar ainda, que diante do engessamento e burocratização de parte significativa dos organismos históricos das classes trabalhadoras no Brasil, que se negaram a enfrentar os governos petistas, as manifestações de junho de 2013 tiveram êxito, justamente, por conta do potencial orgânico viabilizado através redes sociais na

internet, que prescindiu dos organismos tradicionais de luta das classes trabalhadoras para conseguir se mobilizar.

Uma dinâmica que em muitos aspectos foi inovadora e original, permitindo que uma nova geração de lutadores constituísse seus próprios espaços de enfrentamento e trabalhassem no sentido de se desenvolver para além e independente das burocracias de antigos movimentos sociais e entidades representativas de classe. Através da constituição desses espaços, um conjunto de ideias e ações inovadoras saíram do plano teórico das possibilidades existentes e começaram a se concretizar nas ruas.

Os coletivos formados por intermédio de aplicativos de relacionamento interpessoal, as chamadas redes sociais na internet, viabilizaram, a produção e a socialização de novos conhecimentos e novos modos de vida, os quais foram, pouco a pouco, alterando as formas de percepção da realidade existente.

Neste sentido, a massificação das redes sociais na internet, possibilitou a criação de novas dinâmicas sociais e viabilizou apresentar para um maior número de pessoas formas alternativas de interpretar a vida em sociedade. A introdução de novos hábitos e a formação de novas consciências a respeito de diferentes aspectos da realidade, foi nesse sentido facilitada e até mesmo oportunizada em função dessas novas tecnologias de informação e comunicação.

Através da constituição dessas redes foi possível organizar diferentes agrupamentos e frações de classe a partir de uma perspectiva comum, colocando sob uma mesma direção pessoas que antes se encontravam atomizadas geográfica e ideologicamente.

A principal forma utilizada para constituir esse campo comum de percepções foi o compartilhamento dessas novas abordagens através da palavra escrita via redes sociais. Através da palavra escrita foi possível criar e recriar horizontes coletivos comuns e atribuir novos significados para as múltiplas realidades vividas.

Na medida em que diferentes sujeitos procuraram elaborar através escrita suas demandas, eles, gradativamente, adquiriam um novo grau de consciência a respeito de sua própria realidade, e também, de tantas outras, que simultaneamente, estavam sendo elaboradas e compartilhadas nesses mesmos espaços (ciberespaço).

Elaborar na forma de escrita o que se pensa e o que se sente em palavras, exige de quem “fala” a capacidade de se confrontar consigo mesmo e com as próprias

contradições, aquelas contradições que jamais teriam sido tocadas se não fosse o ato de intencionalmente elaborar a palavra para os outros: a comunidade de leitores que orbitam as redes sociais na internet.

O DNA das redes sociais é o perfil convertido em autor coletivo interconectado com os outros. Então, nas redes sociais, *a priori*, não há espectador (se houver será rechaçado como *stalker*), mas uma comunidade de parceiros numa *timeline*, gerando um efeito de sobreposição discursiva no regime da economia de atenção. Sua base é a fala transformada nos “muitos que narram a partir da ocupação do mundo.” (...)

Na verdade, como cada perfil é uma comunidade de autores, a informação criada termina por traduzir verdadeiras “quantidades sociais”, **exprimindo uma amostra das crenças e dos desejos da sociedade em torno de algum tema**, alguma *hashtag* ou alguma postagem. Ao indexar suas mensagens sobre o mundo em uma *hashtag*, o perfil de uma rede faz da *tag* um movimento de apresentação da ação política em seu assunto e transforma as mensagens em quantidades intensivas de argumentos de uma controvérsia. A *hashtag* cria um regime de atenção cujo principal motor reside na capacidade da *tag* ser controversa e inconclusa, porém influente. (...) As redes sociais deixam de ser regidas [exclusivamente] pelas relações entre sujeitos emissores e objetos receptores, para tornarem-se redes de agenciamento coletivo e maquínico de subjetivação. A *timeline* torna-se uma linha do tempo celerada, turbilhonando a subjetivação em rede, ao mesmo tempo em que a *hashtag* faz da ação coletiva dos movimentos sociais uma viva perspectiva da constituição do mundo.¹³⁸

Nesse sentido, escrever é um ato simultâneo de descobrimento de si e do outro. Esse outro, que muitas vezes revela em quem escreve as contradições ainda não vistas e faz emergir daí um universo mais amplo de compreensões e percepções a respeito das múltiplas realidades vividas. Assim quando procuramos descrever, elaborar e significar a realidade em que nos encontramos implicados, estamos ao mesmo tempo, criando a própria realidade em si.

A massificação das redes sociais na internet fez com que as formas alternativas de pensar a realidade vivida ganhassem uma repercussão inédita no início do século XXI, fazendo com que formas alternativas de organizar a vida humana em sociedade pudessem chegar a pessoas que até então não haviam tido a oportunidade de entrar em contato com essas outras formas de pensar a vida.

¹³⁸MALINI. Fábio; ANTOUN. Henrique. **@Internet e #Rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p.214-215.

Essas novas dinâmicas tiveram o mérito de criar fissuras nas estruturas representativas dominantes de poder, ao concorrer positivamente no sentido de instaurar novas redes de comunicação. Através da constituição dessas redes foi possível influenciar diretamente os modos da informação e a percepção pública a respeito de antigas pautas políticas e sociais do país, além de propor novas demandas.¹³⁹

Um exemplo disso foi como esses coletivos constituídos através das redes sociais na internet foram capazes de revitalizar direta e indiretamente a abordagem de antigas pautas sociais como a da reforma agrária. Isso ocorreu, muitas vezes indiretamente, através da busca pela valorização de modos de vida considerados saudáveis e a importância de consumir alimentos orgânicos para tal fim.

O desdobramento dessa abordagem nas redes sociais teve como consequência a valorização dos agentes produtores de alimentos orgânicos, no caso, os pequenos produtores rurais. Ao valorizar a produção de alimentos orgânicos e incentivar seu consumo, esses agrupamentos acabaram também por lançar um novo olhar sobre a importância de antigos movimentos sociais ligados ao campo, como Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o tipo de produção realizado por esses agrupamentos alternativos que estão alinhado com os modos de vida saudáveis que buscam esses agrupamentos.

Podemos dizer, como pontuou Noam Chomsky, que um dos maiores êxitos da emergência dos novos movimentos sociais no mundo no início deste século, citando o movimento Occupy Wall Street nos EUA, foi precisamente, o de ter transposto as desigualdades da vida cotidiana para a ordem do dia, e o de conseguir expor para as pessoas a insensibilidade e desumanidade do modelo de produção vivido sob o capitalismo¹⁴⁰.

Segundo Chomsky, devemos olhar, para a mensagem que esses novos movimentos procuraram nos passar: a do incitamento a mudança, quer seja individual, quer seja coletiva. Nesse sentido, a emergência de movimentos como Occupy nos EUA, Jornadas de Junho no Brasil, 15M na Espanha, entre outros, tiveram como mérito,

¹³⁹Para ver mais a respeito de como as redes sociais na internet foram capazes de criar importantes fissuras nas estruturas de poder existentes consultar “Capítulo 3: Ciberativistas nas Redes e nas Ruas” do livro “Internet e Rua”.

¹⁴⁰CHOMSKY, Noam. **Occupy**. Antígona, 1º Edição. 2015.

disseminar ideias sobre novos modos de vida que não se baseiam na maximização dos poderes de compra, mas na maximização dos valores importantes da vida.

Uma conformação de movimento social, que diante das constantes ofensivas do capital, que expropria não apenas bens materiais, mas também, expropria e monetiza os afetos, buscou sensibilizar as pessoas para as questões mais sutis do cotidiano, o próprio tecido da vida, fazendo refletir a respeito das pequenas escolhas que fazemos e as formas com que escolhemos e aceitamos construir a vida.

Foi também, através da chamada, “cultura do compartilhamento,” que se constituíram as então micro lideranças políticas capazes de influenciar e organizar sob novas perspectivas o cotidiano popular. A respeito desse processo Fábio Malini em seu livro “*Internet e Rua*” ressalta que:

A cultura digital fez emergir um impasse entre as formas clássicas de remuneração e a “cultura ou economia da gratuidade” (nós não vamos pagar nada), e, mais do que isso, coloca no coração do capitalismo uma dinâmica paradoxal: capturar, “monetizar”, conter o “incomensurável” (o que não tem uma medida) e que foge o tempo todo do controle: o conhecimento produzido e compartilhado nas redes sociais, coletivos, ambientes públicos, o que se produz em uma comunidade de desenvolvedores de *software* livre, o trabalho não assalariado de redes com caixas coletivos que criam autonomia, as atividades de um agitador e gestor cultural cuja a vida se confunde com seu trabalho, ou as ideias e ações criadas coletivamente nas redes ou nos territórios.

O paradoxo capitalista é ter que barrar a socialização, compartilhamento e difusão cada vez mais veloz da produção, resultado do trabalho cognitivo e afetivo que não pertencem mais ao capital, mas resultam das relações sociais de cooperação.

Barrar a produção de riqueza comum com base no direito de propriedade, Copyright, máquinas de patentes e inúmeras operações de criação de escassez artificial para impedir a epidemia colaborativa ou os novos mecanismos de captura real e simbólica da riqueza dos muitos.¹⁴¹

Neste sentido, podemos dizer que ao criar novos hábitos e novas perspectivas de vida, as formas tradicionais de organizar a dominação perdem em força e capacidade, tendo também a necessidade de repensar suas estratégias para se manterem em lugar de

¹⁴¹ MALINI. Fábio; ANTOUN. Henrique. **@Internet e #Rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p.11-12.

dominação. É como se uma nova realidade se sobrepusesse às formas tradicionais e conhecidas de organizar a vida em sociedade.

3.1 A massificação das redes sociais na internet

As novas formas de sociabilização intermediadas através das redes sociais na internet foram em grande medida responsáveis pelo alargamento da concepção política dos movimentos sociais no início deste século. A multiplicação de coletivos de diferentes matizes, a elaboração, formalização e apresentação pública de demandas, que antes sequer eram pensadas como sendo parte da agenda política e social do Brasil, ganhou significância capital no início deste século.

As organizações sociais do início do século XXI, intermediadas pelas redes sociais na internet, estiveram marcadas, principalmente, por uma forma de organização que se propôs mais horizontal e menos centralizadas do que os movimentos sociais que marcaram as décadas de 80/90.

Se a década de 70 a 80, ficou marcada pela ampliação da concepção de sociedade civil e “abertura democrática”, promovida, entre outras coisas, pela emergência dos novos movimentos sociais, como procurou demonstrar Eder Sader em seu livro, “*Quando os novos personagens entram em cena*”, podemos dizer que a década de 80 a 90, foi marcada pela consolidação, estruturação e reconhecimento desses movimentos na cena política brasileira, os quais se destacaram justamente pela capacidade que tiveram em elaborar coletivamente seus próprios valores, orientando dessa forma também sua prática.

Através da elaboração de valores próprios, buscando atribuir sentido ao cotidiano popular das classes trabalhadoras brasileiras, esses novos movimentos que emergiam na cena política brasileira da década de 70 conseguiram imprimir sua marca e peculiaridade na história dos movimentos sociais do Brasil. Uma tradição particular de luta que foi capaz de garantir a conquista de importantes direitos sociais, constituindo-se como uma alternativa concreta no horizonte das classes populares do país daquele período. Uma prática constituída, sobretudo, pela autonomia e independência que as classes trabalhadoras procuram construir diante do Estado e das classes dominantes do país.

Ficaram especialmente conhecidos por sua influência neste período a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Partido dos Trabalhadores (PT), o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Movimentos que construíram e influenciaram diretamente as históricas greves de trabalhadores da

década de 80. Fruto da experiência desses coletivos e resultado de lutas e demandas próprios, esses movimentos sociais foram estruturando suas próprias dinâmicas e formas de organização e associação.

Ao longo dos últimos 30 anos as formas de organização da vida social sofreram profundas transformações, atingindo desde as formas mais estruturantes da vida humana em sociedade (trabalho) até as formas mais sutis de manifestação da vida afetiva. As novas dinâmicas da vida contemporânea exigiram também novas formas de compreensão a respeito do mundo em que estamos implicados. Como desdobramento dessas novas dinâmicas, nasceram também novas formas de associação e organização coletiva, cada qual empenhada em elaborar suas próprias significações para tempo presente. O início deste século é desta forma marcado pelo prefixo *novo*.

As relações de trabalho assumem novas dinâmicas, que são aparentemente mais “flexíveis” e com isso trazem uma falsa sensação de autonomia do trabalhador perante seu empregador. A falsa sensação de autonomia propagada pelo empresariado e a mídia quer fazer crer que agora o trabalhador não está mais submetido a rigidez da fábrica, a um lugar fixo e imutável na produção.

O termo “flexível” aqui merece atenção especial, e evidentemente, um tratamento adequado visto que é de conhecimento dos estudiosos do mundo do trabalho, que o termo “flexibilidade” significa nada mais, nada menos, do que flexibilização de direitos trabalhistas, perda de garantias que assegurem ao trabalhador uma reprodução segura sobre sua própria vida, significa que o trabalhador do século XXI deve estar pronto para tudo a qualquer momento, sempre disponível a atender qualquer “oportunidade de emprego”. Vulnerável e sem garantias, o trabalhador do século XXI precisa estar 24 horas por dia atento para atender as demandas do capital.

Melhor e mais adequado seria usarmos aqui, o termo afrouxamento das relações de trabalho, porém optamos por reproduzir o termo flexível, para invocar com ele o conjunto de significados que o termo traz implicado quando utilizado e reivindicado por parte das classes dominantes do país para significar as relações de trabalho em nosso tempo. Usar o termo afrouxamento ou deixar de perceber o “encanto” existente no uso da palavra flexível em nosso contexto social, seria abrir mão de muitos significados que subsidiam e cativam ideologicamente a juventude de nosso tempo.

A dinâmica de trabalho de uma parte significativa das novas gerações é marcada pela inovação, velocidade, competitividade, bem como, pela suposta “flexibilidade”. Sua disciplina de trabalho não é necessariamente marcada pelo sino da fábrica, mas é marcada por aplicativos de celular e notificações que exigem que os indivíduos estejam o tempo todo disponíveis para atender as novas demandas de trabalho conforme elas surgirem. Conseqüentemente as novas dinâmicas de trabalho apresentam também suas próprias demandas.

Neste sentido, podemos dizer, que os movimentos sociais do início do século XXI são altamente marcados pelo desejo de *autogestão* e autonomia, tanto partidária quanto financeira, trata-se do atendimento das exigências por demanda, ao mesmo tempo, suas organizações atendem a dinamicidade dessas demandas. Uma característica que pode ser lida como fluída, instável e pouco construtiva se compararmos com a característica dos movimentos sociais da década de 80/90, porém que atende em grande medida as necessidades e possibilidades de organização do tempo presente.

Olhando de outra perspectiva, a dinamicidade dos movimentos sociais do início do século XXI pode ser lida também como um importante instrumento de resistência, na medida que os novos sujeitos coletivos são capazes de se formar (organizar) quase que simultaneamente às investidas contrárias aos seus interesses. Nesse sentido, os novos coletivos e movimentos sociais do início deste século são mais dinâmicos e por vezes menos engessados que os movimentos sociais dos anos 80 e 90. Por serem mais fluídos, não dependem de uma estrutura rígida e nem mesmo de uma estrutura física pré-existente (sindicato, sede) para poder acontecer. Parte significativa do processo de formação e organização desses movimentos ocorre no ciberespaço. O que pode fornecer uma certa “vantagem” em momentos de perseguição e de perdas capitais do movimento.

A análise aqui não tem por objetivo comparar qual movimento é “melhor” ou “mais eficiente”, mas apenas de pontuar que os sujeitos coletivos em formação atendem as exigências de sua época. Examinar a característica constituinte das novas dinâmicas sociais e da emergência dos novos movimentos no início do século XXI tem justamente o objetivo de buscar entender a historicidade com que se processam determinadas formações sociais. Lembrando-nos da grande lição que a disciplina do historiador nos impõem, estudar as múltiplas formações humanas no tempo e no espaço.

Da mesma forma, a chamada Nova Direita é, também, fruto das novas dinâmicas sociais. Porém, diferentemente dos coletivos populares de caráter progressista, a Nova Direita nasce a reboque do que verdadeiramente se impunha como demanda inovadora. A Nova Direita enquanto sujeito coletivo (movimento social) nasceu usurpando uma identidade que não era sua. Nasceu tentando usurpar as ruas, os movimentos sociais, as pautas das juventudes e a mobilização de massa, estratégias que historicamente foram adotadas pelos movimentos de esquerda e caráter progressista. Nasceu observando e aprendendo como as redes sociais na internet vinham sendo apropriadas pelos setores populares para articular suas próprias demandas.

Por esses motivos, dizemos que todo seu movimento é de *caráter reativo* e teve como objetivo “responder” à formação e à emergência dos agrupamentos verdadeiramente autênticos que se formaram nas redes sociais na internet.

As comunidades de caráter conservador que se formaram nas redes sociais na internet, são claramente comunidades que se constituíram com o objetivo de contestar e contrapor a influencia que os agrupamentos de caráter progressista conquistaram entre as juventudes brasileiras, muitas delas, responsáveis por ajudar a fomentar uma visão mais crítica em relação ao modelo de desenvolvimento humano e social sob o capitalismo.

Vejamos alguns exemplos dessa afirmação através de algumas páginas do Facebook que são investigadas por nós: a Página “Dezumaniza Redes” que foi construída em resposta à Página e à proposta governamental anticrime na internet¹⁴² “Humaniza Redes”, a Página, “Marx da Depressão” em resposta aos agrupamentos políticos identificados e orientados por uma leitura marxista; a Página “Desquebrando Tabu”, em resposta ao coletivo “Quebrando Tabu” que atualmente tem grande repercussão nas redes sociais e grande influência entre os jovens, sobretudo, ao desmistificar temas que dizem respeito a liberdade de escolha dos indivíduos como orientação sexual, “Liberalismo da Zoeira”, em resposta ao suposto crescimento do comunismo no Brasil promovido pelo PT, e a Página “Orgulho de ser Hétero” como resposta ao reconhecimento e visibilidade que as pautas LGBTQ’s conquistaram no último período.

¹⁴² “O Humaniza Redes – Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na internet é uma iniciativa do Governo Federal de ocupar esse espaço usado, hoje, amplamente pelos brasileiros para garantir mais segurança na rede, principalmente para as crianças e adolescentes, e fazer o enfrentamento às violações de Direitos Humanos que acontecem online.” Consultar: www.humanizaredes.gov.br.

Todas essas páginas são comunidades que cronologicamente foram criadas posteriormente a repercussão e crescimento de comunidades e pautas de caráter progressista.¹⁴³

Para melhor evidenciar a interpretação a respeito da importância estratégica que as redes sociais na internet assumiram no último período para a organização das novas direitas, queremos ainda nesse tópico, apresentar uma carta de protesto produzida e assinada por lideranças políticas de direita contra a “censura” no Facebook em 2018, dois anos após a cassação ilegal da então ex-presidenta Dilma Rousseff e no contexto da eleição presidencial. A carta foi enviada ao senador estadunidense Ted Cruz.

Caro Senador Ted Cruz:

Nós somos os líderes e amigos dos principais movimentos populares de direita, conservadores e liberais no Brasil. Nos últimos anos, sem qualquer tipo de apoio da mídia tradicional, nós conseguimos o impeachment da então Presidente Dilma Rousseff, encerrando 13 anos de um governo que estava ativamente financiando as ditaduras de Cuba e Venezuela. Assim como nossos correspondentes americanos, como o Tea Party, nós conseguimos retirar da esquerda o controle das ruas, trazendo milhões de brasileiros aos nossos atos públicos em apoio a iniciativas contra a corrupção e a uma vigorosa agenda conservadora para o nosso país. Nós conquistamos tudo isso graças um ambiente na internet em que liberdade de expressão e políticas apartidárias nas mídias sociais ainda vigoravam. Porém, partidos de esquerda estão buscando tomar tudo isso de nós. Uma eleição geral de importância inédita está agendada para este ano. E é lamentável que o Facebook tomou definitivamente o lado da mídia esquerdista, e o lado de magistrados "de esquerda" do Tribunal Superior Eleitoral - correspondente à Comissão Eleitoral Federal nos Estados Unidos -, anunciou uma parceria com duas agências de "checagem de fatos" - chamadas de "Lupa" e "Aos Fatos" - ambas controladas por jornalistas contaminados por um forte viés ideológico de esquerda, tudo com o propósito de reduzir o alcance ou retirar funções de páginas no Facebook apenas por serem arbitrariamente denunciadas como espalhadoras das chamadas "Fake News". Tudo isso não é uma mera conjectura. Assim como nos Estados Unidos, páginas conservadoras no Facebook têm sido consistente e constantemente alvo da "censura" pelo Facebook. Apenas em 2016, mais de vinte páginas altamente críticas à esquerda, que combinadas tinham mais de 16,5 milhões de seguidores, foram precipitadamente excluídas do Facebook, enquanto outras páginas tiveram seu alcance drasticamente reduzido, apesar de experimentarem aumento no número de seguidores e do alto engajamento em suas publicações. Nós estamos convictos de que

¹⁴³Consultar tabela em anexo.

o Facebook está violando as leis que regulam a liberdade de expressão no Brasil. Além dos fatos expostos anteriormente, que foram trazidos à tona pelos eminentes advogados Emerson Grigollette e Fernando Cardoso, nós ressaltamos que o Brasil é signatário da Convenção Americana de Direitos Humanos que, conforme previsto em seu Artigo 13.3, proíbe qualquer tipo de restrições à liberdade de expressão "por vias ou meios indiretos", incluindo pelo abuso sobre "controles particulares" ou por "quaisquer outros meios destinados a obstar a comunicação e a circulação de ideias e opiniões". Nós estamos num ponto de inflexão no Brasil. Após vinte anos de fracassos de governos socialistas, os conservadores finalmente têm um candidato a presidente liderando as pesquisas, e uma real perspectiva de retomar o poder no país. Não é surpresa para nós que o Facebook e seus apoiadores de esquerda estejam determinados a retirar todas as nossas esperanças, e nos mandar de volta ao caminho do socialismo, do governo gigante e da corrupção generalizada. Senador Cruz, sua luta corajosa contra a censura no Facebook trouxe imensa esperança para nós. Nós precisamos muito de sua ajuda e de seu apoio. Do senhor, do Partido Republicano, do Governo dos Estados Unidos. Por favor, ajude-nos a expor o Facebook e suas parcerias enviesadas de "checagem de fatos". Por favor, apoie-nos em nossa missão de garantir eleições justas e honestas no Brasil. Por favor, não deixe que o Facebook silencie nossas vozes, as vozes vivas do conservadorismo no Brasil.¹⁴⁴

Esta carta nos ajuda a evidenciar com maior clareza o reconhecimento do potencial orgânico contido nas redes sociais na internet e como a compreensão desse potencial foi estrategicamente capitalizado por parte dos setores de caráter reacionário. Esta carta também nos permite perceber que a reação dos agrupamentos que estamos caracterizando aqui como pertencentes a Nova Direita foi uma reação orquestrada. Não se tratou de um movimento popular espontâneo por parte das massas contra “as esquerdas” e contra o PT, como estes agrupamentos querem fazer aparecer, mas ao contrário, se tratou de um movimento estrategicamente pensado e articulado para responder e contra-atacar as pautas políticas de caráter popular e progressista.

Essa articulação programada contra tudo o que vem sendo considerado como “de esquerda” por parte desses setores, nos leva uma vez mais a ressaltar a importância das lideranças políticas que se formaram em meio a estas disputas e o papel estratégico que assumem enquanto intelectuais orgânicos desses processos.

¹⁴⁴ Publicado originalmente por Pablo Ortellado no dia 22 de maio às 17:36 no Facebook em sua página pessoal. A notícia pode ser checada também no link: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/militantes-de-direita-defendem-ataques-do-mbl-as-agencias-checadoras-em-carta-para-senador-americano/>

Ressaltar essas questões é de fundamental importância para nós, pois elas permitem desmistificar as autodeclarações de desinteresse político e ideológico proferidas por esses agrupamentos e suas lideranças em suas páginas, os quais fazem questão de se apresentarem como sendo apartidários e apolíticos. A referida carta revela ainda o papel de autoridade e influência que suas comunidades adquiriram em meio as disputas políticas e ideológicas conjunturais do país.

Nesse sentido, cabe ainda ressaltar a importância dessa carta como documento histórico que vem a revelar ao menos alguns dos nomes dos atores políticos por de trás dessas páginas no Facebook. Revelar a identidade dos administradores dessas páginas tem sido cada dia mais desafiador, isso porque, a grande maioria das páginas do Facebook que por nós são investigadas têm grandes “audiências” justamente em função de operarem no anonimato, como é o caso da Página “Socialista de iPhone,” umas das comunidades com maior número de seguidores nas redes sociais e que assinam também essa carta.

O anonimato das páginas no Facebook tem uma função estratégica, que é a de facilitar e viabilizar a realização da crítica de qualquer natureza sem que seus responsáveis se comprometam com o teor da crítica. Ter revelado ao menos alguns desses nomes, e ver como essas comunidades se entrelaçam nos ajuda, ao menos, a mapear as afinidades e influências políticas dessas comunidades e as alianças políticas que seus desenvolvedores optaram por se associar. Revela sobretudo, que elas estiveram diretamente ligadas ao Golpe de Estado vivido no Brasil em 2016, e que foram responsáveis por criar um cenário de terror político em nome de um antipetismo e um anticomunismo desmedido e fantasioso.

Assinaram a carta as seguintes lideranças e comunidades do Facebook:

1. Carla Zambelli – Nas Ruas (716K followers); Carla Zambelli (110K followers);
2. Leandro Mohallem - Juntos pelo Brasil (608K followers);
3. Edson Salomão - Direita São Paulo (210K followers);
4. Ana Claudia Graf - Ativistas Independentes (50K followers);
5. Rafael Mekaro - USP Livre (40K followers);
6. Renan Santos - MBL - Movimento Brasil Livre (2.7M followers);
7. Nilton Caccas Jr. - Movimento Avança Brasil (1.2M followers);
8. Renato Cezar Souza - Amor pelo Brasil (30K followers);
9. Ted Martins - São Paulo Conservador (80K followers);
10. Endrigo Vargas - MSU - Movimento Sociedade Unida (1K followers);
11. Patrícia Melo - Transforma Brasil (1K followers);
12. Ricardo de Santi - Parlatório Livre (250K followers);
13. Dimas Rocha - O Retrógrado (360K followers);
14. Paulo Mello - Canal Politizando (200 followers);
- 15.

Thiago Turetti - Jair Bolsonaro Presidente 2018 (880K followers); 16. Socialista de iPhone (1.1M followers);17. Mariana Santos - Bolsonarianos (8K followers); 18. Davi Moreira - Bolsominions (3K followers); 19. Denilson Vieira - COE Bolsonaro (27K followers); 20. Bruna Lisboa - Orgulho de ser Opressora (5k followers);21. Marcelo Reis – Revoltados ON LINE (1.7M follower – BANNED FROM FACEBOOK); 22.Anderson de Mello – Carta Capitalista (170K followers); 23. Canal da Direita (400K followers); 24. Allan dos Santos – Terça Livre (170K followers); 25. Indiana Ariete – Faca na Caveira (2M followers – BANNED FROM FACEBOOK); 26. Davy Albuquerque – Conexão Política (3K followers); 27. Dantiele Cabral – Musas de Direita (3K followers); 28. Bruno Medeiros – ADMS De Direita (3K followers); 29. Samantha Barros – Garotas de Direita (10Kfollowers BANNED FROM FACEBOOK); 30. Carlos Afonso – Ceticismo Político (100K followers – BANNED FROM FACEBOOK); 31. Luiz Henrique – Juventude de Direita com Bolsonaro (60K followers); 32. Paulo Magalhães – Eu sou o mito (26K followers); 33. Daniel Araújo – Movimento Brasil Livre (20K followers); 34.Eric Balbinus – O Reacionário (67k followers); 35. Hugo Silver – Tradutores de Direita (227K followers); 36. Beatriz Kicis – Bia Kicis (350K followers); 37. Fora Foro de São Paulo (500K followers); 38. Paulo Eneas – Crítica Nacional (15K followers); 39. Meire Lopes- Movimento Liberal Acorda Brasil (95K followers); 40. Carlos Lucoli – Direita Amazonas (25K followers); 41. Isaías Aguiar – Exército Conservador (15K followers); 42. Júnior Amaral – Direita Minas (50K followers, previous 150K BANNED FROM FACEBOOK); 43. Flávio – Editora Humanas (18Kfollowers, previous100K BANNED FROM FACEBOOK); 44. Leandro Oliveira – Humans of PT (117K followers); 45. Eder – Ódio do bem (5K followers); 46. Ramiro Cruz Jr. – Despertar da Consciência Patriótica (300 followers); 47.Gabriel Kanner – Movimento Brasil 200 (360K followers); 48. Andréa Fernandes – Escoando a Voz dos Mártires (10K followers); 49. Paulo Henrique – SkyFM (9M followera – BANNED FROM FACEBOOK); 50. Franklim – Direita Pernambuco (91K followers); 51. Flavio Morgenstern – Senso Incomum (92K followers); 52. João Pedro – Armas Pela Vida (40K followers); 53. Augusto Pires- Canal Hipócrita (305K followers); 54. Bene Barbosa – Movimento Viva Brasil (105K followers); 55. Cristiane Damo Bernart – Cris Bernart (37K followers); 56. Joice Cristina Hasselmann – Joice Hasselman (1.25M followers).

Alguns breves, porém, necessários esclarecimentos a respeito das comunidades conservadoras que se mobilizaram e assinaram a presente carta: optamos por mencionar

o nome de todas as comunidades que assinaram a presente carta por alguns motivos: Um deles diz respeito ao fato de que, através dessa carta, possamos visualizar com maior precisão os agrupamentos que estamos caracterizando aqui como pertencentes a Nova Direita e ter clareza de que os atores imbricados nessas disputas são muito mais amplos do que as páginas que selecionamos para realizar nossas análises e também que suas engrenagens vão muito além de comunidades no Facebook.

Para usar uma analogia bastante usual, poderíamos dizer que as comunidades investigadas por nós no Facebook são apenas a ponta do iceberg. Porém, essa ponta do iceberg, longe de ser um “detalhe” tem se revelado como sendo a parte mais dinâmica do processo e em muitos casos se revelado como determinante nas disputas políticas do país.

Muitos outros organismos e agrupamentos políticos estão envolvidos na inflação artificial dessas redes para disputar e conquistar o apoio popular. O que é essencial encarmos nesse processo é que as redes sociais na internet dos agrupamentos de caráter conservador, são muito mais comunidades que foram criadas como necessidade conjuntural de contra-ataque político do que comunidades que se formaram organicamente, como uma expressão das afinidades e demandas reais como no caso da emergência de comunidades e organização de caráter progressistas, aquelas que estiveram diretamente no levante das juventudes do último período no Brasil: Junho de 2013, Movimento Passe Livre, Ocupação de Escolas e greves estudantis nas universidades. Ao contrário disso, os agrupamentos de caráter reacionário são comunidades que nascem enredadas nas disputas políticas de frações das classes dominantes, como ficou evidente ao mencionarem o Tea Party como correspondente estadunidense e ao mencionarem o objetivo político que os movimenta, tirar o PT do governo e eleger um novo candidato que estivesse melhor ajustado com seus interesses políticos e econômicos. Embora o candidato não tenha sido diretamente mencionado na carta, o referido candidato era Jair Bolsonaro.

O fato de que esses atores tenham tomado a iniciativa de assinar uma carta em conjunto não significa dizer que esses setores sejam homogêneos e que tenham acordo programático completo. Porém, ao assinarem uma carta coletiva em conjunto, esses agrupamentos assumem terem acordos estratégicos importantes e indicam ao menos compartilhar um horizonte político ideológico comum: acabar com os movimentos de esquerda no Brasil.

Diante dessas e de outras evidências, nos sentimos autorizados a afirmar que a formação das novas forças políticas brasileiras de caráter reacionário é o produto da *reação* dos setores conservadores da sociedade, preocupados em frear e disputar os sentidos que vinham ganhando algumas transformações sociais promovidas por agrupamentos políticos de caráter popular e progressista.

Portanto, é possível dizer que as Novas Direitas brasileiras, mesmo a despeito de terem conquistado um certo caráter de massa, constituem-se como sendo movimentos contrarrevolucionários, contrariando as expectativas daqueles que apostaram nos movimentos pelo “impeachment” da presidenta Dilma como sendo um momento de renovação da política brasileira e de estarem lutando contra a corrupção.

A Nova Direita imersa no universo das redes sociais na internet teve também a necessidade de buscar sua “popularidade”, de disputar o prestígio dos lugares públicos e de influenciar no ciberespaço. Nessa nova dinâmica onde os influenciadores digitais ganharam destaque, a Nova Direita teve que se fazer povo. Isso é crucial se queremos compreender o que é de fato a ascensão dos movimentos conservadores do início do século XXI e o fascismo a brasileira.

3.2 Mobilização social político afetiva nas ruas e nas redes

Atualmente as redes sociais na internet são os espaços onde se compartilham e se elaboram parte significativa das experiências do cotidiano das massas sociais. Ter isso em mente é fundamental se queremos compreender nossa realidade hoje. Diante disso, queremos tomar emprestado neste capítulo algumas diretrizes sugeridas por Eder Sader, em sua obra *“Quando os novos personagens entram em cena”* para pensar, também, o que foi considerado um *novo* momento na história dos movimentos sociais no Brasil: a formação de novos sujeitos coletivos.

Segundo E. Sader, podemos pensar a formação dos novos sujeitos coletivos a partir de algumas características específicas: os lugares políticos novos, sua experiência cotidiana, as práticas novas, a construção de demandas próprias, a partir da consciência de interesse e vontades também próprias:

A novidade eclodida em 1978 foi primeiramente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos. O impacto dos movimentos sociais em 1978 levou a uma **revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular**, ofuscadas pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 70. **Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam, como indicadores da emergência de novas identidades coletivas.** Tratava-se de uma novidade no real.¹⁴⁵

Sendo assim, Eder Sader, ao estudar os novos movimentos sociais da década de 70/80 esteve inclinado a compreender a emergência do que ele chamou de novos sujeitos coletivos a partir dos lugares de onde esses novos sujeitos falavam, das linguagens que utilizavam, das identidades que construíam coletivamente a partir dos lugares comuns que ocupavam na estrutura social. Dito em outras palavras, ele buscou neste estudo compreender o processo de formação das novas forças políticas que nasciam naquele contexto no Brasil. Forças políticas de caráter popular que coletivamente estavam forjando novos significados para a experiência das classes trabalhadoras no Brasil e que viriam alterar e colocar em novas perspectivas as formas dos embates políticos vividos até aquele momento.

Neste estudo o autor investiga a formação dos novos sujeitos coletivos que se fazem protagonistas na história da luta de classes no Brasil em defesa dos setores explorados e oprimidos da sociedade. Para isso, ele movimenta um conjunto amplo de questionamentos para compreender o que permite caracterizar esses coletivos em formação como sendo “novos sujeitos coletivos”: O que há de novo nessas novas formações sociais? Qual o significado e o alcance das mudanças em curso? Quais as manifestações podem ser observadas e examinadas no comportamento coletivo de contestação da ordem social vigente?

Tomaremos emprestado esses questionamentos e a forma de percepção a respeito do que e de como este autor considerou a formação das *novas* forças políticas no Brasil para que em nossa investigação possamos ter um horizonte para pensar também a

¹⁴⁵ EDER. Sader. **Quando novos personagens entram em cena: Experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p.26-27.

emergência de novos agrupamentos e forças políticas reacionárias no início deste século: os agrupamentos que em conjunto estamos denominando por Nova Direita.

Importa sublinhar que, ainda que Sader, tenha se debruçado a compreender a formação de novos coletivos de caráter progressistas, as pistas e o método por ele encontrado para buscar compreender os novos fenômenos políticos daquele período nos servem da mesma forma para buscar refletir a respeito das novas formações políticas de caráter reacionário.

Ao nos debruçarmos na proposta interpretativa sugerida por Sader, vamos perceber que o conjunto de argumentos movimentados por ele em seus estudos é bastante similar aos argumentos mobilizados também por Wilhelm Reich em seus estudos a respeito da “Psicologia de massas do fascismo”. Inclusive, vamos perceber que E. Sader, assim como Reich, busca luz nas interpretações trazidas pela ciência psicanalítica para elaborar suas compreensões a respeito das novas formações políticas emergentes naquele momento.

Partido de um olhar orientado também pela ciência psicanalítica é que Sader constrói sua interpretação a respeito dos novos movimentos sociais da década de 70 e 80 levando em consideração justamente os pequenos atos do cotidiano, aqueles, que segundo ele, muitas vezes desprezamos:

Pequenos atos, que até então seriam considerados insignificantes ou reiteraões de uma impotência, começam a receber novas conotações. Manifestações incapazes de incidir eficazmente sobre a institucionalidade estatal – antes interpretadas como sinal de imaturidade política – começaram a ser valorizadas como expressão de resistência, de autonomia e criatividade.¹⁴⁶

Segundo Sader, essas novas dinâmicas:

(...) expressavam uma crise dos referenciais políticos e analíticos que balizavam as representações sociais sobre o Estado e a sociedade em nosso país. É no quadro dessa crise que intelectuais (acadêmicos ou militantes) deixam de ver o Estado como lugar e instrumentos privilegiados das mudanças sociais e começam a enfatizar uma polarização – as vezes até maniqueísta – entre sociedade civil e Estado.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Idem, p.33.

¹⁴⁷ Ibidem, p.33.

A contextualização a respeito da crise de referenciais políticos e analíticos trazido por Sader nos faz memorar a própria experiência de crise política institucional vivida no Brasil no final do século XX e início do século XXI, a qual contribuiu entre outras coisas, com a perda de legitimidade dos governos petistas, mais precisamente durante o segundo mandato de Dilma Rousseff em 2014, e a crise econômica mundial do capitalismo, agravando ainda mais o quadro político social do período, conforme buscamos demonstrar em nosso primeiro capítulo.

Portanto, podemos dizer que a emergência de novos movimentos sociais, sejam eles de caráter reacionário ou progressistas, está também ligada diretamente aos aspectos dessa crise de legitimidade instaurada em torno dos partidos de caráter tradicional e do Estado.

É nesse contexto que a apropriação das redes sociais na internet por parte de diferentes movimentos sociais passa ganhar importância capital para organização das aspirações coletivas “por fora” dos aparelhos de Estado e partidos tradicionais. As redes sociais nesse sentido, foram interpretadas e utilizadas em um primeiro momento como alternativa diante do quadro de burocratização e engessamento em que os movimentos e partidos estavam submersos. É nesse quadro as redes sociais apareceram como sendo um espaço de organização menos hierarquizado, mais fluído e com grande potencial orgânico.

Porém, antes de ganharem a repercussão que atualmente tem, a utilização do Facebook como ferramenta de comunicação e atuação política havia sido por muitas vezes desqualificada e apresentada como uma atuação irresponsável e descompromissada por parte das novas gerações: os chamados pejorativamente de “ativistas de Facebook”. Entretanto, com o passar do tempo e em função do crescente engajamento de milhares de pessoas nos debates político de diferentes ordens a partir das novas tecnologias de informação e comunicação como o Facebook, a leitura a respeito da importância dessas ferramentas também se alterou.

Com a massificação das redes sociais na internet, se tornou central para todos os pesquisadores sociais buscar reposicionar em suas análises a questão de como se estabelecem as conexões entre o mundo digital e o analógico, as redes digitais e a multidão nas ruas. Estamos falando de um momento de codependência entre diferentes

campos e da necessidade de reconfiguração conceitual e política para pensar esse novo momento.

As redes sociais hoje são estruturantes de uma nova dinâmica cultural e econômica. Não é mais possível negar o impacto que o fenômeno da massificação das redes sociais ocasionou na organização da vida em sociedade, tanto em seus aspectos positivos, quanto em seus aspectos negativos. Neste sentido, é preciso levar em consideração o fato de que houve um abalo sísmico de proporções ainda não dimensionadas nas relações sociais sob o capitalismo influenciada diretamente pelos coletivos em rede e pelas novas culturas que se formaram através dessas redes.

A apropriação das redes sociais na internet como ferramenta de organização das novas demandas do real, da mesma forma, também expressou um esgarçamento dos espaços tradicionais de luta, como partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, entidades representativas tradicionais, entre outros.

Diante da crise orgânica em que estão mergulhadas as instituições representativas da sociedade brasileira, as redes sociais passaram a ser utilizada como os espaços novos para organização dos novos coletivos sociais “por fora” das estruturas tradicionais de poder. Neste sentido, podemos dizer que, simultaneamente ao processo de massificação das redes sociais na internet e o consequente contato de milhares de pessoas com outras perspectivas de interpretação do mundo, cresceu também a descrença nos canais tradicionais de comunicação ocupados pela mídia tradicional brasileira.

As reflexões trazidas por Sader, na obra citada, para compreender as características e o processo de como se formam o que ele chama de *novos sujeitos coletivos* nos importa a medida que este estudo nos auxilia a ler e interpretar também as transformações vividas no início do século XXI e as transformações apressadas de comportamento que nos foram impostas por um outro ritmo de vida e de trabalho. Mudanças que pouco a pouco foram implicando também em novas formas de interpretar o mundo.

Sendo assim, a reflexão proposta por Sader nos faz pensar a partir das experiências e dinâmicas de nosso próprio tempo e não a partir de formulações teóricas prévias. Segundo o autor, para poder pensar a constituição de sujeitos coletivos novos desempenhando algum papel criador nos processos históricos sociais é preciso romper com algumas caracterizações dominantes e em muitos aspectos viciadas a respeito dos

processos de reprodução social, das quais o autor destaca aquelas que dizem que a reprodução social parecia assegurada pela coerção do Estado militar, outra pelos automatismos econômicos da acumulação capitalista, e outros ainda pela alienação ideológica da acumulação capitalista:

Em todos esses casos, as ações das classes sociais aparecem como simples atualizações de estruturas dadas. E daí simplesmente passivas ante os mecanismos de reiteração da ordem, as alterações desta também teriam de ser explicadas por alterações daqueles mecanismos estruturais. Nesse registro, a própria ideia da constituição de sujeitos coletivos desempenhando algum papel criador nos processos históricos não fazia muito sentido.¹⁴⁸

Visto do ponto de vista de uma teoria da história, as estruturas de dominação do capital aparecem engessadas e engessando os sujeitos sociais e suas ações de modo que toda iniciativa e formação social nova, (seja ela de tipo progressistas ou não) estaria em última instância, se referindo a um certo reflexo das estruturas dadas, quase sempre previsíveis. É exatamente contra essas perspectivas que Sader vem nos propor uma nova forma de olhar os movimentos sociais que se formavam na década de 70/80 e é sob esse olhar que queremos aqui cultivar para pensar também a formação dos coletivos de caráter reacionário no início deste século. Nesse sentido, segundo Sader:

Na verdade é sempre possível relacionar os processos sociais concretos a características “estruturais”, só que esse procedimento não adiciona uma vírgula na compreensão do fenômeno. Apenas dá a aparência de segurança teórica, ao situar um caso particular num esquema interpretativo consagrado. Tomemos por exemplo os clubes de mães, que se generalizam pela Grande São Paulo no correr dos anos 70. Eles podem ser vistos e “explicados” como expressão das contradições geradas pelo capitalismo “nas condições brasileiras”, como resposta popular às carências sociais ditadas pelos padrões de desenvolvimento vigentes, pela ausência de canais institucionais de manifestação. São, assim, reduzidos ao campo geral das “lutas de um setor da classe operaria para a defesa das condições de reprodução da força de trabalho” O único problema consiste em que desaparecem, nesse processo, as características singulares que mais chamam atenção se nos debruçarmos para examinar o fenômeno em sua originalidade. No caso, os padrões comunitários, **uma particular formulação das noções de justiça e direito, a aversão pelo que é considerado política**, por

¹⁴⁸ SADER, op. cit., p. 37.

exemplo, aparecem como simples “traços conjunturais” de um processo genérico sempre o mesmo.¹⁴⁹

Ao buscar analisar a constituição dos sujeitos sociais coletivos para além das formas preconcebidas de como aparecem arquitetadas as relações de poder institucional, temos os sujeitos sociais reais, homens e mulheres, marcadamente orientados por seus valores: simbólicos, reais e, imaginários. Ao buscar compreender as disputas entre diferentes formas de conceber a vida humana em sociedade a partir das pequenas ações do dia a dia é que podemos revitalizar a força dos sujeitos sociais coletivos.

Nesse sentido, temos acordo com a proposição de Sader quando este diz que é preciso examinar mais detidamente o cotidiano, os costumes e valores que arquitetam as relações intrapessoais de homens e mulheres comuns de como se desenvolvem a elaboração cultural de suas necessidades entendendo que, essa elaboração depende de uma constelação de significados que orientam suas ações:

Com relação à elaboração cultural das necessidades, é certo que os diferentes movimentos sociais aqui tratados, encontrando-se numa mesma sociedade, partilham de uma mesma definição daquilo que é necessário – dos alimentos que saciam a fome, do tipo de vestimenta que os abriga e os expõe, do significado da casa, dos meios de transporte, do lazer etc. (...) Ainda assim, o *modo* como fazem (que tipo de ações para alcançar seus objetivos), tanto quanto a importância relativa atribuída aos diferentes bens, materiais e simbólicos, que reivindicam, depende de uma constelação de significados que orientam suas ações.

Depende, em primeiro lugar, do significado daquilo que define um determinado grupo enquanto grupo, quer dizer, sua identidade. Não se trata de alguma suposta identidade essencial, inerente ao grupo e preexistente às suas práticas, mas sim da identidade derivada da posição que assume. Tal identidade se encontra corporificada em instituições determinadas, onde se elabora uma história comum que lhe dá substância, e onde se regulam as práticas coletivas que a atualizam. (...)

Depende finalmente – e talvez sobretudo – das experiências vividas e que ficam plasmadas em certas representações que aí emergiram e se tornaram formas de o grupo se identificar, reconhecer seus objetivos, seus inimigos, o mundo que o envolve.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Idem, p. 38-39

¹⁵⁰ Idem, p. 43-44.

O cotidiano, visto rapidamente, por vezes, se parece tão repetitivo e lento que é sujeito pensarmos que não existe movimento nele capaz de transformar a história, mas é preciso olhar mais detidamente e examinar o fazer da vida para conseguirmos perceber que tudo que há, de estruturas a sujeitos, é a manifestação de homens e mulheres com preocupações comuns, prazeres comuns, necessidades comuns, e que por diversas vezes inventam e reinventam seus próprios valores e destinos por não caberem em formulações padronizadas e rígidas de uma dada formulação social. É diante das dificuldades reais do dia a dia que as novas elaborações são criadas e recriadas.

A capacidade de elaboração intelectual da realidade é o que permite que os sujeitos sociais se associem entre si. Por diversas vezes essa associação constitui-se como uma transferência de sentido através do outro, para aquele parece ter melhores condições de elaborar a realidade de uma maneira mais palpável, geralmente essas pessoas se destacam como sendo lideranças, representantes de determinados processos, ou para trazermos a análise para perto de nosso objeto de estudo, as micro lideranças políticas que se forjaram nas redes sociais, os administradores de comunidades e páginas que foram capazes de concatenar vontades – em uma linguagem gramsciana, intelectuais orgânicos, aqueles sujeitos capazes de traduzir os sentimentos e demandas que emergem dentro de si mas que nem sempre conseguem ser elaborados racionalmente por quem sente:

O discurso que revela a ação revela também o seu sujeito. Assim, do discurso dependeria a atribuição de significados, que permite o diálogo humano, que é o de estabelecimento das identidades. A identidade se revela no discurso? Mais do que isso, se nos voltarmos para a Psicanálise, ela se constitui nessa operação. Dela aprendemos que as pulsões do inconsciente só podem ser reconhecidas ao serem nomeada e, portanto, inscritas na linguagem. Mas, assim como a palavra que nomeia o desejo não é o próprio desejo, a identidade expressada no discurso do sujeito não é igual ao inconsciente mudo que o impeliu para a fala. Como insistem os linguistas, a linguagem não é um mero instrumento neutro que serve para comunicar alguma coisa que já existisse independentemente dela. A linguagem, faz parte das instituições culturais com que nos encontramos ao sermos socializados. É na verdade a primeira delas e que dá o molde primordial através do qual daremos forma a qualquer de nossos impulsos. Ela é condição tanto no sentido de que nos “condiciona”, nos inscreve num sistema já dado, quanto no

sentido de que constitui um meio para alcançarmos outras realidades, ainda não dadas.¹⁵¹

Desse ponto de vista, a raiva, o ódio, a inveja, o preconceito, também necessitam e buscam uma elaboração. O confronto com o crescimento de agrupamentos sociais alternativos e contestatório dos padrões de comportamento humano gerou incômodo e insegurança aos sujeitos sociais que se sentiam contemplados nos estereótipos sociais constituídos até aqui.

O crescimento dos agrupamentos radicais da chamada nova direita se registra exatamente como sendo um processo reativo aos impulsos contestadores de uma realidade padronizada que até então não havia enfrentado contrapontos capazes de desafiar e desestruturar essas visões a altura. Os agrupamentos da nova direita são justamente por conta dessa performasse caracterizados como reacionários, porque reagem aos impulsos que buscaram contestar os padrões hegemônicos de sociabilidade e ousaram criar, elaborar e representar suas próprias realidades.

Aquilo que é dito e o que é escondido, aquilo que é louvado e o que é censurado, compõem o imaginário de uma sociedade, através do qual seus membros experimentam suas condições de existência. Não quer dizer que todos os discursos sejam iguais e nem mesmo que derivem de uma mesma matriz discursiva. Mas, tendo de *interpelar* um dado público, todo discurso é obrigado a lançar mão de um sistema de referências compartilhado pelo que fala e por seus ouvintes. Constitui-se um novo sujeito político quando emerge uma matriz discursiva capaz de reordenar os enunciados, nomear as aspirações difusas ou articulá-las, de outro modo, logrando que indivíduos se reconheçam nesses novos significados. É assim que, formados no campo comum do imaginário de uma sociedade, emergem matrizes discursivas que expressam as divisões e os antagonismos dessa sociedade.¹⁵²

Partindo da reflexão de Sader, estamos sugerindo ler as reações das novas direitas em um sentido de manutenção de seus lugares de representação na sociedade dos quais esses agrupamentos, que reagem (conscientemente) se pondo em guerra com a diversidade da vida, sentem-se ameaçados. Eles se vêem em guerra, pois entendem que o reconhecimento a respeito da diversidade da vida significa seu aniquilamento. E em certos sentidos eles estão certos, pois a medida em que se alteram os lugares de fala dos sujeitos

¹⁵¹ Idem, p. 57-58.

¹⁵² Idem, p. 59-60.

e na medida em que suas identidades e formas de ver e interpretar o mundo se transformam, transforma-se também o próprio fazer da vida.

Se analisarmos mais a fundo, podemos observar que não se trata simplesmente de reconhecer a diversidade da vida, a existência de gays, de negros, de mulheres, de trans, essas pessoas sempre existiram, o grande problema com a diversidade da vida, neste contexto de disputas consistiu, entre outras coisas, na capacidade que esses agrupamentos tiveram de elaborar autonomamente suas próprias identidades e demandas, tornando suas demandas também inteligíveis para toda a sociedade, deram portanto caráter universal a suas demandas. Essa é a característica primordial do Príncipe de Maquiavel, sua capacidade de se fazer povo como nos lembra Gramsci.

Isso implicou progressivamente que outros agrupamentos que antes se sentiam satisfatoriamente contemplados pela realidade e suas representações dominantes, perdessem os espaços simbólicos (hegemônicos) que os sustentavam em condições privilegiadas.

Num texto belíssimo sobre a fenomenologia da linguagem, Merleau-Ponty fala de uma significação desta que “executa a mediação entre minha intenção ainda muda e as palavras, de tal sorte que minhas palavras surpreendem a mim mesmo e me ensinam meu pensamento.”

Deste modo, ao exprimir algo o sujeito não apenas comunica algo aos outros mas também a si mesmo. “Se a palavra quer encanar uma intenção significativa, que é apenas um *certo vazio*, não é somente para recriar em outrem a mesma falta, a mesma privação, mas ainda para saber *de que* há falta e privação. Como chega a isto? A intenção significativa se dá um corpo e conhece-se a si mesma buscando um equivalente no sistema das significações disponíveis, que representam a língua que falo e o conjunto dos escritos e da cultura de que sou herdeiro. Para a intenção significativa, voto mudo, trata-se de realizar um certo arranjo dos instrumentos já significantes ou das significações já falantes (instrumentos morfológicos, sintáticos, léxicos, gêneros literários, tipos de narrativa, modos de apresentação do acontecimento etc.) suscitando no ouvinte o pressentimento de uma significação outra e nova, e, inversamente, **promovendo naquele que fala ou escreve a ancoragem da significação inédita nas significações já disponíveis.**”

Recorrendo à linguagem, enquanto estrutura dada, para poder expressar-se, o sujeito se inscreve na tradição de toda a sua cultura. Mas, nesse mesmo ato de expressar-se, **operando um**

novo arranjo das significações instituídas, ele suscita novos significados.¹⁵³

A direita, teve de se reinventar, teve de ir “para fora” dos círculos privilegiados daqueles que sabiam onde estavam e nesse sentido teve que entrar em contato com as massas, com o povo, teve que encarar o produto das contradições do modelo de desenvolvimento social que defendem e sustentam, é a partir desse ponto de vista que dizemos que o movimento reacionário que estamos vendo emergir é *novo*.

As classes dominantes do nosso país, não tendo nenhuma simbologia que pudesse engrandecer seu estilo de vida e seu fazer no dia a dia, tiveram que criar artificialmente manipulações subterrâneas e conspiratórias a respeito da vida. Os empresários são em grande medida odiados por seus modos de vida luxuoso que contrasta diretamente com a vida miserável da grande maioria dos trabalhadores desse país, ao mesmo tempo e simultaneamente, são também invejados em seus lugares de privilegio, alimentando nas massas sociais o desejo de enriquecimento, o desejo de sair de um lugar de oprimido, o desejo distorcido das massas, passa também pelo desejo de ser opressor. Uma compensação fantasiosa dos sentidos. Essa é a base em que se constituem os movimentos fascistas.

Nesse sentido, a forma encontrada pelos agrupamentos identificados com a vertente política da nova direita foi de fomentar os medos e incitar o ódio contra aqueles setores por eles considerados responsáveis pelos deslocamentos tectônicos dos quais eles começaram se sentir ameaçados.

Fomentaram então, o medo do retorno às condições de fome a que muitas famílias no Brasil estavam abandonadas antes de poderem contar com políticas como Bolsa Família, o medo do desemprego em função da crise econômica capitalista mundial que estava sendo sentida também no Brasil desde 2008, o medo do gayzismo, o medo do comunismo e assim por diante.

Para isso, os setores da nova direita se utilizaram das redes sociais na internet para promover artificialmente instabilidades de ordem moral. Negando e obscurecendo os conflitos sociais proveniente do capitalismo e de um modo de vida produzido e sustentado por privilégios de classe:

¹⁵³ Idem, p. 57-58.

De acordo com levantamento feito pelos Professores Pablo Ortellado, da USP, e Esther Solano, da Unifesp, pelo menos metade dos participantes do protesto dos dias 12 de abril de 2015 disse acreditar em teorias conspiratórias e se informar por correntes de WhatsApp e grupos do Facebook, nutrindo nesses meios um alto grau de confiança. Nesses espaços se difunde que “o PCC é o braço armado do PT”, que “o filho de Lula é dono da Friboi”, e, a pérola das pérolas, que o “Foro de São Paulo está implantando uma ditadura comunista-bolivariana-castrista no Brasil”.¹⁵⁴

3.3 A reação antissistêmica da Nova Direita

Os agrupamentos das Novas Direitas brasileiras, do mesmo modo, são fruto dessas novas dinâmicas sociais e estão também imbricados nelas e por elas. Porém, diferentemente dos coletivos que atuam no sentido de ampliar e desmistificar padrões hegemônicos de sociabilidade e relacionamentos afetivos, os setores das chamadas novas direitas não podem, e não querem, aceitar as implicações mais profundas desse alargamento afetivo vividos por parcelas significativas das novas gerações nas relações humanas sob pena de perder seus lugares de privilégio na estrutura social, o que Reich chamou de “medo da proletarização”.

O cheiro de povo acirrou, claro, o ódio ao povo, o tradicional *ódio de classe* cultivado pelos estratos superiores brasileiros, e nada melhor do que a típica figura de Lula, ou de uma mulher por ele feita presidente, para fazer verter para si todo esse sentimento. Com a crise, a volta da inflação e o consequente aumento do custo de vida (incluindo não só o tomate, mas também a vodca Absolut nas “baladas”), voltou a ter lugar nos setores médios o chamado “temor a proletarização”, bastante utilizado pela sociologia explicativa do fascismo. Tomadas por um mal-estar crescente, e muitas vezes acossadas por dívidas a pagar, parcelas significativas dos setores médios passaram a dirigir sua insatisfação contra os de baixo, identificando sindicatos e partidos de esquerda como os responsáveis pelo seu declínio social (e, nesse ponto, o PT, devido ao seu passado classista, ofereceu os ingredientes simbólicos necessários para essa ideologia pueril e reacionária). Considerando-se os verdadeiros sustentáculos do país graças à proporcionalmente alta carga tributária que pagam, os setores médios tornaram-se *mais realistas que o Rei*, e foram politicamente à direita dos financistas, industriais e demais segmentos burgueses, cuja contribuição tributária é proporcionalmente pífia. Derrotados eleitoralmente pelos votos “dos nordestinos que recebem bolsa família”, os setores médios conservadores revoltaram-se de vez

¹⁵⁴ HOEVELER, Rejane. “A direita transnacional em perspectiva histórica: o sentido da “nova direita” brasileira.” In: DEMIER, Felipe & HOEVELER, Rejane (orgs.). **A Onda Conservadora**: Ensaio sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. p.80.

e começaram a *falar demais por não ter nada a dizer*. Alimentando uma repulsa por pobres, negros, sindicalistas, homossexuais, transexuais, haitianos e até mesmo por índios, eles saíram as ruas e modificaram o cenário político do país.¹⁵⁵

Diferentemente do que estamos habituados a pensar e perceber, os movimentos de contestação da ordem social vigente não são sempre e necessariamente, movimentos sociais de caráter popular de tipo jacobino. A contestação da ordem social vigente pode advir também dos setores mais conservadores de nossa sociedade, como reação conservadora contra as mudanças em curso. A contestação da ordem social vigente, pode ser dessa forma, uma força contrarrevolucionária que se propõe a disputar o sentido das transformações em curso, como no caso emblemático da ascensão dos nazistas na Alemanha de 1933, ou ainda, como no caso das mobilizações massivas realizadas em 15 de março, 12 e 16 abril de 2015 no Brasil com o propósito de depor inconstitucionalmente a presidenta Dilma Rouseff.

Para poder compreender as coisas nesta perspectiva é preciso abandonar idealizações por vezes românticas criadas em torno do que vem a ser o cotidiano e a experiência popular vivida pelas massas de trabalhadores. Tratar de práticas sociais no cotidiano popular não pode ser sinônimo, nem muito menos garantia, de que estamos diante de práticas progressistas, de compreensões de mundo mais largas, solidárias e fraternas no sentido que estamos habituados a entender as práticas populares.

Lidar com as massas e com o costume popular das classes trabalhadoras é também lidar com suas contradições, seus preconceitos, seus desejos, seus racismos, os quais constituem a formação psíquica de todos os seres humanos, no sentido demonstrado por W. Reich em “*Psicologia de massas do fascismo*”:

A tacanhice da vida conservadora tem uma influência contínua, infiltra-se por cada faceta do cotidiano, enquanto o trabalho na fábrica e os panfletos revolucionários só tem breve influência. Foi por isso um grave erro o fato de se ter pretendido ir ao encontro das tendências conservadoras dos trabalhadores, por exemplo, organizando festas para conseguir uma ‘aproximação’ das massas. O fascismo reacionário sabia ser muito mais eficiente. Não se alimenta a construção de hábitos de

¹⁵⁵ DEMIER, Felipe. “O Barulho dos inocentes: a revolta dos “homens de bem”. In: DEMIER, Felipe & HOEVELER, Rejane (orgs.). **A Onda Conservadora**: Ensaio sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. p.20.

vida revolucionários. **O ‘vestido longo’ que a mulher do trabalhador adquiria para ir a tal festa é muito mais revelador da estrutura reacionária dos trabalhadores do que uma centena de artigos de jornal.** O vestido longo ou a recepção em casa com cerveja são apenas os sinais exteriores de um processo no trabalhador, uma prova do fato de que a predisposição para receber a propaganda nacional-socialista já existia. E se o fascista, além disso, ainda prometia a ‘abolição do proletariado’ e com essa promessa era bem sucedido, isso era devido, em 90% dos casos, não ao programa econômico apresentado mas ao vestido longo. **Devemos prestar muito mais atenção a estes fenômenos do cotidiano.** É sobre esses detalhes e não com frases políticas que só provocam um entusiasmo passageiro, que se constrói concretamente o progresso social ou o seu contrário. (...) **A vida dos indivíduos das massas é constituída por milhares de coisas que se passam nos bastidores.** Por exemplo, o jovem trabalhador logo que tenha podido saciar um pouco a fome é logo dominado por milhares de preocupações de natureza sexual e cultural. A luta contra a fome é de importância primordial, mas os processos ocultos da vida humana têm de ser trazidos a luz crua do palco, e que somos a um só tempo atores e espectadores, e isto deve ser feito sem reservas e sem medo das consequências.¹⁵⁶

Neste sentido, é preciso abandonar as perspectivas que romantizam as classes trabalhadoras, como sendo o sujeito revolucionário por essência, um sujeito revolucionário vocacionado, como se tivesse nascido para determinado fim. Romantizar as classes trabalhadoras é também em alguma medida romantizar as condições de pobreza, falta de assistência, fome e a baixa escolaridade enfrentada por esses setores e acreditar que as classes trabalhadoras milagrosamente se inclinarão no sentido de construir novas compreensões de mundo com o objetivo de subverter a ordem capitalista.

O horizonte sob o qual se constitui a melhora das condições de vida das classes trabalhadoras ainda passa pela ideia burguesa de enriquecimento e melhora material das condições de vida. Um enriquecimento que supostamente deveria se dar através do trabalho. Dizemos, supostamente, porque em uma sociedade baseada na exploração e apropriação privada do trabalho coletivo, o progresso material desejado não tem condições de se realizar como pressupõe a ideologia burguesa da meritocracia.

É preciso termos em mente que as condições de violência e opressão sob as quais a grande parcela das classes trabalhadoras vive, são condições que atuam muitas vezes no sentido de deformar o caráter humano e de os submeter a um lugar de animalidade na

¹⁵⁶ REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 65-66.

luta pela sobrevivência. Perceber as coisas por essa ótica não significa “justificar” certas condições de violência e brutalidade que as classes trabalhadoras vivenciam e por muitas vezes promovem. Tratar das massas sociais, de seus costumes, é lidar com uma complexidade infinita de possibilidades, se é verdade que a miséria vivida por milhares e milhares de famílias no Brasil contribui decisivamente para deformação do caráter humano, não podemos tomar essa realidade para tentar “justificar” reações de violência, roubo, assassinato, estupro entre outras coisas.

Tratar das massas é lidar também com o que há de perverso e imoral nos seres humanos. Porque os seres humanos se constituem também de impulsos sádicos e perversos. Não se trata exclusivamente de um tipo de arranjo social. Ao dizermos isso não temos pretensão alguma em minorar os efeitos sociais que nossa formação social acarreta em nós. É evidente que temos melhores chances de lidar e ressignificar esses impulsos em nós em um ambiente social melhor disposto.

Trata-se da necessidade de compreendermos a questão das contradições em que as massas sociais estão imbricadas, ou seja, na proposição apresentada por Reich, trata-se de buscar observar que nossa estrutura psíquica resulta, por um lado, da situação social (que prepara o terreno para atitudes revolucionárias) e, por outro, da atmosfera geral da sociedade autoritária:

(...) Se o trabalhador não é nem nitidamente reacionário nem nitidamente revolucionário, mas está enredado na contradição entre tendências reacionárias e tendências revolucionárias, então, se tivermos êxito ao tocar nessa contradição, o resultado deve ser uma prática que equilibre as forças revolucionárias e as forças psíquicas conservadoras. Todo o misticismo é reacionário, e o homem reacionário é místico. Ridicularizar o misticismo, considerando-o como “embotamento” ou “psicose”, não é medida adequada contra o mesmo. Mas, se compreendermos corretamente o misticismo, necessariamente descobriremos um antídoto para o fenômeno.¹⁵⁷

Destacamos esse ponto, na medida que, consideramos esse aspecto como sendo crucial para os propósitos deste trabalho, entendendo que todo tipo organização social que tivemos ao longo da história da humanidade vem sendo influenciado diretamente pelas questões da estrutura do caráter biopsíquico dos homens.

¹⁵⁷ Idem, p. 22-23.

Atento as questões de cultura Gramsci também se ocupou em compreender o nexo existente entre a estrutura ideológica das massas, sua consciência, e a relação com a base econômica da qual se origina, ressaltando em seus estudos sobre Americanismo e fordismo que “*O americanismo foi, (...), a criação de um ‘novo tipo humano, correspondente ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo’, de uma nova ‘fase de adaptação psicofísica à nova estrutura industrial’*”¹⁵⁸. Sendo assim, Gramsci ressalta que,

A história do industrialismo foi sempre (e se torna hoje de modo ainda mais acentuado e rigoroso) uma luta contínua contra o elemento da “animalidade” do homem, um processo ininterrupto, frequentemente doloroso e sangrento, de sujeição dos instintos (naturais, isto é, animalescos primitivos) a normas e hábitos de ordem, de exatidão, de precisão sempre novos, mais complexos e rígidos, que tornam possíveis as formas cada vez mais complexas de vida coletiva, que são conseqüências necessárias do desenvolvimento do industrialismo. Essa luta é imposta a partir de fora e os resultados obtidos até agora, embora de grande valor prático imediato, são em grande parte puramente mecânico, não se transformando em uma “segunda natureza”. Mas todo novo modo de viver, no período que se impõe a luta contra o velho, não foi sempre, durante certo tempo, a resultado de uma coerção mecânica? Até mesmo os instintos que hoje devem ser superados como ainda demasiadamente “animalesco” foram, na realidade, um notável progresso com relação aos anteriores, ainda mais primitivos: quem poderia descrever os “custos” em vidas humanas e em dolorosas repressões dos instintos, da passagem do nomadismo à vida sedentária?¹⁵⁹

3.4 A atuação partidária da nova direita via redes sociais

Sugerimos então, ler a atuação via redes sociais, promovidas por grupos da nova direita, como sendo uma ação partidária, no sentido político proposto por Gramsci, dessa forma, quando falamos de ação partidária, não estamos tratando exclusivamente da ação partidária de tipo tradicional, entendida restritivamente como partido político, ao contrário, entendemos como ação partidária, toda ação no sentido de organizar estrategicamente uma visão de mundo.

¹⁵⁸ GRAMSCI, Antonio. Americanismo e Fordismo. In: **Cadernos do Cárcere**. Volume 4. Temas de Cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 66.

¹⁵⁹ Idem, p.262.

Portanto, tratamos estes agrupamentos políticos e sua atuação via redes sociais na internet, como sendo, aparelhos privados de hegemonia, partidos políticos em sentido lato, os quais se propõem a organizar uma vontade coletiva nacional popular, propagando seus interesses como sendo interesses comuns de todos brasileiros, assumindo funções diversas em torno da disputa hegemônica, através da guerra de posição, aspirando que, a proliferação de seus interesses e de seus valores éticos morais se universalize como modo de ser.

Neste sentido, a ideologia deve ser compreendida dentro de determinadas correlações de força, entendendo que, toda ideologia promovida tem sua base de interesse, assim, a ideologia, nunca é neutra e, embora, muitos organismos da Nova Direita se declarem apartidários, e até mesmo, se apresentem como antipartido, entendemos que em uma sociedade de classes, ela só pode ser uma ideologia de classe, cabendo a nós frisar que ideologia não é sinônimo de hegemonia, ela é parte integral da luta entre as classes sociais pela hegemonia.

Dessa forma, entendemos que a atuação da Nova Direita, via redes sociais, funciona como aparelhos privados de hegemonia, na medida em que estes agrupamentos pretendem apresentar seus interesses específicos de classe como sendo interesse geral de toda uma nação.

O partido, para realizar essa tarefa de desconstrução/construção, deve mobilizar as vontades. Organizá-las, dar-lhes homogeneidade e sentido. E não pode deixar de fazê-lo. Quando se fala em homogeneidade não se pensa em apagamento de diferenças, mas, pelo contrário, na construção do referencial teórico-prático que seja a um só tempo norte político e instrumento de análise e criação. O próprio das visões de mundo das classes subalternas é o fragmentário, o errático. Cabe ao partido, entendido como direção consciente na história, alterar essa situação, construindo uma nova universalidade, um novo projeto de civilização e sociedade.¹⁶⁰

O partido, dessa forma, é formado e dirigido por homens e mulheres de ação, (intelectuais orgânicos), os quais se constituem como direção moral e intelectual de um dado grupo, procurando sistematizar uma dada visão de mundo, coadunar vontades e criar consensos, dando assim pretexto para ação coletiva. Poderíamos dizer, que a luta de todo

¹⁶⁰ DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: **O outro Gramsci**, Xamã, 3ª edição. p.11.

grupos social organizado e consciente de suas intenções é de estabelecer hegemonia sobre os demais grupos sociais.

A relação entre o partido, organizador (potencial) de uma vontade coletiva nacional-popular, e o conjunto da totalidade social – organização/desorganização das classes e forças sociais em presença, grau de consciência que cada uma delas tem sobre si mesma – passa necessariamente pelo conhecimento da estrutura. Esta jamais pode ser pensada como exterioridade em relação as práticas das classes, que são produtoras e produto da estrutura, e não meramente seus efeitos. A compreensão correta da correlação de forças, as práticas classistas estruturais, antagônicas e desigualmente articuladas, no interior de uma conjuntura é dada pela análise dessas relações estruturais.¹⁶¹

Cabe destacar ainda, que ao tratar de intelectual orgânico, não estamos nos referindo meramente as atividades intelectuais em si, como sugere Gramsci, não se define o que é um intelectual simplesmente através da atividade que este exerce. Para compreender o papel e a função do intelectual na sociedade, é preciso compreendê-lo no conjunto do sistema de relações no qual esta atividade se encontra, no conjunto geral das relações sociais, desse modo,

1) Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que **lhe dão homogeneidade e consciência da própria função**, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, **o organizador de uma nova cultura**, de um novo direito, etc., etc. Deve-se observar o fato de que o empresário representa uma elaboração social superior, já caracterizada por uma certa capacidade dirigente e técnica (isto é, intelectual): ele deve possuir uma certa capacidade técnica, não somente a esfera restrita de sua atividade e de sua iniciativa, mas também em outras esferas, pelo menos nas mais próximas da produção econômica (**deve ser um organizador de massa de homens, deve ser um organizador da “confiança” dos que investem em sua empresa, dos compradores de sua mercadoria**, etc.). (...)

2) Todo grupo social “essencial”, contudo, emergido na história a partir da estrutura econômica anterior como expressão do desenvolvimento dessa estrutura, encontrou (...) categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como

¹⁶¹ Idem. p.11

representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas políticas. (...).¹⁶²

Neste sentido, destacamos a importância de pensar, os agrupamentos da Nova Direita no Facebook, também a partir de seus promotores, ou seja, a partir, dos homens e mulheres que organizam essa vontade coletiva e, que buscam dar homogeneidade a suas pautas políticas e sociais. Intelectuais orgânicos são pessoas de partido, no sentido que tem a pretensão de organizar a vontade coletiva nacional popular.

Que todos os membros de um partido político devam ser considerados como intelectuais é uma afirmação que pode se prestar a ironia e a caricatura; contudo, se refletirmos bem, nada é mais exato. Será preciso fazer uma distinção de graus; um partido poderá ter uma maior ou menor composição do grau mais alto ou mais baixo, mas não é isso que importa: **importa a função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, isto é, intelectual.** Um comerciante não ingressa em um partido político para comerciar, nem um industrial para produzir mais e com custos reduzidos, nem um camponês para apreender novos métodos de cultivar a terra, ainda que alguns aspectos destas exigências do comerciante, do industrial, do camponês possam ser satisfeitos no partido político. (...) Para essas finalidades, dentro de certos limites, existe o sindicato profissional, no qual a atividade econômica corporativa do comerciante, do industrial do camponês encontra seu quadro mais adequado. **No partido político, os elementos de grupo social econômico superam esse momento de seu desenvolvimento histórico e se tornam agentes de atividades gerais, de caráter nacional e internacional.**¹⁶³

Em busca de compreender de que forma se “organiza de fato a estrutura ideológica de uma classe dominante: isto é, a organização material voltada para manter e desenvolver a ‘frente’ teórica ou ideológica”, Gramsci nos sugere, pensar o papel da imprensa, “jornais políticos, revistas de todo o tipo, científica, literárias, de divulgação etc., periódicos diversos até os boletins paroquiais¹⁶⁴”, dando atenção especial a sua parte mais considerável e mais dinâmica que é o setor editorial, a estas observações,

¹⁶²GRAMSCI. Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Os intelectuais e o princípio educativo. Jornalismo. V.2, 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 15-16.

¹⁶³ Idem. p. 25.

¹⁶⁴ Ibidem. p.78.

acrescentamos, as redes sociais na internet, e o importante papel que estas mídias tem desempenhado na difusão de ideias e na defesa de diferentes concepções de mundo.

Considerando que, a atuação via rede mundial de computadores, conforma uma nova possibilidade organizativa, onde a internet aparece como sendo um “instrumento” que potencializa a ação partidária desses grupos na contemporaneidade, é fundamental buscar compreender a visão estratégica de classe propagada por estes grupos e seus interesses políticos sociais.

A imprensa é a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica, mas não a única: tudo que influi ou pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte dessa estrutura. Dela fazem parte: as bibliotecas, as escolas, os círculos e os clubes de variado tipo, até a arquitetura, a disposição e o nome das ruas. (...) Um tal estudo, feito com seriedade, teria uma certa importância: além de dar um **modelo histórico vivo de uma tal estrutura, formaria um hábito de um cálculo mais cuidadoso e exato das forças ativas na sociedade**. O que se pode contrapor, por parte de uma classe inovadora, a este **complexo formidável de trincheiras e fortificações** da classe dominante? O espírito de cisão, isto é, a conquista progressiva da consciência da própria personalidade histórica, espírito de cisão que deve tender a se ampliar da classe protagonista às classes aliadas potenciais: tudo isso requer um complexo trabalho ideológico, cuja primeira condição é o exato conhecimento do campo a ser esvaziado de seu elemento da massa humana.¹⁶⁵

A presença massiva da internet, para um número significativo de pessoas no mundo, tem alterado o próprio processo social da vida, emergindo desse fenômeno, novas experiências cotidianas, as quais se manifestam através de uma nova cultura, novos saberes, linguagem própria, criando outros significados e sentidos para “velhas” relações sociais: a produção e reprodução da vida real.

(...)Na realidade, **toda corrente cultural cria uma sua linguagem**, isto é, participa do desenvolvimento geral de uma determinada língua nacional, **introduzindo termos novos, enriquecendo de conteúdo novos termos já em uso**, criando metáforas, servindo-se de nomes históricos para facilitar a

¹⁶⁵ Ibidem. p.79.

compreensão e o julgamento de determinadas situações atuais, etc., etc. intelectuais.¹⁶⁶

Assim, é importante notar que as redes sociais, trazem estas particularidades, principalmente ao “agitar” uma nova linguagem, o uso de novos termos, que condessam *novos* significados sociais. É um momento único e particular da história da humanidade, onde os sujeitos sociais dispõem de uma ferramenta de comunicação com um potencial interativo inusitado, advertindo-nos da necessidade de se pensar o uso deste instrumento para as novas correntes políticas emergentes, tanto a direita como a esquerda.

Experimentamos um momento novo na história e, precisamos da mesma forma revitalizar nossa capacidade de absorção e compreensão do real, sob o risco de nos tornarmos obsoletos, tal como a noção de revolução permanente foi superada, faz-se necessário também superar certos limites e preconceitos dentro do campo de análise histórico e social.

(...)Um erro muito difundido consiste em pensar que toda a camada social elabora sua consciência e sua cultura do mesmo modo, com os mesmos métodos, com os métodos dos intelectuais profissionais. O intelectual é um profissional (*skilled*) que conhece o funcionamento de suas próprias ‘máquinas’ especializadas; tem seu ‘tirocínio’ e seu ‘sistema Taylor’ próprios. É pueril e ilusório atribuir a todos os homens esta capacidade adquirida e não inata, do mesmo modo como seria pueril supor que todo operário manual possa desempenhar a função de maquinista ferroviário. É pueril pensar que um ‘conceito claro’, difundido de modo oportuno, insira-se nas diversas consciências com os mesmos efeitos ‘organizadores’ de clareza difusa: este é um erro ‘iluminista’. A capacidade do intelectual profissional de combinar habilmente indução e dedução, de generalizar sem cair no formalismo vazio, de transferir certos critérios de discriminação de uma esfera a outra do julgamento, adaptando-o às novas condições, etc., constitui uma ‘especialidade’, uma ‘qualificação’, não um dado do senso comum vulgar. É por isso, portanto, que não basta a premissa ‘difusão orgânica, por um centro homogêneo, de um modo de pensar e de agir homogêneo’. (...)

A ‘repetição’ paciente e sistemática é um princípio metodológico fundamental: mas a repetição não mecânica, ‘obsessiva’, material, e sim a **adaptação de cada conceito às diversas peculiaridades e tradições culturais**, sua apresentação e reapresentação em todos os seus aspectos positivos e em suas

¹⁶⁶ Ibidem. p. 202.

negações tradicionais, situando sempre cada aspecto parcial na totalidade. **Descobrir a identidade real sob aparente diferenciação e contradição, e descobrir a substancial diversidade sob a aparente identidade**, eis o mais delicado, incompreendido e, não obstante, essencial dom do crítico das ideias e do historiador do desenvolvimento histórico.¹⁶⁷

Estamos propondo, dessa forma, pensar a nossa realidade a partir de como ela ocorre e dos recursos por ela utilizados para pensar sua própria época. Sendo assim, buscamos fundamentar nossos questionamentos na filosofia da práxis, concatenar nossas preocupações, buscando autorização intelectual em Gramsci, ou seja, encontrar pontos de conexão e possibilidades a partir de seus estudos e questionamentos, muitos dos quais permaneceram abertos, mas que nos possibilitam pensar de forma ampliada.

A noção a respeito da complexidade em que se produz e reproduz a formação da sociedade capitalista, ao mesmo tempo, em que constitui um tipo novo de organização social e humana, nos fornece elementos preciosos para compreensão sobre a necessidade de racionalização e organização da sociedade em que estamos inseridos.

É a partir desta noção de ideologia, como força material, que estamos ocupados em compreender a atuação da nova direita via redes sociais, buscando compreender as implicações para nossa realidade, do tipo de pensamento que se dissemina através desses agrupamentos. Esta forma de conceber, arquitetar, amar, inventar, idealizar a realidade é expressão de que interesses, que grupos sociais se sentem representados nessa concepção de mundo, ela atende a quais necessidades?

Para nós, demonstrar a força material da ideologia é fundamental, para desmistificar a ideia de que, a visão de mundo propagada por essa nova direita, diz respeito a simples opiniões, julgamentos abstratos, ou, a “achismos” individuais despreziosos, ao contrário disso, nos importa perceber como, as redes sociais ao “*dar voz aos imbecis*” como disse Umberto Eco¹⁶⁸, concatenou vontades “escondidas”, “não

¹⁶⁷GRAMSCI. Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Os intelectuais e o princípio educativo. Jornalismo. V.2, 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 206.

¹⁶⁸“Crítico do papel das novas tecnologias no processo de disseminação de informação, o escritor e filósofo italiano Umberto Eco afirmou que as redes sociais dão o direito à palavra a uma ‘legião de imbecis’ que antes falavam apenas ‘em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade’. (...) Normalmente, eles [os imbecis] eram imediatamente calados, mas agora eles têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel”, disse o intelectual.” <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm> (Acessado dia 02.02.16)

ditas”, desejos antes não revelados, por serem censurados, condenados, criticados, recriminados ética e moralmente pela sociedade

Neste sentido, nos importa reafirmar como a rede mundial de computadores, conformou uma nova possibilidade organizativa, onde as redes sociais aparecem como sendo um “instrumento” que potencializa a ação partidária desses grupos na contemporaneidade, viabilizando a organização de ideias que antes estavam dispersas e isoladas, ou ainda, que não encontravam significativo respaldo ao serem expressas.

Ressaltamos ainda, a necessidade de pensar a atual conjuntura de forma integral, levando em consideração que o embate hegemônico entre as classes sociais, se desenvolve em diferentes e *novas* frentes de atuação, e que, da mesma forma que as condições materiais de produção se modernizam, sendo seu alcance e potencial muito maiores do que em outros momentos históricos, também o embate ideológico se “modernizou,” se atualizou, se reinventou e tem a condição de por na ordem do dia outros sujeitos sociais que antes não apareciam no debate intelectual.

Reiteramos dessa forma que, a luta entre as classes sociais não se desenvolve, simplesmente, no plano das superestruturas, sendo de fundamental importância, compreender que os embates hegemônicos travados entre as classes a partir de diferentes concepções e visões de mundo, influenciam diretamente, nos modos de agir, sentir e de organizar as relações sociais em todas as esferas da vida humana.

Dessa forma, entendemos que, o elemento superestrutural é parte constituinte de um conjunto de valores sociais, éticos e morais, os quais são os impulsos vitais deste modelo de produção. Assim, importa ter claro que, hegemonia não se reduz a “*capacidade de uma classe de subordinar/coordenar classes aliadas e inimigas*”, não significa a, “*mera obtenção de um domínio ideológico*”¹⁶⁹.

Ao enfatizar a importância das ideologias para produção e reprodução da vida material, estamos também propondo compreender o processo de construção da hegemonia de uma classe fundamental sobre as demais classes.

Dessa forma, entendemos que o estudo sobre a emergência das novas forças políticas conservadoras no Brasil, se constitui como importante elemento para compreender a disputa hegemônica travada entre as classes sociais. Ressaltamos, ainda,

¹⁶⁹DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: **O outro Gramsci**, Xamã, 3ª edição. p 09.

a necessidade de se perceber quais os agrupamentos sociais se encontram em confronto, bem como, sob que bases sociais esses projetos se desenvolvem.

Estando nossos objetivos diretamente ligados a uma proposta de mapeamento dos embates de projetos políticos em disputa no Brasil hoje, reproduzimos uma passagem de Gramsci, onde este propõe uma espécie de roteiro analítico, destacando possíveis caminhos na identificação das frações de classes em disputa, bem como, nos fornece importantes pistas sobre como identificar a relevância, ou não, dos conflitos conjunturais que se desenvolvem na sociedade, sugerindo considerar:

1) o conteúdo social da massa que adere ao movimento; 2) que papel desempenhava essa massa no equilíbrio de forças que se vai transformando, como o novo movimento demonstra através de seu próprio nascimento?; 3) qual o significado político e social das reivindicações que os dirigentes apresentam e que obtêm consenso? A que exigências efetivas correspondem?; 4) exame da conformidade dos meios ao fim proposto; 5) só em última análise, e apresentada sob forma política e não moralista, formula-se a hipótese de que tal movimento necessariamente será desnaturado e servirá a fins diferentes daqueles que a massa de seguidores espera. Ao contrário, esta hipótese é afirmada antecipadamente, quando ainda nenhum elemento concreto (ou seja, que se apresente como tal com a evidência do senso comum e não através de uma análise “científica” esotérica) existe para sufragá-la, de modo que ela aparece como uma acusação moralista de duplicidade e má-fé, ou de pouca sagacidade, de estupidez (para os seguidores). A luta política transforma-se assim numa série de episódios pessoais entre quem é bastante esperto para se livrar das complicações e quem é enganado pelos próprios dirigentes e não quer se convencer disso por causa de uma incurável estupidez.

Além do mais, enquanto esses movimentos não alcançam o poder, pode-se sempre pensar que constituem um fracasso, e alguns efetivamente fracassaram (...); a pesquisa, portanto, deve orientar-se para a identificação dos elementos de força, mas também dos elementos de fraqueza que tais movimentos contêm em seu interior: a hipótese “economicista” afirma um elemento imediato de força, isto é, a disponibilidade de uma certa contribuição financeira direta ou indireta (um grande jornal que apoie o movimento é também uma contribuição financeira indireta) e basta. Muito pouco.

Também neste caso a análise dos diversos graus de relação de força só pode culminar na esfera da hegemonia e das relações ético-políticas¹⁷⁰.

Em busca de identificar o conteúdo social, ético e moral, das organizações da Nova Direita, estamos preocupados em compreender de que forma estas ações de cunho ideológico e moralizante, ganharam força e de que forma passaram orientar o modo de pensar e agir de um número significativo de pessoas em nosso tempo.

¹⁷⁰ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 3, Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. p. 54-55.

CAPÍTULO 4. AS REDES SOCIAIS DA NOVA DIREITA

Atualmente o *Facebook* é o site de relacionamento interpessoal mais usado no mundo. Em 2012, a corporação anunciou a compra do *Instagram* e em 2014 a compra do *WhatsApp* (serviço móvel de mensagem) suas principais concorrentes na área¹⁷¹. Sendo assim, quando falamos de *Facebook*, estamos indiretamente falando também de *Instagram* e de *WhatsApp*, ou seja, estamos falando de um conglomerado que reúne sobre uma mesma empresa os maiores aplicativos de relacionamento interpessoal do mundo. Segundo os dados fornecidos pelo próprio *Facebook*, atualmente mais de dois bilhões de pessoas no mundo estão conectadas ao site, constituindo um modelo de sociabilidade em redes sociais que se tornou hegemônico.

Com o propósito de identificar quem são e como atuam os setores da Nova Direita brasileira, optamos por mapear sua atuação via redes sociais na internet e escolhemos para isso a plataforma de dados do site *Facebook*, onde as ações, as formas de pensar, de arquitetar e “amar” o mundo desses agrupamentos podem ser facilmente acompanhadas pela exposição pública a que estes se submetem. Porém, visto que o *Facebook* é uma plataforma interativa com outros sites, lançaremos mão também de outras plataformas de comunicação e divulgação na internet como *Instagram*, *Youtube* e demais sites e blogs relacionados diretamente às páginas investigadas por nós, sempre que isso nos ajudar a tornar mais claro quem é a Nova Direita brasileira, seus representantes, como ela se comporta e se apresenta publicamente ao mundo.

Nesse capítulo vamos realizar um inventário das páginas por nós investigada, informando a respeito dos propósitos de cada uma delas. Neste inventário, buscamos adotar um modelo padronizado para apresentar todas as páginas, onde irá constar as seguintes referências: 1) Nome da página; 2) Administrador; 3) Descrição do perfil informado pelos próprios administradores da página; 4) Número de likes de cada página; 5) Imagem de perfil; 6) Imagem de capa; 7) Origem e Difusão da página; 8) Sites parceiros 9) Chave interpretativa.

¹⁷¹Em 2012, o Facebook anunciou a compra da rede social Instagram. O Instagram é um aplicativo de compartilhamento de fotos e vídeos online entre seus usuários. Originalmente idealizado por Kevin Systrom e Mike Krieger, lançado ao público em 2010. Em fevereiro de 2014, o Facebook anunciou a compra da rede de serviços móveis de mensagens, WhatsApp, criado em 2009 por Jan Koum por 22 bilhões de dólares. <http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2014/10/preco-de-compra-do-whatsapp-pelo-facebook-sobe-us-22-bilhoes.html>

É nosso objetivo neste capítulo apresentar quais as estratégias utilizadas por parte desses agrupamentos para buscar atrair em torno de si seguidores e simpatizantes. Para isso, buscaremos descortinar os condutos utilizados pelas “micro-lideranças” dessas páginas para influenciar as redes sociais na internet buscando assinalar quais os métodos de sua atuação, a linguagem adotada, os recursos aos quais recorrem para fazer emergir seus valores e formas de pensamento no cenário político atual.

Embora, nem todas as páginas do *Facebook* investigadas por nós tenham sido utilizadas de modo explícito no texto, queremos enfatizar a importância dessas páginas como um todo, pois foi a existência delas em conjunto que nos auxiliou a compor o argumento desenvolvido nesta tese: de que a emergência da Nova Direita brasileira se refere a um movimento reativo que busca impedir um tipo de desenvolvimento, que segundo a percepção desses atores estaria sendo “hegemonizado pelo esquerdismo”¹⁷².

As páginas da direita que emergiram entre 2011-2016 são reveladoras desse sentimento entre os setores conservadores e ficam explicitadas através do próprio nome escolhido para formar suas comunidades: “Comunistas de Rolex”, “Socialistas de Iphone”, “Marx da Depressão,” “Eu era esquerdista mais a zueira me curou,” entre outras que indicam claramente uma tentativa orgânica de reagir contra os agrupamentos políticos da esquerda. Além de reagir, desmoralizar, desarticular, como condição necessária, para então, poder fazer aparecer seu projeto de sociedade.

Atualmente, nem todas as páginas mencionadas se encontram disponíveis online¹⁷³, porém, optamos por menciona-las e registrar aqui sua existência, pois elas nos ajudam a pensar os condutos pelos quais se massificaram as concepções que hoje sustentam as bases ideológicas da Nova Direita entre as massas. Veremos cada uma delas em suas dinâmicas internas e através de seus códigos de conduta próprio.

¹⁷²A percepção de que o fenômeno da Nova Direita brasileira é um movimento reativo a um conjunto de transformações vividos nos últimos 30 anos é também percebida e compartilhada pela pesquisadora Camila Rocha em sua tese “Menos Marx, Mais Mises”. Camila Rocha, utiliza o termo “contra público ultraliberal” para pensar como e porque emergiram no cenário político nacional novos personagens políticos que fazem questão de se identificar como conservadores. Na pesquisa a autora explica que o termo contra público se refere a grupos que compartilhavam entre si um sentimento de marginalidade em relação ao que consideravam ser uma hegemonia da esquerda nas esferas públicas brasileira. ROCHA, Camila. “**Menos Marx, Mais Mises**”: uma gênese da Nova Direita brasileira (2006-2018). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

¹⁷³ Um número significativo de páginas de direita foi denunciado por incitar o “ódio e a violência” e não se encontram mais online no *Facebook*.

Diante desse quadro, estivemos em busca de um modelo mais sutil que pudesse examinar a interação das massas e seus representantes, entre o “líder” e as massas, entre o Partido e a sociedade civil. E porque não, entre as personalidades (páginas) que se tornaram influenciadores nas redes sociais na internet e seus seguidores?

4.1 Por que escolhemos o Facebook?

A mídia social na internet denominada *Facebook*, é um site de relacionamento interpessoal criado em 2004, que tem como um dos seus principais atrativos disponibilizar uma experiência interativa entre seus usuários na internet. Para isso, o *Facebook* oferece aos seus usuários uma série de recursos como aplicativos de conversação em tempo real, mecanismo de pesquisa e conexão de pessoas em qualquer lugar do mundo, oferece um canal de comunicação direta permitindo a divulgação de ideias, pensamentos, fotos, vídeos, divulgação de trabalhos, entre outras coisas. Seus serviços básicos são “gratuitos” para os usuários que optam por utilizar esta plataforma, atrativos e dinamizam as relações sociais em nossa época.

Ao aderir ao *Facebook*, a plataforma viabiliza uma experiência de conexão múltipla entre pessoas de diferentes lugares do mundo, isso ocorre, através da associação mútua entre seus usuários e do cruzamento automático de dados entre eles. A associação, depende, em um primeiro momento, da rede de contatos pessoais formada por cada usuário que adere a plataforma, ou seja, aquelas pessoas que você “encaminha” ou “recebe” um “convite de amizade”, formando assim uma “rede de amigos”. No segundo momento, a constituição dessa rede de amigos é gradativamente ampliada pela experiência que cada usuário faz “de dentro” do *Facebook*. Significa dizer que na medida que cada usuário interage através dessa plataforma “curtindo”, “compartilhando” ou “comentando”, ele próprio deixa registrado sinais sobre seus interesses no ciberespaço. O tempo que cada usuário passa conectado a essa rede é também fator decisivo para o tipo de experiência que ele vai constituir através dessa plataforma. A regra é: quanto mais tempo a pessoa passa no *Facebook*, maiores serão as conexões e registros criados por ela no ciberespaço e conseqüentemente maior será sua capacidade de influenciar essas redes.

Essas marcas que nós¹⁷⁴, usuários, do *Facebook* deixamos inscrito no ciberespaço dizem respeito a uma multiplicidade de coisas: nossas preferências pessoais, nosso interesse musical, as roupas que gostamos de usar, os produtos que desejamos consumir, os tipos de reportagens que nos chamam mais atenção, nossa orientação ou afinidade política, religiosa, nossas curiosidades, assim por diante.

Informações que na prática são fornecidas pelos próprios usuários em rede e que servem de subsídio para que os programadores do *Facebook* possam sugerir conteúdos considerados e interpretados pelos algoritmos internos do *Facebook* como sendo de “nosso interesse”. Sendo assim, esses sinais deixados no ciberespaço servem para que o *Facebook* possa sugerir proximidade entre pessoas que tem os “mesmos gostos”, sugerir páginas de conteúdo especializado (políticos, religiosos, artístico) que segundo os “sinais” transmitidos por nós se afinam com nossas escolhas, serve também para sugerir novos “amigos”, marcas, produtos entre outras coisas.

Na prática, é um mecanismo que funciona mais ou menos assim: se durante a navegação no *Facebook* o usuário interage com a publicação de outro usuário (“amigo”), “curtindo”, “compartilhando” ou “comentando” – essa reação ficará registrada em um banco de dados no ciberespaço, indicando quais ações aquele usuário realizou naquele dia, hora e local. Isso tudo é possível pelas tecnologias presentes na própria plataforma.

Nesses registros constam os tipos de publicação/conteúdos que aquele usuário costuma interagir mais. Se são publicações de cunho político ou se são publicações de cunho artístico, religioso e assim por diante. Esses registros, são utilizados pela própria plataforma para sugerir cada vez mais conteúdos daquela mesma natureza, ou, conteúdos considerados similares aqueles primeiros registros produzidos. Isso ocorre através de notificações dizendo: “*you may like this*”, “*maybe you like this page...*” “*people you may know*”. Toda vez que o *Facebook* sugere novos contatos ele mostra também quantos “amigos” em comum você tem com aquela pessoa.

Toda vez que nós usuários do *Facebook* interagimos, com qualquer conteúdo nesse ambiente (site), nós pouco a pouco fornecemos subsídios que possibilitam ao *Facebook* traçar uma espécie de “perfil psicológico” de seus usuários. O perfil psicológico que deixamos impresso no ciberespaço ao navegar nesta rede é utilizado

¹⁷⁴ Optamos por escrever adotando um pronome próprio para ressaltar que este estudo é referente também a nossa própria experiência com a Plataforma Facebook, não se limitando a uma leitura técnica científica da coisa.

como o ponto de partida pela própria plataforma para negociar com outras organizações, nossas tendências políticas, preferências, gostos e assim por diante.

De modo que pouco a pouco essa infinidade de dados produzidos por nós mesmo vai sendo armazenada e direcionada para atender interesses de terceiros, dos quais destacamos os comerciais e os políticos, como fica explícito através dos termos legais de uso desta plataforma:

Sua experiência no Facebook não se compara à de mais ninguém — desde publicações, histórias, eventos, anúncios e outro conteúdo que você vê no Feed de Notícias ou em nossa plataforma de vídeo até as páginas que você segue e outros recursos que pode usar, como a seção Em alta, o Marketplace e a Pesquisa. Usamos os dados que temos (por exemplo, sobre as conexões que você faz, as escolhas e configurações que seleciona e o que compartilha e faz dentro e fora de nossos Produtos) para personalizar sua experiência.

Conectar você com as pessoas e organizações com as quais se importa: ajudamos você a encontrar e se conectar com pessoas, grupos, empresas, organizações e outras entidades de seu interesse nos Produtos do Facebook que você usa. Usamos os dados que temos para fazer sugestões para você e para outras pessoas; por exemplo, grupos dos quais participar, eventos para comparecer, páginas para seguir ou para enviar uma mensagem, programas para assistir e pessoas que você talvez queira ter como amigas. Laços mais fortes ajudam a criar comunidades melhores, e acreditamos que nossos serviços são mais úteis quando as pessoas estão conectadas a pessoas, grupos e organizações com os quais se importam.¹⁷⁵

Em outras palavras, significa dizer que o *Facebook* estimula constantemente seus usuários a se exporem publicamente em rede, os incentivando a criarem conteúdos, a publicarem fotos, vídeos, a compartilharem pensamentos, com o objetivo de utilizar esses dados e tendências para negociar e comercializar com outras organizações: empresas, marcas e anunciantes interessados em chegar até nós – vistos como consumidores em potencial – fenômeno esse denominado de monetarização dos afetos. Vejamos isso nos termos apresentados pelo próprio *Facebook*:

Em vez de pagar pelo uso do Facebook e de outros produtos e serviços que oferecemos, acessando os Produtos do Facebook cobertos por estes Termos, você concorda que podemos lhe mostrar anúncios que empresas e organizações nos pagam para

¹⁷⁵ <https://www.facebook.com/legal/terms>

promover dentro e fora dos Produtos das Empresas do Facebook. **Usamos seus dados pessoais, como informações sobre suas atividades e interesses, para lhe mostrar anúncios mais relevantes.**

A proteção da privacidade das pessoas é fundamental para a forma como concebemos o nosso sistema de anúncios. Isso significa que podemos lhe mostrar anúncios úteis e relevantes sem que os anunciantes saibam quem você é. [sic] **Não vendemos suas informações pessoais.** Permitimos que os anunciantes nos informem suas metas comerciais e o tipo de público que desejam alcançar com o anúncio (por exemplo, pessoas entre 18 e 35 anos que gostam de ciclismo). Então, mostramos o anúncio para pessoas que podem estar interessadas. Também oferecemos aos anunciantes relatórios sobre o desempenho dos anúncios para ajudá-los a entender como as pessoas estão interagindo com o conteúdo dentro e fora do Facebook. Por exemplo, fornecemos dados demográficos gerais e informações sobre interesses aos anunciantes (como a informação de que um anúncio foi visto por uma mulher com idade entre 25 e 34 anos que mora em Madri e gosta de engenharia de software) para ajudá-los a entender melhor o público deles. **Não compartilhamos informações que identifiquem você diretamente (como seu nome ou endereço de email, que alguém poderia usar para entrar em contato com você ou identificar quem você é), a menos que você nos dê permissão específica**¹⁷⁶.

Embora o *Facebook* não admita que os dados pessoais de seus usuários sejam comercializados, ele deixa claro, que as tendências e os padrões comportamentais adotados em rede por seus usuários têm um enorme valor comercial. O que é praticamente o mesmo que assumir que nossos afetos, tendências, pensamentos e gostos são comercializados e que a corporação depende desses dados para garantir seus lucros e a suposta gratuidade do serviço fornecido. Ao admitir que os serviços oferecidos por essa plataforma dependem da comercialização de dados dos seus usuários, ainda que, eles neguem que esses dados violem a privacidade dos indivíduos, eles confirmam as denúncias de diversos pesquisadores a respeito da violação de dados.

Estamos apresentando essa questão para que possamos dimensionar o valor, tanto material quanto humano dessa ferramenta nos dias hoje. O capital humano coletado por essa plataforma está no centro de uma engrenagem muito mais ampla do que a prática cotidiana de se comunicar com “amigos”.

¹⁷⁶ <https://www.facebook.com/legal/terms>

O padrão comportamental de cada usuário, somado ao padrão comportamental de todos os usuários em rede, fornecem dados a respeito de uma estrutura comportamental das massas sociais – psicologia de massas:

Quando se fala de psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo, mas em muitos aspectos elas lhe podem ser estranhas. Portanto a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. Após essa ruptura de um laço natural, o passo seguinte é considerar os fenômenos que surgem nessas condições especiais como manifestação de um instinto especial irreduzível a outra coisa, o instinto social – *herd instinct, group mind* [instinto de rebanho, mente do grupo] que não chega a se manifestar em outras condições. (FREUD, p.15)

Esse é o mecanismo de funcionamento básico que garante o sucesso do *Facebook* enquanto site de relacionamento interpessoal, uma perspectiva de massas sociais em rede. A perspectiva de redes é sistêmica. O que significa dizer que ela é constituída através dos padrões emergentes compostos das constelações de relações em rede, em outras palavras, em uma perspectiva de rede social o que importa é a constituição do conjunto de relações que cada usuário estabelece para si e o seu grau de influência e conexão entre eles. O grau de influência que cada usuário estabelece em rede, ou seja, sua capacidade de se conectar com diferentes atores em rede e seu engajamento é que determinam a centralidade e a importância de um usuário ou de uma Página por exemplo.

Uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

O estudo das redes sociais na Internet, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos.¹⁷⁷

¹⁷⁷ RECUERO. Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2014. p.24.

Quando nos deparamos com uma personalidade (indivíduo) que consegue influenciar uma constelação de pessoas, ou uma rede ampla de pessoas, essa pessoa se destaca pela capacidade de concatenar outras tantas vontades, são as chamadas redes ego centradas pelos especialistas, como indica Raquel Recuero na obra citada.

Vejamos como isso é apresentado pelo próprio *Facebook* em “Como o Feed de Notícias funciona”:

Quais os tipos de publicações que verei no Feed de Notícias?

As publicações vistas no Feed de Notícias servem para manter você conectado com pessoas, locais e assuntos importantes, começando com amigos e família.

As publicações que aparecem primeiro são influenciadas por suas conexões e atividades no Facebook. O número de comentários, curtidas e reações recebidos por uma publicação e o tipo de (foto, vídeo, atualizações de status) também podem torná-la mais propensa a aparecer em seu Feed de Notícias.

As publicações que você vê primeiro incluem:

- Um amigo ou um membro da família comentando ou curtindo uma foto ou uma atualização de status de outro amigo.
- Uma pessoa reagindo a uma publicação ou a um Publisher que um amigo compartilhou.
- Várias pessoas respondendo aos comentários uma das outras em um vídeo que assistiram ou em um artigo que leram no Feed de Notícias (...)¹⁷⁸

Neste sentido, entendemos que o *Facebook* se constitui como sendo um espaço privilegiado de coleta de dados sobre comportamento humano, lugar onde podemos identificar a manifestação de tendências, pensamentos, desejos, anseios entre seus usuários em rede.

Tendo em vista que o conjunto de informações produzidas nessas redes é infinito e humanamente impossível de serem quantificados e qualificados sem a ajuda de instrumentos tecnológicos direcionados, apreender a ler estes dados a partir de uma perspectiva social crítica é de extrema importância para que possamos construir um contraponto ao monopólio de dados que são ininterruptamente arquivados e comercializados pelo monopólio do *Facebook* e que posteriormente são manipulados e apresentados a sociedade como sendo “opinião pública”.

¹⁷⁸ <https://www.facebook.com/help/166738576721085>

Para nós, mapear as redes de influência da Nova Direita significa uma importante forma de se localizar nesse espaço infinito que é a internet, ter noção de como elas atuam e são estruturadas nos dando condições de “navegar” na internet de maneira mais consciente.

Traçar o perfil político-ideológico fomentado nesses espaços, nos serve como um mapa de navegação específico de determinados espaços na internet, em nosso caso, as páginas por nós investigada, páginas que longe de estarem restritas ao espaço de navegação do *Facebook*, se encontram direta e indiretamente interligadas com outros espaços na internet, outras redes sociais, outros sites, blogs, vlogs e assim por diante. Portanto, é importante ressaltar que mesmo que essa pesquisa esteja centrada no site *Facebook*, na medida que nós mapeamos essas páginas, indiretamente, nós estamos alargando nossa compreensão a outras esferas sociais na internet que estão diretamente ligadas a estas comunidades.

Nosso objetivo, ao mapear e classificar essas páginas é buscar identificar quais os pontos de conexão comum que unem esse agrupamento de pessoas? Quais as semelhanças comportamentais que podem ser percebidas entre seus associados? Quais as demandas comuns entre seus associados que permitem que eles se unifiquem sobre uma mesma comunidade?

Por serem fontes vivas e em constante movimento, é necessário sempre lembrar que estamos trabalhando com tendências e comportamentos mapeados em um dado momento histórico e social, que essas tendências não significam comportamentos pré-estabelecidos, ou mesmo, o engessamento do pensamento e do comportamento das pessoas que fazem parte dessas comunidades. Ao contrário disso, estamos trabalhando com uma perspectiva sistêmica, portanto sempre dinâmica, porém que nos permite visualizar também padrões comportamentais estruturais – a uniformidade dos atos psíquicos vivido pelas massas sociais em determinadas circunstâncias.

Nesse sentido, algumas considerações prévias se fazem necessárias a respeito do tipo de comunidades que escolhemos para investigar. As páginas do *Facebook* que escolhemos para realizar a análise são comunidades que incidem diretamente na juventude, que têm características de entretenimento, de descontração e aquelas que se apresentam como supostamente desinteressadas das pautas políticas partidárias, mas que estão completamente permeadas de política. Afinal, como querer desqualificar a política, querer aparecer como “apartidário” sem falar de política e de partido?

Então, neste sentido, a escolha das páginas de entretenimento, ou de “zueira,” na linguagem própria utilizada nas redes sociais, tem essa preocupação de compreender os elementos mais sutis e fluídos de nossa época e dessa nova geração, como ela tem enfrentado seus medos e seus desejos. Existem diferentes formas de resolver um problema, enfrentando-o, ou, reprimindo-o. Esse, em minha opinião é o elemento mais ativo, dinâmico e difícil de ser capturado porque ele se encontra em constante transformação e contradição. É um elemento de disputa importante até que todo esse conjunto de sentimentos latentes encontre um tipo de elaboração minimamente adequada na estrutura psicofísica humana de organicidade a vida.

O que há nessas páginas em um primeiro momento é uma onda de revolta, de crítica social, de carências emocionais que estão buscando dar vazão entre os que pensam e sentem de maneira semelhante e que em função disso se somam nessas comunidades, esse é o elo de ligações entre seus membros, o caos social que se sente. Esse é um momento da correlação de forças. É através desses espaços de elaboração dos desejos e insatisfações, que se constitui a construção do consenso entre seus membros.

O *Facebook* nos permite mapear aspectos importantes do comportamento humano e traçar estratégias de intervenção e atuação específicas sobre diferentes públicos. O que é central aqui é buscar perceber como as massas pensam, ou, melhor, como as pessoas pensam em massa?

É fundamental notar que embora a característica comum de nossas páginas seja em tom de “zoeira” ou em tom de uma aparente brincadeira descompromissada, estão ali uma infinidade de mensagens e um amálgama de sentimentos que conseguem conectar essas pessoas. Elas se identificam exatamente pela exaustão que dizem ter de tudo que representa o mundo político e social, e pouco a pouco, esse conjunto de pessoas vai construindo, ainda que sem perceber, um sistema de pensamento que os une. Se é impossível dizermos que os membros dessas páginas tenham acordo completo entre si, é possível afirmar que seus membros participam ou compartilham de um elemento ideológico comum: o anticomunismo.

Nesta conjuntura, o anticomunismo serviu como componente ideológico comum para organizar diferentes agrupamentos conservadores e reacionários da sociedade em torno de um mesmo objetivo: eliminar a esquerda. Nesse sentido, a militância que viralizou nas redes sociais através dessas comunidades desempenhou uma importante

função para a dominação, atuando no sentido educar seus membros e orientá-los a adotarem determinados modos de vida.

Então, voltando ao primeiro ponto em questão, a motivação da escolha dessas páginas de entretenimento, no lugar de páginas tidas como canais “oficiais” de organizações políticas de tipo partidário tradicional ou de grupos que se auto intitulam e se reconhecem como organismo político, que respondem de alguma forma de maneira mais objetiva pelo conjunto de informações que repassa, é exatamente a busca pela compreensão dos elementos libidinais (desejos, afetos, emoções, sentimentos) da formação da consciência social e humana no desenrolar de suas elaborações.

“Libido” é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável – desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”. O que constitui o âmago do que chamamos de amor é naturalmente, o que em geral se designa como amor e é cantado pelos poetas, o amor entre os sexos para fins de união sexual. Mas não separamos disso o que partilha igualmente o nome de amor, de um lado o amor a si mesmo, do outro o amor aos pais e aos filhos, a amizade e o amor aos seres humanos em geral, e também a dedicação a objetos concretos e a ideais abstratas.¹⁷⁹

Nesse sentido, estudar esses canais de comunicação é ver como são elaboradas diariamente as diretrizes coletivas de comportamento humano e como as formas de pensar a realidade estão em constante alteração. Importa chamar atenção que ao tratar dos canais de organização utilizados pelos agrupamentos de caráter conservador no *Facebook* pelos quais a Nova Direita opera, estamos falando de condutos que não se esgotam em si mesmos. As páginas que estamos investigando são canais de comunicação que se ligam a uma infinidade de outras redes de comunicação e informação na internet que estruturam o pensamento conservador para além do site *Facebook*.

O conjunto de páginas na internet que estamos denominando aqui como sendo pertencentes a Nova Direita, são um dos momentos do processo de construção do

¹⁷⁹ Freud, fala nesse sentido de amor em sua “forma ampliada”: “Nossa justificativa é que a investigação psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências seriam expressão dos mesmos impulsos instintuais que nas relações entre os sexos impelem a união sexual, e que em outras circunstâncias são afastados dessa meta sexual ou impedidos de alcança-las, mas sempre conservam bastante da sua natureza original, o bastante para manter sua identidade reconhecível (abnegação ,busca de aproximação)” (FREUD. p.43).

consenso. Mais precisamente, nossa investigação nos tem levado a perceber que as páginas do *Facebook* (comunidades) constituem um importante momento em que são travadas as elaborações coletivas subjetivas. Então, como nos sugeriu Freud ao tratar da psicologia de massas, “*experimentaremos a hipótese de que as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva.*” :

Para começar, apoiaremos nossa expectativa em duas reflexões sumárias. Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir esse efeito senão a Eros, que mantém unido tudo que há no mundo? Segundo, que temos a impressão que se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma **necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles”**. (FREUD. p.45)

Ao aderir uma Página no *Facebook* ocorre, em um primeiro momento, a questão da identificação primária com o conteúdo interno daquele agrupamento. A partir dessas páginas, o sujeito é levado gradativamente a utilizar a linguagem interna daquele agrupamento, pouco a pouco ele vai se familiarizando com os símbolos linguísticos próprios daquela comunidade, percebe qual é a orientação hegemônica daquele agrupamento, cria novas conexões, possivelmente, reforça a primeira identificação que o levou a entrar na comunidade e a se engajar com aquele coletivo.

Dizemos possivelmente, pois não podemos afirmar que todas as pessoas que se associam a uma Página no *Facebook* por identificação permanecem nela pelo motivo primeiro da identificação que em um determinado momento chamou sua atenção. É bastante possível que existam vários casos de pessoas que em um primeiro momento tenham criado identificação com os propósitos de uma comunidade, mas que ao conhecer melhor suas entranhas tenham optado por “sair”, rompendo assim os laços afetivos que o ligava a determinado agrupamento. Como não temos como dimensionar questões de rompimentos vamos trabalhar aqui com as permanências, com os que lá se encontram e alimentam aquelas comunidades se engajando com seus conteúdos.

Sendo assim, entendemos que ao aderir uma comunidade no Facebook, a pessoa que está engajada naqueles debates internos, acaba por aprimorar seus conhecimentos, buscando dar uma atenção mais precisa a certos temas e debates internos, a melhorar seus

argumentos no interior da comunidade, a edificá-los intelectualmente e assim por diante. De modo que, àquela identificação primeira, que o levou a aderir a comunidade, deixa de atuar como mera impressão para ganhar organicidade no interior dessas comunidades. É no interior dessas comunidades que questões do cotidiano são constantemente elaboradas e sistematizadas coletivamente por parte de seus administradores e membros. A relação dos indivíduos nos espaços da comunidade ganha então folego renovado.

A sistematização e elaboração de questões do cotidiano a partir dessas comunidades passam então a desempenhar um importante papel para forjar uma identidade coletiva desse grupo, e também de como este indivíduo se relaciona com o mundo. A tendência é que os membros desses coletivos busquem reordenar e alinhar seus posicionamentos políticos-ideológicos, suas ações para se aproximar daquelas elaborações.

Isso nos ajuda explicar por exemplo, o fato de que pessoas que anteriormente não tinham qualquer tipo de envolvimento com questões políticas tenham se sentido seguras o suficiente para manifestar publicamente posicionamentos a respeito de cotas, de políticas assistenciais, de questões relacionadas ou feminismo e assim por diante.

Seguindo a lógica dos idealizadores do próprio *Facebook*: a de sugerir conteúdos por similaridade para cada usuário, a tendência dessa engrenagem é que, cada pessoa que “navega” na internet no *Facebook*, está automaticamente sendo orientada a reforçar suas próprias crenças, ou para usar os termos de Freud, na dinâmica imposta pelos padrões do *Facebook*, contribui para reforçar a uniformidade de comportamentos.

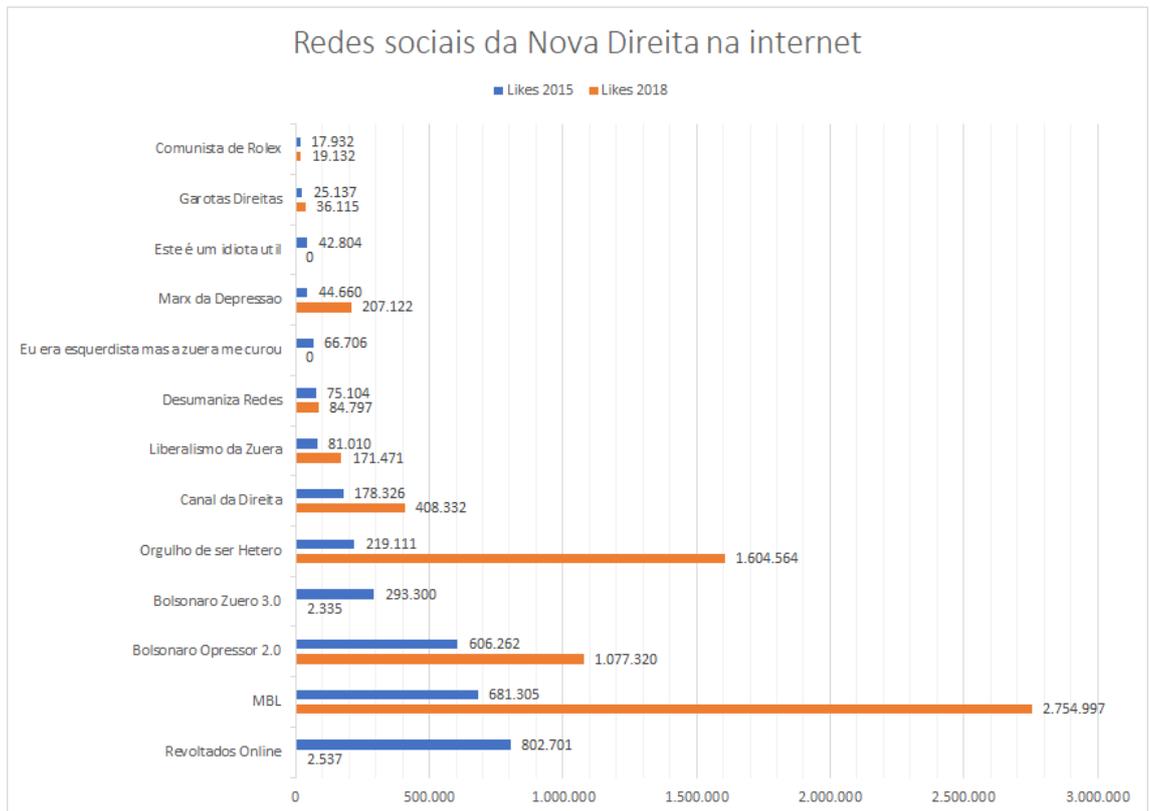
As páginas do *Facebook* investigadas por nós, que em conjunto estamos caracterizando como sendo pertencentes a Nova Direita, tem suas raízes e formas de organização para além das redes sociais na internet. Sua concepção de mundo, seus valores e os centros de difusão e elaboração de seus ideais são os mais variados possíveis e já vinham sendo conformados de longa data em uma série de instituições especializadas que na prática funcionam como as várias frentes de atuação mobilizada pelas classes dominantes através de seus aparelhos privados de hegemonia. São os casos do Instituto Von Misses Brasil, Estudantes pela Liberdade, Mídia Sem Máscara, Instituto Atlanta, entre outros aparelhos privados de hegemonia que servem de referência para formação política e social desses agrupamentos.

A novidade consiste na busca de conformar novos espaços de atuação via redes sociais, de trabalhar ativamente na disputa pública de suas pautas, de ser militante e disputar o senso comum e construir consenso ativo nas massas. Essa perspectiva alterou o cenário político brasileiro, pois tratou de organizar em novos patamares setores sociais que antes encontravam-se atomizados e que agiam desorganizadamente. Com a massificação das redes sociais na internet, esses indivíduos, antes atomizados, passaram a se organizar em coletivos. E mesmo que não tenham consciência de que estão sendo organizados e ao mesmo tempo estão organizando, essa nova dinâmica impôs problemas que antes não estavam dados até então.

Essa nova formatação, mais militante, mais ativista dos agrupamentos conservadores, que mobiliza e vai as ruas, que usa as redes sociais para propagar suas ideias, evidência uma necessidade nova que é de disputar ativamente a consciência das massas, entendendo que este elemento é determinante para conformação da dominação e construção da hegemonia.

O que está em jogo nas redes sociais é uma disputa de valores e de modos de vida. Cada meme, cada mensagem, condensa um conteúdo e uma concepção de vida e de valores sociais que orientam a vida das pessoas em sociedade. Sugerem comportamentos, formas de convencimento, ou formas de “revolta” e/ou de não aceitação.

Vejamos um gráfico das redes que em conjunto estamos caracterizando como pertencentes a Nova Direita. A tabela abaixo foi um gráfico desenvolvido por nós para que possamos dimensionar e visualizar como se desenvolveram entre 2015 e 2018 esses agrupamentos.



4.2 Os condutos da nova direita no Facebook

4.2.1 Dezumaniza Redes



Captura de Tela realizada no dia 30 de maio de 2015.

Nome da página: Desumaniza Redes.

Administrador: Danilo Gentili.

Descrição do perfil informado pelos próprios administradores da página: “Contra todas as formas de censura na internet. Menos babaquice e mais zoeira nas redes.”

Número de likes: 84.797

Imagem de perfil: Dois pênis cruzados. A imagem é uma ridicularização do slogan criado pela campanha “Humaniza Redes” durante o governo de Dilma Rousseff em 2014. Na imagem original da campanha aparecem duas digitais que formam um coração.

Imagem de capa: “Compartilhe um pau no cu da censura disfarçada de respeito.”

Origem e Difusão: 2015

Tendo em vista que Danilo Gentili é o articulador direto da Página “Dezumaniza Redes” faremos um levantamento a respeito de sua trajetória pessoal com o objetivo de compreender quais as motivações que levam Gentili promover tais ações, mais do que isso nosso objetivo é buscar perceber de que forma o contexto social vivido pelo Brasil tem respaldado iniciativas dessa natureza. O que a trajetória de Danilo Gentili e o tipo de humor promovido por ele pode nos revelar sobre a ascensão da nova direita brasileira?

Danilo Gentili Jr., nasceu no dia 27 de setembro de 1979 em Santo André, cidade do estado de São Paulo, na região do grande ABC paulista. Em sites de domínio público como Wikipédia e o site do SBT, emissora de televisão em qual Danilo trabalha como apresentador e humorista, encontramos uma breve descrição de suas atividades como sendo apresentador, comediante, ator, escritor, cartunista, fotógrafo, repórter, publicitário e empresário brasileiro.

Segundo informações encontradas nesses e em outros sites, Gentili faz parte de uma “nova geração do humor” e é reconhecido como um dos precursores e idealizadores do *stand-up comedy* no Brasil. Nos palcos, Danilo foi membro do “Clube da Comédia Stand-up” e do “Comédia ao Vivo”, também realiza shows solos, alguns que ficaram mais conhecidos como, “Volume 1” e “Divina Comédia”, é também proprietário em sociedade com Rafinha Bastos e Ítalo Gusso, do Clube de Comédia Comedians em um bar dedicado a shows de stand-up¹⁸⁰.

Por seu estilo ácido e humor supostamente descompromissado, Danilo Gentili, gradativamente, se transformou em um dos grandes entusiastas e ídolos Nova Direita.

¹⁸⁰<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/rafinha-bastos-fala-do-socio-agora-concorrente-danilo-gentili-nunca-tivemos-uma-proximidade-absurda-11798803>

Lugar político que Danilo faz questão de não reconhecer. Fundador e administrador direto da Página “Desumaniza Redes” no *Facebook* e no *Twitter*, Gentili criou as páginas "Desumaniza Redes" em oposição ao "Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na Internet", ou como foi apresentado via redes sociais na internet pelo governo: “Humaniza Redes”. Na Wikipédia encontramos a seguinte descrição a respeito de Danilo:

Filho mais novo de Guiomar Gentili, uma dona de casa nascida em Bueno Brandão, Minas Gerais, e de Danilo Gentili, um técnico de máquina de escrever nascido em Botucatu, Danilo Gentili Jr., é descendente de italianos cujo avô paterno, Ulderico Gentili, era um pintor de igrejas que escapou da Itália para o interior de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Cresceu em um cortiço no Parque das Nações, bairro de classe média baixa em Santo André, onde viveu até se mudar para São Paulo. Na época de escola, conseguiu registrar a marca de 64 advertências, 6 suspensões e uma expulsão. Aos 14 anos se converteu ao protestantismo. Aos 18, perdeu seu pai devido a um ataque do coração. Seis meses depois, sua irmã mais velha, Karina Gentili, morreu em um acidente de carro.¹⁸¹

Expressão da massificação das tecnologias de informação e comunicação, a história da vida de Gentili e a forma como ela é apresentada ao público é bastante emblemática do tipo de informação consumida por uma geração de jovens do início do século XXI, informações rápidas, imediatas, descompassadas, que buscam subsidiar e justificar alguma identificação com o personagem e a admiração pelo tipo de humor promovido por ele.

A abordagem feita a respeito da vida de Gentili, busca enfatizar que em sua em sua trajetória de vida não houve privilégios e favoritismos, “*Cresceu em um cortiço no Parque das Nações, bairro de classe média baixa em Santo André, onde viveu até se mudar para São Paulo.*” A descrição das atividades da mãe, dona de casa, da mesma forma, busca dialogar diretamente com a trajetória da ampla maioria das famílias brasileiras, e a descrição da atividade do pai, técnico de máquina de escrever, tem o mesmo propósito sublinhar a origem comum de nosso personagem.

¹⁸¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Danilo_Gentili. No item, “mostrar código fonte de Danilo Gentili” na página da Wikipédia consta que a página de Danilo Gentili é semiprotégida e que somente usuários registrados e com conta confirmada podem editar a página. Segundo o site a semiproteção é algumas vezes necessária para prevenir vandalismo a páginas populares. A maioria dos artigos pode ser editada por qualquer um.

A trajetória de vida de Gentili, apresentada dessa forma, ganha contornos de uma história simbólica ao fazer conexão direta com um certo imaginário social de “superação”, pelo mérito e esforço próprio. Uma trajetória extravagante pela peculiaridade de suas atitudes no período escolar, mas ao mesmo tempo corriqueira, uma história que poderia facilmente ser confundida com outros tantos jovens que na época da escola são considerados indisciplinados e maus exemplos a serem seguidos. Jovens que cotidianamente são desacreditados por serem insubordinados. Porém, aparentemente, ter sido indisciplinado, na trajetória de Gentili assumiu uma conotação positiva com o passar dos anos. A indisciplinada dos “espertos” de quem não se deixa ludibriar por qualquer regra. Um aluno insubordinado, que não aceitou os ensinamentos vazios e sem propósitos de professores autoritários e descompromissados, como buscou enfatizar em seu livro, que depois virou filme “Como se tornar o pior aluno da escola”.

Podemos fazer aqui uma breve reflexão que leve em consideração o contexto social em que estamos inseridos. Vemos que muitos desses aspectos retratados por Gentili, tanto em sua trajetória pessoal escolar como em seu filme, de alguma forma dialogam com as massas sociais. Indisciplina dos alunos que precisam ser controlados pelo professor (autoridade) e a vontade reprimida de romper aqueles laços de subordinação ao qual estão submetidos. Se buscarmos na estrutura social escolar essa é a trama vivida por muitos professores e alunos.

Aparentemente no caso de Danilo Gentili, não existe nem um receio ao rememorar essas situações, ao contrário disso, essa parece ser uma das questões mais “relevantes” de sua história pessoal, tanto que, constituem o enredo central de seu livro “Como se tornar o pior aluno da escola” (2009), que segundo o mesmo, é baseado em sua própria experiência na época. O livro também foi adaptado para os cinemas e inspirou o filme de mesmo nome em 2017. Gentili é também autor de outros dois livros, “Politicamente Incorreto” (2010) e “A vida e outros, detalhes insignificantes” (2012).

Porém, foi como repórter do programa humorístico CQC, (Custe o que Custar), exibido pela Band (2008 a 2015) que Danilo Gentili se popularizou e ganhou projeção nacional na TV brasileira. Depois, entre, 2011 e 2013, Gentili criou e apresentou o Programa “Agora é Tarde” na mesma emissora e em 2014, mudou-se com a equipe para o canal de televisão SBT onde passou a apresentar o programa “The Noite com Gentili”.

Atualmente Gentili possui a marca de 12.852.911 seguidores em seu perfil no *Facebook*, sendo considerado uma das personalidades mais influentes das redes sociais

no Brasil. Em sua Página oficial no *Facebook* no item reservado a descrição pessoal Gentili se apresenta da seguinte maneira:

Sobre e Biografia: desde 1979 estragando tudo e decepcionando pessoas; **Prêmios:** 2008 – O fracassado do ano; 2009 – Pior humorista revelação; 2010 – O babaca do ano; 2011 – A decepção da década; 2012 Pior apresentador e criador de TalkShow; 2013 – Prêmios queremos que ele suma. **Informações pessoais:** Comediante Stand-up; DVDS: “Danilo Gentili Volume 1”, “Politicamente Incorretos”; Ex-Reporter do CQC; Autor dos livros: “Como se tornar o pior aluno da escola, “Politicamente Incorreto”, “A vida e outros detalhes insignificantes”; Ator do filme “Mato sem cachorro”; Criador do extinto Late Night “Agora é Tarde com Danilo Gentili” na Band; criador e apresentador do Programa The Noite no SBT; **Animal de estimação:** Humorista.¹⁸²

Chave interpretativa: o homem médio

A trajetória de Gentili é bastante representativa do que existe no submundo cultural dos valores compartilhados entre a massas sociais identificadas politicamente com os setores da nova direita. Gentili é que o pode ser considerado um “vencedor” em nossos dias. Uma pessoa de sucesso, segundo a compreensão massivamente aceita dos que entendem “sucesso” como sendo o resultado do acúmulo de bens materiais a qualquer custo – como bem nos lembra seu antigo programa, “Custe o que Custar” (CQC) onde se tornou destaque no quadro “repórter inexperiente”. Isso tudo, mesmo a despeito de atitudes consideradas antiéticas e agressivas, aliás, é supostamente por conta desse tipo de comportamento que Gentili conseguiu projetar sua imagem no cenário nacional.

Autorizado pela audiência que promove e pelas cifras que movimenta em seu nome nas redes de televisão, o tipo de humor realizado por Gentili, é um humor sem limites, é o tipo de humor hostil e agressivo, que pode até ser envolvente, quando se trata de escancarar as fragilidades daqueles que consideramos “inimigos”, daqueles, que intimamente, cada um de nós acha que “mereceu”: o político corrupto, a mulher vulgar, a banda que não toca música boa, o cara que é considerado um idiota, o jeito de viver inacessível das elites e assim por diante.

A história pessoal de Gentili poderia facilmente se encaixar no que W. Reich qualificaria como pertencente ao “homem médio” oprimido pela civilização mecanicista.

¹⁸² https://www.facebook.com/pg/Danilo.Gentili.Oficial/about/?ref=page_internal

É preciso antes de tudo perceber onde está esse homem médio? Qual é sua batalha? O que ganhou e o que perdeu no caminho?

A trajetória de Gentili nos importa, porque é a trajetória de uma pessoa que zombou os valores mais caros do modo de vida burguês. Gentili, é reconhecido por “quebrar” as regras de etiqueta nas festas de gala das elites dominantes do país, por desvalorizar e escancarar a futilidade vivida entre os poderosos de nosso país em seus momentos de lazer, de fazer transparecer as contradições sociais latentes em nossa sociedade entre as misérias de uns e o luxo de outros.

Se fazer presente em festas de elite, onde frequentemente ele era barrado e indesejado, pela grosseria com que abordava as pessoas, era uma forma de representar as milhares de pessoas que também não podiam estar ali. Não sendo bem-vindo naqueles espaços, se fazia notar por demérito. Seu papel era incomodar e causar incômodo.

Gentili, nesse sentido, pode ser percebido como o representante de uma geração revoltada e oprimida que não tem outra saída a não se fazer piada com a própria desgraça. É o ato de se regozijar no outro, no que ele pode promover “para mim e por mim”.

A revolta contra a autoridade, acompanhada de respeito e submissão, é uma característica básica das estruturas das classes médias, desde a puberdade até a idade adulta, característica esta que se revela especialmente em indivíduos originalmente das camadas economicamente precárias. (REICH p.36)

A regras sociais básicas de como ser subserviente começam ali, nos bancos escolares. É na escola que você aprende como obedecer sem questionar, porque é só obedecendo sem questionar que é possível “vencer”. A vida adulta imita a vida nas escolas, é preciso obedecer sem questionar também no trabalho para almejar um melhor lugar. O mundo visto sob essa ótica é o mundo dos bajuladores, é o mundo dos espertos.

Uma geração que se viu submetida a anos e anos de bancos escolares, com a promessa de que a educação poderia trazer melhores condições de vida, que se submeteu a uma disciplina escolar que na maior parte do tempo parecia sem propósito, mas que tinha o sonho de dias melhores. Uma Escola promovida por professores não reconhecidos, frustrados e malsucedidos financeiramente.

Quando Gentili escreve um livro, com o título “Como se tornar o pior aluno da escola”, ele está indiretamente desafiando as regras sociais. Ele está fazendo piada com os valores mais caros de sustentação da moral burguesa, a escola burguesa, a disciplina e

a obediência. Ele está levando a ideia de liberdade individual às últimas consequências, a liberdade individual burguesa implica também em autonomia para benefício próprio. Isso porque a liberdade individual na sociedade capitalista vem associada automaticamente ao desenvolvimento da personalidade egoíca. Ao perceber de maneira particular as engrenagens sórdidas do que é a sociedade, indiretamente, Gentili, aparece como se estivesse enfrentando o sistema.

Ele ousou contrariar, ele riu dos poderes hierarquicamente estabelecidos, ele riu dos professores que compõem parte das estruturas representativas de poder desde a infância. Ele questionou esse lugar de autoridade em sala de aula, mais do que isso, suas ações na escola foram no sentido de desafiar as autoridades presentes. Ele por muitas vezes é inconsequente, mas sua inconsequência traz os requintes de uma possível “liberdade”. A liberdade que todos buscam experimentar, mas que estão muito amedrontados seguindo regras e obedecendo.

No seu programa de televisão, que mantém índices elevados de audiência, Danilo Gentili, aparentemente, fala o que quer, sobre o que quer e não pede licença para ninguém para falar seja o que for. Ele de fato parece quebrar todas as regras, tanto as éticas e morais, quanto as sociais. E esse jeito “destemido” de ser é o que cria conexão com o público.

É desta pessoa que estamos falando, quando falamos que Gentili se converteu em um entusiasta dos setores sociais identificados politicamente como a nova direita. Estamos falando de um alguém que de alguma forma inspira mudança, alguém que desafia as regras, ainda que seja para aceitar novas regras em outros formatos, alguém que “provou” que é possível enriquecer mesmo indo contra a elite e rindo de seus costumes. Aliás, alguém que só “venceu” e se destacou financeiramente justamente por ousar desafiar a ordem estabelecida. A saída é evidentemente individual, não conta com um projeto coletivo e social, porém, em nada descredibiliza a forma com que estabelece as conexões possíveis.

É apenas sobre essa ótica que é possível ler e compreender os setores na nova direita no Brasil. Não é possível simplesmente conceber Gentili meramente como uma pessoa ignorante e burra que não merece credibilidade.

Primeiro porque, independente da análise racionalista e intelectualizada que se possa fazer, a realidade é que, ele tem influência e respaldo significativos entre seu

público. Segundo porque, é justamente o fato de ele querer ignorar e ser ignorante, sobre vários aspectos da vida em sociedade, que garante que sua atuação seja de enfrentamento com parte dos poderes existentes na sociedade. Ele despreza os locais de poder nos quais ele não pode estar. Ele despreza o que o limita sua atuação individual. Como pessoa pública e de influência entre toda uma geração de jovens, ele desafia toda e qualquer ação que possa o querer parar. Nesse sentido, ele não obedece a regras e está amparado por um exército de fãs que se vangloriam junto a ele sempre que ele parece “desafiar as regras”. Toda vez que Gentili “desafia as regras” é como se ele representasse a vontade de milhares e milhares de pessoas que vivem oprimidos sobre essas mesmas regras, mas que não se sentem autorizadas a fazer a mesma coisa, mas que autorizam a ação.

Histórico da página:

A Página “Dezumaniza Redes”, foi criada em 2015 por Danilo Gentili com o objetivo de se contrapor ao Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na internet promovido pelo Governo Dilma (PT) 2014, o chamado “Humaniza Redes”. Na opinião Gentili a iniciativa do governo não passa de uma forma de limitar as liberdades de expressão. O que justifica a frase de capa da Página “*um pau no cu da censura disfarçada de respeito.*”

O Humaniza Redes foi uma iniciativa do governo em 2014 que teve como objetivo atuar como canal de denúncias e enfrentamento às violações de Direitos Humanos que acontecem no ambiente *online*.¹⁸³ Coordenado pelas Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em parceria com a Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretária de Políticas para Mulheres, Ministério da Educação, Ministério das Comunicações e Ministério da Justiça a iniciativa do canal se amparou no artigo 5º do Decreto nº 8.162/203, segundo o qual consta “compete ao Departamento de Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, entre outras atribuições, examinar e encaminhar denúncias e reclamações sobre violação de Direitos Humanos”. No site oficial suas ações foram apresentadas da seguinte forma:

O objetivo do Humaniza Redes, além de oferecer o serviço de atendimento as denúncias online, é construir um ambiente seguro e livre de violações de Direitos Humanos, de preconceitos e discriminação a quem acessa a internet. Sendo assim, serão

¹⁸³ <https://www.humanizaredes.gov.br>

criadas e estimuladas iniciativas que ajudem o usuário a se prevenir contra ataques que firam os Direitos Humanos – amparadas pelo Marco Civil da Internet, Constituição Federal, Estatuto da Criança e Adolescente, Princípios da Governança na Internet – e a forma como proceder caso seja vítima de alguma dessas violações, numa ação conjunta da SDH [Secretária de Direitos Humanos] parceria com a SPM, SEPPIR, Polícia Federal e Safernet para criar um canal de denúncias contra violação de Direitos Humanos online.

Além disso, o Humaniza Redes vai viralizar por aí! A assinatura do acordo de Cooperação Técnica entre a SDH e a Abranet (Associação Brasileira de Internet) vai focar na criação de ações de divulgação das atividades do #HumanizaRedes e dos canais de denúncia de violações de Direitos Humanos na internet. A parceria com Facebook, Google e Twitter estimulará os usuários a participar de campanhas de conscientização de Direitos Humanos.¹⁸⁴

Uma iniciativa que entre outras coisas corresponde a necessidade de os governos e autoridades competentes de buscar regularizar o uso da internet no Brasil após seu processo de massificação na sociedade civil. Ao contrário de países como os Estados Unidos, a experiência com a internet no Brasil ainda é bastante nova para a ampla maioria das pessoas, e como já tivemos oportunidade de mencionar anteriormente, a ampla maioria da população brasileira que hoje tem acesso a internet o faz através do celular e por meio de aplicativos como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*. Ainda não existe um consenso político e social de como devem ser regulamentadas esses usos, nós tivemos os primeiros ensaios de uma legislação que busca regulamentar seus usos com o Marco Civil na Internet em 2014, uma lei (número 12.965/14) que procurou regulamentar a utilização da internet, estabelecendo princípios e garantias, direitos e deveres, a serem observados por provedores e seus usuários, lei que entrou em vigor no dia 23 de junho de 2014. Importa ressaltar que antes de virar lei a proposta foi lançada pela Secretária de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça em outubro de 2009, ou seja, essa já era uma necessidade que vinha se desenhando na sociedade brasileira e que vinha sendo debatida por autoridades responsáveis. Mencionamos a questão dentro dessa perspectiva, para desmistificar a impressão trazida por Gentili que quer fazer aparecer a iniciativa do governo como uma perseguição declarada a sua personalidade, ou mesmo quer fazer parecer essa iniciativa como censura e autoritarismo. Esse é um procedimento legal e necessário utilizado por todos os países que vem alastrando suas formas de sociabilidade,

¹⁸⁴ <https://www.humanizaredes.gov.br/pacto-pela-prevencao/>

não se trata de uma censura feita pelo “governo comunistas” como querem fazer aparecer seus promotores.

No entanto, na avaliação de Danilo Gentili, a medida que declara como objetivo ajudar na averiguação de crimes na internet, seria, na prática, uma medida contra a liberdade de expressão e uma forma de controle político e censura por parte dos governos petistas quanto as opiniões e brincadeiras que residem na internet. Vejamos a explicação do próprio Gentili para justificar a criação da página, através da transcrição que fizemos de um vídeo gravado pelo mesmo no *Youtube* e compartilhado em suas redes sociais. O vídeo chama-se, “Monólogo: sobre a ‘Humaniza Redes’”:

Essa semana nossa querida Presidente, ou Presidenta... eu nunca sei falar direito, eles inventaram outra palavra “danta”, Presidenta. Tudo bem! A nossa Presidenta Dilma lançou essa semana, “O Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na Internet”. O nome é complicado mais em outras palavras ela criou uma página na internet para ‘caguetar’ quem estiver ‘zuando’ lá.

Mais de 55 mil assassinatos por ano no Brasil e é o Twitter que está violento pessoal! É com isso que vão se preocupar, não é!? Achamos o problema!!! É o pessoal zuando no Twitter. Então, na página desse “Humaniza Redes”, foi assim que eles chamaram essa página de ‘caguetas’ que criaram, eles dizem que espalhar mentiras na internet é crime. Então, aprendam essa daí: se você quiser espalhar mentiras por aí e não sofrer punição esqueça a internet, se eleja para algum cargo políticos, aí tá liberado.

Querida Presidente. Como assim você para tudo para lutar por uma internet sem ofensas? Isso não existe... Seria a mesma coisa que eu querer a Petrobras sem ladrão. Você tá vendo... na visão dos cara a internet é tipo a galera do fundão da sala de aula... e a Dilma é a Professora mandona que manda se ajoelhar no milho e o Humaniza Redes o que que é!? É o ‘nerdão cagueta’ que fica lá chorando e dizendo: “ó mãe o que eles tão fazendo ó. Ó o que ele falou professora, fez piada zuando, me ofendeu.”

Agora, vejam só, a única celebridade que apoiou o tal de Humaniza Redes. [O vídeo Mostra a imagem do ator Marcos Frota.] Esse daí. Aí você vê, se a pessoa mais esperta que eles conseguiram para apoiar essa causa foi o Tonho da Lua¹⁸⁵ é porque tá ruim a coisa. Agora é o seguinte, como nós aqui do “The Noite” somos pessoas que ... um programa que não gosta de censura a gente criou um perfil no Twitter também e é o “Desumaniza Redes”. **Criamos o “Desumaniza Redes” porque somos profundos admiradores da liberdade de ser**

¹⁸⁵ Personagem icônico da teledramaturgia brasileira, “Tonho da Lua”, como é chamado o personagem interpretado por Marcos Frota, é o retrato de um homem com problemas psiquiátricos e com dificuldades para lidar com a dualidade entre o bem e o mal. Fez parte da novela “Mulheres de Areia” exibida na rede Globo de televisões em duas versões. Na primeira, em 1973, a personagem foi interpretada pelo ator Gianfrancesco Guarnieri, e na segunda, de 1993, por Marcos Frota a qual Gentili se refere no vídeo.

desprezível e desumano, por isso estamos lançando esse perfil que incita a ofensa. Por isso, se você tem uma ofensa, manda lá para gente no Desumaniza Redes não é! O Twitter é “@desumanizaredes” a gente vai fazer questão de espalhar sua ofensa com maior carinho pela rede social. E para incentivar ainda mais eu, eu Gentili, comprei um playstation 4, e, eu vou sorteá-lo no “Desumaniza Redes” para a melhor cagada na cabeça que você der no “@humanizaredes”. Quer ganhar um playstation 4? Manda lá cagando na cabeça do “@humanizaredes” que você pode ganhar um playstation 4 bonitinho.

Lembrando que esse serviço que estou disponibilizando não precisou de verba pública.¹⁸⁶

Para que possamos compreender bem o papel que cumpre Danilo Gentili e seu exército de seguidores, que atuam sistematicamente em conjunto, temos que ler essas, que aparecem em um primeiro momento como simples, disputas de opinião, a partir de um quadro político mais abrangente, aqueles que tratam do acirramento de posicionamentos políticos e ideológicos em nossa sociedade em que segmentos importantes, que foram historicamente oprimidos, ganharam visibilidade e projeção política e nacional, como procuramos demonstrar nas discussões anteriores.

Ao promover uma página que se chama “Desumaniza Redes” na Internet, de antemão nós já temos um problema, que é a ridicularização dos direitos humanos como princípio norteador da vida. Quando Gentili promove uma campanha contra essa iniciativa ele não está atuando apenas a seu favor, para que ele tenha “liberdade de expressão”, ele está ridicularizando toda uma tradição de luta contra a violência, o racismo, opressões, que ao longo da história da humanidade foram progressivamente sendo reconhecidos como crimes.

É importante perceber também, que quando Gentili fala, ele não fala sozinho, ele não está desamparado. Ele não é um “herói” solitário e corajoso que enfrenta a “censura” de um governo tido por ele como autoritário. Gentili é a figura pública por trás de um projeto de sociedade em disputa, um projeto que envolvem vários outros segmentos das elites empresariais de nosso país. Embora Gentili se empenhe frequentemente em negar seu alinhamento político com determinadas frações burguesas da sociedade brasileira,

¹⁸⁶ Publicado no Canal do Youtube: “The Noite com Danilo Gentili”, dia 10 de abril de 2015. Descrição do vídeo: “Danilo comenta o novo Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na Internet, mais conhecido como “Humaniza Redes” e confunde os propósitos.” O vídeo possui 117.395 visualizações, das quais 5 mil pessoas marcaram gostei e 182 marcaram não gostei. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=BWRRdQp2UIM>

suas ações demonstram o quanto ele está alinhado e compromissado com seguimentos empresariais da elite brasileira.

Quando Gentili diz, “*como nós aqui do The noite não gostamos de censura*” ele está dizendo, eu não estou sozinho, toda minha equipe de trabalho pensa assim como eu, a emissora de televisão (SBT) em que eu trabalho também pensa assim e todos eles me autorizam a dizer o que eu disse, a falar o que estou falando e a promover o tipo de ação que estou promovendo. Gentili fala em seu nome, mas também em nome de uma elite empresarial da comunicação, o SBT, fala em nome e com autorização de Silvio Santos.¹⁸⁷

Também importa lembrar que a emissora de televisão em que Gentili trabalha SBT entrou nessa disputa contra o petismo e o suposto comunismo no Brasil de forma engajada, dando voz e espaço para que os opositores falassem, Gentili não foi o único apresentador de televisão que se destacou por atuar contra o governo, Silvio Santos e Ratinho fazem o mesmo sempre que se sentem ameaçados.

Na prática significa mobilizar um exército de pessoas a se revoltar contra o governo petista, mas também contra todos os setores que se sentiam de alguma forma, representados por aquelas iniciativas. A revolta promovida por Gentili, sutilmente ganha contornos de uma “crítica política”, quando este diz que o Playstation 4 que ele está oferecendo como prêmio não vem de verbas públicas. Quando o apresentador diz isso, ele está dialogando a partir de toda uma conjuntura de disputas políticas que tem no centro do debate as denúncias de corrupção contra o governo e a crise econômica mundial vivida em meio a essas disputas.

É importante destacar o papel estratégico que os canais de comunicação, TV mais as redes sociais na internet, em conjunto desempenharam nesse processo, um papel de desgaste contra o governo petista e a tudo que este governo representou simbolicamente para os setores populares, essas empresas constantemente ajudaram a criar um sentimento de revolta nas massas sociais e a desacreditar todos aqueles que se sentiam de alguma forma representados neste governo, ou seja, era preciso enfrentar o governo petista, porém não para propor um projeto de sociedade que fosse mais abrangente, o projeto de sociedade que foi promovido por esses canais de comunicação foi um projeto antipopular,

¹⁸⁷ Silvio Santos além de ser proprietário do canal de comunicação Sistema Brasileiro de Telecomunicações (SBT) é dono de um conjunto de outras empresas do “Grupo Silvio Santos”: Título de capitalização Tele Sena; TV Aphaville; Hotel Jequitimar; SISAN – empreendimentos imobiliários; Perícia corretora de seguros; entre outras. Em meio as disputas políticas conjunturais vividas no período eleitoral de 2018, Silvio Santos declarou apoio público ao novo governo Jair Bolsonaro.

antipovo, pois se colocou na contramão de tudo que dialogava simbolicamente com suas aspirações.

A mídia brasileira atuou em bloco e em diferentes frentes contra o suposto comunismo no Brasil. Nesse sentido, podemos dizer que os meios de comunicação foram determinantes na construção para o processo de aceitação de comportamentos e pensamentos violentos, racistas, machistas e homofóbicos.

Ao naturalizar esse tipo de comportamento, a mídia brasileira ajudou também criar as condições do Golpe de Estado em 2016, legitimando o lugar de fala de personalidades como Gentili em seus canais de comunicação e respaldando toda e qualquer ação que contribuísse com o enfraquecimento daqueles que foram considerados seus inimigos.

É uma declaração aberta de guerra contra todos aqueles setores que vinham ganhando projeção nacional, negros, mulheres, gays e setores de baixa renda. Quando um apresentador de televisão vai a público falar o que quer e incitar a violência e quando tem livre trânsito e abertura para isso, ele está indiretamente dizendo: “Se eu posso fazer isso, vocês (seguidores e telespectadores) também podem, sintam-se a vontade, porque assim como eu, milhares de pessoas concordam com isso que estou dizendo, não tenham medo, ofendam!”

As redes sociais na internet foram as trincheiras onde se autoriza a banalização da violência, cada declaração de violência proferida ao público na rede que ganha likes reforça com apoio positivo aquele tipo de pensamento. Essa engrenagem nas redes sociais ganha sempre um conteúdo viral.

Atualmente as redes sociais na internet, são um importante termômetro, onde podemos medir a banalização a respeito da violência e do ódio entre os diferentes segmentos sociais. Nesses espaços podemos observar como foram se desenhando os caminhos para o fascismo brasileiro, podemos acompanhar de perto a gradativa autorização para o horror promovida por essas redes, de como milhares de pessoas (seguidores) começaram a se sentir à vontade e autorizados a promover a violência e a justiça com as próprias mãos, de acordo com seus próprios interesses em jogo.

Nas redes sociais é possível acompanhar como foram se desenhando as redes antipetistas, anticomunistas, antiesquerdistas, e antipartidárias que levaram milhares de pessoas a “consentir”, conviver e desejar a com a ignorância, o antiintelectualismo e a brutalizar as relações humanas.

É sempre preciso lembrar que as comunidades por nós investigadas atuam como *Partidos* em sentido ampliado, disputando as consciências e buscando construir o consenso ativo nas massas, não se tratam apenas de uma divergência pontual. Em um quadro social onde os posicionamentos políticos estão acirrados, atuar fortalecendo determinados pontos de vista se torna central para disputar as consciências e para introduzir o projeto de sociedade que se pretende.

Vejam os elementos desta perspectiva e como Gentili se opõe mais do que a um projeto de lei, ele está se opondo a toda uma tendência política que se construiu ao longo dos anos dos governos petistas (2003-2016). Na análise dos discursos, as palavras escolhidas dizem respeito ao conjunto de significados que se quer invocar, bem como aqueles em que se pretende destruir. Ao dizer “Querida presidente, danta, nunca sei dizer, eles inventaram mais uma palavra, Presidanta.”

Quando Gentili diz, “eles inventaram mais uma palavra”, quem são “eles” no discurso de Gentili? Indiretamente, ele nos revela um inimigo que fica oculto em sua fala. Embora em nenhum momento de sua fala, ele mencione especificamente alguém, o contexto e o momento conjuntural em que nós estamos inseridos nos autorizam a dizer que esses “eles” a que Gentili se refere diz respeito indiretamente ao PT e a todos aqueles setores que ganharam projeção nacional no último período ao longo de seus governos, o qual, destacamos aqui os grupos de mulheres feministas.

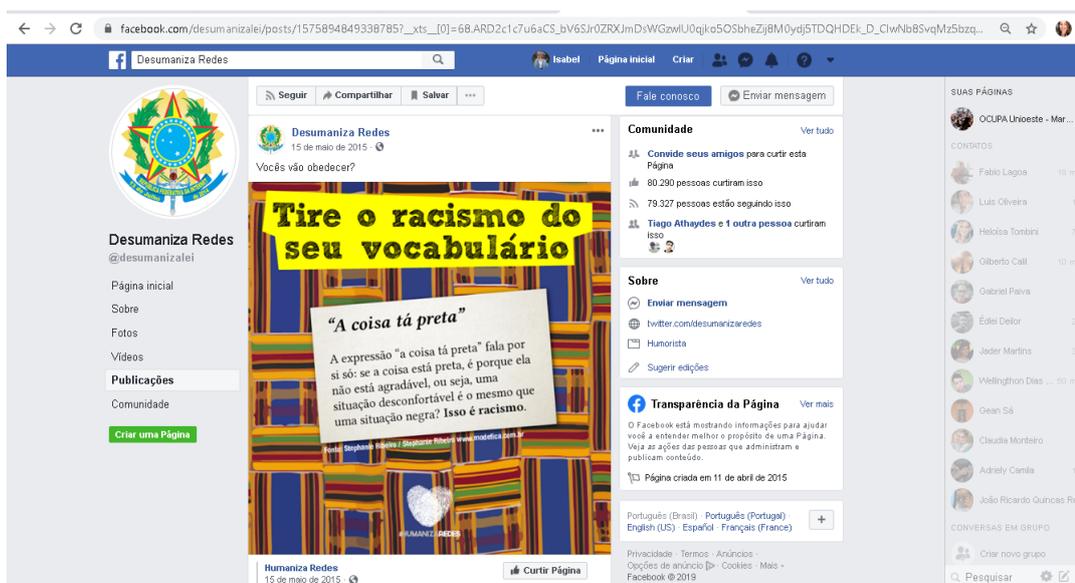
Então, se a força que uma linguagem adquire advém do uso e de sua capacidade de representar aqueles que antes não se sentiam representados, ao ridicularizar a questão do gênero, e com ele, a presidente, chamando-a de anta/“danta”, Gentili também ridiculariza toda uma tradição de mulheres que estão buscando se afirmar em nossa sociedade.

Em seguida, Gentili menospreza o papel a respeito das discussões das violências promovidas via redes sociais na internet, revelando sua desonestidade e conhecimento raso perante o impacto que as novas mídias de informação e comunicação tem na realidade ao promover e incitar atos de violência, contra negros, homossexuais e mulheres.

A fala de Gentili é nesse sentido toda articulada a responder “eles” os petistas, os politicamente corretos, os defensores dos direitos humanos, as mulheres, o movimento negro. Todos aqueles setores, que por terem conquistado projeção nacional e

reconhecimento social agora se tornaram empecilhos para o tipo de humor promovido por Gentili, um tipo de humor que só sabe fazer rir através da humilhação e ofensa, através da necessidade de diminuir e menosprezar os outros.

Em outra publicação Gentili incita a desobediência ao tratar de questões ligadas ao racismo: Em um compartilhamento de uma publicação realizada pela Página oficial “Humaniza Redes” ele diz “você vão obedecer?”



A publicação original diz:

“Tire o racismo do seu vocabulário. ‘A coisa tá preta’: a expressão ‘a coisa tá preta’ fala por si só: se a coisa está preta, é porque ela não está agradável, ou seja, uma situação desconfortável é o mesmo que uma situação negra? Isso é racismo. Às vezes nem percebemos, mas usamos com frequência velhas expressões racistas que, aparentemente, não são ofensivas, mas acabam reproduzindo o discurso opressivo em relação aos negrxs. Mais amor, **NENHUM** racismo: vamos tirar expressões e palavras racistas do nosso cotidiano.¹⁸⁸”

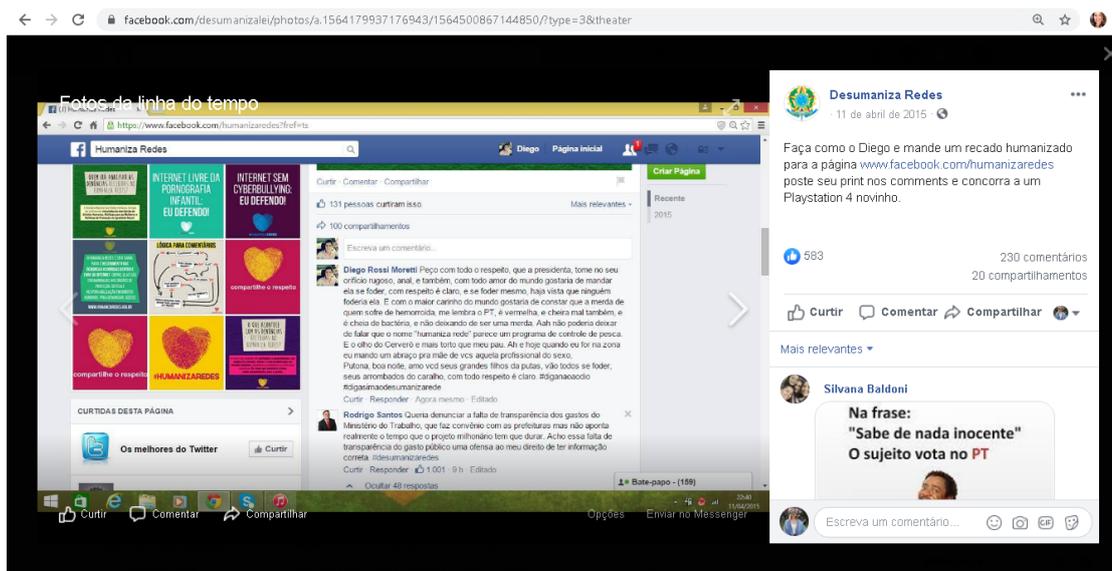
Nos comentários temos várias manifestações de apoio banalizando a questão do racismo e reforçando a intenção de Gentili ao tentar desmerecer a luta dos negros contra o racismo. Selecionamos alguns desses comentários para demonstrar como questões tão profundas como as questões do racismo estrutural em que nossa sociedade se constitui

¹⁸⁸ A publicação na Página do Dezmaniza Redes ganhou 2,5 mil curtidas 1,6 mil comentários.

se encontram profundamente enraizadas na intimidade e nos modos de pensar das pessoas: “Agora tudo é racismo, tudo homofobia, tudo é bullying essa é a geração mais pau no cu de todos os tempos” ; “O racismo começa quando nas urnas eletrônicas só tem a opção votar em branco e não votar em preto”; “Não vou passar nesse beco porque tá escuro, foi dito por Victor antes de ser preso por racismo”; “E quando falamos de branco na prova?.” As falas que selecionamos são emblemáticas dos problemas que temos de enfrentar nos modos de pensar e nos revelam que não existe se quer uma compreensão do que vem a ser o racismo estrutura em que estamos submetidos.

Em outra postagem separamos um dos comentários dos seguidores do Gentili que optou por participar da campanha promovida pelo apresentador, de difamar a iniciativa do Humaniza Redes: “Faça como Diego e mande um recado humanizado para a página www.facebook.com/humanizaredes poste seu print nos comments e concorra a um Playstation 4 novinho”:

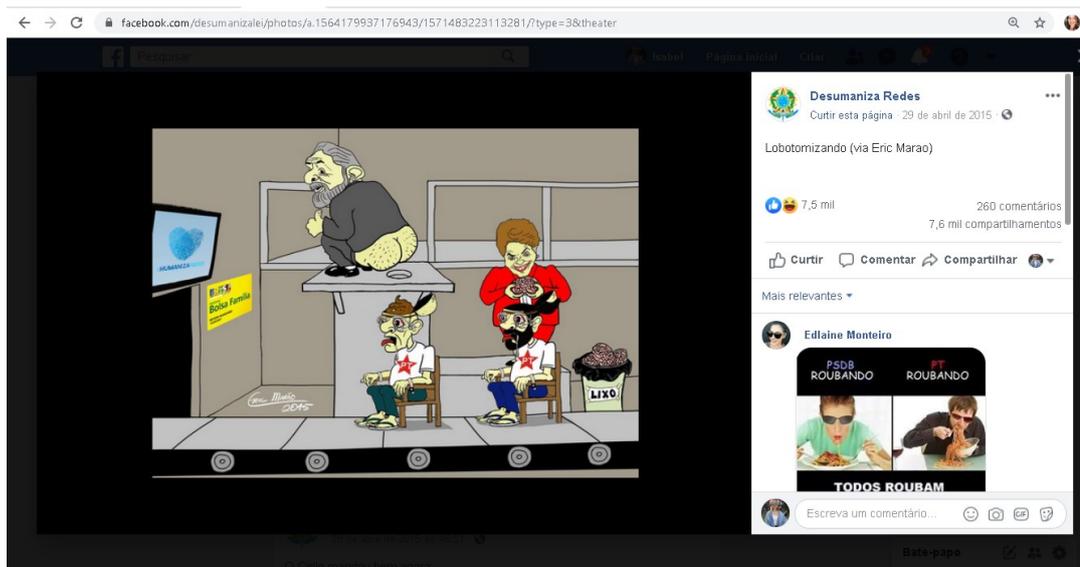
Peço com todo o respeito, que a presidente, tome no seu orifício rugoso, anal e também, com todo o amor do mundo gostaria de mandar ela se foder, com respeito é claro, e se foder mesmo, haja vista que ninguém foderia ela. E com maior carinho do mundo gostaria de constar que a merda de quem sofre a hemorroida, me lembra o PT, é vermelha, e cheira mal também, e é cheia de bactéria, e não deixando de ser uma merda. Aah não poderia deixar de falar que o nome “humaniza rede” parece um programa de controle de pesca. E o olho do Ceveró é mais torto que meu pau. Ah eu hoje quando eu for na zona eu mando um abraço pra mãe de vcs, aquela profissional do sexo. Putona, boa noite, amo vcs seus grandes filhos da puta, vão todos se foder, seu arrombados do caralho, com todo respeito é claro #diganãoaóódio #digasimaodesumanizaredes.¹⁸⁹



Esse é apenas um dos inúmeros comentários que coletamos na Página “Desumaniza Redes” motivados pelo incentivo de Gentili para ganhar um PlayStation 4. Uma infinidade e outros comentários foram publicados e estão arquivados por nós. Porém, optamos por mencionar apenas um deles para representar o tipo de militância ativa que as redes sociais mobilizadas por Gentili e seu exército de seguidores promove. Essa publicação na Página do “Desumaniza Redes” recebeu 583 likes, 230 comentários em apoio, e 20 compartilhamentos. Uma publicação que não se quer uma palavra decente recebeu engajamento dessa magnitude. Todas as outras publicações seguiram o mesmo baixo nível.

Optamos por reproduzir apenas um exemplar delas porque não é nosso objetivo refutar cada uma dessas manifestações e muito menos educar os seguidores de Gentili, mas apenas apresentar uma amostragem do tipo de comportamento e pensamento fomentado, compartilhado, e aplaudido pelos setores da Nova Direita brasileira. Estas foram a base de apoio popular dos atos contra os governos Dilma nos dias 15 de abril de 2015 pelo pedido de impeachment em 2016.

Vejamos mais essa publicação que nos autorizam a dizer que nessas redes estavam organizados a base de apoio para o Golpe de 2016:

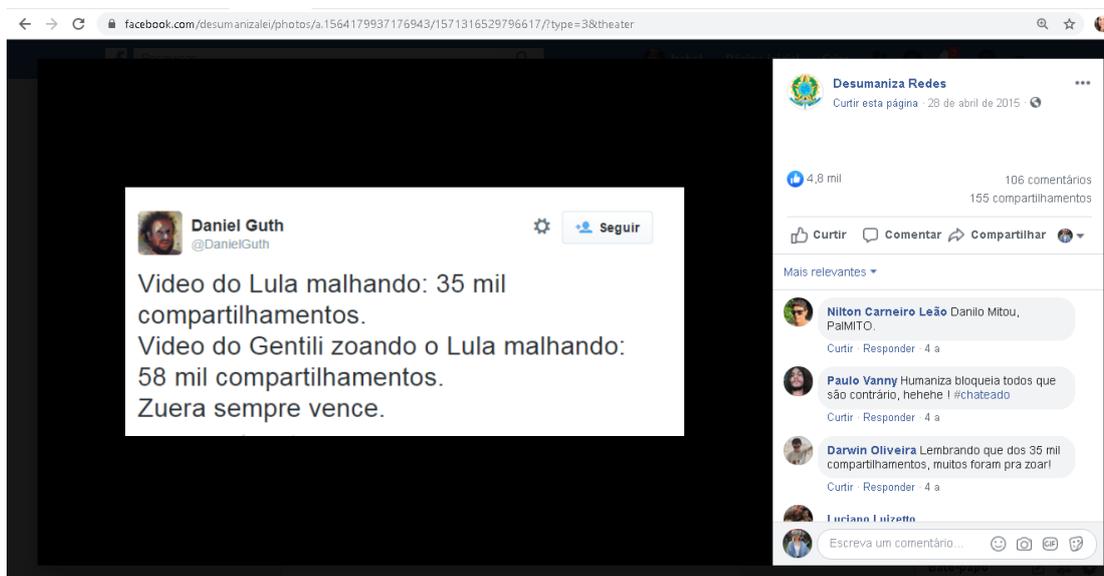


Na imagem acima vemos Lula defecando em cima da população, ao lado Dilma que como auxiliar desse processo realiza a retirada do cérebro das pessoas, indicando que a base de apoio popular do PT é uma base de apoio acéfala e burra, que é constantemente manipulada pelo Partido dos Trabalhadores e aceita as “merdas” que esse partido faz em troca de Bolsa Família. Notem que na parede da imagem estão a iniciativa do governo Humaniza Redes e um logo do cartão Bolsa Família. No desenho as pessoas que estão passando pela “lobotomia” estão com a camiseta do PT e de chinelo de dedo, como se quisesse indicar a origem de baixa renda dessas pessoas. Poderíamos questionar, se a charge está relacionando miséria a burrice? Sendo assim, o meme em questão parece indicar que a maioria da população brasileira é por esse motivo burra.

Na prática, o “Desumaniza Redes¹⁹⁰” esteve a todo momento respaldado por um tipo de discurso que procurou tomar posicionamento, (tomar partido) contra os governos petistas e todos os segmentos que se sentiam representado por ele. Diante da polarização política e conjuntural do país, ficou claro que as redes sociais ocupadas por Gentili serviram como condutos para construir e formar uma militância de direita que fosse ativa nas redes sociais. Quando Gentili opta por se envolver nas intermináveis questões do cotidiano, ele está conscientemente disputando as formas de pensamento da juventude para conquistar apoio a determinadas formas de pensar e consequentemente a determinado projeto de sociedade. Esse aspecto das disputas ideológica que se trava nas

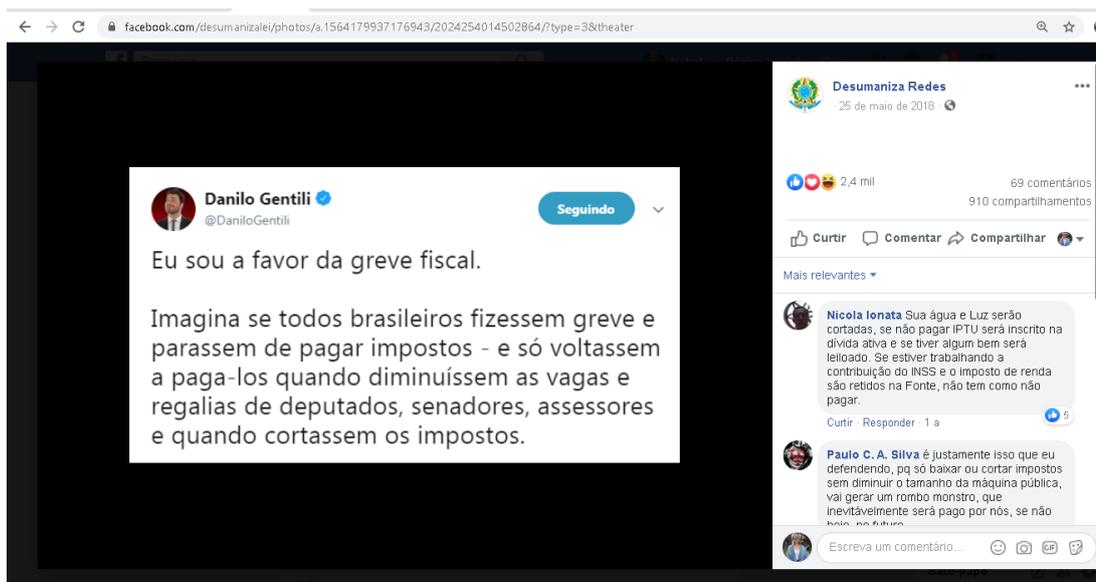
¹⁹⁰ Colaboraram com a campanha também o site Canal do Otário.
<http://www.canaldootario.com.br/videos/humaniza-redes-desumanizaredes/>

redes sociais está cada dia mais perceptível, como podemos confirmar na publicação abaixo, que revela a importância de disputar a hegemonia nas redes sociais na internet.



Ao analisar a infinidade de postagem realizadas pelo “Desumaniza Redes” fica claro seu posicionamento político ideológico ao lado dos setores mais conservadores e reacionários do quadro político brasileiro. O objetivo é claramente construir motivos para ridicularizar o PT, Lula e tudo que está ligado direta e indiretamente a ideia de esquerda em nosso país.

A atuação de Gentili segue sendo fantasiosa e desmedida, ele busca dar ares de rebeldia e de atuar contra o sistema ao fomentar ideias como as que propõem fazer greve fiscal e deixar de pagar impostos, quando Gentili diz isso ele dialoga com toda uma base social de pequenos e médios empresários que se sentem diariamente roubados e enganados pelo governo petista por ter que pagar tantos impostos.



Por de trás de toda essa agitação que busca mobilizar as pessoas contra os impostos, nós temos a defesa de um projeto de sociedade, que em consonância com frações das classes burguesas do país tem buscado interiorizar no pensamento das massas a necessidade urgente de reduzir o tamanho do Estado, argumentando que são os gastos sociais do Estado os principais responsáveis pela crise econômica vivida pelos Brasil.

Nesse sentido, é que campanhas contra o financiamento público de escolas, universidades, programas assistências como Bolsa Família, SUS, começaram a ser constantemente atacados e identificados como os principais problemas da sociedade. Essa forma de pensamento foi pouco a pouco entrando em acordo com outros centros difusores de ideias como o Instituto Liberal, ao qual a Página de Gentili “Desumaniza Redes” segue e também compartilha artigos produzidos por esse centro. Mencionamos esse alinhamento ideológico e político apenas para desvelar que as engrenagens desse tipo de atuação são muito mais profundas do que as disputas de narrativas que ocorrem no *Facebook*. Porém, é de suma importância destacar que são as redes sociais atualmente os canais que promovem a construção do consenso ativo entre as massas para apoiar o desmonte do Estado democrático de direito e respaldar sua própria precarização.

Nesse sentido ao dialogar com a insatisfação das massas sociais, fomentando o ódio aos políticos e a políticas, porém sem revelar seu engajamento político, Gentili contribuiu para organizar a insatisfação popular e direcionar ela no sentido de eliminar as esquerdas do país, segundo ele e outros agentes a ele diretamente ligados os verdadeiros responsáveis pela crise econômica vivida no país.

Um fenômeno que pode ser explicado também através da psicologia de massas do fascismo tal qual nos revela Reich ao tratar do papel de liderança exercido por Hitler na Alemanha nazista em 1933:

(...) o êxito de Hitler não pode ser explicado pelo seu papel reacionário na história do capitalismo, pois este, se tivesse sido claramente apresentado na propaganda, teria obtido resultados opostos aos desejados. O estudo do efeito produzido por Hitler na psicologia das massas parte forçosamente do pressuposto de que um *führer* ou representante de uma ideia só pode ter êxito (se não numa perspectiva histórica, pelo menos numa perspectiva limitada) quando sua visão individual, a sua ideologia ou o seu programa encontram eco na estrutura média de uma ampla camada de indivíduos. Daqui resulta uma pergunta: a que situação histórica e ideológica essas estruturas de massa devem a sua origem? Deste modo, o ponto de vista da psicologia de massas desloca-se do campo metafísico das 'ideias do *führer*' para realidade da vida social. Somente quando a estrutura de personalidade do *führer* corresponde às estruturas de amplos grupos, um '*führer*' pode fazer história. E se ele tem um impacto permanente ou temporário na história isso depende de seu programa ir ao encontro do processo social progressivo ou lhe ser adverso. Por isso, é errado tentar explicar o êxito de Hitler apenas com base na demagogia do nacional-socialismo, no 'embotamento das massas', no seu 'engodo' ou até com o conceito vago de 'psicose nazi', como fizeram os comunistas e, mais tarde, outros políticos. Pois o que interessa é compreender por que motivo as massas se mostraram receptivas ao engodo, ao embotamento ou a uma situação psicótica. Sem saber o que se passa exatamente nas massas, não é possível resolver seu problema. Apontar para a função reacionária do movimento de Hitler não é o suficiente. O êxito maciço do Partido Nacional Socialista da Alemanha contradisse essa política reacionária. Milhões de pessoas apoiaram a sua própria opressão, o que representa uma contradição que só pode ser explicada de um ponto de vista de psicologia de massas, e não de um ponto de vista político ou econômico.¹⁹¹

Com isso não queremos fazer equivaler a figura de Gentili a de Hitler na história, seria elevar demais a importância e capacidade de organização de Gentili, mas apenas de pontuar o papel que as lideranças desempenham junto as massas e desvelar quais as conexões existentes entre o líder e as massas, ou, dito de outro modo, entre os

¹⁹¹ REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988. p.34-35.

influenciadores digitais de nosso tempo e as massas sociais. Desse ponto de vista, queremos pontuar que as bases sociais do fascismo brasileiro estavam também latentes em significativos setores sociais, aqueles setores médios e baixos que se sentiram enganados e revoltados pelo governo do Partido dos Trabalhadores no quadro da crise econômica mundial do capitalismo. O importante a ser capturado desta reflexão proposta por Reich diz respeito ao fato de que o êxito da organização das massas deve-se as próprias massas e não exclusivamente a suas lideranças.

4.2.2 Liberalismo da zoeira



Captura de Tela realizada no dia 13 de maio de 2015.

Nome da página: Liberalismo da Zoeira

Administrador: Alan Gore.¹⁹² Junto a este administrador consta que mais 10 pessoas que gerenciam essa mesma Página, porém o nome delas não pôde ser identificado.

Descrição do perfil informado pelos próprios administradores da página: “Contra todas as formas de censura na internet. Menos babaquice e mais zoeira nas redes.”

Número de likes: 171.471

Imagem de perfil: Adam Smith

¹⁹² <https://www.facebook.com/alangoretattoo/> página criada em 12 de novembro de 2015.
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100008118135153> Perfil pessoal.
<https://www.deviantart.com/fgore/about#about> site administrado por ele.
<https://www.instagram.com/alangoretattoo/> Perfil pessoal.

Imagem de capa: Adam Smith sorrindo de modo sarcástico e de frente para Karl Marx que é representado na imagem chorando. O fundo de tela é bastante colorido e animador, tem vários copos de chopp, indicando que está é uma página que se propõe à “zoeira” e ao humor.

Origem e Difusão: 26 de agosto de 2013.

Sites relacionados a página: Site oficial: <http://liberalismodazoeira.com/>; Grupo oficial: https://www.facebook.com/groups/232649123969960/?ref=pages_groups_card&source_id=187007398148877; Doações: <http://liberalismodazoeira.com/doacoes/> (FAQ); bitcoins: 18gpbD8qVAh5JHiXFxnF5oczCJ6cZfB33n; Ajude com apenas R\$ 1,00 <https://apoia.se/liberalismodazoeira>

Chave interpretativa:

Daremos início a descrição dessa página através das informações coletadas no site oficial informado pela própria Página “Liberalismo da Zoeira”. A existência do site nos indica uma preocupação estratégica por parte dos seus administradores, que informam que o site deve servir como forma de “*backup caso o Facebook exclua a página*”. Isso evidencia, entre outras coisas, que a criação do site é posterior a criação da página e corrobora nossas análises de que parte significativa da emergência dessa Nova Direita se deu em função da massificação das Redes Sociais na Internet como procuramos demonstrar em nosso segundo capítulo.

Olá! Seja bem-vindo ao LDZ. [Liberalismo da Zoeira]

O nosso movimento, no facebook, conta com mais de 3 anos, inúmeras pessoas passaram e ajudaram a divulgar o libertarianismo. Muitas delas anonimamente.

Começamos uma nova etapa, e precisamos de sua ajuda: queremos fazer o movimento libertário vingar no Brasil. E estamos otimistas!

Sua doação será utilizada, nesta ordem, para:

- 1) pagar o servidor deste site, possibilitando a remoção de anúncios (facebook nos censura, e ameaça derrubar a página, portanto: não é confiável)
- 2) contratar geradores de conteúdos para escrever artigos sobre o tema. Além de interagir com as dúvidas de usuários, recomendando livros etc.
- 3) ajudar na criação de produtos novos, além de custear a produção dos mesmos, diminuindo seu preço final consideravelmente.
- 4) realizar eventos ao longo do brasil, com palestrantes importantes e muitas outras coisas.

Algumas metas são de curto prazo e outras são de longo, algumas poderão ou não ser alcançadas, mas nosso intuito básico é esse. Todas doações serão divulgadas e todos os gastos serão transparentes, você vai saber para quê, onde, e quanto, seu dinheiro foi utilizado.

Alternativamente você pode simplesmente comprar nossos produtos: o lucro inteiramente é destinado aos projetos acima.¹⁹³

Primeira coisa a ser destacada, é que ao contrário do que as primeiras reportagens a respeito da emergência dos agrupamentos conservadores e reacionários no cenário político nacional nos indicavam, a emergência das Novas Direitas nas redes sociais não se tratou de um movimento passageiro e um mero “efeito” momentâneo de pessoas “mal informadas e burras” falando descontroladamente nas redes sociais sem propósito algum, ao contrário disso a preocupação em estruturar um site, em produzir materiais próprios, em buscar angariar formas de financiamento também próprios, confirmam nossas primeiras impressões: de que os agrupamentos da Nova Direita vieram buscar espaços para ocupar e ficar.

Através do canal de diálogo que se originou no *Facebook*, esses segmentos tiveram uma primeira experiência de contato direto com as massas. Esse processo foi se desenvolvendo gradativamente na medida em que as disputas políticas conjunturais se desdobravam. Objetivamente, esses canais de comunicação serviram como forma de construir um consenso mínimo na sociedade civil entre os diferentes agrupamentos da direita e aqueles que não gostavam ou tinha se decepcionado com o PT.

No caso desta Página a relação estabelecida com os seguidores e simpatizantes parece ter se dado de forma espontânea, pouco a pouco a página foi conquistando seus seguidores, ao se engajar nas disputas políticas do dia a dia, ou seja, podemos dizer que a emergência desta Página e a forma como ela foi se consolidando ao longo dos anos de 2013 para cá é produto das disputas políticas vivenciadas nos períodos mais críticos da crise política brasileira, ao mesmo tempo, a formação desses agrupamentos é também o produto dessa disputa nas redes sociais.

Ao acessar a Página “Liberalismo da Zoeira” a primeira inscrição que temos contato é: “Amantes da liberdade uni-vos” a frase busca fazer menção direta ao clássico

¹⁹³Disponível em:

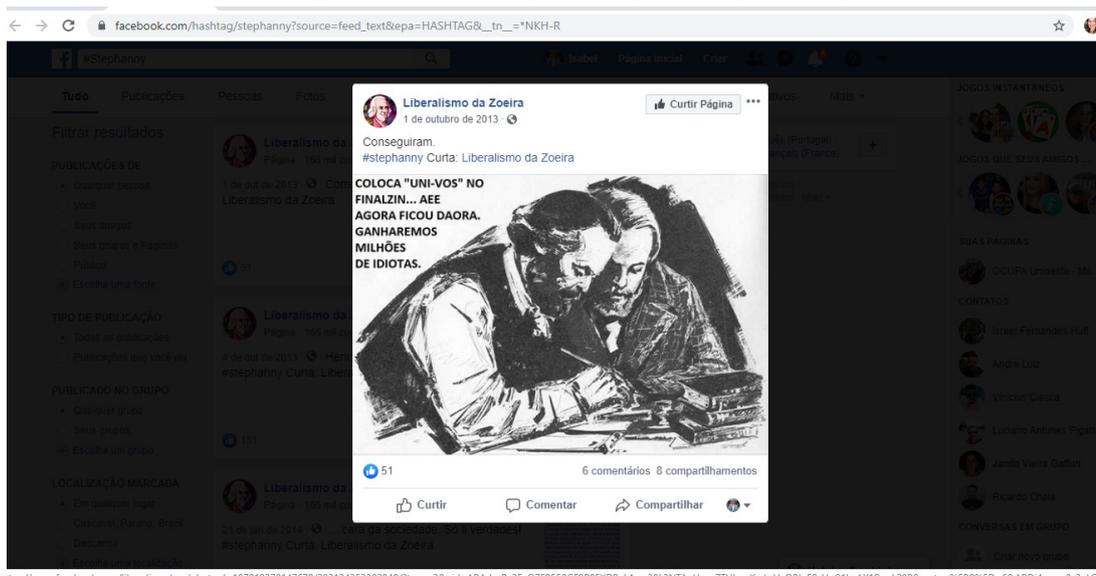
<https://apoia.se/liberalismodazoeira?fbclid=IwAR1IPAdjhrFzFsXSJNFgcNMsv5nbZXdXDbKjq7uKEca0otmfvyv42hHdIz0> (Todas as transcrições ao longo do nosso texto mantêm a grafia, a ortografia e eventuais erros dos originais.)

texto de Marx “O manifesto Comunista”, no qual Marx finaliza o texto fazendo um apelo as classes trabalhadoras de todo o mundo para se organizarem em um movimento único contra o modelo de produção e exploração capitalista que condiciona os trabalhadores a miséria. A inscrição original diz, “Proletário de todo o mundo uni-vos” nesse texto Marx busca desvelar as engrenagens da exploração capitalista em uma linguagem acessível para as classes trabalhadoras da época, sistematizando o conjunto de reivindicações e direitos que os trabalhadores daquele período estavam buscando exigir das classes industriais do país.

Ao proporem uma releitura da frase de Marx para seus próprios fins, mais do que uma sátira, a Página “Liberalismo da Zoeira” desvela conhecer a força e importância da tradição marxista para as organizações das classes trabalhadoras. Não é à toa que sistematicamente eles procuram atacar a imagem de Marx, distorcer seus ensinamentos e desmoralizar seus seguidores: o que eles chamam de marxismo cultural.

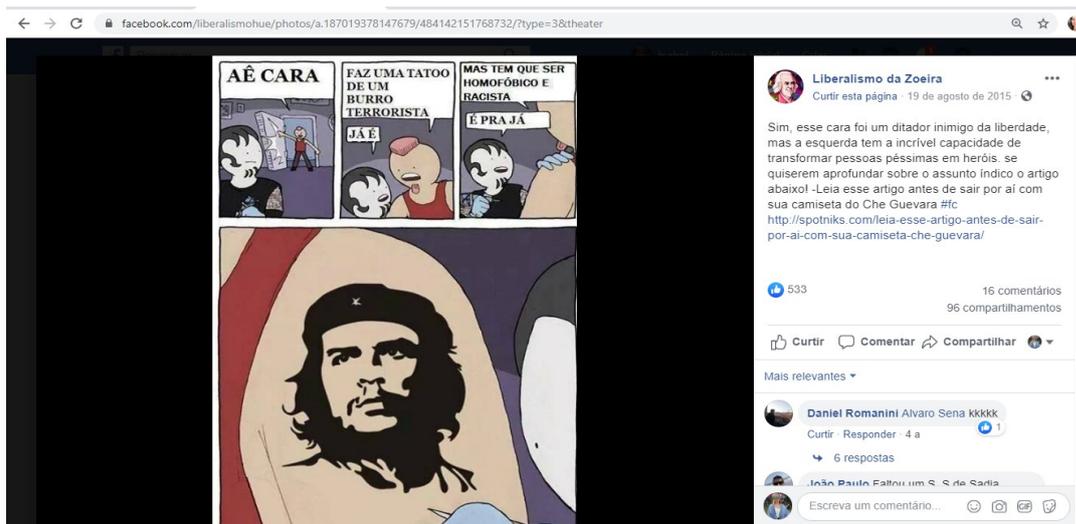
Em uma tentativa de ridicularizar e desmoralizar os símbolos históricos que memoram a identidade de classe dos subalternos, eles também apelam para que seus membros se organizem dizendo: “Amantes da liberdade uni-vos”. Ao apelar para que os “amantes da liberdade” se unifiquem, eles querem dar a entender que também eles precisam se organizar coletivamente. O recado está dado: não apenas os trabalhadores, não apenas os subalternos, nós “libertários” também temos que nos organizar. Parece existir uma certa urgência por parte desses agrupamentos. Talvez um medo? Medo que as classes trabalhadoras se organizem autonomamente?

Deveríamos nos questionar: afinal, no que consiste o medo de que as classes trabalhadoras se organizem? Quem tem medo de trabalhador organizado?



A síntese dessa propaganda é atuar contra os comunistas e contra tudo que politicamente visa construir a autonomia das classes subalternas, ao reduzir toda compreensão das classes trabalhadoras a uma frase de efeito como “uni-vos”, os administradores dessa página buscam apresentar os marxistas e todos aqueles que se identificam com a luta das classes trabalhadoras como sendo “idiotas”. Segundo o “Liberalismo da Zoeira” as massas sociais são facilmente manipuláveis e incapazes de definir por si suas escolhas políticas. Caberia a nós questionar também: se as massas são facilmente manipuláveis e estúpidas, qual a importância de disputar a consciência dessas mesmas massas, qual a importância de conquistar apoio popular para seu projeto?

Outra postagem que atua no sentido de desmoralizar os setores de esquerda de maneira geral, são aquelas, referentes à busca sistemática por desmoralizar figuras que se tornaram o símbolo político de resistência de uma época contra a expansão imperialista como é o caso dos constantes ataques direcionados a Che Guevara.



Ao lado da tirinha compartilhada podemos ler uma previa dizendo: “Sim esse cara foi um ditador inimigo da liberdade, mas a esquerda tem a incrível capacidade de transformar pessoas péssimas em heróis, se quiserem aprofundar o assunto indico o artigo abaixo – Leia esse artigo antes de sair por ai com sua camiseta do Che Guevara”.¹⁹⁴

Não sendo nosso objetivo responder pontualmente cada postagem realizada por esse grupo, nem descer ao nível desses agrupamentos para discutir a veracidade ou mentira dos fatos por eles abordados, devemos nos perguntar: qual o sentido que esses agrupamentos pretendem imprimir?

Vejamos agora a mesma postagem no quadro das disputas políticas conjunturais. As tentativas de buscar desmoralizar os símbolos de resistência ligado aos movimentos de caráter progressistas que se ligam a construção e de uma identidade de classe, não é exatamente uma novidade, mas a proliferação dessa tentativa inscrita em um quadro de disputas políticas conjunturais é sempre única.

A polêmica a respeito de usar ou não a camiseta de Che Guevara surgiu após as duras críticas que os agrupamentos da direita receberam ao convocar os atos públicos contra a corrupção do governo Dilma nos dias 15 de março de 2015 e estarem vestidos com a camiseta da CBF da seleção brasileira, envolvida diretamente em escândalos de corrupção no período. Como já mencionamos em outros capítulos, as ações da nova direita são sempre ações no sentido de responder e reagir contra os segmentos de caráter progressista. Por não terem nenhum símbolo próprio ao que se vangloriar, esses

¹⁹⁴ O artigo mencionado pode ser acessado neste endereço na Web: <https://spotniks.com/leia-esse-artigo-antes-de-sair-por-ai-com-sua-camiseta-che-guevara/>

agrupamentos buscam sistematicamente destruir os símbolos políticos e sociais dos subalternos ao passo que de alguma forma se apropriam deles para se organizar.

A utilização das imagens de Che Guevara, Karl Marx, Gramsci, são constantemente utilizadas nos agrupamentos dos setores reacionários para justificar sua própria existência. O motivo principal de existência dos agrupamentos reacionários da Nova Direita passa pela necessidade imediata de acabar com os “comunistas”.



O meme em questão diz: “Crítico quem foi na manifestação só porque estava com a camisa da CBF. Acho super normal protestar contra, racismo, machismo, homofobia usando camisa do Che Guevara.” Na prévia da postagem podemos ler: “Super normal em ser da paz usando o símbolo que matou mais de 120 milhões de pessoas ... super normal odiar o capitalismo enquanto usufrui e defende tudo que ele proporciona ... oras... Porque pedir coerência? Afinal... comuna “hardcore” não faz dieta do gulag, nem planta nabo e batata... mas sim vive colhendo apple na dieta do mc donald’s.”

Abaixo da prévia, indicativo de dois artigos, um do Instituto Liberal “antiamericanismo cultural” e outro da Revista *Veja*, de Rodrigo Constantino “os riquinho contra o capitalismo e o tédio da abundância”, ambos enfatizando que os únicos interessados em promover o comunismo e o anticapitalismo são justamente aqueles que dependem dele para viver.

Importa notar que tendo como objetivo desmoralizar um dos ícones mais reconhecidos da esquerda mundial, Che Guevara, seus promotores buscam aplicar os valores atuais para ler fenômenos históricos complexos que ocorreram no passado. Os processos históricos vistos retrospectivamente buscam construir uma imagem de Guevara

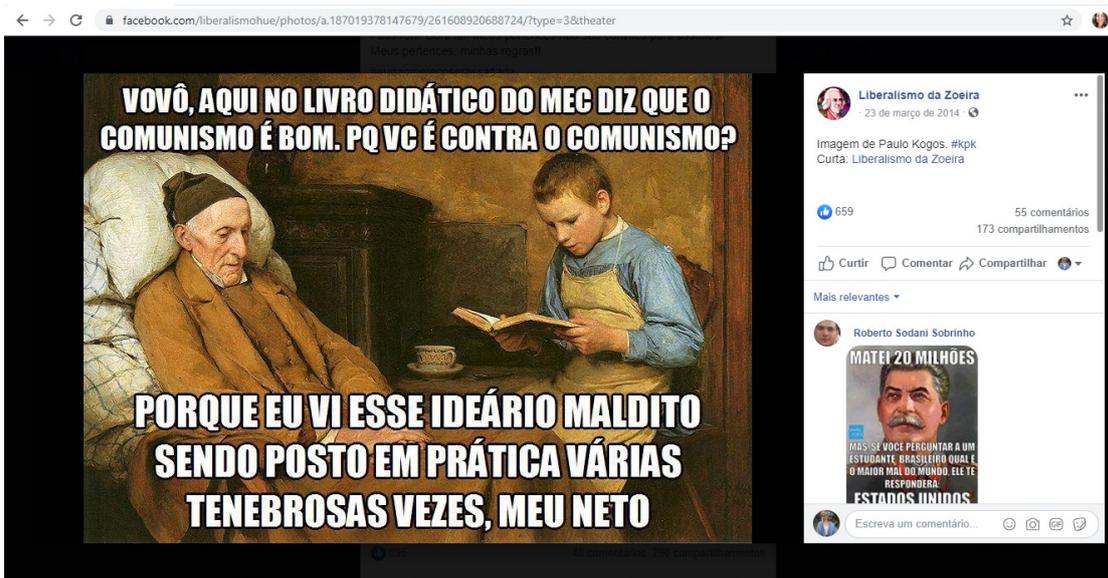
como assassino e preconceituoso, sem apresentar quais eram as causas e os motivos das lutas naquele momento, fazem isso, se utilizando de fontes “nunca vistas antes” como no caso do artigo dos Spotniks, porém que segundo eles são confiáveis visto que a esquerda manipula todos os meios de comunicação e também os livros didáticos nas escolas.

Assim o objetivo deles é dizer que como a esquerda é hegemônica, precisam lutar contra o marxismo cultural, e que por isso eles precisam começar a produzir seus próprios materiais. Materiais que diga-se de passagem não possuem nenhum tipo de compromisso científico com os métodos historiográficos por exemplo, mas que servem apenas para reforçar seus compromissos políticos ideológicos.

O que podemos perceber é por um lado a dissimulação e distorção da factualidade de eventos históricos e de outro lado a busca por descredibilizar a obras clássicas que tratam diretamente do assunto. Para isso, esses agrupamentos encontram-se engajados na busca por fabricar uma retórica com base em “provas” imaginárias, muitas vezes manipuladas e forjadas retiradas de seu contexto real.

Nesse sentido, vemos uma atuação que parte da livre interpretação dos processos históricos e sociais, que não nega necessariamente os fatos, mas que buscam justificar os combates políticos do presente a fim de construir uma narrativa “independente” e “imparcial”.

Presente em todas as organizações reacionárias a disseminação do ódio contra as classes subalternas é sistematicamente reforçada através da ideia de luta contra o inimigo comum: os comunistas. No quadro político brasileiro é importante observar que o anticomunismo contemporâneo é sinônimo de antipetismo. Todas as organizações que de alguma forma dialogam com o PT são considerados por esses agrupamentos como sendo comunistas.



Nessa empreitada em busca de combater os ideários políticos sociais comunistas, a Página “Liberalismo da Zoeira” se empenhou sistematicamente em fazer associar a imagem do PT ao comunismo, ao terror de Estado, a ditadura, e ao crime. Para isso seus idealizadores se utilizaram de imagens dos arquivos de polícia do DOPS, no qual Dilma e Lula são presos no período da Ditadura Militar brasileira, e os apresentam como sendo criminosos, sem fazer qualquer menção ao seu contexto histórico daqueles registros. Uma distorção completa da história e da memória da Ditadura, que contribui apenas para criar desinformação e desconhecimento a respeito desse período histórico. Descompromissados com os métodos historiográficos de fazer história esses agrupamentos se utilizam de qualquer coisa que possa servir a sua causa imediata.



Lembramos que todo esse trabalho em função de desgastar os ideais comunistas, socialistas, e associar a esses ideários às figuras de Lula e Dilma teve um propósito claro: o de desgastar o governo abrindo a possibilidade para que outras frações de classe burguesa pudessem comandar diretamente o Estado.

Essa foi uma preparação que veio sendo minuciosamente organizada por parte de diferentes setores da direita. Basta recordar que a ampla maioria dessas páginas se multiplicou e viralizou nas redes sociais entre 2010-2011. O objetivo dessas páginas sempre foi o de conquistar seguidores e construir um consenso mínimo entre diversos grupos reacionários e fascistas existentes na sociedade. Para isso, esses agrupamentos buscaram sistematicamente construir alianças estratégicas entre si (outras páginas no Facebook) mas também de manter dialogo com outros aparelhos privados de hegemonia. Se apoiando em reportagens da *Veja*, *Época*, Instituto Liberal, Movimento Brasil Livre, nos textos de Olavo de Carvalho e seu site Mídia Sem Máscara, sempre que fosse necessário para reforçar seus pontos de vista.

Na imagem abaixo, nós temos um chamado para participar das Manifestações do dia 15 de março contra o PT, contra a corrupção - petrolão, contra o Foro de São Paulo, pelo impeachment da Dilma. páginas que estiveram diretamente associadas ao Golpe de 2016 no Brasil e que serviram de centro difusor de ideias, multiplicando artificialmente o pânico moral contra os comunistas.



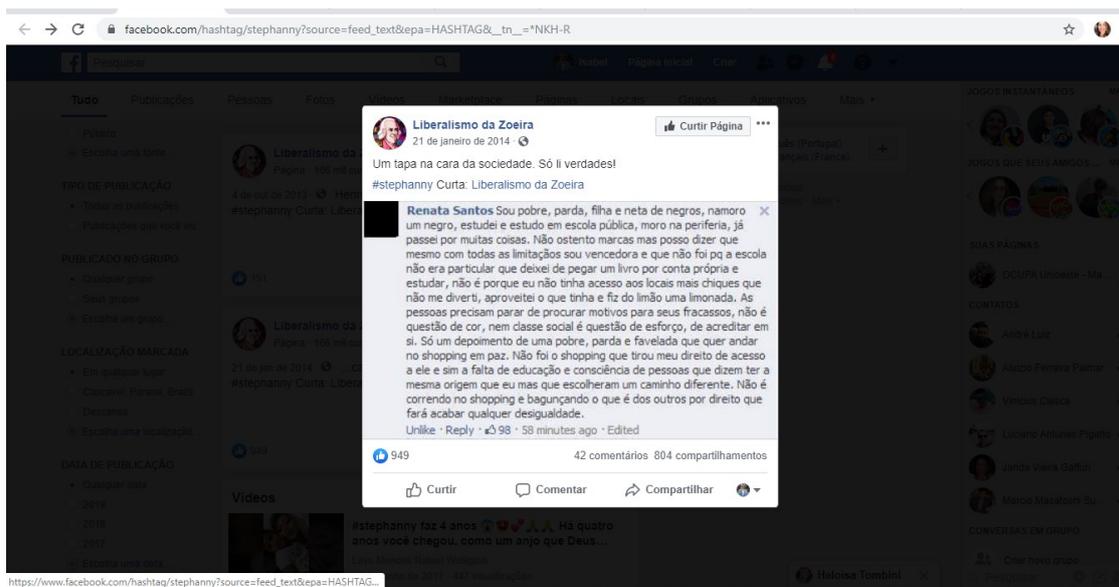
É sempre bom lembrar que as manifestações do dia 15 de março de 2015 sucederam as manifestações de Julho de 2013, e sucederam também as ocupações de

escolas e reitorias em 2014 e que a cada manifestação organizada pelos setores da nova direita havia o cuidado de se apresentarem como um povo ordeiro, educado, trabalhador, o objetivo era se diferenciar dos atos de rua promovidos pelos agrupamentos progressistas, que segundo eles eram baderneiros, violentos e vagabundos. Importante lembrar que todas as manifestações da direita foram realizadas no domingo com o propósito de não interferir em um dia de trabalho.

Notem que na publicação acima em “Dicas para manifestação do dia 15/03/15” eles sugerem que “1) Cheque o clima da sua região e vá preparado para chuva ou sol conforme o caso; 2) Leve suas garras de água e algumas barras de cereais, lanches etc. pão com mortadela de “graça” é só na manifestação petista hein; 3) Fique perto de amigos, cuidado com o povo violento, vai ter gente querendo tirar a credibilidade da luta pela democracia e pela constituição. Denuncie-os”.

O apelo é para que as manifestações pela destituição de Dilma do cargo de presidente sejam pela “ordem e progresso”, e para isso eles buscam a todo instante se diferenciar dos petistas, da esquerda, dizendo que são ordeiros e que participam de forma voluntária das manifestações, e não em troca de “pão com mortadela” como é o caso das manifestações pró Dilma. Com isso eles querem fazer passar o sentido de que as verdadeiras as manifestações são aquelas em que o povo vai as ruas sem interesses políticos partidários ou por “esmola”.

Nesse sentido, queremos chamar atenção para o papel “educador” que essas páginas assumem com o objetivo de fazer nascer e interiorizar um modo de ser, propondo uma reforma moral e intelectual entre seus membros e associados. Existe toda uma etiqueta nas formas de ser desses agrupamentos e constantemente eles procuram se distanciar do povo, dos subalternos e da cultura de massas, ainda que apelem para o caráter popular de suas páginas para respaldar suas ações. Vejamos mais um exemplo desse papel de pedagógico assumido pelos idealizadores dessas páginas:



Prévia da postagem: “Um tapa na cara da sociedade. Só li verdades!”

Sou pobre, parda, filha e neta de negros, namoro um negro, estudei e estudo em escola pública, moro na periferia, já passei por muitas coisas. Não ostento marcas mas posso dizer que mesmo com todas as limitações sou vencedora e que não foi pq a escola não era particular que deixei de pegar um livro por conta própria e estudar, não é porque eu não tinha acesso aos locais mais chiques que não me diverti, aproveitei o que tinha e fiz do limão uma limonada. As pessoas precisam parar de encontrar motivos para os seus fracassos, não é questão de cor, nem classe social é questão de esforço, de acreditar em si. Só um depoimento de uma pobre, parda e favelada que quer andar no shopping em paz. Não foi o shopping que tirou meu direito de acesso a ele e sim a falta de educação e consciência de pessoas que dizem ter a mesma origem que eu mas que escolheram um caminho diferente. Não é correndo no shopping e bagunçando o que é dos outros por direito que fará acabar qualquer desigualdade.¹⁹⁵

A postagem em questão diz respeito a um fenômeno social em específico ocorrido no Brasil nos primeiros meses de 2014, onde jovens da periferia começaram a se organizar em grupo através da internet para passear nos principais shoppings das cidades, os passeios coletivos eram chamados por eles mesmos de “rolezinho”. Nesses passeios era comum alguns jovens que tinham guardado dinheiro entrarem em grupos nas lojas de

¹⁹⁵Publicação realizada no dia 21 de janeiro de 2014. Número de curtidas 949, número de compartilhamentos 804.

grife para comprarem camisetas, bonés e calças de marca. Segundo esses mesmos jovens o ato de comprar roupas de marca é uma forma de eles serem reconhecidos: “*Custa muito caro, mas vale. É diferente de comida, come e acaba, roupa não. Roupa é importante. Aparência é tudo, mostra quem tu é. Tu não é ninguém sem marca, a roupa que tu está usando mostra quem tu é – na vida se é o que se tem.*” Essa fala é reveladora do conjunto de valores predominantes em nossa sociedade.

O que importa destacar é que os rolezinhos são fruto da grande desigualdade social que vivemos no Brasil. E quando esses jovens da periferia começaram a sair das periferias e aparecer nos lugares tradicionalmente reservados para as classes médias e classes médias altas isso gerou enorme desconforto e medo entre os lojistas e a população que costumeiramente ocupava esses espaços.

Em meio a esse processo, muitas foram as críticas direcionadas à juventude da periferia, dizendo que esses eram os beneficiários do Bolsa Família que ao invés de comprarem comida e pagarem as contas de casa estavam indo gastar o dinheiro público, pago com impostos das classes médias em itens supérfluos – supérfluos para os jovens negros da periferia, mas não para os jovens brancos de classe média:

Os rolezinhos são frutos da grande desigualdade social que vivemos no país. Eles expressam o desejo dos jovens da periferia de participarem da nossa sociedade, de frequentarem os mesmos lugares e territórios que os demais jovens. O abismo social que vivemos é tão estrutural e arraigado que as classes médias e altas nem o percebem. Acredito que seria uma simplificação ligar o Bolsa Família, por exemplo, que tem o seu valor em torno de 150 reais, com o consumo de marcas por parte dos jovens da periferia. Isso revela claramente o pensamento moralista e conservador que impera na nossa sociedade, que pressupõe que, para os pobres, o consumo é (ou deveria ser) norteado somente pela utilidade, pela necessidade e a sobrevivência. Todo o gasto que foge disso é supérfluo e, conseqüentemente, irracional. O consumo ostensivo de marcas caras ou as longas prestações no crediário transformam-se, nesta visão, em alternativas incorretas. Não há muitas saídas para o consumidor de classes populares: ele deve apenas alimentar sua prole.¹⁹⁶

¹⁹⁶ “**Eu não sou o jovem pobre, favelado, sem perspectiva. Eu tô podendo**”: entrevista especial com Lucia Mury Scalco. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527574-o-consumo-enquanto-simbolo-de-empoderamento-e-cidadania-entrevista-especial>. Acesso em: 10/04/2018.

Uma atividade considerada normal, não fosse pelo fato de que, os jovens que resolveram dar “o rolezinho” nos shoppings da cidade eram os jovens vindos das periferias, em sua grande maioria negros.

Ao publicar o suposto depoimento de uma pessoa negra e que mora na periferia, a Página “Liberalismo da Zoeira” está querendo “ensinar” pedagogicamente que, como no exemplo acima, não é preciso querer consumir e ocupar os espaços tradicionais das classes médias e altas do país, não é isso que vai trazer dignidade para os jovens da favela. Eles dizem: façam como “Renata” procurem encontrar nos espaços que vocês vivem satisfação e lazer, sejam criativos, “façam de um limão uma limonada”, mas por favor não saiam em bando pelos shoppings, isso causa medo, nos deixa inseguros. Procurem se esforçar mais, trabalhar mais que assim vocês serão reconhecidos. Não usem da “desculpa” da sua cor de pele e de sua falta de condições materiais para “justificar” seus fracassos. Ao dizer isso eles querem dizer: não se façam de vítimas. Afinal, não foi o shopping que retirou o direito de vocês, foram vocês mesmos com esse tipo de comportamento que afastam ainda mais o reconhecimento da “sociedade” vocês.

O sentido de educação moral e intelectual deixado para esses setores é claro, vocês podem consumir e trabalhar, mas desde que fiquem lá, nas periferias onde nós não precisamos ver, nem ouvir seus desejos e insatisfações, afinal não importa o que vocês pensam. Vocês deveriam agir como “Renata” ela sim sabe onde é seu lugar e não está reclamando.

Diante da necessidade de organizar as massas sociais, devemos lembrar também dos estudos realizados por Gramsci em “americanismo e fordismo” quando este nos lembra da necessidade constante que as classes dominantes têm de procurar racionalizar seus interesses como sendo o interesse comum das demais classes. Neste sentido, deveríamos nos fazer a seguinte pergunta, de que forma as classes dominantes lidam com o desejo e o interesse individual e/ou coletivo das demais classes?

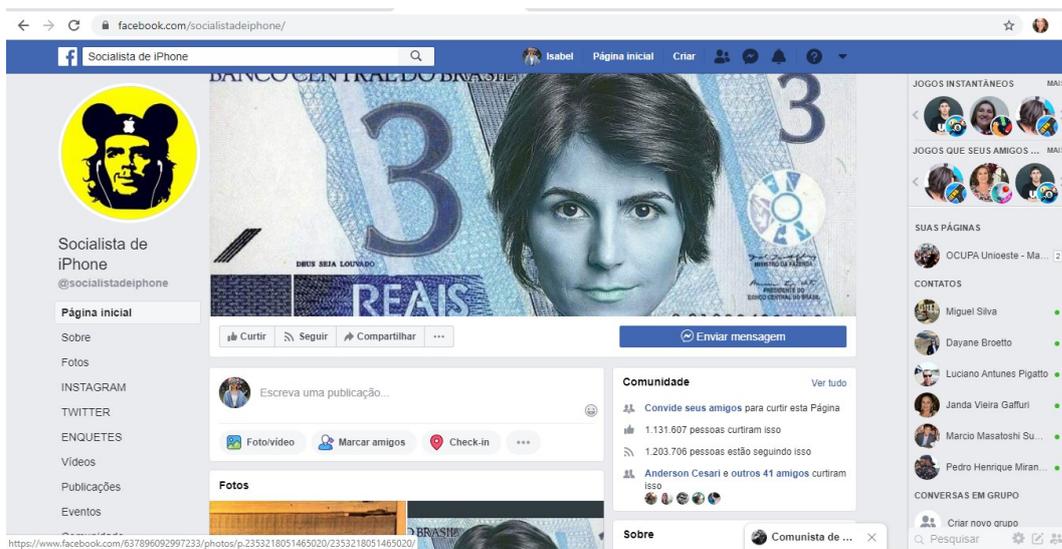
A esse respeito Gramsci chamou atenção para a capacidade intelectual e diretiva dos empresários, os quais precisam organizar a produção e articular seus próprios interesses com os interesses e as aspirações pessoais e coletivas de outros grupos sociais, ou seja, trata-se de uma engenharia intrincada que precisa responder também aos interesses dos subalternos:

(...) as investigações dos industriais sobre a vida íntima dos operários, os serviços de inspeção criados por algumas empresas para controlar a “moralidade” dos operários são necessidades do novo método de trabalho. Quem ironizasse essas iniciativas (mesmo fracassadas) e visse nelas apenas uma manifestação hipócrita de “puritanismo” estaria se negando a qualquer possibilidade de compreender, a importância e o significado e o *alcance objetivo* do fenômeno americanismo, que é *também* o maior esforço coletivo até agora realizado para criar, com rapidez inaudita e com uma consciência do objetivo jamais vista na história, um tipo novo de trabalhador e de homem. A expressão “consciência de objetivo” pode parecer pelo menos espirituosa a quem recordar a frase de Taylor sobre o “gorila amestrado”. Com efeito, Taylor expressa com brutal cinismo o objetivo da sociedade americana: desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado, que exigia uma conexão psicofísica do trabalhador profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas no aspecto físico maquinal. Mas, na realidade, não se trata de novidades originais: trata-se apenas da fase mais recente de um longo processo que começou com o próprio nascimento do industrialismo, uma fase que é apenas mais intensa que as anteriores e que se manifesta sob formas mais brutais, mas que também será superada através da criação de um novo nexos psicofísico de um tipo diferente dos anteriores e, certamente, de um tipo *superior*.¹⁹⁷

Ao ocupar um lugar de direção moral e intelectual essas páginas assumem na sociedade civil o papel de construtores do consenso e acabam por funcionar como instrumentos de que auxiliam nas formas de exercer a dominação das burguesias nacionais sob as demais classes, arquitetando e introduzindo os aspectos necessários para a subordinação das classes subalternas.

¹⁹⁷ GRAMSCI, Antonio. “Americanismo e Fordismo”. *Cadernos do Cárcere*, Volume IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p.266.

4.2.3 Socialista de Iphone



Nome da página: Socialista de ihPhone

Administrador: Não identificado. Porém, por meio de pesquisa, descobrimos que o administrador da Página Socialista de ihPhone é responsável por gerenciar outras páginas, uma delas é “Marx da Depressão”.

Descrição do perfil informado pelos próprios administradores da página: Como Bode na sala da esquerda desde 2013.

Imagem de perfil: A imagem do Che Guevara com um boné do Mikey Mouse – personagem do desenho animado de Walt Disney criado em 1928.

Imagem de capa: Manuela de Ávila do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em uma nota de R\$3.00 – a imagem sugere falsidade dos princípios proferidos por ela, por seu partido e por todos aqueles que se identificam com o comunismo. A expressão comumente usada é “mais falsa que uma nota de três reais”.

Origem e Difusão: Julho de 2013.

Sites relacionados a página: www.portalconservador.com

Histórico da Página:

A Página Socialista de iPhone, foi criada em julho de 2013, como reação direta as Jornadas de Julho, momento que a juventude progressista se mobilizou e ocupou as ruas. A lógica desses canais segue sendo criar estratégias de combate contra os setores de esquerda.

A expressão “socialista de iphone” utilizada como nome da Página busca desmoralizar os setores que se reivindicam socialistas. Segundo os promotores dessas páginas, os setores que se reivindicam socialistas no Brasil devem ser considerados hipócritas e mentirosos, pois eles defendem o socialismo em seus discursos políticos, mas não querem e não vivem como os socialistas. Segundo esse agrupamento, para que os socialistas fossem verdadeiramente coerentes com seu discurso político, eles deveriam viver como os socialistas vivem. Mas, afinal como vivem os socialistas?

Segundo as noções de socialismo da referida Página, para ser socialista de verdade a pessoa não pode consumir nenhum produto que tenha sido produzido pelo capitalismo. Por isso eles fazem referência direta ao iphone, uma das empresas que se destaca a nível mundial como sendo símbolo do capitalismo. Isso se justifica entre outras coisas pelo fato de seus produtos não serem acessíveis para todas as pessoas, além de seus sistemas operacionais não serem compatíveis com nenhuma outra marca a não ser os produtos produzidos pela Apple, gerando assim uma dependência dos seus consumidores em relação aos seus produtos. Geralmente quem usa os produtos da apple precisa ter condições de consumir a marca como um todo visto que a marca produz buscando exclusividade.

Segundo a lógica reacionária dos setores da nova direita, todas as tecnologias existentes no mundo são resultados de relações de produção capitalista, não podendo existir avanço tecnológico e científico em países onde os regimes são socialistas ou comunistas. Para justificar sua compreensão do mundo a página rememora constantemente a situação econômica de Cuba.

Para esses agrupamentos o modelo de desenvolvimento social capitalista é o único capaz de garantir a liberdade dos indivíduos e em consequência disso garantir a concorrência. A concorrência é vista por esses agrupamentos como sendo o principal motor da humanidade que faz com que as pessoas busquem sempre seu melhor para não ficar para trás.

Na lógica reacionária dos agrupamentos da Nova Direita a capacidade de fazer ciência, desenvolver produtos com alta tecnologia, só se justifica em função da concorrência, em nenhuma outra condição a não ser a de necessidade de superar alguém ou de estar precisando trabalhar a inteligência se desenvolveria nos seres humanos.

Esta ideia está intimamente associada àquela que diz que ser socialista é sinônimo de pobreza, ou ainda, de apagamento das diferenças entre os indivíduos em sociedade. Essas ideias são antigas e vêm sendo requeitadas no início deste século com o objetivo de gerar pânico moral nas pessoas, dizendo que o socialismo não passou de regimes totalitários, onde não havia liberdade de expressão e nem liberdade de escolha.

No imaginário popular, versões como essas se cristalizaram na mentalidade das pessoas, que dizem que em uma sociedade socialista até os modos de se vestir serão padronizados, visto que os socialistas pretendem exigir igualdade entre todos: Igualdade de salário, igualdade de comportamento, igualdade nos gostos, onde tudo isso seria garantido pelo Estado totalitário que iria racionalizar todos os bens de consumo. A respeito dessa fantasia e terrorismo barato movimentado pelos setores reacionários da nova direita cabe uma citação de Reich onde ele faz uma importante distinção entre propriedade privada, ou em outros termos, propriedade particular e o modo de produção capitalista:

O conceito de 'iniciativa privada', na acepção do marxismo corrente, foi mal interpretado pela irracionalidade humana, como se o desenvolvimento liberal da sociedade significasse a abolição de toda a propriedade privada. Isto foi, evidentemente, aproveitado pela reação política. Ora, desenvolvimento social e liberdade individual nada tem a ver com a chamada abolição da propriedade privada. O conceito marxista de propriedade privada não se aplicava as camisas, calças, máquinas de escrever, papel higiênico, livros, camas, seguros, residências, propriedades rurais, etc. Esse conceito referia-se exclusivamente à propriedade privada dos meios de produção, isto é, aqueles que determinam o curso geral da sociedade; em outras palavras, estradas de ferro, centrais hidráulicas e elétricas, minas de carvão etc. A 'socialização dos meios de produção' tornou-se um bicho papão, exatamente porque foi confundida com 'expropriação privada' de frangos, vestuário, livros, moradias, etc., de acordo com a ideologia dos expropriados.¹⁹⁸

A divulgação proposital e distorcida dos princípios do socialismo tem seus motivos de existir, para quem orchestra essas ideias o objetivo é conter e evitar qualquer

¹⁹⁸ REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988. p. XXI e XXII.

tipo de identificação com o socialismo, para isso eles buscam apresentar perspectivas como essa como traição de classe, onde os intelectuais e dirigentes partidários do Socialismo, são ricos enquanto as massas são miseráveis. Esse tipo de argumento visa também deslegitimar que pessoas que tenham melhores condições financeiras não possam optar por defender um projeto de sociedade alternativo ao capitalismo.

Ao contrário do que os agrupamentos de caráter reacionário querem fazer parecer, o socialismo enquanto projeto de sociedade não promove apologia à pobreza, mas reivindica a distribuição da riqueza coletivamente produzida. Ao contrário do que esses canais querem fazer aparecer, o problema não consiste em alguém que defende o socialismo consumir um produto de marca como a Apple, ou tomar uma coca cola ou comer um Mc Donald's, o problema consiste no fato de que o consumo dessas tecnologias está restrito a setores privilegiados da sociedade, aqueles que tem condições de pagar por eles.

Neste caso, caberia perguntar: para que serve a liberdade burguesa quando ela é condicionante dos indivíduos? O problema é justamente a questão da privatização dos prazeres na sociedade capitalista que estão restritas apenas para uma minoria e a questão da privação de acesso a condições básicas como alimentação, saúde, transporte e educação.

Seguindo a lógica de inviabilizar qualquer tipo de identificação com os agrupamentos de caráter anticapitalista a Página “Socialista de iPhone” promove sistemáticas publicações como essas:



No suposto depoimento de Luiz Fernando Carvalho ele diz: “Sou ex-esquerdista. Sofri muito para aceitar a realidade, pois acredito na justiça e na paz. Minhas antigas convicções políticas eram alicerçadas em ideias humanitárias que o marxismo quer demolir.” Na sequência, a resposta da página, Socialista de iPhone: “É bonito de se ver o brasileiro acordando dessa utopia!”

Constantemente nessa Página vemos depoimentos que são apresentados como pessoas que se arrependeram de sua escolha e que não sabiam verdadeiramente o que significava o marxismo, mas que felizmente despertaram para a realidade e viram as atrocidades que eram promovidas por esses agrupamentos.



Outro tipo de propaganda anticomunista muito utilizada pelos agrupamentos da Nova Direita são essas de caráter moralista: “O sujeito é marxista até o último fio de cabelo, mas se alguém come a mulher dele ele vira conservador na mesma hora.”

Esse tipo de propaganda anticomunista segue a mesma lógica anunciada anteriormente, aquela que faz crer que a coletivização dos meios de produção proposto seja sinônimo de não ter qualquer privacidade, ou qualquer possibilidade de escolha perante a realidade. Dessa forma o que os agrupamentos da Nova Direita pretendem é dialogar com a consciência mística das massas, e querer nivelar projeto de vida socialista a degeneração das relações humanas.

A princípio esse tipo de propaganda pode parecer de menor importância, mas o que temos observado nesses canais é o importante papel estratégico que cumpre esse tipo de declarações que pretendem promover o pânico moral. Ao promover a ideia de que os

socialistas são imorais, depravados, criminosos, esses canais pouco a pouco vão introduzindo o medo e o ódio a estes setores. Foi através desse tipo de postagem e mentiras compartilhadas via redes sociais que vimos nascer o medo do gayzismo em nossa sociedade, o medo da ideologia de gênero nas escolas, o medo dos professores que corrompem a moral das crianças e assim por diante.

Tudo isso, segundo seus promotores, através do método da revolução passiva sistematizado por Gramsci, uma revolução que está ocorrendo silenciosamente nas escolas e universidade de nosso país e que por ser tão silenciosa e discreta ainda não havia sido descoberta. Coube aos jovens conservadores denunciar e abrir os olhos da população para os riscos latentes do socialismo no Brasil.



Vamos falar sobre Gramsci?

A realidade nos impõe fatos incontestáveis que nos indicam um forte processo revolucionário gramsciano na sociedade brasileira.

Esse sentimento de “todos-contra-todos” é o gatilho ideal para que as novas regras sejam impostas. A sociedade brasileira que tinha uma coesão social invejável, hoje bebe da fonte odiosa do marxismo. As minorias dominam o espectro da opinião pública e ditam as novas regras morais de toda a coletividade.

Não se enganem, por trás do discurso opressor e do oprimido está o poder político absoluto; historicamente sempre foi assim. É muito importante entender todos os caminhos possíveis para o combate desse verdadeiro “engôdo” praticado por debaixo-dos-panos pela nossa esquerda-bolivariana.

Os campos de batalhas são praticamente todos os meios sociais culturais da sociedade ocidental e o alvo, como não poderia deixar de ser, a estrutura que sustenta o capitalismo, ou seja, as tradições seculares judaico-cristãs.

O autor de "Os intelectuais e a Cultura" ensina que a partir do domínio cultural das elites de um país, a hegemonia sobre o resto da sociedade é uma consequência mais do que natural. Se vocês perceberem o quanto isso é real na sociedade brasileira, chegarão a conclusão mais óbvia, que já estamos em um avançado estágio hegemônico marxista.

Peguem exemplos como as feiras de livros, os corpos docentes de faculdades e escolas, as redações de jornais e revistas e a ocupação de espaços na mídia.

Tudo, absolutamente tudo é direcionado para conclusões acerca do mantra dos “opressores e oprimidos”, ou seja, a cosmovisão marxista dialética histórica impera sem adversários em nosso país.

Mais do que qualquer outra coisa, estes pontos, já servem para mostrar suas reais consequências, onde nem os fatos mais importam. Vivemos uma esquizofrenia social permanente. Este é ponto!

Há alguns anos atrás o próprio PT negava arditamente essa estratégia. Hoje além de assumir esse plano, ainda batem no peito para dizer que esse é o caminho correto. Parece-me que já está tão maduro, que a possibilidade de serem descobertos já não os assusta mais. Nossos dramas econômicos já não são mais o principal problema, uma vez que a destruição da cultura judaico-cristã, dentro do maior país cristão do mundo, é uma prova inequívoca disso. E vem mais por aí! Proteger este legado, tão importante, no sentido de mantermos o mundo ocidental de pé é a nossa maior obrigação enquanto ocidentais. Na Europa e nos Estados Unidos essa reação já começou. Porém por aqui, teremos longas batalhas de pela frente. Urge a necessidade de formarmos grupos de estudo e reflexão, investir nosso valioso tempo e nos tornarmos agentes da contra-revolução.

Não temos outra saída a não ser esta! Revoluções marxistas modernas não são feitas de com tanques de guerra nas ruas, mas sim com sociopatas em salas de aula e em redações de jornais, aliciando diariamente todo o inconsciente coletivo social.

Precisamos mudar as imposições curriculares do MEC de forma urgente, pois são elas as verdadeiras máquinas de lavagem cerebral do nosso povo. Se não mudarmos isso estaremos a “enxugar gelo”. E quando um engraçadinho for refutar qualquer tese sobre a “Revolução Comunista” de forma pejorativa, respondam de bate pronto: É Gramsci estúpido.

A Nova Direita brasileira não possui uma homogeneidade ideológica, mas comporta distintas orientações ideológicas. No entanto, o que nos importa ressaltar são as formas que esses agrupamentos se utilizam das redes sociais para instalar uma atmosfera de caos social entre a população brasileira sobretudo relacionando as estratégias “comunistas” a atividades sorrateiras e imperceptíveis, atividades que apenas pessoas atentas e que conhecem os verdadeiros métodos comunistas são capazes de perceber.

Tendo isso como perspectiva, a página “Socialista de iPhone” é uma página que se reivindica libertária e que tomou para si a missão de salvar a nação brasileira do perigo dos comunistas no Brasil. Para isso é função desses canais denunciar os riscos que o povo brasileiro corre ao não saber o plano “secreto” dos comunistas, que consiste em “dominar culturalmente as elites” como mencionado no texto acima. Segundo a interpretação dos gerenciadores dessas páginas antes de os “comunistas” dominarem o Brasil, a sociedade brasileira tinha uma coesão invejável. Porém, o que eles não deixam claro, é que tipo de coesão era essa e em que momento da história do Brasil isso se deu?

De acordo com essa interpretação e com a proposição do texto acima, não existe nada na sociedade brasileira que não seja dominado pelos comunistas, as livrarias, as escolas, os centros culturais, os meios de comunicação. Tudo isso, promovido pelo Partido dos Trabalhadores, que tem imposto um modo de vista socialista para a população brasileira. Por isso seus membros chamam todos para resistir, chamam todos para a “contra-revolução”, nesse pequeno texto eles anunciaram seu programa, ocupar os meios de comunicação e disputar a consciência das massas, mudar as diretrizes curriculares do MEC. Se posicionar contra tudo que for entendido por eles como sendo o marxismo cultural.

Apensar de o texto soar como completa esquizofrenia coletiva, nós sabemos que foram exatamente esse tipo de notícias e divulgação de ideias que deu corpo para consolidar o Golpe no Brasil em 2016 e de conquistar apoio popular de parcelas significativa da população brasileira para projetos como Escola Sem Partido, a perseguição de professores e lideranças de movimentos sociais, criando um cenário legítimo de terror na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da emergência de manifestações públicas em nome da volta a ditadura militar, de apelos ao ódio, de linchamentos públicos, da proliferação de manifestações racistas, homofóbicas e machistas no Brasil no início deste século, esta tese teve como objetivo central buscar compreender quem eram os sujeitos por de trás desses atos. Para isso, estivemos empenhados em buscar compreender de que forma se constituiu em nossa sociedade a autorização para o horror.

Nossa estratégia para buscar captar o que emergia enquanto um movimento político de renovação no Brasil – Nova Direita – foi buscar mapear os agrupamentos que se destacaram nesse processo como sendo referência para fundamentar política e ideologicamente atitudes como estas.

Nessa empreitada buscamos estudar um dos elementos mais dinâmicos de nossa sociedade atual, as redes sociais na internet, espaço onde foram sendo gestadas, processadas e elaboradas parte significativa das compreensões que autorizaram e mobilizaram as massas para adotar posturas como essas.

Tendo em vista esses objetivos nós nos propusemos mapear e estudar algumas das principais páginas do *Facebook* que são fomentadoras desse tipo de conteúdo. Ao mapear um número significativo dessas páginas e constatar a ligação de interesse entre elas em uma ampla rede de atuação organizada e sistematizada nós buscamos desvelar em nossa investigação quais os interesses políticos, ideológicos, ético-morais que as justificam.

Neste sentido, buscamos sublinhar a importância estratégica que as redes sociais na internet ocuparam no processo de fascistização de parcelas significativas da sociedade brasileira, sugerindo que a massificação das redes sociais na internet e a forma com que essas redes são estruturadas no capitalismo foram em grande medida determinantes para esse processo.

Sugerimos então, ler a atuação via redes sociais, promovidas por esses grupos, como sendo uma ação partidária, no sentido político proposto por Gramsci partido em sentido ampliado. O partido visto desse modo é aquele que organiza, sistematiza e mobiliza as massas, ou seja, toda ação no sentido de organizar estrategicamente uma visão de mundo.

Desse modo buscamos ler estes agrupamentos políticos e sua atuação via redes sociais na internet, como sendo, aparelhos privados de hegemonia, partidos políticos em sentido lato, os quais se propõem a organizar uma vontade coletiva nacional popular, propagando seus interesses como sendo interesses comuns de todos brasileiros, assumindo funções diversas em torno da disputa hegemônica, através da guerra de posição, aspirando que a proliferação de seus interesses e de seus valores éticos morais se universalize como modo de ser.

Ao pensar a influência que as redes sociais na internet exercem na realidade, buscamos refletir a respeito do papel desempenhado pela ideologia e pela atitude emocional das massas como fator histórico. Para isso buscamos fundamentar nossas análises através da psicologia de massas e tentar perceber os modos da subjetividade correspondente a certas configurações sociais e políticas de nosso tempo.

Atualmente o fascismo é um componente ativo nas organizações políticas da Nova Direita que disputa junto as massas a falta de perspectiva da juventude, o desemprego, a violência, a miséria, tudo isso através da agitação de políticas que visam o endurecimento das instituições de repressão do Estado, como a polícia e exigência de maior participação das Forças Armadas para retomada da ordem social. Assim, é possível dizer que a esquerda deixou de ser o único recurso para os ofendidos e para aqueles que alimentavam sonhos de mudanças.

Segundo Reich é preciso considerar o fascismo em sua forma ampliada, ou seja, desde a estrutura da formação da psique humana até as diferentes formações sociais encontradas historicamente. Para isso, precisamos romper com uma visão estanque e mecânica do sentido atribuído convencionalmente ao fascismo, como sendo um elemento exclusivamente político e partidário ocorrido na Itália de Mussolini ou na Alemanha de Hitler. Segundo Reich, *“o fascismo é um fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações”* Em outras palavras, diferentemente das imagens convencionais, significa dizer que *“não existe um único indivíduo que não seja portador na sua estrutura do pensamento e do sentimento fascista.”*

Neste sentido, tivemos empenhados em afirmar que a emergência das novas forças políticas contemporâneas, as quais em conjunto estamos caracterizando como pertencentes a Nova Direita são um fenômeno de caráter fascista e que embora não se assemelhem às imagens convencionais que temos do fascismo historicamente, atualmente

essas forças políticas tem encontrado suas próprias formas de organização. Uma organização em muitos sentidos mais ampla, complexa e diversificada, com um potencial de enraizamento superior as organizações tradicionais da direita no passado.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMARAL, Monica. **O espectro de narciso na modernidade:** de Freud a Adorno. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

AUGUSTO, André Guimarães. **O que está em jogo no “Mais Mises menos Marx”.** Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

BADARÓ, Marcelo. **Que crise?** Elementos para análise da conjuntura brasileira. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

BARRETO, Kricia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet:** uma interface entre práticas rituais e estudos de face. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

BASTOS, Marcos; RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia social.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

BIANCHI, Álvaro. **O laboratório de Gramsci:** filosofia história e política. São Paulo: Alameda, 2008.

BIANCHI, Alvaro & BRAGA, Ruy. **Hegemonia e crise:** noções básicas para entender a situação brasileira. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br>> Acessado 20.04.15.

BIONDI, Aloysio. **O Brasil privatizado:** um balanço do desmonte do Estado. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **História Social da Mídia:** Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CALIL, Gilberto. **O integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945-1965:** Cães de guarda da ordem burguesa. Tese apresentada ao Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF / UNIOESTE, Niterói, 2005.

CALIL, Gilberto. **Estado, Capitalismo e Democracia no Brasil recente.** Estudo sobre Poder, hegemonia e regimes políticos (1945-2014) Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita no Brasil:** aparelhos de atuação política ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980/2014). Tese de Doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, 2016.

CAROS AMIGOS. **A direita sai do armário.** Ano XVII, nº205, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Paz e Terra, 2001.

COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o Capital**: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998). Tese (Doutorado de História)- Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói 2005.

DEMIER & HOEVELER. **A onda conservadora**: ensaios sobre os tempos atuais sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

DEMIER, Felipe. **Das lutas operárias às reformas reacionárias**: uma proposta de periodização para a história do Partido dos Trabalhadores. Revista História & Luta de Classes, abril 2008, MCR.p.49-56.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: **O outro Gramsci**, Xamã, 3ª edição.

_____. **Política brasileira**: embates de projetos hegemônicos. São Paulo: Editora Instituto José Luiz e Rosa Sudermman, 2006.

DREIFUSS. René Armand. **O jogo da direita**. Petrópolis: Vozes, 1989.

EAGLETON, Terry. **Marx estava certo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FONTES, Virgínia. **O Brasil capital-imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.

_____. **Reflexões Im-Pertinentes**. História e Capitalismo Contemporâneo. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

FREUD. Sigmund. **O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias e outros textos** (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. **Psicologia de massas e análise do eu e outros textos**: (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GARCIA, Cyro. **Partido dos Trabalhadores**: rompendo com a lógica da diferença. Tese (Mestrado em História Social) – Niterói, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Escritos políticos**: (1891-1937). Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 2 Os intelectuais e o princípio educativo. Jornalismo. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LENIN. Vladimir Ilitch. **O imperialismo, etapa superior do capitalismo**. 1916.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Folha de São Paulo, 1994.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora34, 1999.

LIGUORI, Guido. 1. Estado ampliado; 2. Sociedade civil. **Roteiros para Gramsci**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LOPEZ, Luiz Roberto. **Do terceiro Reich ao novo nazismo**. Porto Alegre, EDUFRGS, 1992.

MACIEL, David. “**Melhor impossível**”: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o governo Lula. Revista Universidade e Sociedade. DF, ano XX, nº 46 de junho de 2010. p.120-133.

MACIEL. David. **A crise atual no Brasil**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>>. Acessado 20.04.15.

MALINI, Fábio; ANTOUN Henrique. **A internet e rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

MAESTRI. Mario. **Gritam impeachment e querem a renúncia**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

MARICATO ... [er.al.]. **Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARX, Karl. **O capital: crítica à economia política**. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971. Volume II.

_____. O método da economia política. In: FERNANDES. Florestan (org.). **Marx e Engels: História**. São Paulo:Ática, 1983.

_____. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo:Boitempo, 2007.

MELLO. Gustavo M. de C. **Crise e conservadorismo no Brasil**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, 2012.

PETRAS, Jaime. **Brasil e Lula: ano zero**. Blumenau: Edifurb, 2005.

RECUERO. Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988.

SILVA, Carla Luciana. **Anticomunismo brasileiro: conceitos e historiografia**. Revista: Tempos Históricos. Marechal Cândido Rondon. v.02 nº01 p.195-228.

SILVA; CALIL; BOTH (org.). **Ditaduras Transição e Democracia: estudos sobre dominação burguesa no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

SINGER, André. **Raízes sociais e ideológicas e sociais do lulismo**. Novos estudos, 2009.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (Costume, lei e direito comum, p. 86-150).

TIBURI. Marcia. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

HILÁRIO. Leomir C. **Notas sobre o desamparo periférico: crise e regressão das massas no Brasil do século 21**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, 2012.

PAULANI. Leda Maria. **A falácia da “freada de arrumação”** Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

PINASSI. **Sinais de fumaça no ar do Brasil!** Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

PLANTT. Adreana Dulcina. **As políticas da “nova direita”: políticas sociais inclusivas e políticas econômicas excludentes**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

ROJAS. Gonzalo. **Brasil no fim de um ciclo dos governos “pós-neoliberais” latino-americanos**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

SAMPAIO JR. Plínio de Arruda. **No meio do redemoinho**. Disponível em: <<http://marxismo21.org/>> Acessado 20.04.15.

SILVA. Carla L. Mídia e ascensão conservadora. **Argumentum**, Vitória, v.9, n.2, p.172-182 mai/ago 2017.

Fontes primárias:

<https://www.facebook.com/liberalismohue?fref=ts>

<https://www.facebook.com/bolsonarozuero3.0?fref=ts>

<https://www.facebook.com/eueraesquerdistamasazueramecurou?fref=ts>

<https://www.facebook.com/asgarotasdireitas?fref=ts>

<https://www.facebook.com/DesumanizaRedesOficial?fref=ts>

www.vistadireita.com.br

<https://www.facebook.com/revoltadosonline?fref=ts>

<https://www.facebook.com/esteeumidiotautil?fref=ts>

<https://www.facebook.com/CanalDaDireita?fref=ts>

<https://www.facebook.com/ComunistaDeRolex?fref=ts>

<https://www.facebook.com/karlmarxdadepressao?fref=ts>

<http://youtube.com/tharryify>

www.canaldootario.com.br

www.midiainversa.org

www.portalconservador.com

<https://twitter.com/DesumanizaRedes>

<http://goo.gl/DDp3Eq>

www.garotasdireitas.blogspot.com

ANEXOS

Anexo 1 – REDES DE INFLUÊNCIA DA NOVA DIREITA NO FACEBOOK

Relação de páginas da Nova Direita nas redes sociais que mutuamente se apoiam. Nesta relação constam as páginas que seguem outras páginas demonstrado concordância e afinidades políticas entre si. Essa relação foi coletada antes das alterações realizadas pelo *Facebook* em sua plataforma de dados. Atualmente para saber a relação de páginas curtidas por outras páginas no *Facebook* é preciso que os responsáveis por administrar essas páginas autorizem que essa informação seja pública para todos os usuários em rede, caso contrário essa relação se torna uma informação privada apenas para os administradores da página. Essa relação é de extrema importância e revela os laços que constituem as redes da Nova Direita.

LIBERALISMO DA ZOEIRA

Páginas curtidas pela página Liberalismo da Zoeira

1. Allan Gore Tatto
2. Brasilball
3. Canal da Direita
4. Capitalismo Opressor
5. Charge Capital
6. Comunista de Rolex
7. Coxinha SA.
8. Danilo Gentilli (página oficial);
9. Desumaniza Redes (Danilo Gentilli);
10. Direita Política;
11. Direita Realista;
12. Economia Estadão (página oficial);
13. Eliene Chacon – Psicóloga;
14. Esquerda Burra;
15. Este é um idiota útil;
16. F.A. Hayek;
17. Fl0r1p4 m1l gr4u;
18. Fora PT;
19. Garotas Direitas;
20. Humor Reacionário;
21. Inimigos Públicos;
22. Instituto Liberal;
23. Jogador Bolsonaro;
24. Kim Kataguirí;
25. Liberball;
26. Libertarianismo;
27. Libertários;
28. Libertroll;

29. Luiz Felipe Pondé;
30. Marx da Depressão;
31. MBL – Movimento Brasil Livre (oficial);
32. Mídia Inversa
33. Movimento Viva Brasil;
34. Partido Conservador CNS – Bahia;
35. Partido Novo (oficial);
36. Pizzaria Brasil
37. Portal PIG;
38. Raio Privatizador;
39. Raçonaria;
40. Reinaldo Azevedo (página oficial);
41. Resistência anti-socialismo (nazismo, comunismo e doutrinas vermelhas);
42. Rodrigo Constatino;
43. Romeu Tuma;
44. Rua Direita;
45. Sociedade Brasileira de Estudantes Pela Liberdade
46. Spotniks (oficial);
47. The Failure of Feminism;
48. Tradutores de Direita;
49. Ursinhos Bolivarianos;
50. Vanguarda Popular Reacionária;

SOCIALISMO DE IPHONE

Páginas curtidas por SOCIALISTA DE IPHONE

1. Tradutores da Liberdade
2. Instituto Cultural Floresta
3. La banda Loka Liberal
4. ILISP – Instituto Liberal de São Paulo
5. João Ferreira
6. Corrupção Brasileira Memes
7. Dont Tread on Me
8. Filho do Chefe
9. Estadomiguxos
10. GOLCK do Brasil S.A
11. Spotiniks
12. Asterix et Obélix
13. Tradutores de Direita
14. Oficial Motorhead
15. Casa das Armas
16. Nordeste Livre
17. Brigada Militar
18. NYPD
19. Being Libertasian
20. Polícia Militar Estado de São Paulo
21. InfoMoney
22. Movimento Brasil Livre
23. Instituto Liberal
24. Gloria Alvarez

25. Danilo Gentili
26. Vans
27. Grunt Style
28. Iron Maiden
29. GLOCK
30. Instituto Mises Brasil
31. Eagles Of Death Metal
32. U.S. Navy
33. Black Sabbath
34. Mauricio Macri
35. U.S. Aveyry
36. Jonny Ramony
37. Mises Institute
38. David Bowie
39. Pantera
40. Queens os the Stone Age
41. Ramones
42. Slayer
43. Metallica
44. 22 tup
45. Jonny Cash
46. The Rolling Stones
47. The Smashing Pumpkins
48. AC/DC
49. Libertarian Party

BOLSONARO OPRESSOR 2.0

Páginas Curtidas por Bolsonaro Opressor 2.0

1. Extrema vergonha na cara
2. Direita Mulher
3. Caneta Conservadora
4. Bolsonéas
5. Bolsonaro MIL GR4U 3.0
6. Critica Nacional
7. Julian Lemos
8. Direita Amazonas
9. Carlos Jordy
10. Carlos Bolsonaro
11. Tradutores de Direita
12. Pau de Arara Opressor
13. Gil Diniz
14. Eduardo Bolsonaro
15. Jair Messias Bolsonaro
16. Major Olimpio
17. Felipe Moura Brasil
18. Flavio Bolsonaro
19. Bolsonaro News

MARCELLO REIS

Páginas curtidas por Marcelo Reis – Administrador da Página Revoltados Online

1. São Paulo Conservador;
2. Direita BR/MT;
3. Eu NÃO quero Dilma Rousseff Presidente do Brasil;
4. FORA Dilma leve o PT junto com você;
5. Adesivos Fora Dilma, leve o PT junto com você;
6. PROL - Povo Revoltado ONLINE;
7. A VIRADA CONTRA CORRUPÇÃO;
8. Não Mereço Ser Roubado;
9. Alerta Brasil;
10. Brasileiros de Honras;
11. PrivaTaria PTralha;
12. Marcelo Reis - Revoltados Online;
13. Brasileiros On Line;
14. Quero o fim da impunidade;
15. OCC - Organização Contra Corrupção no Brasil;
16. Privataria Petista;
17. Dilma Chapada;
18. Manifestação por um Brasil melhor;
19. Comunismo;
20. ECorreto somos;
21. Impeachment da presidente Dilma Rousseff;
22. Adote um Político em PROL de um Brasil melhor;
23. Anonymous do Brasil;
24. Unidos da República Federativa do Brasil;
25. PROL Art.
26. A Verdade Incomoda;
27. UCC – UNIÃO de COMBATE a CORRUPÇÃO;
28. Bolsonaro 2018;
29. Deputado Estadual Marcelo Reis – 1788;
30. Revoltados Online Brasil;
31. Serra da Cantareira - Te quero Inteira;
32. Serra da Cantareira;
33. Ressurgindo das Cinzas;
34. SOS - São Paulo;
35. Jogando Merda no Ventilador;
36. Brasil Business ONLINE;
37. Praça Roosevelt;
38. PROL Brasil Comunidade ONLINE;
39. Povo Revoltado;
40. Serra da Cantareira em PROL dela inteira
41. Nova Ordem Mundial – A ONDA;
42. Corruptos em Foco;
43. MCREis Produções;
44. Arrocha Cidadão;
45. Política Dinâmica Brasil;

Anexo 2 - PERFIL POLÍTICO INFORMADO PELOS PRÓPRIOS ADMINISTRADORES

NOME	PERFIL POLÍTICO INFORMADO PELOS PRÓPRIOS ADMINISTRADORES	LIKES	SITES DA PÁGINA
<p>Revoltados ON LINE</p> <p>01/08/2010</p> <p>ADM: Marcelo Reis</p>	<p>Somos uma organização de iniciativa popular de combate aos corruptos do poder. Filosofia: Revoltados ON LINE é a tentativa do ser humano de fazer valer o seu valor, contra tudo aquilo que o humilha. Os covardes nunca começam, os fracassados nunca terminam, os VENCEDORES nunca DESISTEM. Então há ESPERANÇA !!! LEVEMOS À AÇÃO: JÁ NÃO BASTA MAIS INDIGNAÇÃO. PRECISAMOS AGIR! Nossa frase: Revoltados ON LINE é, como diria RUI BARBOSA: "De tanto ver TRIUNFAR as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto" Meta: FAZER O BEM SEM VER A QUEM, mesmo que seja ON LINE, alguém será beneficiado com a sua atitude. Objetivo: Humanizar a comunicação do bem, trazendo você o mais próximo da realidade... Atitude: O verdadeiro espírito de revolta consiste justamente em exigir a felicidade aqui nesta vida. Informação: Queremos o nosso Brasil fora das mãos sujas de corruptores e de mensalões... Foco: EXTERMINAR A POUCA VERGONHA DA IMPUNIDADE BRASILEIRA. Para Meditação: "Uma atitude positiva pode não resolver todos os seus problemas, mas ela irá incomodar uma quantidade suficiente de pessoas para valer o esforço." Revoltados ON LINE fundadores dos Movimentos DE AÇÃO: VIRADA CONTRA CORRUPÇÃO UNIÃO DECOMBATE A CORRUPÇÃO. Explicação do nome: Revoltado - adj. s. m.1. Que ou aquele que está em estado de revolta; 2. Agitado; 3. Tumultuoso; 4. Indignado; Revoltar – Conjugar v. tr.;1. Pôr em revolução; 2. Incitar à revolta, sublevar, 3. Agitar; perturbar; transtornar; 4. Repugnar; indignar v. pron.5. Levantar-se contra; revolucionar-se; 6. Agitar-se; 7. Indignar-se; 8. Opor-se; On Line: Em linha, online ou on-line é um anglicismo advindo do uso da Internet, sendo em linha uma tradução literal de on-line, pouco usada no português. (No francês diz-se en ligne e hors-ligne; no espanhol, é bastante empregado en línea, mais comumente na Europa, sendo online e on-line, devido à grande influência do inglês e dos anglicismos, mais frequente no espanhol latinoamericano.) "Estar online" ou "estar em linha" significa "estar disponível ao vivo". No contexto de um web site, significa estar disponível para acesso imediato a uma página de Internet, em tempo real. Na comunicação instantânea, significa estar pronto para a transmissão imediata de dados, seja por meio falado ou escrito. No contexto de um outro sistema de informação, significa estar em plena operação, de acordo com as funções desempenhadas nessa rede ou sistema. De modo oposto, estar offline (ou off-line) representa a indisponibilidade de acesso do usuário à rede ou ao sistema de comunicações. Há também em português, nesse sentido, a expressão "fora de linha", que é de uso bem menos frequente. Para obras como livros, diz-se versão online da versão na internet, em oposição à versão impressa</p>	<p>802.701*</p> <p>391.118**</p> <p>*2.537 (2018)</p> <p>Banida do Facebook</p>	<p>http://revoltadosonline.blogspot.com.br/</p> <p>https://twitter.com/revoltadoonline</p> <p>https://www.flickr.com/people/revoltadosonline</p> <p>http://revoltadosonline.wix.com/revoltadosonline</p> <p>http://www.prolart.com.br/</p> <p>https://www.youtube.com/user/revoltadosonline</p>

	e à eletrônica, ou por CD, e à versão impressa. A Wikipedia só existe online. Alguns dicionários são vendidos hoje na versão impressa acompanhada de CD. Este termo passou a ser adotado pelos internautas e popularizou-se com a expansão de fluxo de dados através da Internet, ocorrida a partir da década de 1990. Também se usa em português a tradução literal do termo em inglês - "na linha" - com sentido metonímico de estar conectado a uma rede ou a um sistema de comunicações. Os termos possuem ainda o significado mais claro de "ao vivo", "conectado" ou "ligado".		
Bolsonaro zueiro 3.0 2013	“pagina com conteudo de zuera pura zuasao”	293.3000* 103.940* *2.335 (2018)	twitter:twitter.com/bolsonar ozuero youtube: zuerobolsonaro www.vistadireita.com.br
Eu era esquerdista mas a zuera me curou 1.0 2013	“oi, eu recruto jovins q nao entendi de politica pra forma uma tropa maneira.” NÃO ENCONTRADO 2018	66.706* 5.028**	Não informado
Liberalismo da zoeira 28/08/2013	Mais zoeira do que liberalismo.	81.010* 18.016* *171.471 (2018)	http://youtube.com/tharryfy
Este é um idiota útil 2013	Esta é uma página de humor! Qualquer relação com os idiotas úteis da realidade é mera coincidência. #SQN NÃO ENCONTRADO 2018	42.804* 95*	Não informado www.canaldootario.com.br Divulgada pelos administradores como sua
Desumaniza redes 2015	Contra todas as formas de censura na internet. Menos babaquice e mais zoeira nas redes.	75.104* 11.054** *84.797 (2018)	https://twitter.com/DesumanizaRedes

Canal da Direita 2013 ADM: Samantha Barros	Sim, somos reacionários; nossa reação é contra tudo que não presta. Preservar as liberdades individuais e a propriedade privada em oposição a conceitos coletivistas e ao Estado paternalista. (2018)	178.326* 133.580** * 408.332 (2018)	http://goo.gl/DDp3Eq
Comunistas de Rolex 2012	Porque é fácil ser comunista com o dinheiro dos outros. Preferencia política: apatético. Aviso aos desavisados (ou analfabetos funcionais, vai saber): isto é uma página de humor. Se não tem humor, se não aguenta, bebe leitinho na bica. Tendeu ou quer que desenhe? Interesses Pessoais: Política; Sociedade; Brasil; Mundo	17.932* 493** *19.132 (2018)	
Marx da Depressão 2013 João Cavalcanti	Página de humor anti-marxista, anti-nazifascista e vertentes. Defesa da moral judaico-cristã; Do capitalismo; Do Estado democrático de Direito; Da família; Dos bons costumes. Objetivos: Denúncia do socialismo marxista e vertentes; Denúncia do nazifascismo e suas vertentes; Denúncia da corrupção Brasileira; Denúncia do método gramscista (Antônio Gramsci) INTUITO DA PÁGINA MARX DA DEPRESSÃO - NACIONALISMO. Viva a REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.	44.660* 3.154** *207.122 (2018)	www.portalconservador.com www.midiainversa.org http://www.portalconservador.com/
Garotas Direitas 2011	Garotas de valores, que sabem conciliar beleza e inteligência.	25.137* 138** *36.115 (2018)	www.garotasdireitas.blogspot.com garotasdireitas@gmail.com
MBL 2014	O Movimento Brasil Livre é uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera.	*681.305 2.754.997 (2018) **	www.mbl.org.br/ Instagram: Twitter:@MBLivre YouTube: Movimento Brasil Livre
Orgulho de ser Hetero	Página Oficial do Blog Orgulho Hétero. Categoria: Site de entretenimento · Site de notícias e mídia	*219.111 1.604.564 (2018) **	www.hetero.blog.br/

2014	Obs.: Anteriormente se chamava “Orgulho de ser Hétero” (2015) “Orgulho de ser Macho” (2014)		Instagram: orgulhohetero.blog
Bolsonaro Opressor 2.0	SOBRE O MITO JAIR MESSIAS BOLSONARO	*606.262 1.077.32 0 (2018)	Instagram: bolsonaropressor2.0

Observação: As páginas que constam com números no final do nome, como “Bolsonaro zuero 3.0” e “Eu era esquerdista mas a zuera me curo 1.0” indicam que essas páginas já foram banidas da web mais de uma vez. Dessa forma, os administradores perdem a possibilidade de usar o nome original que a princípio seria, “Bolsonaro zuero”, por exemplo, por já estar registrado e denunciado, os administradores, criam novas páginas e usam os nomes seguidos de ordem numérica. Encontramos atualmente no Facebook mais que uma página do “Bolsonaro zuero”, acreditamos que isso indique, que seus administradores conseguiram recuperar algumas páginas que ficaram bloqueadas temporariamente. Da variação de páginas existente, com o mesmo nome, optamos por inserir na tabela apenas uma das configurações que estão na web, optamos pela mais ativa e com maior número de likes. No entanto queremos ressaltar que caso se faça necessário utilizaremos também o conteúdo em outras “séries” da mesma página.